A PARANORMAL VAMPIRE SERIES



THE DEVIL'S FOOL

RAVEN STEELE

SINOPSE

“Eu tinha medo do escuro até que me tornei-o.”

Como filha de uma família mágica, o poder corria em minhas veias.

O desejo de controlar.

Manipular.

Vivia no meu sangue, transmitida por gerações de bruxas.

Eles esperavam que eu fosse igual a eles.

Domine sutilmente os humanos, dobrando sua vontade à nossa.

Mas eu queria me libertar do mundo sombrio da minha família.

Seus crimes e assassinatos.

Eu queria ser mais.

Ser diferente.

Boaz, um vampiro poderoso, me salvou do aperto sufocante de meus pais.

Ele me prometeu o mundo.

Sedutor.

Feiticeiro.

Eu o desejava.

O poder dele.

A força dele.

Mas o diabo está nos detalhes.

E até ele já foi um anjo.



Staff

Tradução: Astrid Wilkins

Revisão: Milla LC

Revisão Final: Vanessa Dua

Leitura Final: Stteh

Formatação: Macária Angels

THE DEVIL'S FOOL

CAPÍTULO 1

Eu sempre soube que meu pai era um monstro, mas vê-lo torturar alguém além de mim me deixou totalmente doente.

Uma garota balançou diante dele, as mãos pálidas agarradas à corda em volta do pescoço, enquanto os dedos dos pés nus lutavam para tocar o chão.

Inclinei-me, no alto do meu poleiro em um pinheiro escocês, e inspirei o ar fresco da noite. Normalmente, o cheiro das densas florestas de nossa casa, uma rica terra misturada com o aroma de uma tempestade que se aproximava, teria acalmado meus nervos, mas nada poderia diminuir a crescente turbulência em meu intestino ou meu pulso acelerado. A cena abaixo não permitiria.

A imponente lua cheia brilhava na ampla clareira da floresta, destacando quatro figuras como se fossem atores de uma peça. Meu pai estava no centro, andando perto da jovem. Eu a vi uma vez na janela da nossa casa, ela era apenas uma criança então. Nós nos parecíamos. O mesmo cabelo loiro-mel, embora ela fosse vários anos mais nova que eu. Dezesseis, talvez.

Sua mãe, Madelyn, ajoelhou-se para a direita, mãos juntas e lágrimas escorrendo dos olhos. Ela estava usando apenas uma camisola. Eu conhecia Madelyn bem. Ela foi

minha babá e professora enquanto crescia, mas eu pensava nela como muito mais. Ela me deu todo o amor e carinho que minha mãe nunca deu, até ser solta quando eu fiz dezoito anos. Fazia alguns anos desde que eu a vi pela última vez, no entanto nenhum desses sentimentos calorosos me deixou.

Apertei o material da minha camisa logo acima do meu coração. Ver Madelyn assim, implorando pela vida de sua filha, estava me matando. Não tinha certeza do que havia acontecido, mas quando ouvi meus pais amaldiçoaram o nome dela mais cedo naquela noite, eu sabia que precisava segui-los, especialmente quando eles saíram de casa logo após a meia-noite. Pela forma como estavam Madelyn e sua filha estavam vestidas, alguém as tirou de suas camas e as jogou em nossos bosques, sob o comando de meus pais.

Madelyn virou-se para minha mãe, enxugando os olhos.

— Sable, por favor. Eu estou te implorando. Eu amo Eve e nunca faria nada para prejudicá-la, ou a você.

Ouvi-la professar seu amor por mim depois de todo esse tempo fez a dor no meu peito crescer. Eu tinha que fazer algo para impedir isso, mas o quê? Meus pais eram muito mais poderosos que eu.

— Mas você já fez. — Minha mãe não levantou os olhos do lugar em um cobertor espalhado ao longo da grama. Seu

longo vestido preto havia se juntado e exposto suas pernas finas até as coxas. Nem o ar frio não parecia perturbá-la. A única coisa que prendeu sua atenção foi uma planta de jasmim repousando em seu colo, da qual ela arrancou várias folhas e enfiou em uma bolsa de couro.

— Por favor, pare. — A jovem tossiu e suas mãos puxaram a corda.

— Você está implorando à pessoa errada — disse meu pai, seu olhar focado em Madelyn. — Sua mãe é a culpada por isto.

A corda se apertou e as pernas da garota chutaram com mais força. Estrangulá-la não era suficiente. Ele tinha os pés dela a apenas alguns centímetros do chão, como se a falsa esperança dela fosse algum tipo de provocação doentia.

Mas isso é tudo, certo? Uma provocação? Uma ameaça para Madelyn cumprir o que meus pais queriam. Era o que eles faziam. Ameaçar e intimidar. Na verdade, eles não a matariam.

Mesmo pensando nas palavras, me peguei lentamente subindo pela árvore, minhas mãos tremendo. Não tinha certeza de como iria parar com isso, mas tinha que tentar, independentemente das consequências.

A garota tentou falar novamente, o laço se apertou ainda mais, silenciando-a. Por um momento, parecia que ela estava tentando dizer: "Mamãe".

— Por favor, Erik — Madelyn implorou, com a voz mais alta e os braços estendidos. — Vou retirar tudo o que disse aos serviços sociais e à polícia sobre Eve.

Congelei a vários metros do chão e olhei. Madelyn estava tentando *me* salvar?

— Não é a primeira vez, Madelyn. — Disse Erik — Mas será a última. Nós tivemos misericórdia antes por causa de todos os anos de serviço que você nos deu, então você nos trai de novo?

Madelyn abaixou a cabeça. Mais lágrimas derramaram em suas bochechas, e seus ombros tremeram.

— Eu só queria ajudar Eve. Pensei que ela estaria livre agora, você ainda a mantém presa dentro desta casa. Não está certo.

— Eve não é da sua conta. — Minha mãe disse a ela. — Você deveria estar mais preocupada com sua própria filha.

A cabeça de Madelyn se levantou.

— Eu estou. Eu sinto muito. Por favor, apenas a deixe ir. Ela não fez nada errado.

Erik atravessou a clareira e parou na frente dela.

— Você quase nos custou nossa filha. Você precisa saber como é isso.

Cheguei ao topo da árvore, minhas pernas tremendo sob mim. Se ficasse imóvel dentro dessas sombras escuras, meus pais nunca saberiam que estava aqui. Eu ainda poderia escapar da ira deles, se não fizesse nada, a filha de Madelyn poderia morrer.

Apertei meu estômago e belisquei minha pele com força. Nunca tinha enfrentado meus pais antes, nunca em todos os meus vinte anos, por medo do que eles poderiam fazer comigo. Em parte, era grata a Madelyn por isso. Ela me deu habilidades para suportar as duras sessões de treinamento, acreditando que um dia estaria livre.

— Eu entendo agora — disse Madelyn. — Era errado interferir. Vou dizer a todos que estava errado. Que você e sua esposa são bons pais.

Meu pai não estava ouvindo. Ele voltou sua atenção para a garota, usando o poder de seu olhar para apertar e soltar a corda em volta do pescoço esbelto. O laço em si era tão perturbador quanto a garota pendurada. Ele pairava no ar como se estivesse amarrada a um galho de árvore invisível.

— Por favor! — Madelyn implorou novamente. — Direi o que você quiser. Eu posso corrigir isso!

— Você prejudicou nossa reputação. Os seres humanos nos questionaram. — Ele finalmente se virou para ela. — *Nós!* Seres muito mais superiores que eles, tivemos que fingir estar à mercê deles, como se fôssemos apenas seres humanos fracos.

Isso me deixou em movimento. Se tinha algo que meu pai odiava, era ser considerado fraco.

— Esse é um bom argumento, Erik — disse minha mãe. — Então, o que vamos fazer sobre isso?

Eu estava a uns trinta metros de distância, mas me movia rapidamente, tentando ser o mais silenciosa possível, enquanto seguia o caminho entre os detritos caídos. Eu ainda não tinha certeza do que ia fazer, mas não havia tempo para descobrir.

Com a cabeça erguida, meu pai puxou as mangas do smoking, esticando-as nos pulsos.

— Precisamos garantir que Madelyn nunca diga outra palavra novamente.

— Eu não vou! — Ela chorou. — Prometo! Vou embora. Pego minha filha e irei para onde você quiser.

Ele riu dela.

— Oh, você definitivamente está indo para onde queremos que vá. Começando agora.

— Pare! — Entrei na clareira, ofegando por ar. Não porque estava cansada, mas porque estava assustada.

Todo mundo se virou lentamente para mim.

As sobrancelhas da minha mãe se levantaram.

— Isso não é uma surpresa. Bisbilhotando, Eve?

Madelyn chorou ainda mais ao me ver.

— Deixe a filha dela ir — disse eu, olhando de um lado para o outro, para cada um dos meus pais.

— E se não o fizermos? — O tom da voz do meu pai foi chocante, como se ele realmente quisesse saber o que eu faria.

Levantei minhas mãos e invoquei magia em minha mente, assim como meus pais me ensinaram desde que era criança. O poder respondeu, e estalou entre os meus dedos, fazendo o ar cheirar estranhamente a cloro.

Magia era algo que vinha facilmente para mim, eu sempre escondia a intensidade do meu poder, conselhos que Madelyn me deu quando os viu em primeira mão: — Nunca deixe que eles saibam do que você é realmente capaz. Seu dom é seu e só seu. Não deixe que eles controlem.

E então me segurei, mas não achei que pudesse fazer isso agora.

Minha mãe riu. O som sacudiu meus nervos.

— Isso não é doce? — Ela parou, olhando para meu pai e de volta para mim. — Eve, querida, estou realmente impressionada, pensando que você pode nos enfrentar.

Meu pai também riu, como se estivesse orgulhoso de mim. A reação deles me preocupou.

— Oh, Eve — disse Madelyn. Ela parecia tão triste e com medo. — Você não deveria ter vindo.

— Mas tenho que ajudá-la! Sua filha!

— Vamos ver do que você é feita — minha mãe disse, sorrindo maliciosamente. Ela se levantou do cobertor como um fantasma do túmulo. Não houve flexão dos joelhos, nem empurrão no chão. Seu corpo apenas se levantou até que ela estivesse de pé. O movimento fez Madelyn ofegar de horror e eu tremer.

Foco, lembrei a mim mesma. Meu corpo inteiro formigava com a magia esperando para ser liberada, mas era escura em sua natureza e alimentada pela minha raiva.

— Você tem certeza de que isso é sábio? — Meu pai perguntou a minha mãe. Seus olhos dispararam entre nós.

Minha mãe ergueu os ombros e me encarou.

— Não vejo por que não. Nós não a treinamos por todos esses anos à toa. Vamos ver o que ela pode fazer quando estiver realmente chateada.

— Você quer que eu lute com você? — Minha voz vacilou.

— Queremos ver todo o seu poder.

Meu olhar cintilou para Madelyn, e ela balançou a cabeça rapidamente, implorando silenciosamente que não usasse minha magia; mas que escolha eu tinha?

— Deixe Madelyn e a filha dela irem embora, e vou mostrar tudo a vocês.

Meus pais se entreolharam e minha mãe assentiu. A garota caiu no chão, ofegando por ar e apertando a garganta. Madelyn correu para ela e a pegou nos braços.

— Saia daqui — sussurrei para elas. — Rápido!

Madelyn ajudou a filha a se levantar e, com o braço sobre os ombros da menina, mancou pela grama.

— Mostre-nos — minha mãe ordenou. Ela levantou as mãos e as girou. O ar mudou diante dela como se ela estivesse de alguma forma agarrando partes dele e rolando-as juntas. Sujeira e pequenos gravetos foram sugados pelo vórtice e a eletricidade disparou nas rajadas de vento.

Eu levantei meus braços mais alto, me preparando para desviar seu ataque. Nós brigamos no passado, mas não assim. Não com tanto poder. Eu podia sentir a força por trás disso, mesmo estando a mais de vinte de metros de distância. Olhei para meu pai para ver o que ele poderia

fazer, mas ele estava acompanhando Madelyn e sua filha através da clareira.

— Não posso deixá-la ficar impune — disse ele, sua voz baixa.

Os olhos verdes da minha mãe cintilaram na direção dele.

— Deixe-as em paz, Erik.

Pelo tique em seu rosto, uma expressão que eu conhecia muito bem, ele não seria capaz.

Virei meu corpo para encará-lo, preparada para enviar uma parede de energia elétrica em sua direção se ele piscasse errado, quando a tempestade de vento de minha mãe bateu em mim. Os pedaços de detritos cortaram meus braços e rosto nus, e caí no chão, cobrindo minha cabeça.

O grito de Madelyn rasgou a noite. Olhei para cima, pensando que ela estava gritando por mim, mas ela estava olhando para o corpo sem vida da filha a seus pés. Minha cabeça virou para o meu pai.

Ele sorriu, mas quando olhou para minha mãe, o sorriso mudou para uma carranca.

— O que?

— Isso foi necessário?

Madelyn caiu de joelhos ao lado do corpo da filha, os olhos arregalados de horror. — O que é que você fez?

Cobri minha boca e balancei a cabeça, lágrimas ardendo nos olhos. Eu não achei que ele realmente faria isso, matar alguém. Sabia que meus pais eram cruéis, manipuladores e sedentos de poder, mas assassinato?

— Eu quis dizer o que disse — ele respondeu. — Haveria consequências. E se você disser outra palavra a alguém sobre nós ou nossa família, será a próxima.

Me levantei do chão, uma raiva ardente queimando em minhas veias. A energia escura crepitava ao meu redor, carregando eletricamente o ar. Eu inspirei e expirei ainda mais. Gavinhas negras de magia passaram por mim, apertando meus ossos e entre os espaços dos meus órgãos vitais. Nada foi deixado intocado. Nunca senti tanta raiva.

— Você já terminou? — Minha mãe perguntou com uma voz exasperada. — Sua filha estava prestes a nos mostrar o que ela poderia fazer.

Com as bochechas manchadas de lágrimas, Madelyn se afastou da filha.

— Não faça isso, Eve. É isso que eles querem, para extrair seus poderes das trevas.

— Cale-se! — minha mãe e meu pai brigaram com ela.

As narinas de Madelyn se alargaram e ela se levantou.

— Vocês são pessoas más e horríveis!

Ela apertou os lábios como se quisesse dizer mais, mas dirigiu suas palavras para mim.

— Não desista. Você não é como eles. É melhor, mais forte.

Minha mãe gemeu e revirou os olhos.

— Eu realmente não queria ter que fazer isso.

Ela levantou a mão para usar magia contra Madelyn, mas não iria cometer o mesmo erro duas vezes e subestimar o que meus pais eram capazes.

— Você não vai machucá-la! — Gritei e me virei para atirar nela com tudo o que tinha.

Antes que pudesse fazê-lo, Madelyn disse com uma voz tão baixa que mal ouvi: — Não vou perder outra filha.

Ela correu para minha mãe a toda velocidade, suas mãos enroladas em garras. Minha mãe bufou, depois riu e, com um simples movimento do pulso, a cabeça de Madelyn se virou para o lado em um ângulo estranho. O som de seu osso estalando quebrou meus nervos. Ofeguei e vi Madelyn cair no chão, morta.

— Graças a Deus! — Meu pai falou demoradamente. — Pensei que ela nunca iria calar a boca.

— Você a matou — sussurrei. Tentei inspirar meu próximo suspiro, mas meus pulmões estavam fechados.

— Ela ia me matar — minha mãe disse simplesmente.

Eu não sabia que estava andando até cair ao lado de Madelyn. Estendi a mão e fechei as pálpebras sobre olhos arregalados e mortos.

— Sinto muito.

Qualquer luta que senti momentos atrás sangrou em mim. Eu estava muito atordoada, muito chocada. Meu corpo ficou dormente. Não conseguia mais sentir minha magia.

— Levante-se, Eve — minha mãe ordenou. — Nós não terminamos.

Eu a ignorei e alisei os longos cabelos escuros de Madelyn, meu queixo tremendo. Arrependimento e saudade arderam tão profundamente em meu peito que gritei de angústia. Eu deveria ter procurado por ela mais cedo. Deveria ter encontrado uma maneira de deixar este lugar. Acho que sempre pensei que haveria tempo para reavivar nossa amizade.

Agarrei minha camisa, segurando o material entre meus dedos, e me afastei como se pudesse arrancar a dor de mim. Nunca senti nada assim. A única pessoa que poderia dizer realmente me amava neste mundo, e meus pais a mataram.

— Sua mãe disse para você se levantar, Eve — meu pai disse, seu tom ameaçador. Eu podia sentir sua presença imponente atrás de mim.

— Não.

Ele soprou ar pelas narinas.

— Você disse que mostraria todo o seu poder, algo que claramente manteve escondido de nós.

— Você quebrou nosso acordo. Não receberá nada. — As palavras caíram dos meus lábios, nenhuma emoção por trás delas. Nem sequer o medo do que meus pais possam fazer comigo.

Houve uma longa pausa. Se olhasse para trás, provavelmente teria visto meu pai e minha mãe se encarando com punhais nos olhos, cada um deles culpando o outro pela mudança repentina de eventos. Mas ambos me empurraram longe demais. Eu não sabia que tinha um ponto de ruptura até agora.

— Talvez não seja o melhor momento para nos mostrar — minha mãe finalmente disse, mas as palavras soaram azedas saindo de sua boca. — Vamos dar um tempo para sofrer por sua velha babá, mesmo que ela tenha contado à polícia mentiras sobre nossa família.

— Ela falou a verdade. Vocês são pessoas horríveis que me mantiveram prisioneira aqui a vida toda.

— Nós estamos protegendo você! — Meu pai disse.

Outra mentira. Ódio por meus pais queimou meu coração. Coloquei minha mão na de Madelyn. Ainda estava quente.

— Terminei. Não há mais magia. — Se é isso que meus pais mais querem, então não daria a eles.

— O que você quer dizer com *não mais magia*? — Minha mãe perguntou lentamente.

Apertei a mão de Madelyn e engoli as emoções que ameaçavam me dominar. Eles poderiam vir mais tarde. Levantei e me virei.

— Toda a minha vida vocês tiveram essa obsessão em tentar me fazer usar minhas habilidades, e mesmo que eu fizesse isso, nunca foi bom o suficiente.

— Porque você estava se segurando — disse meu pai. — Nós podemos sentir isso.

— E acabou de confirmar nossas suspeitas — minha mãe acrescentou.

Eu a encarei.

— Confirmei? Talvez só estivesse dizendo o que você queria ouvir para salvar a vida de uma amiga. De qualquer maneira, nunca saberá.

Meu pai bufou.

— Não seja ridícula. Você sabe que podemos te machucar.

Eu estreitei meus olhos.

— E sabe que posso suportar.

— Então é uma batalha de vontades, não é? — Minha mãe perguntou.

— Um dia, queridos pais, estarei livre de vocês; mas até esse dia, nunca irão me ver usar um grão de magia. Prefiro morrer a ser como vocês.

Girei nos calcanhares e me afastei deles, me sentindo o mais livre do que em toda a minha vida.

CAPÍTULO 2

Um respingo de água fria me atingiu no rosto. O choque forçou a acordar, e ofeguei por ar.

— Você não deveria dormir, Eve — disse Jane. Era minha professora e às vezes uma empregada relutante. Ela segurava um copo vazio na mão. Fios de cabelos ruivos e grossos caíam do coque solto e bagunçado na cabeça e passavam pelo rosto redondo. Acho que não gostava de pentear os cabelos, mas minha mãe precisava.

Limpei o rosto e puxei as cobertas sobre a cabeça, já desejando o dia inteiro. Hoje à noite, Erik e Sable — eu nunca os chamaria de pai e mãe novamente depois do que fizeram com Madelyn e sua filha há várias semanas — estavam realizando um baile no All Hallow's Eve, para tentar arrecadar mais dinheiro para seus políticos favoritos. Também era meu vigésimo primeiro aniversário, mas, como meus outros aniversários, passava despercebido. Não que tivesse vontade de comemorar, de qualquer maneira.

— Estou falando sério — Jane cutucou minha cama com a perna. — Levante-se agora antes que eu perca meu emprego.

— Por que você está aqui? — Era sábado e Jane só aparecia nos dias de semana para me orientar e garantir que meus estudos terminassem. Eu gostaria de frequentar uma

faculdade de verdade, meus pais disseram que seria meu futuro marido a decidir se poderia sair de casa ou não. Eles também me lembraram que nosso acordo atual poderia mudar a qualquer momento, se lhes mostrasse a magia que prometi na floresta.

— Como se tivesse escolha — disse ela. — Seus pais queriam que eu estivesse aqui para ajudá-la a se preparar, então levante-se para que eu possa sair deste buraco do inferno.

— Desculpe — murmurei e me sentei.

Eu gostaria de poder deixar esse buraco do inferno também, especialmente depois de descobrir que eles eram assassinos, mas nunca passaria pela parede mágica invisível que circundava a propriedade, com 15 quilômetros de largura. Eu sabia por que havia tentado muitas vezes.

Jane se moveu para me ajudar, no entanto empurrei a mão dela.

— Posso fazer isso sozinha.

— Não de acordo com sua mãe. — Ela puxou as cobertas do meu colo. — Se apresse. Você não quer deixá-la com raiva.

Balancei minhas pernas sobre a beira da cama, me encolhendo quando meus pés descalços tocaram o chão de mármore.

— Ela é alguma outra coisa?

— Sim, aterrorizante.

Eu estava dolorosamente consciente do quanto ela e todos os outros que trabalhavam para meus pais odiavam o emprego, mas ou o salário era bom demais para deixar passar, ou eles estavam com muito medo de desistir. Jane trabalhava para nós há quase três anos. Ela havia tomado o lugar de Madelyn, mas apenas como professora. Jane não se importava comigo, não como Madelyn.

Quando criança, Madelyn costumava cantar para mim à noite e me levava a piqueniques que duravam horas. Qualquer coisa para me dar um tempo dos meus pais. O pensamento da minha velha babá trouxe outra onda de culpa em mim novamente. Eu deveria ter feito mais.

Jane remexeu no meu armário, suas costas largas derrubando vários dos meus livros escolares de uma cadeira. Ela me entregou um tecido preto.

— Vista isto. Sua mãe está vindo.

— Por que tão cedo?

Os dedos carnudos de Jane enxugaram o suor da testa.

— Quer ter certeza de que estará linda esta noite. Agora, se apresse! — Ela respirou fundo e fugiu da sala.

Mordi o lábio e esfreguei meu peito. Sable nunca se importava com a minha aparência, a menos que saíssemos.

Algo diferente iria acontecer esta noite e, com meus pais, diferente nunca foi bom.

Tirei meu pijama e puxei a calça por cima da cabeça. Os arrepios atravessaram minha pele, mas não porque estava com frio. *Magia.* Eu já podia senti-la inchando dentro de mim, formigando meus dedos dos pés e mãos. Estava sempre lá, ameaçando ficar fora de controle, especialmente depois do que tinha acontecido. Levei alguns momentos preciosos para silenciá-la e enviá-la de volta aos confins da minha mente, onde meus pais não sentiriam. É tudo que tinha.

Quando já não a sentia sussurrando dentro de mim, me voltei para a minha vaidade e penteei o cabelo. Depois da noite inquieta que tive, graças a outro pesadelo, levaria tempo para desembaraçar minhas longas madeixas.

No momento que abaixei a escova, Sable entrou pela porta, trazendo com ela uma rajada de ar gelado e duas mulheres que eu nunca tinha visto antes. Seu rosto, emoldurado por cachos de cabelo dourados, tinha a mesma cor de seu roupão de cetim branco, fazendo lembrar uma nevasca. Instintivamente, puxei meus braços contra o peito.

— Você dormiu. — Ela disse as palavras como se tivesse cometido um ato traidor.

Olhei para o despertador. Um pouco depois das oito. Mantive minha voz calma.

— Você me quis acordar mais cedo?

— Eu quero que você use seu cérebro. Pode fazer isso?

— Vou tentar. — Levantei levemente o queixo, tentando transmitir um pouco de desafio. Posso ser forçada a ficar nesta casa, mas não precisava gostar.

O lábio superior fino de Sable se contraiu; o olho esquerdo imitava o movimento. Ela poderia ter sido bonita se não fosse a expressão odiosa permanentemente estampada em seu rosto.

Ela fechou a distância entre nós. Cheirava a jasmim e aos charutos do meu pai. Eu aprendi cedo que esses cheiros traziam dor. Por dentro, tremi, mas me recusei a desviar o olhar dela.

— Isto é um ninho de rato — disse ela, agarrando um punhado do meu cabelo e jogando minha cabeça para trás. — Se esta noite não fosse tão importante, eu rasparia sua cabeça. — Ela soltou meu cabelo e inspirou profundamente. — Isso vai demorar muito mais do que eu pensava.

As duas horas seguintes foram um turbilhão de demandas e insultos. Segure firme. Ficar em pé. Não fale. Eu desejei passar por isso para evitar o mínimo de sofrimento possível. As duas mulheres que Sable trouxe

foram contratadas para me ajudar a ter o meu melhor. Tenho certeza que Sable pagou um preço alto para encontrar os melhores estilistas do mercado. O vestido que escolheu para mim era um vestido de noite vermelho-sangue sem costas que ela havia comprado de algum estilista que nunca tinha ouvido falar. Isso não se parecia com Sable. Foi Erik quem comprou todas as minhas roupas para as ocasiões em que queriam me desfilar em público, o que não era frequente.

Depois que me vesti, Sable instruiu uma das meninas a prender meu cabelo em uma torção francesa apertada, sem deixar nenhum fio fora do lugar. A pobre garota, que não podia deixar de verificar o tempo em seu telefone a cada poucos minutos, teve que refazer o estilo quatro vezes antes de Sable ficar satisfeita.

— Podemos fazer algo sobre os olhos verdes dela? — Sable perguntou à menina mais nova. — Eu prefiro azul.

A garota franziu a testa.

— Você quer que ela use lentes de contato?

— Você é inútil — Sable retrucou, mas continuou olhando para os meus olhos como se estivesse conjurando um feitiço.

Sable me olhou pela última vez e saiu com um movimento de pulso e um grunhido insatisfeito. As duas mulheres correram atrás dela.

No momento em que a porta se fechou, troquei o vestido por jeans e camiseta e planejei minha fuga para a floresta. Eu tinha que sair e fazer uma pausa na disputa que envenenava todas as pessoas nesta casa. Nunca conseguiria passar a noite de outra maneira. Além disso, não fazia sentido permanecer com o vestido o dia inteiro, uma tortura por si só.

Não foi difícil escapar, minha cabeça baixa e uma pequena bolsa pendurada no ombro. Também ajudou a esconder o rosto carregar um vaso alto de flores como se fizesse parte da equipe do evento.

No momento em que abri a porta dos fundos, corri em direção à beira da floresta e não parei até em segurança atrás de um carvalho grosso. O sol no céu aqueceu minha carne e sussurrou um futuro melhor. Sua luz brilhava em tantos lugares. Um dia, eu esperava ver todos eles.

Olhei de volta para casa. Era um lugar feio. Não era realmente uma casa, mas mais uma mansão vistosa de tijolo e pedra. Havia várias histórias acima do solo e várias abaixo, embora apenas alguns selecionados soubessem de suas

profundezas. Meu quarto ficava na ala leste, em frente aos meus pais.

O que eu não daria para viver em uma área suburbana, cercada por pessoas normais, ou melhor ainda? Um dormitório da faculdade. Ter amigos, mexer nas mídias sociais, ir a festas ... Eu não tive permissão para fazer nada disso. Eles me deram um laptop no meu décimo oitavo aniversário para meus cursos universitários on-line, mas, além de vários aplicativos de controle dos pais, eles usaram a magia para garantir que acessasse apenas o conteúdo que considerassem digno. Eles controlavam todos os aspectos da minha vida enquanto tentavam me moldar e me transformar na pessoa que eles achavam que eu deveria me tornar.

Mas eu não era algo que os dois pudessem moldar. Graças aos ensinamentos particulares de Madelyn, havia aprendido mais sobre pessoas e vida do que meus pais gostariam que eu soubesse. Ela me trouxe livros sobre pessoas boas e gentis e como eles fizeram a diferença no mundo. Também me ensinou a proteger minha magia e nunca deixar meus pais se aproximarem dela. Até o dia em que morreu.

Inspirando profundamente e limpando os olhos úmidos, afundei no chão, consciente do meu cabelo, e abri minha bolsa. De dentro, peguei pão e frutas, e o item mais

importante: um livro. Eu me perderia no mundo de outra pessoa hoje. Estaria em qualquer outro lugar além daqui.

Passei meus dedos pela capa gasta de um dos poucos livros que consegui manter escondidos. Um livro ambientado no futuro, sobre uma mulher que sacrificou tudo para derrubar a sociedade opressiva em que ela foi criada. Sempre me deu esperança.

O sol apareceu no céu, destacando as folhas vermelhas e alaranjadas acima de mim. Os sons do ensaio da orquestra contratada flutuavam do lado de fora. A música assustadoramente bonita fez a floresta parecer mais mágica, e afundei ainda mais na grama. A música era a única parte desses eventos que gostava.

Erik fez muitos deles ao longo do ano. Qualquer pessoa importante, humana ou demônio, recebeu um convite. Esses foram os únicos momentos em que as diferentes espécies cruzaram voluntariamente os caminhos. Claro, muitos dos humanos não tinham ideia de quem ou o que estava sentado ao lado deles. Demônios, vampiros e outras criaturas eram obrigados a parecer humanos. Toda a ocasião era um ardil para ganhar poder sobre os outros. Erik e Sable eram os mestres das marionetes, usando suas habilidades mágicas para manipular aqueles que poderiam promover sua agenda

política no mundo humano e ganhar mais influência no sobrenatural.

Quando os primeiros convidados chegaram, gemi e juntei meus pertences. Não podia demorar mais para me arrumar. Meus pais começaram a me deixar assistir a esses eventos alguns anos atrás. Eu pensei que iria gostar deles, uma vez que raramente me permitiam socializar com os outros, mas nunca o fiz. Todos usavam máscaras, dizendo o que pensavam que você queria ouvir. Por causa de quem eram meus pais, as pessoas eram especialmente cuidadosas ao meu redor. Eu ansiava por um relacionamento significativo, como o que eu tive com Madelyn.

Me levantando, endireitei meus ombros e me preparei para o pior. Tudo acabaria em breve.

De volta ao meu quarto, deslizei para o vestido vermelho da noite, quando Jane abriu a porta do quarto, ofegando pesadamente. — Seus pais precisam de você.

— Já vou — disse, mas ela já havia fechado a porta.

Terminei de forçar meu braço através de uma alça do vestido apertado e suspirei cansadamente. Não reconheci o reflexo olhando de volta para mim no espelho. Delineador preto emoldurava meus olhos como a borda das nuvens de tempestade, e minhas sobrancelhas escuras e lábios avermelhados só aumentavam a ilusão. Os dois estilistas

comentaram sobre minha beleza, mas para mim eu parecia minha mãe. Não era algo que quisesse.

Calma e cuidadosamente, desci as escadas e entrei no salão de baile que cheirava a doces recém assados e rosas silvestres. Como sempre, o salão espaçoso estava imaculado: cortinas com diamantes, toalhas de cetim dourados e lustres de cristal que a rainha da Inglaterra invejaria.

Fiquei no canto do salão, entrando e saindo dos convidados, com a cabeça baixa. Fazer uma aparição, era tudo o que tinha que fazer. Talvez falar com alguns dos convidados. Interação suficiente para satisfazer meus pais.

Fiz exatamente isso, depois passei a noite ficando na varanda o máximo possível. O ar frio da noite parecia bom contra meus braços nus e era uma distração bem-vinda dos barulhos barulhentos que ecoavam na festa bem iluminada.

— Aí está você — disse uma voz atrás de mim.

Eu me virei. A silhueta negra de minha mãe estava na porta do salão de baile.

— Entre aqui — ela ordenou. — Quero que você conheça alguém especial.

— Não essa noite. Por favor. — Foi uma coisa idiota de se dizer. Eu soube no momento que as palavras saíram da minha boca.

— Não foi um pedido.

Relutantemente, dei um passo à frente. Sable segurou meu braço e me arrastou pela sala, passando por todos os convidados. Tentei ver onde ela estava me guiando, mas casais dançando bloqueavam minha visão. Quando ela cutucou duas mulheres no meio de uma conversa, finalmente vi quem eu deveria conhecer.

Puxei meu braço livre e congelei. Embora ele parecesse humano, sabia melhor. Uma escuridão escura se agarrava a ele como alcatrão grosso.

Este não era um homem.

Este era um vampiro poderoso.

CAPÍTULO 3

Cada fibra do meu corpo gritava para correr. Havia uma energia escura e antiga que enchia a área ao seu redor. Apesar dos meus instintos, achei difícil desviar o olhar. Sua presença dominante me sugou como se um cordão invisível estivesse me puxando em sua direção. Eu resisti, e uma dor aguda apunhalou minha coluna inferior.

Sable virou-se, cravou as unhas no meu pulso e me puxou para frente.

— Não ouse insultá-lo.

Erik, que estava apertando a mão do vampiro, virou-se. Seus cabelos louros e lisos pareciam tão oleosos quanto a pele bronzeada.

— Eve, querida, este é Boas. Boaz, conheça minha única filha, Eve.

A luz pareceu fugir da sala quando os olhos de Boaz encontraram os meus. Ele era estranhamente cativante, com longos cabelos negros, maçãs do rosto altas e uma linha de mandíbula distinta. Meu coração acelerou e desmaiei. Se não fosse a mão de Sable no meu cotovelo, teria cambaleado para trás. Mas não foi a aparência dele que me enfraqueceu. Minha mente tentou capturar o que era, mas seu olhar se tornou intenso demais, forçando-me a desviar o olhar.

Erik disse algo baixinho e depois riu.

— Ela pode estar, mas vou ter que descobrir por mim mesmo — disse Boaz.

Erik sorriu e Sable riu, desagradável. Eu estava com nojo dos três.

— Foi um prazer conhecê-lo, senhor. — Foi preciso toda a força que tinha, mas consegui puxar meu braço para trás e virei para me afastar. Pelo canto do olho, vi Sable começar a me seguir, Boaz agarrou seu pulso e a segurou no lugar.

Eu andei calma, mas rapidamente em direção às escadas que levavam ao segundo andar. Acenei e sorri educadamente para várias pessoas que me cumprimentaram, recusando a parar.

Ao pisar no primeiro degrau da escada, dedos frios tocaram minhas costas. Ofeguei e me virei. Para minha surpresa, ninguém estava lá. Lentamente continuei a subir, mas novamente senti o toque de uma mão acariciar a pele das minhas costas nuas. A frieza desse toque roubou minha respiração. Eu me virei, olhando para a multidão.

Examinei os muitos rostos, alguns dos quais pareciam humanos, mas não me enganei. Meus olhos se fixaram no único que se destacou — Boaz. Não porque ele era diferente, mas porque ele era o líder deles. Eles o circulavam como cães famintos, ansiosos por devorar qualquer pedaço de atenção

que ele pudesse lhes dar. Boaz prestou pouca atenção — seu foco estava inteiramente em mim. Os olhos dele encontraram os meus como os de um animal predador. Praticamente podia ouvi-lo rosnando do outro lado da sala.

Assustada, voltei-me para continuar subindo as escadas, desta vez usando o corrimão como apoio. As carícias invisíveis continuaram até que eu estava fora de vista.

Escondida em segurança no segundo andar, encostei-me em um pilar branco, minhas respirações em pequenos suspiros. Meus dedos formigavam, e um sentimento familiar e sombrio apareceu em meu corpo. *Magia. Relaxe.* Eu não podia me deixar sentir, nem aqui, nem agora.

Não muito longe, vi as portas que davam para a varanda do segundo andar. Seria à vista dos convidados se eles olhassem para cima. Poderia fazer isso.

Fechei os olhos, respirei fundo e contei até três. *Vai!* Meus olhos se abriram e corri.

Quinze passos restantes.

Dez passos.

Três.

Estendi a mão para empurrar a porta, mas congelei quando ouvi meu nome. A voz sedutora do próprio diabo. Eu me virei lentamente.

— Sim? — Perguntei a Boaz, tentando desesperadamente soar seca.

— Você vai me dar o prazer de uma dança? — Ele estendeu a mão.

— Eu não me sinto bem.

— Uma dança, amor.

Antes que pudesse recusar, ele pegou meu braço e me guiou de volta para a pista de dança. Quando chegamos ao centro da sala, ele me girou e passou o braço em volta da minha cintura, me pressionando contra seu peito.

— Tente se divertir — disse ele. — Esta é uma festa, afinal.

Eu evitei seus olhos, em vez disso, olhando além para os rostos invejosos. A música terminou e outra começou, uma amarga harmonia de violinos trompetes franceses. Era uma melodia torturante, que deveria ser tocada pelos mortos, não pelos vivos. Os lábios de Boaz se torceram em um sorriso sutil, como se ele soubesse o que estava pensando.

Fiz o meu melhor para parecer indiferente, mas se parecia fria, Boaz não dava nenhuma indicação. Ele me abraçou como se fôssemos amantes, e até começou a passar os dedos pelas minhas costas nuas em pequenos movimentos circulares. Acendeu um fogo dentro de mim que

nunca havia sentido antes, que se espalhou para o meu abdome e entre as minhas coxas.

Mas esse sentimento? Estava atado a outra coisa, algo poderoso e mágico. Respirei fundo, meus seios arfando contra ele. Cada toque, cada balanço de seu corpo, me dominava; seja por repulsa ou prazer, ainda não tinha certeza.

Ele se afastou e perguntou: — Por que você está com medo?

Engoli em seco — Eu não estou.

— Você é uma mentirosa horrível. Olhe para mim.

Encontrei seu olhar. Meu corpo enfraqueceu e ele apertou mais.

— Por que está com medo? — Ele perguntou de novo.

Mordi o interior da minha bochecha.

— Há algo sobre você. Eu não sei...

— O que você sente?

— Sinto como se estivesse girando e não conseguisse manter o equilíbrio.

— O poder. Inebriante, não é? — Boaz dançou perfeitamente, cada passo obedecendo seu comando silencioso como as marés obedecem à lua. Outros casais que dançavam se retiraram de seu caminho como se ele fosse da realeza. Eu não conhecia sua idade real, mas pela maneira

como ele falou e se comportou, acho que séculos. Talvez ele tivesse sido realeza em algum ponto no tempo.

O que quer que estivesse acontecendo agora, era intoxicante e encheu minha mente de confusão. Eu tinha que pensar em outra coisa que não fosse seu dedo médio, que girava lentamente cada vez mais baixo ao longo da minha pele nua.

Limpei minha garganta.

— Você sempre recebe tanta atenção?

Ele não se deu ao trabalho de olhar em volta.

— Eles sabem respeitar o poder quando o veem.

— Muito arrogante?

Seus olhos escuros se arregalaram.

— Não sou eu, amor. Somos nós.

— Não existe nós.

Boaz fez uma pausa, sorrindo conscientemente.

— Seus pais estão assistindo.

Olhei para trás dele. Obviamente, Erik e Sable olhavam em nossa direção. Sable parecia especialmente excitada, com o nariz torcido, as mãos esfregando como se estivesse antecipando um número vencedor na loteria.

— Por que acha que eles parecem tão ansiosos? — Perguntou Boaz. Ele me virou e me trouxe de volta em seus braços.

— Provavelmente porque você é o tipo deles, e eles gostariam de nada mais do que me ver com alguém como você.

— E o que você gostaria, Eve?

Sua pergunta me surpreendeu. Ninguém nunca me perguntou o que eu queria.

— Quero ser livre para fazer o que eu quiser.

O sorriso em seu rosto se espalhou.

— Disse alguma coisa engraçada? — Perguntei.

— O que você acha de fazermos uma piada com seus pais? Ensinar-lhes uma lição por ficar espiando?

— Como o quê?

— Me dê um tapa — ele ordenou.

— O que?

— Me estapeie o mais forte que puder e vá embora. Seus pais ficarão furiosos, e você irá pagar depois, mas prometo que as expressões deles irão valer a pena. Além disso, você poderia realmente se divertir.

Não precisei pensar duas vezes. Eu me afastei e deixei minha mão voar. Atingi seu rosto com força, picando minha palma.

Olhei para os meus pais, e parecia que tinha batido neles e não em Boaz. Suas sobrancelhas se uniram firmemente e as bocas se abaixaram. Linhas que nunca

soube que existiam apareciam em sincronia com veias salientes em seus pescoços. Era uma cena cômica, pois eles ainda estavam tentando manter a aparência de passar momentos maravilhosos. Seus rostos pobres pareciam ter convulsões gêmeas.

Sorri e fui embora. Isso foi muito melhor do que esperava. Fui direto para a varanda e saí na noite, estranhamente feliz. Era bom desafiar Erik e Sable novamente.

— Muito bom — disse Boaz.

Eu pulei. Ele estava descansando em uma cadeira como se tivesse estado lá a noite toda. Não havia vestígios de marcas de mãos no rosto. Ao lado dele, um enorme lobo preto me encarava com um olho azul e um branco.

— Como você … — Olhei de volta para o salão de baile, meu pulso acelerado. Não havia como ele me derrotar aqui.

— Não seja ingênua, amor. Você sabe o que sou.

Eu sabia e ainda sim, ver seus poderes de vampiro em ação me fez tremer de medo. Era fácil esquecer os monstros ao meu redor quando todos usavam rostos humanos.

Meu olhar baixou para o lobo estranhamente imóvel. Sem um som, ele mostrou seus afiados dentes caninos.

— E quem é esse animal amigável?

O lobo rosnou.

Boaz passou os dedos pelo grosso e arrepiado.

— Este é Hunwald.

— Nome interessante. Como você escolheu?

— Não escolhi. Ele o fez.

— Tudo bem — disse, sem entender. — Há quanto tempo está com ele?

— Ele *me* tem desde que eu era criança — Eu corrigi novamente.

— O que você quer dizer?

Boaz se inclinou para frente. O movimento foi rápido demais, suave demais, lembrando-me novamente como realmente era desumano. Instintivamente, dei um passo para trás.

— Minha mãe era uma mulher cruel. O tipo de mulher que nunca deveria ter tido um filho, mas aparentemente o Destino achou divertido, e ela me entediava. Embora, no final, não tenha certeza de quem era a piada. — Ele sorriu para si mesmo. — Minha mãe costumava carregar um grande graveto onde quer que fosse. Ela o chamava de Thorne, e toda vez que dizia seu nome, ria atrozmente, como se fosse a coisa mais engraçada que já ouvira. Quando ela dizia Thorne, significava apenas uma coisa. Eu receberia uma surra severa por não cumprir uma de suas expectativas absurdas. Foi no meio de um desses espancamentos que

Hunwald nos encontrou na floresta. Ele rasgou minha mãe em pedaços bem na minha frente. — Ele se virou para Hunwald e bagunçou o pelo do focinho entre suas mãos. — Não é? Você é um bom garoto!

— Isso é terrível — disse.

A cabeça de Boaz se levantou.

— Não me diga que nunca desejou a morte de seus pais.

Fechei minha boca com isso. Eu os desejara mortos. Todos os dias nas últimas semanas.

— Eu deveria voltar...

Boaz apareceu na minha frente, bloqueando a porta. O ar parou no meu peito. Ele segurou meu pulso e, com o polegar, esfregou a carne sob a palma da minha mão, exatamente onde meu pulso batia.

— Fique apenas mais um momento — disse ele, seu tom dominante.

Minha cabeça girou. O movimento circular de seu polegar na parte sensível do meu pulso me deixou tonta como se tivesse bebido demais.

Lá estava novamente. Minha magia entrelaçada na dele.

— Quero te desejar um feliz aniversário — ele ronronou.

Levei um momento para processar suas palavras.

— Como você sabe?

— Como poderia esquecer?

Tentei explicar que não entendia, mas não consegui tirar da mente a névoa crescente. Nem mesmo quando a mão dele se ergueu até meu ombro, e seus dedos prenderam a alça do meu vestido. Ele diminuiu o espaço entre nós e soprou no meu ouvido: — Seu vestido é extraordinário.

O hálito quente no meu pescoço, e seus dedos contra a minha pele, acenderam todos os nervos em chamas. O sentimento só aumentou quando ele puxou o lóbulo da minha orelha em sua boca e passou a língua ao longo da carne sensível. Eu me peguei levantando minhas mãos com o único propósito de puxá-lo ainda mais para perto de mim, mas parei no último segundo. *Que diabos estou fazendo?*

Eu me libertei de seu feitiço e afastei, os braços caindo frouxos ao meu lado. Olhei para o meu vestido, percebendo naquele momento por que Sable o havia escolhido.

— Este vestido foi feito para você.

Ele riu.

— Espero que não. Acho que não serviria.

— Sable — gaguejei, odiando que ele me perturbasse.

— Ela o escolheu porque sabia que você iria gostar.

— Mmm. Ela tem um gosto impecável.

— Você pode tê-lo, se quiser.

— Agora mesmo? — Ele sorriu. — Eu aceito. Entregue.

Magia se agitou dentro de mim novamente, respondendo a algo dentro dele. Ela inchou e empurrou seu caminho para a superfície. Minha raiva por ele não ajudou.

— Vou deixar isso perfeitamente claro. — Eu apontei meu dedo em seu peito. — Você nunca terá nenhuma parte de mim.

— Mas, meu amor, já tenho — disse ele, lambendo os lábios.

Meu olhar acompanhou o movimento de sua língua, vendo-o deslizar de volta para sua boca. Um calafrio surgiu na minha espinha e balancei minha cabeça. Tinha que me afastar dele e do que ele estava fazendo comigo.

— Tenho que ir.

Eu corri ao redor dele e voltei para o salão de baile, deixando-o e o lobo na escuridão aonde pertenciam.

CAPÍTULO 4

Com o coração disparado, abri caminho na multidão, mantendo a cabeça baixa. Meu corpo inteiro zumbia com energia escura. Não era algo que eu estava acostumada, e isso fazia meu peito apertar e contrair os músculos. Chupei o ar entre os dentes, fazendo uma careta e esfregando o esterno com as pontas dos dedos.

Olhei para trás para ter certeza de que Boaz não estava me seguindo, quando bati em algo sólido. Mãos agarraram meus braços. Ao contato, uma sensação quente inundou meu sistema da cabeça aos pés, apagando completamente o que Boaz tinha feito comigo. Mas aquilo não apenas fez toda a energia escura desaparecer, como a substituiu por uma luz branca, e imediatamente me senti mais calma.

Engoli em seco e olhei nos olhos azuis e intensos de um homem bonito.

— Eu sinto muito. Não tive a intenção de trombar com você.

Ainda me segurando, ele olhou para trás como se observando se estava sendo perseguida. Satisfeito, seu olhar preocupado voltou ao meu.

— Você e observando balancei a cabeça, entorpecida, e procurei seu rosto. Nada nele era familiar.

— Quem é você?

— Ninguém importante. — Ele me soltou e deu um passo para trás, levando sua luz branca com ele. Não estava vestido como os outros convidados e parecia estranhamente deslocado, e ainda assim, era de tirar o fôlego. Camisa preta de botão. Calça escura. Casaco comprido e escuro.

— Todo mundo aqui é alguém importante — disse. — Pelo menos, eles pensam que são.

O olhar dele varreu a sala como se estivesse procurando por alguém.

— Todos aqui são mentirosos.

Sua resposta me assustou. Quem era esse cara? Ele claramente não era humano, mas também não sabia dizer exatamente o que ele era.

— Eu realmente preciso saber. Qual é o seu nome?

Seus olhos voltaram para os meus, então se afastaram como se ele não gostasse de olhar para mim.

— Eles são todos monstros. Você também se tornará um se não sair deste lugar e nunca mais voltar.

Seu olhar parou de se mover e seus olhos se arregalaram levemente em algo atrás de mim. Os lados de sua mandíbula incharam.

Eu me virei para ver o que havia atraído sua atenção, mas quando não vi nada fora do comum, olhei para ele, mas o homem se foi. Tudo em menos de um segundo. Eu só tinha

visto vampiros se moverem tão rapidamente, mas certamente teria sentido se ele fosse um. Mas se não era um vampiro, então o que ele era?

Procurei na multidão, entrando e saindo dela, mas ele havia desaparecido para sempre. Por que veio? Erik e Sable não poderiam tê-lo convidado. Ele era muito diferente também ... Eu lutei para pensar na palavra, *bom.*

Pensei nele quando voltei para o meu quarto, pelo resto da festa. Por alguma razão, pensar nele me fez pensar em Madelyn, e meu coração doeu por minha velha amiga e babá.

Meus membros estavam pesados quando tirei o vestido vermelho e o pendurei na minha cama para ser levado de manhã. Eu não queria nunca mais vê-lo novamente, ou ver Boaz. A maneira como ele trouxe meus poderes à superfície tão facilmente tinha sido perturbadora.

Eu tinha que ser melhor em protegê-lo. Desde a minha confissão, Erik e Sable haviam tentado muitas coisas para me mostrar o que podia fazer com a minha magia, embora dissesse a eles que havia mentido.

Eu precisava desesperadamente que eles acreditassem que era apenas uma bruxa Adepta, levemente competente com a capacidade de memorizar feitiços e executá-los com muita precisão. Mas eles estavam convencidos, de maneira não natural, que seria uma bruxa Lenda, capaz de

manipular o mundo ao meu redor com um único pensamento. Não era assim nem queria ser, mas tinha poder suficiente dentro de mim aos quais sabia que meus pais gostariam de ter acesso para cumprir seus desígnios malignos.

Desde que me recusei a usar a magia novamente, eles aumentaram seu jogo para tentar forçar o problema. Eles ameaçaram, intimidaram, subornaram e até me trancaram em uma caixa escura por um dia inteiro para me fazer ceder, mas não o faria. Meu amor e lealdade a Madelyn eram muito mais fortes do que qualquer desejo de agradar a meus pais.

Várias horas depois, a festa acabou, até tudo o que ouvi foram os criados limpando os convidados. Eu não me arrumei para dormir. Tive a sensação de que minha noite ainda não havia terminado.

Não demorou muito para que os pesados passos de Erik e Sable batessem no chão de mármore, lembrando-me de um martelo e uma picareta. Lentamente levantei da cama, balançando um pouco, e me preparei para o que estava por vir.

Erik abriu a porta. Ele ainda estava vestido com um smoking preto que parecia muito apertado para o seu corpo sólido. Atrás de uma fileira de dentes perfeitamente formados, sua língua clicou repetidamente.

Ao lado dele, Sable suspirou com sua impaciência e me disse:

— Você não deixou Boaz com uma boa impressão.

— Não?

— Você foi rude e desagradável. Estapeá-lo em público assim. — Sable fez uma careta. — Você é uma vergonha para a nossa espécie.

Erik acenou com a cabeça em concordância.

— Há consequências para suas ações, Eve.

— O que será hoje à noite? — Eu perguntei. Aranhas? Confinamento solitário?

— Não zombe de nós! — Sable olhou para meu pai. — Diga o que temos reservado para ela.

— Prefiro que seja uma surpresa, mas tenho quase certeza de que seremos capazes de matar dois coelhos com uma cajadada só.

Eu franzi a testa.

— O que você quer dizer?

— Para parar seu castigo, você terá que usar uma magia poderosa. É simples assim.

— Isso não vai acontecer. — Coloquei meus chinelos, sabendo que logo os seguiria.

Um sorriso lento e deliberado dividiu seu rosto.

— Veremos.

— Tanto faz, Erik.

Sable foi para o meu vestido vermelho e o inspecionou.

— Você derrubou alguma coisa aqui?

— Não.

Ela olhou para mim.

— Você tem certeza? Você não é muito delicada quando come.

— Eu não comi.

— Boa. — Sable removeu o vestido e o colocou no braço.

— Vamos acabar com isso — Erik retrucou.

Os dedos longos de Sable acariciaram o material acetinado.

— Vá em frente. Estarei lá em um minuto.

Erik fez uma careta, mas não discutiu.

— Não demore muito.

Ele saiu da sala comigo seguindo sua sombra. Eu sabia exatamente para onde estávamos indo, uma vez que estive nesse mesmo lugar desde que fiz sete anos. Poderia ter feito o caminho com os olhos fechados.

Nossos passos ecoaram quando descemos uma escada estreita e circular até o nível mais baixo, escondido bem abaixo da mansão. A única maneira de chegar lá era através de uma porta secreta no escritório de Erik. O cheiro de álcool

flutuou atrás dele, revirando meu estômago. Eu rapidamente cobri minha boca para não engasgar. O cheiro sempre foi um precursor da dor.

Erik tirou uma chave do bolso e empurrou-a no buraco da fechadura de uma grossa porta de metal. O rangido e o gemido das dobradiças aumentaram minha náusea. Fiquei onde estava, meu coração trovejando. Normalmente, estava mais preparada mentalmente para essas sessões, mas os eventos da noite com Boaz e o outro homem estranho me deixaram sem foco e distraída.

— Entre! — Erik latiu de dentro da sala. Eu o ouvi abrir uma gaveta.

Com os joelhos fracos e trêmulos, entrei na sala de "treinamento" de meu pai. O cheiro de jasmim atingiu todos os meus sentidos, forçando-me a tropeçar e cair em uma parede. Plantas estavam penduradas por toda parte; algumas penduradas no teto, enquanto outras foram dispostas em padrões específicos nos cantos da sala. Tive uma súbita vontade de esmagar todos elas, mas meu corpo não se mexia.

Longos balcões brancos cobriam as paredes. Dentro das gavetas havia todos os tipos de dispositivos e ferramentas mágicas. Na superfície dos balcões, as gaiolas continham animais diferentes, de aranhas a ratos. Erik os mantinha

como animais de estimação e os tratava com muito cuidado, a menos que seus corpos ou sangue fossem necessários para feitiços. A magia sempre veio em primeiro lugar.

No centro da sala, havia uma única cadeira imóvel de metal com tiras pretas presas na parte de baixo. Depois que Erik inspecionou cuidadosamente cada gaiola em busca de comida e água adequadas, ele disse:

— Na cadeira"

Minhas unhas cravaram na parede atrás de mim.

— Por favor, pai...

— Agora.

Quando cheguei à cadeira fria, minhas pernas estavam tremendo tanto que não tive escolha a não ser desabar nela, suor aparecendo na minha testa. *Fique calma.*

Erik passou os dedos pelas diferentes gaiolas de animais em cima do balcão. O som irritou meus nervos já agitados.

— Não entendo por que torna isso tão difícil. Tudo isso terminaria se aceitasse apenas o seu direito de primogenitura.

Fechei os olhos e foquei na mentira que já havia professado mil vezes.

— Sinto muito por te decepcionar, mas não sou como você. A magia mal existe dentro de mim.

— Eu já ouvi isso antes — murmurou para si mesmo enquanto levantava uma gaiola e olhava entre o tecido apertado para algo dentro.

— É absolutamente impossível que uma criança nascida dos Segurs e Whitmores não se torne uma lenda. Você está deliberadamente se segurando.

— Por que faria isso?

— Porque você é uma merda de filha ingrata.

Eu me encolhi com suas palavras. Ele estava sendo especialmente cruel esta noite, o que significava que estava estressado.

— Por que é tão importante que seja uma bruxa Lenda?

Ele olhou para mim sob as sobrancelhas escuras e grossas, sua expressão séria.

— Criar você era nosso único trabalho. Não podemos falhar ou morremos.

Os arrepios gelados quebraram em minha pele e eu engoli.

— Do que você está falando?

— Eu perdi alguma coisa? — A voz de Sable perguntou atrás de mim. Atravessou a sala para o seu lugar habitual no canto e sentou-se em um banquinho cercado por jasmim. Ela havia se trocado para um robe verde de mangas curtas. Escondido debaixo do braço, havia um regador.

— Estávamos apenas começando — disse Erik, alisando o cabelo de volta no lugar. Ele se aproximou de mim e pousou a gaiola antes de continuar a prender as tiras ao redor do meu peito e pernas. No meu ouvido, ele sussurrou: — Para sua proteção.

Forcei minha respiração a desacelerar e empurrei minha mente em outro lugar. Eu não poderia deixá-los tê-la, minha magia. As palavras de Madelyn ecoaram em minha mente: *é sua a proteção.*

Sable derramou água nas plantas próximas e tocou suas folhas com ternura.

— Acredito que isso não vai demorar muito? Tenho uma reunião de manhã.

Erik a olhou furioso.

— Vai levar o tempo que for necessário.

Ela suspirou enquanto arrancava folhas murchas de uma planta pendurada acima dela.

Erik se ajoelhou na minha frente e tirou meus chinelos.

— O que estou prestes a fazer pode ser extremo, mas estamos sem tempo. Espero que faça a coisa certa e use suas habilidades para se salvar.

Tentei não deixar minha mente vagar com a nova tortura que ele pode ter inventado. Ele levantou a gaiola e

olhou dentro das fendas estreitas novamente, o canto da boca subindo. Eu reprimi um arrepio.

— Você nos envergonhou hoje à noite, Eve — disse enquanto abria o topo da gaiola. O que quer que estivesse dentro bateu nas paredes, quase o derrubando das mãos de Erik.

— O que você vai fazer? — Eu não quis choramingar.

— Você vai ver, mas lembre-se, tem o poder de detê-lo.

Água saiu do regador de Sable.

Fechei os olhos e me preparei para o inevitável. Não usaria mágica. Não importa o que. Erik segurou meu pé e o guiou para a armadilha. Algo me mordeu com força, e eu gritei.

— Este rato não come há dias — explicou. — Espero que seu pé tenha carne suficiente nele.

Meus gritos abafaram o resto de suas palavras. O rato faminto rasgou minha pele com dentes e garras. Eu tentei chutá-lo, mas isso só o deixou mais louco, e apertou meu dedo mindinho com dentes afiados.

Hora de partir.

Para escapar da dor, fiz o que sempre fiz: deixei a realidade e viajei para o Éden, um refúgio secreto que criei quando era criança. Era um refúgio escondido no fundo do

meu subconsciente que eu costumava me proteger dos constantes abusos de Erik e Sable.

Ouvi falar de Éden pela primeira vez quando tinha apenas seis anos, através mulher idosa que se maravilhou quando revelei meu nome.

Eu estava do lado de fora de uma joalheria em Manhattan esperando meu pai, quando uma mulher com cílios grossos e um sorriso gentil se aproximou de mim.

— Qual é o seu nome, criança?

Tinha aprendido a não falar com os outros, mas os olhos da mulher pareciam um dossel, me protegendo do mundo. Em voz baixa, eu respondi:

— Eva"

— Que nome bonito — disse a velha, as mãos nodosas segurando uma bengala. — Você deve ser realmente especial.

— Por quê?

— Porque Eva era a mãe de todos os seres vivos. Ela era linda, gentil e cheia de amor. É uma grande honra ter o nome dela.

— Onde está essa Eva? — Perguntei, esperando poder visitá-la.

— Ela morava em um lugar maravilhoso chamado Éden, onde não havia dor ou tristeza. Mas isso foi há muito

tempo. O Éden se foi, junto com Eva. Mas posso ver nestes seus raros olhos esmeralda que você será tão grande quanto a nossa Mãe Eva.

Foi nesse momento que Erik, que apareceu do nada, empurrou a velha para trás. Ela recuou, tropeçou no meio-fio e caiu na rua.

— Mantenha suas histórias idiotas para si mesmo — disse Erik.

Foi a primeira vez que criei o Éden e voltei muitas vezes desde então. Enquanto tivesse Éden, eu estava fora do alcance deles.

Na parte mais profunda da minha mente, cheguei lá agora, no momento em que a lua cheia alcançava seu pico no céu noturno. Sua luz prateada deu vida ao mundo sombrio, iluminando árvores e as flores que cobriam o chão. O ar cheirava a sal e pinheiro e, ao longe, ondas silenciavam contra a costa. Eu me mudei para um bosque de árvores, ansiosa para ver o oceano.

Não fui muito longe. Em algum lugar dentro do meu subconsciente, um homem estava gritando. Algo caiu, metal contra metal. Não escutei muito de perto, o medo de que voltar ao mundo real traria novamente uma dor insuportável. Cheguei à beira da floresta, mas a voz

enfurecida do homem persistiu até que minha curiosidade anulou o medo da tortura.

Fechei os olhos e voltei à realidade, mas assim que minha mente se conectou ao meu corpo, a dor foi maior do que previra. Gritei e lutei contra as tiras em volta do meu peito.

— O que é que você fez? — A mesma voz masculina exigiu.

Forcei meus olhos a abrirem. Na minha frente ajoelhou-se Boaz.

CAPÍTULO 5

Boaz olhou para o meu pé ensanguentado, as sobrancelhas pressionadas. Sable se foi. Erik estava encostado na parede, com uma gaiola vazia na mão e um rato morto aos pés. Ele o matou ou Boaz o fez?

Respirando superficialmente, olhei para o meu pé direito. Teria sido irreconhecível se não fosse pelo meu primeiro e segundo dedos, que estavam intactos. O resto da minha carne estava desfiada, expondo ossos em alguns lugares. Segurei as laterais da cadeira e joguei minha cabeça para trás, sufocando outro grito.

Boaz soltou as tiras em volta das minhas pernas e peito. Ele parecia estar sem palavras enquanto olhava profundamente nos meus olhos, sua mão fria alisando meu cabelo encharcado de suor.

Ele se virou para Erik e rosnou:

— Você diz a Sable para consertar isso hoje à noite!

— Mas Boaz, precisa entender. Isto tinha de ser feito.

O olhar de Boaz deixou Erik, mas suavizou quando me alcançou.

— Você aguenta?

Embora a dor fosse intensa, a ignorei. A última coisa que queria era a ajuda de um amigo dos meus pais. Ninguém

em seu círculo era confiável. Eu empurrei contra os braços, levantando meu corpo para uma posição de pé.

— Respire — ele sussurrou no meu ouvido enquanto me segurava com as mãos.

Eu exalei o ar que não sabia que estava segurando. Seu toque, surpreendentemente quente contra a minha pele, despertou minha magia novamente, algo que normalmente ficaria chateada por ter Erik tão perto, mas com a onda de poder veio uma espécie de entorpecimento para o meu corpo. A mais aguda das dores se dissipou.

— Você pode andar? — Ele perguntou.

Suas mãos permaneceram nos meus quadris, apertando suavemente. Assentindo, continuei em frente. Cada passo parecia que estava pisando nas unhas, mas era manejável. Boaz ficou ao meu lado, me guiando pela porta e subindo as escadas, deixando Erik para trás.

— Eu posso carregá-la, se você quiser — ofereceu Boaz.

— Não, mas obrigado. — Parei. — Por que você voltou?

— Eu nunca saí. Estava explorando o local.

— Tão tarde?

Ele levantou a sobrancelha e desviei o olhar, envergonhada.

— Estou feliz por não ter saído.

Forcei meu corpo a dar outro passo.

— Mas como nos encontrou? Apenas algumas pessoas conhecem esses níveis mais baixos.

— Eu ouvi seus gritos. Tem certeza de que não posso carregá-la?

— Não. Estou bem. Na verdade, pode sair agora. Obrigado pela ajuda. — Não queria que pensasse que era vulnerável ou uma vítima fácil.

— Muito bem então. Eu preciso falar com Erik. Fiquei tranquila, ele nunca mais vai te fazer mal. — Ele estendeu a mão e a deslizou mão pelo meu braço, deixando o prazer em seu rastro. Eu respirei fundo rapidamente.

— Espero vê-la novamente — disse ele com uma voz rouca, os olhos na minha boca.

Meu olhar viajou até o bíceps dele saindo de sua camisa preta de manga curta. Uma tatuagem de cobra vermelha e preta se contorcia ao redor do grande músculo.

Meus olhos encontraram os dele, e forcei as palavras dos meus lábios.

— Não é provável, mas, novamente, obrigado por sua ajuda.

O mais rápido possível, me afastei dele, apesar da dor cortante. Continuei subindo as escadas, mas quando não ouvi seus passos voltando para baixo, olhei para trás. Boaz se foi, como se tivesse evaporado.

Sable me encontrou no topo da escada com uma tigela de folhas de jasmim molhadas.

— Isto é para você. Envolva-os em seu joelho e ficará melhor de manhã.

— É o meu pé — esclareci, mas ela já estava caminhando na direção oposta.

Uma vez dentro do meu quarto, caí na cama, rangendo os dentes. Eu odiava muito meus pais. Seus castigos sempre foram cruéis, mas hoje à noite eles o levaram a um nível totalmente novo. Precisava encontrar um caminho que me permitisse escapar o mais rápido possível.

Tirei uma longa videira de jasmim da bacia e envolvi-a em volta do meu pé. Eu não tinha certeza de como deveria fazer isso, pois Sable não havia dado nenhuma instrução, mas parecia o caminho mais provável. Fiz o mesmo com mais algumas videiras e depois puxei uma meia longa sobre as plantas molhadas. Dentro de alguns minutos, meu pé estava completamente dormente.

Deitando, tentei dormir, mas não consegui superar o quão estranha foi à noite, começando com Sable supervisionando todos os detalhes da minha apresentação com Boaz. Ela queria que Boaz gostasse de mim, mas por quê? E por que me senti tão diferente ao seu redor? Ele estava usando magia em mim?

Por fim, pensei no hóspede não convidado que não me falou seu nome e que desapareceu. Ele disse para deixar este lugar, ou então me tornaria um monstro. Eu gostaria de poder ter dito a ele o quanto concordava com ele. Mas estava presa.

Como não conseguia dormir, levantei-me cedo e vaguei pelos jardins que cercavam a mansão. Como Sable havia prometido, a carne do meu pé havia sarado. O céu estava nublado com nuvens escuras e uma névoa leve pairava nas árvores.

Vários carros ainda estavam estacionados na garagem. Era apenas uma questão de tempo até Erik expulsá-los. Ele nunca pôde tolerar a presença de outras pessoas por muito tempo, incluindo sua própria esposa. Eu me perguntava todos os dias porque eles se preocuparam em se casar, mas, mais importante, porque se preocuparam em ter um filho. Juntos, eles eram poderosos o suficiente. Por que eles precisavam de mim e por que estavam tão desesperados para eu me tornar uma Lenda na magia?

Voltei silenciosamente para a casa, esperando passar despercebida, como de costume, mas hoje não era um dia normal.

Sentindo meu retorno, Sable chamou da cozinha:

— Eve, querida, venha se juntar a nós no café da manhã.

Ela estava usando sua voz doce, o que significava que queria algo.

Erik e Sable estavam juntos, ombro a ombro, ao lado da mesa da sala de jantar. Seus olhos me seguiram até me sentar na única cadeira com um lugar na frente dela. Peguei uma colher e dei uma mordida de aveia fria.

— A noite passada foi lamentável — disse Sable, com as mãos entrelaçadas com força na frente dela.

— Isso é um eufemismo — murmurei.

Meu pai bufou em desacordo.

— Teria funcionado se Boaz não tivesse nos interrompido. Eu sei isso.

— Essa coisa com Boaz... — minha mãe começou, bati minha colher na mesa.

— Não há *nada* com Boaz.

— Você não pode estragar tudo — ela terminou. — Ele deixou suas intenções muito claras ontem à noite e, mesmo que não pensemos que você esteja pronta para ele, conseguirá um excelente partido.

Meus dedos se curvaram em minhas palmas tão apertadas que as unhas morderam minha carne. Eles

podem me prender nesta casa, mas não podem me forçar a amar outra pessoa, especialmente um vampiro.

— Faça o que você quiser comigo, mas eu não serei o *par* de Boaz.

O olho esquerdo de Erik se contraiu e seu lábio superior retrocedeu.

— Você não tem voz.

Eu odiava ter nascido em uma família sobrenatural. Vivíamos de acordo com regras que os humanos normais não. Onde eles eram livres para escolher com quem se casavam, aqueles como eu costumavam arranjar casamentos que não tinham nada a ver com amor. Era tudo sobre elevar nossa posição de poder entre nossa espécie e os humanos. Precisávamos ser capazes de influenciar leis e políticas para o dia em que anunciarmos nosso tipo publicamente, um evento que meus pais me garantiram que logo viria.

— Importa o que quero? — Eu perguntei, minha voz mais suave.

— O que importa é que consiga viver. — Erik saiu da sala sem olhar para trás. Ele disse o que queria e não desperdiçou outra palavra. Sable parecia querer dizer mais, mas aparentemente pensou melhor. Ela se virou e correu atrás de Erik.

Suspirei e empurrei a tigela na minha frente. Eu nunca teria um relacionamento com Boaz ou alguém conectado aos meus pais. O pensamento me deixou doente. Além disso, era um vampiro, e eu era humana. Não poderia funcionar, mesmo que quisesse; não bem, de qualquer maneira. Então, o que eles estavam pensando?

***

Erik e Sable foram embora no dia seguinte sem me avisar. Fiquei feliz por isso, porque precisava aprender mais sobre o feitiço que me mantinha neste lugar. Talvez pudesse encontrar uma maneira de quebrar a magia com um dos livros que eles mantinham no escritório de meu pai. Eu não tinha permissão para entrar lá, então teria que ter cuidado.

Esperei até que houvesse uma mudança de equipe para entrar furtivamente no escritório de meu pai, usando magia para abrir a fechadura. Eu não teria arriscado isso antes, mas duas coisas haviam mudado nas últimas semanas. Eles aumentaram seu nível de abuso para que eu usasse mais magia, e agora eles estavam falando sobre me presentear com um vampiro; tinha que sair. Encontrar um lugar para desaparecer completamente.

Era isso. Estava de saco cheio com tudo. E quando estivesse livre, encontraria um feitiço, talvez no próprio livro

que estava prestes a roubar, que pudesse me manter escondida deles.

O escritório do meu pai estava escuro e cheirava a charutos e uísque velhos. Andei na ponta dos pés pelo chão de madeira e atrás de uma mesa esculpida com pernas envoltas em ouro, ouvindo atentamente os sons da casa. Nossos criados tinham muito mais medo de Erik e Sable do que de mim e não hesitariam em contar a eles sobre meu roubo, se fosse pega. Eu não conseguia imaginar o castigo que receberia por estar aqui.

Contra a parede atrás da mesa de mil libras havia uma enorme estante de mogno cheia de livros mágicos. Só me atrevi a levar alguns segundos preciosos para escolher um. Minhas mãos tremiam quando selecionei um livro escuro com capa de couro com as palavras 'Feitiços de Sangue' gravadas na coluna. Não sei se teria as respostas necessárias, mas foi um começo.

Vesti meu equipamento de montaria e fui para os estábulos. Andar a cavalo era a única atividade que às vezes permitiam, e como não estavam por perto para perguntar, achei que estava tudo bem.

Depois de selar minha égua cinzenta, Storm, fui para a floresta, apesar do céu ameaçar a chuva. Meus pais possuíam mais de cem acres, todos particulares, sem sinais

de invasão. Eu sabia apenas metade do que acontecia naquela floresta; a outra metade eu não queria saber. Meus pais não apenas deram festas para humanos, mas também para aqueles no poder entre criaturas sobrenaturais. Aquelas festas estavam sempre do lado de fora, no fundo da floresta e à noite. Eu os evitava a todo custo.

Quando cheguei a uma clareira ao lado de um riacho raso, diminuí a velocidade de Storm. Durante os meses mais frios, este era o meu lugar favorito. A grande brecha no dossel das árvores normalmente deixava entrar a luz solar suficiente para aquecer o chão. Puxei um cobertor pesado e o espalhei sobre a grama morta, esperando que o sol aparecesse com o passar do dia.

Com o livro de feitiços na mão, deitei lá e enterrei meus pés embaixo de uma dobra no cobertor. Fazer isso me lembrou Madelyn, e respirei fundo inesperadamente. Ela costumava me trazer aqui e praticar magia sem a influência de meus pais. Eu usaria minhas habilidades para ajudar a cultivar a floresta, curar animais, criar beleza. Essas sessões foram inestimáveis quando criança, porque impediram meu coração de endurecer.

Eu só tinha lido algumas páginas quando um vento suave soprou meu cabelo para longe do meu pescoço. Estava

surpreendentemente quente, dada a estação, e fechei os olhos, aproveitando o calor.

Fiquei tensa quando o ar ficou mais concentrado e a leve brisa mudou para uma suave carícia na nuca e na direção dos meus seios, tirando o fôlego. Chupei ar e me sentei, meus olhos se arregalando e meu pulso acelerado.

Examinando as árvores e todas as suas muitas sombras, fiquei surpresa ao ver Boaz encostado a uma árvore do outro lado do riacho, os braços cruzados contra o peito. A parte mais escura da floresta o banhava em tinta escura e, no entanto, ele se destacava entre o negrume. Quando nossos olhos se encontraram, meu batimento cardíaco tropeçou em si. Eu podia sentir o poder oculto por trás da superfície brilhante de seus olhos.

— O que está fazendo aqui?

— Você não deveria estar aqui sozinha — disse ele, sua voz tensa. Nem um pouco doce como tinha sido na noite anterior. Hunwald, o lobo, ficou absolutamente parado ao seu lado.

— Não é da sua conta. — Afastei os olhos dele e foquei no livro de feitiços no meu colo. Era a única maneira de desacelerar a dolorosa pulsação do meu coração. — Estou perfeitamente bem sozinha, e se não se importa, é assim que gostaria de ficar.

— Que tipo de cavalheiro seria se deixasse uma donzela sozinha na floresta grande e ruim? — Suas palavras eram divertidas, mas seu tom ainda era agudo.

— Posso garantir que não é um cavalheiro e, portanto, não é obrigado a agir como um. — Continuei fingindo ler, mas depois de um minuto, sob a intensa pressão de seu olhar, abaixei o livro e disse com mais força: — Por favor, vá embora.

— Eu te disse. Não vou deixar você sozinha.

Fechei o livro.

— Por que não?

— Ouvi dizer que sua vida estava em perigo.

— Perigo? Do que está falando? — Apertei meus lábios, pensando seriamente. Talvez meus pais tenham chegado em casa mais cedo e perceberam que tinha desaparecido. Eles definitivamente ficariam chateados se soubessem que fui saí sem permissão. E se eles notassem que o livro estava faltando? Uma onda de náusea tomou conta de mim.

— Você não parece tão bem — disse ele, aproximando-se de mim. A preocupação encheu seu olhar pesado.

— Eu tenho que ir. — Rapidamente reuni meus pertences, rezando para que meus pais ainda estivessem fora.

— Eu deveria acompanhá-la até em casa — Boaz insistiu.

Ele apareceu ao meu lado tão de repente que tropecei em Storm. Boaz agarrou meu braço para me firmar. Com o toque, um choque de calor passou por mim, me deixando tonta.

— Eu insisto. — Ele olhou para a mão no meu braço como se sentisse a mesma coisa.

Relutantemente, retirando meu braço, balancei minha cabeça e subi nas costas de Storm, meus pensamentos divididos entre Boaz e chegar em casa.

— Eu vou ficar bem.

Antes que ele pudesse responder, cutuquei o intestino de Storm, forçando-a a agir. Ela galopou para longe, seus cascos cavando a terra. Meu batimento cardíaco combinava com o ritmo, bum-bum, bum-bum, uma e outra vez. Eu ainda podia sentir o toque ardente de Boaz na minha pele. Bum-bum, bum-bum. Sua carícia deslizando em direção aos meus seios, sua língua contra a minha orelha. Bum-bum, bum-bum.

Puxei as rédeas, trazendo Storm para uma caminhada lenta. O que estava errado comigo? Olhei por cima do ombro, esperando ver Boaz, mas estava sozinha. Eu não deveria ter esses sentimentos, mas não podia negar que havia algo que

me atraiu para ele. O ar zumbia em sua presença, eletrificou minha pele e vibrou meus nervos. Era como se a mágica dentro de mim estivesse reagindo a ele, como se ele fosse metal e eu, um ímã.

Storm parou abruptamente, me tirando dos meus pensamentos. Ela bateu os pés e bufou.

Eu dei um tapinha em seu pescoço largo.

— O que é, garota?

Sem aviso, ela empinou e perdi o equilíbrio. Caí no chão, os braços estendidos para diminuir minha queda, mas assim que minha primeira mão tocou o chão, o osso estalou. Eu gritei e rolei, parando apenas quando minha cabeça bateu em uma pedra. Atordoada, alcancei a parte de trás da cabeça com o meu braço bom e senti algo quente e úmido. Movi a mão na frente dos meus olhos e prendi a respiração. *Sangue*.

À minha direita, um movimento não natural chamou minha atenção. Algo em forma de homem com a pele branca acinzentada da cabeça aos pés saiu de trás de uma árvore. Seu peito era anormalmente grande em cima das pernas magras. Cada costela abaulada parecia prestes a arrebentar de sua pele de couro. Os cabelos e olhos arregalados brilhavam um branco brilhante; apenas seus lábios eram de um cinza escuro. A criatura mancou desajeitadamente em

minha direção, mudando em surtos irregulares. Não havia nada de particularmente assustador em seu rosto inexpressivo, mas suas intenções nublavam e escureciam o ar ao seu redor.

Ele queria me matar.

CAPÍTULO 6

Corri para trás no chão, longe da criatura cinzenta cujos passos eram extraordinariamente longos. Seu lábio superior se transformou em um rosnado, revelando dentes afiados, e os enrugou como um cão raivoso. Minha mente disparou, tentando lembrar qualquer tipo de feitiço que pudesse usar contra ele, mas minha cabeça estava mais cheia de dor do que quaisquer pensamentos úteis.

Ele estava quase em cima de mim quando do nada um borrão escuro atingiu o monstro, lançando seu corpo acinzentado no ar. Quando a fera voltou à terra, reconheci meu salvador. *Boaz.* Ele pegou a criatura nos braços e bateu suas costas na coxa. Rolou a figura mole da perna e, antes que o corpo atingisse o chão, Boaz estava ao meu lado.

— Você está bem? — Ele perguntou. Suas sobrancelhas se uniram firmemente, sombreando os túneis escuros que me encaravam.

Palavras eram ainda mais difíceis de acessar do que meus pensamentos.

— O que, Eve?

Queria dizer que estava bem, mas meus olhos se fecharam. Eu os forcei a abrir novamente e tentei me sentar.

— Deixe-me te ajudar — disse Boaz. Alcançou meus ombros, mas parou de repente. Ele deve ter visto ou cheirado

o sangue, eu não podia ter certeza de qual. Muito gentilmente, ele virou minha cabeça para o lado e afastou o cabelo para examinar a ferida.

Seu rosto se contorceu de raiva, mas ele não disse nada. Em vez disso, se levantou e voltou ao monstro sem vida que havia matado. Com um chute forte, ele o lançou voando para o topo de uma árvore. Os galhos gemeram sob o peso até que se quebraram, e o monstro caiu. No caminho para o chão, os galhos rasgavam sua pele de couro, expondo uma substância negra que escorria como piche das feridas.

A última coisa que lembrei antes de perder a consciência foi Boaz me pegando e me embalando em seu peito.

***

Abri os olhos, piscando várias vezes. Eu estava de volta no meu quarto. As cortinas vermelhas em volta da minha cama de dossel estavam fechadas, exceto por uma pequena brecha no canto onde as cortinas se encontravam. Eu não sabia dizer se era dia ou noite; alguém abriu as cortinas nas minhas janelas.

Eu estava prestes a gritar, esperando que Jane estivesse por perto, mas rapidamente fechei minha boca quando ouvi a voz de Boaz:

— Este não é o caminho. Você a machucou.

Ele falou baixo, mas o tom agudo de sua voz era como se estivesse gritando. Ele não estava muito longe, sua silhueta escura pairando sobre a de Erik.

— Sable já cuidou disso — disse Erik. — Por enquanto.

— É melhor você estar certo. — Boaz atravessou o quarto até minha cômoda e pegou algo pequeno em cima.

— Ela é inútil para nós, Boaz — disse Erik. — Você sabe disso. Meu pai nos deu permissão.

Boaz largou o que estava olhando e, rápido como um raio, atravessou a sala segurando Erik pela garganta.

— Você não vai tocá-la sem a minha permissão, entendeu? — Ele não respondeu, mas presumi que Erik devia ter concordado, porque Boaz disse: — Ótimo. E espero que Sable também obedeça.

Ele soltou Erik, que tropeçou para trás.

— Agora nos deixe — ordenou Boaz.

Depois que Erik fechou a porta, Boaz se moveu para o lado da minha cama e puxou as cortinas. Fechei os olhos rapidamente e resisti à vontade de engolir. Quem era essa criatura que estava dando ordens aos meus pais? Seu controle sobre os dois me assustou e me excitou.

— Você não pode me enganar, amor. Ouvi seu batimento cardíaco acelerar momentos atrás. — Ele pegou minha mão e acariciou-a com uma pressão firme que

explodiu todos os nervos que terminavam em meu corpo inteiro. Eu queria implorar para ele não parar, mas, em vez disso, o soluço que estava tentando escapou. O som alto parecia ecoar por toda a sala.

Não ousei abrir os olhos por medo de me perder nele. No começo, ao ouvi-lo falar, um profundo desejo doeu dentro do meu peito, mas o que isso significava? Por causa de sua associação com meus pais, era alguém que deveria evitar a todo custo, mas a profundidade de seus olhos, a voz aveludada e a maneira como seu toque tirou meu fôlego me fizeram esquecer o mal que certamente deve existir sob o exterior perfeito.

Seus dedos roçaram o lado da minha bochecha. — Se você não abrir os olhos, — ele respirou, subitamente a centímetros do meu rosto — então serei forçado a beijar você."

Eu vacilei apenas por um momento, imaginando como seria sentir seus lábios contra os meus, mas a parte racional da minha mente finalmente rompeu a névoa. Eu abri meus olhos.

Boaz se inclinou para trás, uma leve carranca no rosto antes de sua boca se curvar em um sorriso.

— Outra hora.

Eu olhei para o outro lado, para esconder o calor ardente em minhas bochechas. No canto da sala, tranquei os olhos com Hunwald.

— Ele vai a todo lugar com você?

— Absolutamente. Hunwald e eu somos inseparáveis.

Ao som do seu nome, Hunwald correu para Boaz, mas ele manteve os olhos fixos em mim.

— Eu não acho que ele gosta de mim.

— Hunwald não gosta de ninguém.

— Isso é reconfortante. Ele tem que estar aqui?

Boaz olhou para mim e depois para Hunwald. Ele apertou os lábios como se estivesse decidindo. Finalmente, disse: — Ele pode esperar lá fora.

A cabeça espessa de Hunwald sacudiu na direção de Boaz como se ele entendesse. Boaz apontou para a porta, mas Hunwald olhou teimosamente para trás. Boaz fez um gesto novamente com um pouco mais de força. Desta vez, o lobo se virou e saiu da sala, mas não sem me lançar um olhar perigoso.

— Cão amigável — eu disse.

— Ele não é um cachorro, e não o tenho por que é amigável.

Suspirei e tentei me sentar, mas uma faixa apertada no meu braço dificultou. Eles devem ter colocado em mim enquanto estava inconsciente.

— Isso é realmente necessário?

— Seu braço estava quebrado. Claro que é necessário.

— Mas quase não há dor — disse, movendo o braço.

— Você tem que agradecer sua mãe por isso. Ela pode fazer as coisas mais incríveis com jasmim.

Eu fiz uma careta.

— Você não gosta de jasmim? — Perguntou Boaz.

— Não suporto.

— É porque sua mãe ama, ou há outro motivo?

— Isso importa? — Estendi a mão para arrancar o curativo da minha cabeça, mas parei. Meus olhos brilharam para Boaz.

— O que? — Perguntou.

— É difícil para você estar perto do meu sangue?

Ele sorriu.

— De modo nenhum. Estou aqui há tempo suficiente para que meu desejo por sangue seja semelhante ao que você pode sentir em relação ao chocolate.

— Apetitoso — disse, e tentei não fazer careta enquanto desenrolava o curativo. Não parecia tão bom quanto meu braço. — Quantos anos você tem, afinal?

— Velho o suficiente para saber quando uma pessoa não está segura em sua própria casa. Aquele diablo quase te matou.

— Diablo? — Não estava familiarizado com o nome.

— Diablo é um demônio que assumiu o controle de um corpo humano. Sua presença não natural mata lentamente o corpo humano, fazendo-os parecer um cadáver. Eles são impiedosos e determinados. Se alguém foi enviado para matá-la, mais virão.

— Não entendo. Por que eles querem me matar?

Boaz recostou-se na cadeira.

— Eu tenho duas teorias. A primeira é que alguém da nossa espécie enviou diablos para matá-la. Você é menos ameaçadora se estiver morta.

Isso me surpreendeu.

— Como sou uma ameaça para alguém?

— Você é a filha das bruxas mais poderosas que já existiram.

— Mas não sou como meus pais. — Eu estremeci. O pensamento de demônios atrás de mim era assustador o suficiente, mas ser comparado aos meus pais era ainda mais aterrorizante.

— Você está certa. Você não é nada como eles. Você é muito maior.

Eu balancei minha cabeça para descartar o que era, em minha mente, um elogio vazio.

— E sua segunda teoria?

Boaz desviou os olhos.

— Seus pais. Eu acho que eles os enviaram.

Balancei minha cabeça lentamente.

— Eles não fariam isso.

— Talvez, mas preciso ter certeza. — Ele ficou de pé. — Deveria deixar você descansar.

— Ainda não — disse, querendo que ele explicasse mais. É verdade que meus pais eram horríveis, mas matar sua única filha, sua única herdeira? Certamente tinha algum valor além das minhas habilidades mágicas. Engoli o vômito que vinha pela minha garganta.

— Feche os olhos e durma, amor. Preciso falar com seu pai e depois voltarei.

Boaz saiu e a sala parecia esmagadoramente vazia sem ele. Depois de quase uma hora, joguei as cobertas para trás e me levantei. Minha cabeça latejava, mas dificilmente o suficiente para me manter na cama. Alisei minha camisola longa e preta e fui até a cômoda para ver o que Boaz estava olhando.

Vários itens estavam espalhados pela superfície de madeira escura. Eram os mesmos que estiveram lá nos

últimos dez anos. Uma boneca de porcelana de aparência grotesca, uma gárgula de cerâmica e uma caixa de música que tocava uma música que não era feliz nem agradável. Nenhum deles representava beleza e amor. Eles eram todos lembretes constantes da tentativa de meus pais de tornar meu coração tão negro quanto o deles. Apenas os ensinamentos particulares de Madelyn me mostraram outra maneira de ser.

Observei os itens restantes. Apenas um estava fora do lugar: uma fotografia de mim, sem moldura, tirada meses atrás nos arredores de nossa casa. Jane havia capturado com o celular e me dado de presente. Era a única foto que tinha de mim mesma.

Depois de deslizar a foto na gaveta de cima, fui até a janela e abri as persianas com meu braço bom. Era mais tarde do que pensava. O sol se agarrava obstinadamente ao horizonte, já que as nuvens anteriores haviam desaparecido, mas a noite logo seguiria seu caminho. Isso me fez pensar em Boaz. Eu não pensava que os vampiros poderiam estar acordados durante o dia. Gostaria de ter pensado em perguntar a ele.

Descansei a testa contra o vidro frio. As trevas já haviam atingido a borda da floresta. Pelo canto do olho, notei um

movimento familiar. Meu coração pulou uma batida, várias na verdade.

Mais duas criaturas cinzentas, diablos como Boaz as chamara, estavam entrando e saindo das árvores. Eles vagavam aleatoriamente, seus corpos tremendo em jorros irregulares. Eles pareciam estar esperando por algo... ou alguém. Como se sentissem meus pensamentos, suas cabeças se sacudiram na minha direção, os olhos totalmente brancos.

Um calafrio surgiu em minha pele. Afastei-me da janela e entrei em Boaz. Seus braços vieram ao meu redor. Respirei fundo ao sentir seu corpo pressionado contra o meu.

De costas para ele, sussurrou em meu ouvido:

— Eles não vão te machucar. Enquanto eu estiver perto, ninguém mais irá machucá-la novamente.

Sua respiração no meu pescoço fez com que eu não pudesse falar, respirar ou ouvir qualquer coisa fora do meu batimento cardíaco doloroso. Ser segurada assim não era nada que eu já tivesse experimentado antes. Era quase impossível resistir.

Mas tinha que tentar.

Eu me virei, com os joelhos fracos, e disse com tanta força quanto pude reunir: — Posso cuidar de mim mesma.

— Como você fez esta manhã? — Boaz passou por mim até a janela e fechou as persianas. — Aprenda a usar magia, e então será capaz de se cuidar.

Poderia usar magia, queria dizer; mas não ia contar isso a Boaz. Ainda não tinha certeza de onde estava sua lealdade. Sentei-me à minha penteadeira para procurar nas gavetas.

— Como você consegue estar acordado durante o dia? O sol não é seu inimigo?

— Tenho idade suficiente para que o sol não force mais meu corpo a dormir pesado, mas ainda pode me queimar se entrar em contato direto com ele. Por que quer saber? Você está pensando em me matar?

Tentei esconder meu sorriso.

— Possivelmente.

Finalmente encontrei o que estava procurando: um abridor de envelopes comprido e afiado. Enfiei a faca de prata sob a faixa no meu braço e empurrei para cima. Rasgou em dois e caiu no chão. Além de meu braço estar vermelho do aperto, estava completamente ileso.

— Vamos dizer então, — comecei pensando nas palavras anteriores de Boaz — que sou capaz de usar a magia para me proteger. Como vou saber que não vou me perder no processo? Vi como a magia mudou as pessoas que entram no mundo dos meus pais e nunca foi para melhor.

— Nada é preto ou branco, amor. A vida é cheia de cinza. Você mudará de qualquer maneira necessária para se ajustar ao seu ambiente e, em pouco tempo, precisará de todo o poder que puder obter.

Eu levantei meu queixo.

— Não vou usar magia.

Suas narinas se alargaram e ele pegou um livro na minha estante, que estava escondido atrás de um dos livros aprovados pelos meus pais. Não sei como ele sabia que estava lá. Ele jogou na cama.

— Você está desperdiçando seu tempo e talento, e isso é repugnante.

Levantei-me abruptamente, derrubando a cadeira em que estava sentada. A magia rugiu acordada dentro de mim.

— Como ousa? Você não sabe o que eu tive que suportar morando com aqueles... — lutei para encontrar as palavras certas — aquelas pessoas que têm a coragem de se chamar pais.

Boaz sorriu ironicamente, seus olhos dançando.

— Então pare de suportar! Talvez então possamos começar a nos divertir.

— Saia — exigi.

— Você terá que fazer melhor do que isso.

— Eu disse, sai daqui! — Apontei para a porta, que se abriu ao meu comando silencioso e bateu na parede atrás dela, deixando um buraco. Me encolhi, aterrorizada. Naquele pequeno momento, quando me permiti odiar, a sala ficou fria e a luz escureceu. Até o cheiro floral ficou amargo.

Boaz riu.

— Não foi maravilhoso? — Ele foi até a porta e a inspecionou. — Surpreendente! Você nem precisou tentar. Sabia que tinha isso em si.

— Por favor, vá embora — disse, mal acima de um sussurro.

A expressão de Boaz escureceu.

— Se isso é o que quer. Vejo você amanhã.

Ele tentou fechar a porta ao sair, mas ela se fechou torta. A dobradiça superior havia quebrado.

Caí na cama, chocado com o que tinha feito. E se Boaz contasse aos meus pais? Rolei e cobri minha cabeça com um travesseiro. Boaz tinha causado isso. Ele me fez sentir ódio, a única emoção que sempre tentei conter, e conseguiu fazer isso depois de me encontrar apenas algumas vezes.

Ainda sentia aquela magia zangada formigando dentro de mim, correndo pelo meu sangue como lava quente, escurecendo meus pensamentos. Se tivesse nascido normal, o sentimento de ódio assim seria tão forte? A emoção

dominou, enchendo até o ponto em que doía fisicamente, e a única maneira de aliviar a dor era expulsá-la através da magia.

Precisava ficar longe de Boaz.

Durante toda a noite, joguei e me virei, minha mente torturada com sonhos de morte e destruição. Boaz estava lá, o condutor preto, sorrindo e liderando a sinfonia da carnificina. Eu não conseguia escapar dele enquanto dormia.

— Eve — ouvi sua voz dizer. A sinfonia tocou mais alto. — Eve, acorde!

Sua imagem deixou meus sonhos e apareceu diante de mim. Incerta de onde estava, recuei de medo. Esfreguei os olhos, mas quando os abri novamente, Boaz ainda estava lá, parecendo mais diabólico do que nunca. Seu cabelo desgrenhado estava preso em um rabo de cavalo solto. Vários fios caíram em seu rosto como se estivesse correndo apenas momentos antes.

— O que você está fazendo aqui de novo? — Perguntei, sentando-me. Eram apenas oito da manhã.

— Nunca saí.

Franzi minha testa.

— Estava indo, mas surgiu um problema. Eu tenho tentado decidir a melhor forma de lidar com isso.

— Que tipo de problema?

— Os diablos — respondeu. Atravessou o quarto até a janela e abriu as persianas para espiar.

— Eles ainda estão lá fora? — Joguei as cobertas para trás e saí do calor da cama.

— Sim, e se multiplicaram exponencialmente. É apenas uma questão de horas antes que eles entrem em casa.

— Por quê?

Ele se virou tão de repente que tropecei de volta.

— Eles estão vindo para você. Para te matar.

CAPÍTULO 7

— Me matar? — Meu coração disparou. — Erik e Sable.

— São os que os convocaram — concluiu. — Confirmei. Eles dispensaram os funcionários e foram embora horas atrás. Sou tudo o que resta.

— Não acredito em você. Eles não me matariam, não depois de tudo o que me fizeram passar. — Mas enquanto dizia as palavras, a dúvida atormentava meus pensamentos. E daí se eles tivessem esgotado inúmeras horas tentando me fazer ficar maior do que aparentava? Para provar que sabia mais magia além de um Adepto? Eu

Nunca lhes dei o que eles queriam. Mas eles me matariam por isso?

Boaz olhou pela janela.

— Discuti com eles até altas horas da noite, eles lavaram as mãos de você; disseram que era um desperdício para a espécie deles e um constrangimento. Até o pai de Erik, seu avô, concordou. Todos a querem morta.

Minhas pernas enfraqueceram e caí na minha cama.

— Nunca conheci meu avô. Por que alguém que nem conhecia me quer morta?

Ele parou na minha frente.

— Você precisa vir comigo. É sua única chance de sobreviver.

— Para onde iremos?

— Apenas arrume algumas coisas e se vista. Esteja pronta em cinco minutos — disse e saiu da sala.

Eu fiquei lá, atordoada. *Sair?*

Por um minuto inteiro, não me mexi, mas após o choque inicial, um novo pensamento se revelou como um presente novo e brilhante. Não precisava mais ficar aqui. Eu não precisava mais ver meus pais. Estava livre se eles me queriam morta, certamente o feitiço em torno da propriedade havia sido quebrado, mas se não estivesse... pensei em Boaz. Ele me protegeria. Os enfrentaria como havia feito antes. Eu esperava, pelo menos. Ele parecia ter um interesse genuíno por mim. Para que finalidade, apenas o tempo diria.

Fiz as malas rapidamente, minha mente processando diferentes cenários. Poderia sair com Boaz e possivelmente convencê-lo a me dar algum dinheiro. Talvez até me deixasse na estação de ônibus. E se não fizesse nenhuma dessas coisas, talvez me deixasse trabalhar para ele fazendo ... o que exatamente? Eu não sabia nada sobre ele.

Coloquei meu jeans favorito. Poderia descobrir isso mais tarde. Pelo menos nunca mais precisaria ver meus pais. E

estaria viva, graças a Boaz. Mas por que ele estava me ajudando? Eu teria que ter um cuidado extra com ele.

Estava apenas terminando de vestir um suéter sobre a minha cabeça quando ouvi: — Você é uma obra de arte.

Pulei e me virei. Boaz estava sentado no canto de uma pequena cadeira, escondido nas sombras. De alguma forma, se esgueirou de volta para o quarto, e meu rosto ficou vermelho, imaginando o quanto tinha visto.

Engolindo em seco, disse: — Estou pronta.

— Bom. Os diablos estão crescendo em números enquanto falamos.

— Como sabe?

— Eu posso sentir isso, e você também.

Balancei minha cabeça.

— Mas não consigo sentir nada.

Boaz apareceu atrás de mim, tão fluido quanto a água de uma torneira.

— Feche os olhos, amor — ele sussurrou no meu ouvido. A respiração de seus lábios aqueceu a pele do meu pescoço, fazendo-me sentir tonta. Um braço envolveu minha cintura, me puxando para ele, e o outro se moveu lentamente para o lado do meu pescoço, onde os dedos esfregaram a minha orelha e voltaram para minha clavícula. Quase gemi de prazer.

— Concentre-se no diablo — ele disse. — Aquele que tentou tirar sua vida. Imagine que criatura vil ele era e como merecia morrer.

Uma névoa escura nublou minha mente racional, e eu obedeci. Lembrei-me do diablo na floresta, uma vez que se aproximara de mim com malícia no rosto. Lembrei-me de como Boaz bateu nele, matando-o em segundos. Fiquei feliz por estar morto. Ele mereceu.

Inspirei profundamente, deixando o ódio pelo diablo preencher meu ser. O cheiro na sala mudou para o de carne podre, mas não desisti. Empurrei minha consciência para a floresta além e procurei as criaturas podres. Não muito longe, os encontrei movendo-se esporadicamente em movimentos circulares e irregulares. Não havia ordem para seus movimentos, mas sua marcha sem graça se aproximou lentamente da casa. Havia pelo menos cinquenta.

Soltei o ar e abri os olhos. A sala estava mais escura do que lembrava, e as cores eram opacas, como se tivesse entrado em um mundo totalmente novo.

— Há tantos deles — sussurrei, vacilando com o meu novo ambiente.

Boaz retirou a mão da minha clavícula.

— Sabia que os veria.

— Por que o quarto está tão escuro? — perguntei.

— É o reflexo do verdadeiro poder. Acostume-se a isso.

— Eu não gosto disso.

Boaz me virou.

— Neste momento, não ligo para o que gosta. Eu preciso que seja forte para sair daqui. Vai ter que lutar. — Ele pegou minha mão e me puxou para fora da sala, pegando minha bolsa enquanto seguíamos.

Luta? Nunca tinha lutado com nada antes, não fisicamente, de qualquer maneira.

O ritmo de Boaz era tão rápido que mal consegui me manter em pé.

— Mas você não é forte o suficiente?

— Não como você. — Ele continuou a me puxar pelos longos degraus para o hall de entrada. Meu pulso doía por seu aperto forte.

— Por favor, pare, Boaz. Não quero fazer isso!

Ele não diminuiu a velocidade.

— Olhe lá fora, Eve. O sol está fora. Já tomei algo que me protegerá, mas não vai durar muito e não estarei com toda a minha força. Não posso lutar com eles sozinho. Pelo menos me ajude a salvar *sua* vida.

Eu tentei resistir ao seu aperto, mas ele era muito forte. Ele me empurrou pelas portas da frente e recuou quando a luz do sol da manhã tocou sua pele. Abaixou a cabeça e

continuou a me arrastar em direção a um carro preto estacionado na entrada circular.

Boaz abriu a porta do passageiro e jogou minha mala nas costas.

— Entre.

Hesitei um momento antes de deslizar no banco do passageiro. Eu queria deixar este lugar mais do que tudo, mas estava com medo de lutar contra essas criaturas. A única maneira de fazer isso era se usasse magia.

Boaz deu a volta no carro e pulou no banco do motorista.

— Eu não posso fazer isso, Boaz.

— Fazer o que? — Ele disse, ligando o carro.

— Use magia. Não vou fazer isso. — Eu não quero sentir aquele cheiro horrível ou ver o mundo escurecer novamente. A essa altura, já havia voltado ao normal.

— Você prefere que eles te matem? Mate-nos?

Olhei em volta freneticamente.

— Não podemos seguir outro caminho, contorná-los, talvez?

Boaz cerrou os dentes.

— Não importa para onde vamos. Eles vão te encontrar. Você deve lutar com eles agora. Eles devem ver o seu poder, ou sempre te caçarão.

Lágrimas surgiram nos meus olhos. Esfreguei a palma da mão no meu peito, como se pudesse diminuir o aperto que sentia.

— Não posso fazer isso!

Sem aviso, Boaz me agarrou atrás do pescoço e me puxou em sua direção. Seus lábios esmagaram os meus e sua língua forçou minha boca a abrir. Uma raiva incontrolável cresceu dentro de mim até que tudo que podia fazer era forçar o poder a sair. As janelas laterais do carro quebraram em mil pedaços.

Boaz me soltou.

— Assim é melhor.

Ele pisou no acelerador, impulsionando o carro para frente.

Segurei a lateral da porta, com os nós dos dedos brancos e lutei para respirar. O mundo escureceu novamente, e um cheiro amargo e podre ardeu no interior do meu nariz. Um poder mágico escuro, mais do que podia conter, sangrava de mim como uma força invisível, tornando as árvores negras no momento em que meu olhar as tocava. Fechei os olhos e respirei fundo algumas vezes, tentando voltar a um estado sem emoção. Parte da raiva deixou, mas não muito.

O ar soprava das janelas sem vidro, chicoteando os cabelos em volta do meu rosto. Abri os olhos. Boaz estava olhando para frente com determinação sombria, mas estava sorrindo como se soubesse algo que não sabia.

Ele seguiu pela esquina seguinte, as rodas traseiras do carro derrapando fora de controle. Rapidamente girou o volante na direção oposta, forçando o carro de volta à estrada.

— Eles estão logo à frente — disse, sentindo a presença de muitos diablos.

— Vou tentar passar por eles, mas se eles nos atacarem, deve lutar para matar.

Meu estômago afundou em um lugar que não era para ser, e mal podia me conter para não vomitar.

— Eu não posso matar!

— Isso é para salvar sua vida! Esses demônios não terão pena de você.

O medo substituiu minha raiva, e pensei em pular do carro em alta velocidade para fugir, o tempo todo sabendo que não chegaria tão longe antes que os diablos me alcançassem. Se começasse a matar, não importa o monstro, isso não me faria parecer com meus pais?

— Segure-se! — Disse Boaz.

À frente, os diablos bloqueavam a estrada. A maioria deles parecia um cadáver, mas alguns ainda pareciam humanos. Eles tinham cabelos, irregulares como eram, e um toque de bronze na pele. Pela primeira vez, todos ficaram assustadoramente imóveis, com as costas curvadas, as mãos apertadas.

Boaz pressionou o acelerador, tentando empurrar seu bloqueio. Os primeiros que atingimos ricochetearam no carro com um baque doentio, mas depois colidimos com um que não se mexia. A traseira do carro levantou do chão, jogando minha cabeça para frente. Antes que pudesse reagir, Boaz estava do lado de fora, lutando contra os diablos mais próximos.

Eu me atrapalhei com a porta, meus dedos procurando pela fechadura. Meu único pensamento era mantê-los fora, e eu dentro, com segurança, uma ideia irracional, considerando que eu apenas explodi todas as janelas.

À minha esquerda, Boaz tentou atrair os monstros para a sombra, mas eles pareciam deliberadamente mantê-lo a céu aberto, sob o brilho do sol.

Deveria ajudá-lo. Afinal, ele ajudou a me salvar.

A magia negra ainda zumbia dentro de mim, vibrando logo abaixo da superfície da minha pele. Eu me senti bastante confiante de que era poderosa o suficiente para

prejudicar os números dos diablos, pelo menos o suficiente para nos afastarmos. Mas tinha medo de que, se usasse magia nessa magnitude, não seria capaz de parar. Tinha visto em primeira mão o quão viciante poderia ser, meus pais um exemplo perfeito.

Metal gemeu atrás de mim, me fazendo girar no meu assento, o pulso acelerado. Um diablo de aparência emaciada rasgava a parte de trás do carro, esticando as costas sem janelas para abrir mais. Quando havia um buraco aberto e irregular, ele pulou para dentro, as articulações dos cotovelos dobrados para trás.

Tentei desesperadamente destrancar a porta, mas minhas mãos estavam escorregadias de suor e continuavam escorregando da maçaneta.

— Não, não.

Dei um soco no carro e o amaldiçoei. Com meus batimentos cardíacos erráticos e pensamentos confusos, não conseguia me concentrar o suficiente para direcionar minha magia, mas com certeza a senti pulando dentro de mim como uma bala incontrolável.

Em pouco tempo, dedos de unhas pontudas apertaram a parte de trás da minha cabeça. Saí do carro, ofegando por ar e mal consegui me erguer antes de ser cercada por vários

demônios cinzentos, com os braços compridos e finos esticados em minha direção.

— Mate-os — Boaz gritou.

Eu balancei minha cabeça, lágrimas ardendo nos olhos e recuei para o carro. Isso não pode estar acontecendo!

Um dos diablos se lançou para mim e levantei meu braço em defesa. Meu medo, cheio de raiva, era tão grande que o poder dentro de mim se libertou e atingiu o diablo. Ele voou para trás vários metros como se estivesse chocado com eletricidade. Olhei para minhas mãos, surpresa e assustada com minhas próprias forças.

Uma mão segurou meu cabelo e jogou minha cabeça para trás, esmagando-a no topo da porta. O diablo que se arrastou para dentro do carro. Ele tentou novamente, mas caí no chão.

— Eve! — Boaz gritou. — Levante-se!

Antes que pudesse, um diablo do tamanho de uma criança correu em minha direção e subiu pelas minhas pernas. Eu tentei me soltar, mas era como se o demônio tivesse ventosas. Gritando, bati nele, mas continuou subindo até chegar ao meu peito, onde decidiu sentar e me observar com os olhos arregalados, quase como se não soubesse o que fazer a seguir.

— Mate-o! — Gritou Boaz. Ele estava na frente do carro, tentando se aproximar de mim, mas havia muitos diablos bloqueando seu caminho. Ele segurou o braço de um homem alto e o jogou em vários outros, derrubando-os.

Atrás de mim, um diablo pesado com cabelos pretos desgrenhados rastejou na minha cabeça. Tentei me afastar, mas o monstro infantil ainda estava sentado no meu peito e imóvel. Bati nele e gritei, mas meu grito foi interrompido quando enfiou um dedo frio na minha garganta, me fazendo vomitar. Era mais do que poderia aguentar.

O poder, sombrio e cruel, surgiu nos meus olhos, e no momento que encontrei o olhar do diablo, cujo dedo atualmente segurava entre os dentes, seu corpo murchou até que tudo o que restou foi uma pilha de pele de cobra. Voltei minha atenção para o demônio no meu peito. Com o mesmo olhar venenoso, afastei-o de mim.

Eu me levantei, cumprimentada por um mundo novo e sombrio, apenas para ser cercada novamente. Olhei para Boaz a tempo de testemunhá-lo estalando o pescoço de dois deles. Seu impulso me estimulou. Com um movimento do meu pulso, tirei a cabeça do mais gordo do grupo. Ele caiu no chão como um coco caído. Eu rapidamente fiz o mesmo com muitos dos outros. Seja como fosse que imaginasse a morte deles, minha mágica fazia acontecer.

Os diablos restantes hesitaram antes de se aproximar de mim novamente. Corpos se contraíram e estremeceram, e eles se entreolharam como se esperassem um comando.

Mas não esperei. Ataquei.

CAPÍTULO 8

Raiva e medo, misturados com adrenalina, me forçaram a seguir até que não conseguia mais me controlar. Um após o outro, esmaguei seus corpos, transformando-os em cinzas e fumaça e enchendo o ar com cheiros de amônia e mofo. Ou talvez fosse a minha magia negra que estava causando o cheiro horrendo.

Teria matado mais, mas congelei quando um calafrio percorreu minha espinha. Já havia sentido essa sensação muitas vezes sob os olhos acusadores de Erik e Sable. Eu me virei, procurando por eles na floresta.

Boaz, que havia conseguido destruir os diablos ao seu redor, permaneceu ereto, me observando atentamente. Queria encará-lo, mas queria muito mais encontrar Erik e Sable. Por que eles estavam aqui?

Tudo parecia errado sobre o que aconteceu. Boaz. Meus pais. Mas acima de tudo, eu. Nunca na minha vida tinha usado esse poder. Se meu corpo ainda não estivesse zumbindo de mágica, eu teria caído no chão, enojada com o que acabara de fazer.

Incapaz de localizar meus pais, voltei ao carro sem dizer uma palavra a Boaz. Precisava de tempo para pensar. Os poucos diablos restantes voltaram lentamente para a floresta, não mais interessados em mim.

Boaz caiu no banco do motorista e passou as mãos ao redor do volante de couro. — Você fez bem.

— Podemos apenas ir embora? — A última coisa que queria fazer era conversar. Como estava, já estava tendo bastante dificuldade para me acalmar. Meu corpo inteiro doía como se mil agulhas picassem minha pele, e tinha medo de que uma palavra errada me deixasse fora de controle novamente.

Boaz parecia sentir minha situação e manteve a boca fechada.

Dirigimos por várias horas pelo lado rural de Nova York. A certa altura, pensei que poderíamos ter atravessado Vermont, mas não tinha visto sinais para confirmar minhas suspeitas.

As nuvens acima ficaram grossas até que uma leve nevasca explodiu de suas costuras. O ar frio soprou através de todas as janelas quebradas, congelando minha pele, mas me recusei a reclamar. Boaz deve ter visto arrepios em meus braços, porque alcançou atrás de seu assento e pegou uma jaqueta. Quando não aceitei, ele jogou no meu colo sem dizer uma palavra.

Quando chegamos ao nosso destino, que terminava nas Montanhas Brancas, no norte de New Hampshire, consegui

me livrar da raiva. Principalmente confusão e dúvida permaneceram.

A casa de Boaz não era tão grande quanto a de onde eu vim, mas ainda era enorme e distante de qualquer vizinho, algo comum no mundo sobrenatural. O lado de fora era todo de pedra cinza com altas vigas de madeira na frente, combinando com duas portas maciças de cedro. Hunwald estava empoleirado na frente, parecendo mais uma estátua de gárgula do que um lobo. Não conseguia entender como chegou aqui antes de nós.

Saí do carro e dei um passo à frente, mas parei. O que estava fazendo? Este não era o meu plano.

Quando a mão de Boaz tocou minhas costas, pulei.

— Sua nova casa a aguarda — disse.

— Isso não é meu.

— Gostaria que te levasse de volta?

— Claro que não.

— Então para onde vai?

Olhei por seu ombro em direção a uma floresta sem fim. Não tinha mais ninguém a quem recorrer. Sem dinheiro. Sem amigos.

— Fique comigo por alguns dias — disse ele. — Dê algum tempo para descansar e elaborar um plano. Então vou te levar para onde quiser. É a sua escolha.

Inspirei profundamente. Alguns dias deveriam ser suficientes. De fato, provavelmente foi mais tempo do que deveria gastar com Boaz, que parecia compartilhar a obsessão de meus pais pelo poder.

— Por que meus pais estavam na floresta? — Soltei.

— O que você quer dizer?

— Mais cedo com os diablos. Eles estavam lá nos observando.

— Isso é impossível, amor. Eles saíram horas antes de nós.

— Antes de tudo, pare de me chamar de amor. Em segundo lugar, eles estavam lá. Eu os senti.

— *Eve* — enfatizou. — Muita coisa estava acontecendo. Tenho certeza de que confundiu isso com outra coisa.

— Eu acho que não — disse, fazendo careta.

Muita coisa havia acontecido e rápido também. Talvez algo mais estivesse na floresta conosco. Outra bruxa, talvez? Tudo o que tinha certeza era que ainda me sentia horrível com o ódio a apenas um pensamento de distância. Tinha deixado manchas de escuridão em minha mente como brasas quentes de um fogo extinto.

— Você teve uma provação terrível — disse Boaz, cruzando o limiar em sua casa. — Vamos pegar algo para comer e um lugar para descansar.

Hesitei brevemente antes de seguir. Apenas alguns dias. Tudo acabaria antes que eu percebesse.

Boaz abriu as portas em um grande vestíbulo, tão largo quanto alto. Entrei, minhas entranhas tremendo. Uma rajada de ar frio passou por mim e esfreguei meus braços, tentando não pensar que horas antes eu estava matando demônios.

— Espere aqui — Boaz instruiu antes de desaparecer atrás de uma porta à sua esquerda.

O interior da casa contrastava com a decoração dos meus pais. Era mais rústico e, lutei para encontrar a palavra certa, cruel. Foi a primeira palavra que surgiu na minha cabeça, mas não conseguia identificar o porquê. Não é como se as pinturas a óleo de várias paisagens noturnas penduradas nas paredes gritassem "quero te machucar". Na verdade, elas eram muito bonitas por conta própria, mas combinadas com o resto da decoração da casa, incluindo um lustre de cravos de prata logo acima da minha cabeça, não me sentia segura.

Em menos de um minuto, Boaz voltou, seguido por uma mulher magra com cabelos grisalhos. Seu vestido preto fazia sua pele parecer mais pálida do que realmente era. Quando meus olhos encontraram os dela, ela rapidamente olhou para baixo e não olhou para mim novamente.

— Eve, essa é Mariel. Ela será sua serva pessoal enquanto você estiver aqui e te levará para o que precisar, quando quiser.

Mariel assentiu vigorosamente.

— Não, sério — disse. — Eu posso cuidar de mim mesma. — A pobre Mariel parecia desmoronaria se fizesse mais alguma coisa.

— Eu não estava perguntando.

Antes que pudesse discutir, Boaz estava do outro lado do vestíbulo, com piso de madeira, com a mão em outra maçaneta da porta.

— Voltarei em breve. Mariel, alimente-a com o que ela desejar.

Ela estremeceu ao ouvir o nome dela, e então Boaz se foi. Esperei que ela dissesse algo, mas continuou olhando para o chão. A mão direita tremia.

— Não se preocupe com o jantar. Eu realmente não estou com fome. Poderia me mostrar meu quarto, por favor?

— Boaz disse para alimentar você — ela murmurou.

— Eu sei o que ele disse, mas não estou com fome. Foi um longo dia e só quero me deitar. — Meu tom era mais agudo do que pretendia, provavelmente um efeito colateral do uso de magia.

Mariel torceu as mãos e mordeu o lábio.

Coloquei minha mão em seu ombro, mas a removi quando se encolheu.

— Vai ficar tudo bem. Direi a Boaz que não precisava de você. Realmente, não se preocupe. Mas adoraria sua ajuda amanhã, se estiver tudo bem com você?

Pela primeira vez, ela olhou para mim, seus olhos cinzentos vibrando dentro de suas órbitas. Tentei não olhar, mas o constante deslocamento de seus olhos redondos era algo que nunca tinha visto antes.

Mariel assentiu levemente.

— Por aqui.

Esperei um segundo antes de segui-la. Talvez estivesse sobrecarregada. Ter empregados não era comum, mas era esperado para famílias no alto mundo sobrenatural. E muitas vezes, como já havia visto com meus pais, esses criados nem sempre eram bem tratados. Se esse era o caso de Mariel, precisava sair daqui o mais rápido possível. Não queria substituir um lar ruim por outro.

No andar de cima, mais pinturas de paisagens noturnas estavam penduradas nas paredes. Algumas eram cidades iluminadas pela lua, outras eram florestas pintadas no céu noturno e algumas eram fotografias em preto e branco. Não havia cenas do dia e nem uma era de uma pessoa. Isso me perturbou, mas ainda não tinha certeza do porquê.

Mariel parou na frente de uma porta de madeira no final do corredor e girou a maçaneta, revelando o quarto um pouco menor que o meu em casa, mas muito mais bem decorado. O único item em que mais me concentrei foi uma estante embutida que ocupava a maior parte de uma parede. Tinha centenas de livros.

Eu me virei para comentar sobre o quão bom isso foi com Mariel, mas ela já havia saído pela porta. Suspirei e me surpreendi desejando que Boaz estivesse aqui. Pelo menos era alguém com quem conversar.

Caí na cama, gemendo e apertando minha mandíbula. Ele me fez usar magia poderosa, mais do que já tinha antes. Era para salvar minha vida, lembrei a mim mesma. Isso foi tão ruim?

Virando a cabeça no travesseiro, notei uma porta do outro lado da estante. Por causa do tamanho imenso da estante, ela teria ficado escondida de mim quando entrei no quarto, mas do ângulo da cama, não podia perder. Levantei-me para investigar.

Dentro havia um closet, mais parecido com o quarto pelo tamanho dele, cheio de algumas das roupas mais bonitas que já tinha visto. Eu andei entre elas, meus dedos arrastando seus tecidos macios. No fundo do closet, uma

porta aberta levava a um banheiro em mármore. No centro, quatro colunas negras cercavam uma banheira enorme.

Fui até lá e liguei; água saiu disparada de uma torneira dourada em forma de cobra. Enquanto a banheira enchia, voltei ao armário para admirar uma fileira de vestidos de grife. Eu não conseguia deixar de imaginar para quem eles eram. Boaz provavelmente tinha uma, se não várias, namoradas, e provavelmente os vestidos eram para eles. Fiz uma careta, pensando no tipo de mulher que Boas se associava.

Um vestido vermelho com uma linha de diamantes na cintura chamou minha atenção. Puxei-o do cabide e segurei-o contra o meu corpo. Parecia caberia justo. O material parecia seda, mas muito mais macio. Sorri e devolvi. Depois do banho, eu experimentaria, apenas por um minuto.

A água morna, as roupas e uma sala cheia de livros eram uma distração bem-vinda do fato de meus pais terem tentado me matar. Mas havia sobrevivido e agora estava livre da ira deles. Afundei-me mais na banheira até ficar completamente submersa. Em breve estaria começando uma nova vida por conta própria. Eu emergi e alisei meu cabelo molhado com um sorriso.

Poderia ter ficado na banheira a noite toda, se não fosse pelo vestido vermelho, que me atraiu profundamente. Sequei

completamente, incluindo meu cabelo, antes de deslizar sobre minha cabeça sem sutiã ou calcinha. Seu material macio parecia um hálito quente por toda a minha pele. Uma fenda percorreu o comprimento da coxa, dando-me a capacidade de me mover livremente.

Entrei no quarto e parei na frente de espelho, ofegando de surpresa. Eu parecia real e confiante, duas coisas que nunca havia sentido antes.

É assim que a liberdade era?

Uma batida na porta me fez olhar freneticamente ao redor, tentando decidir se tinha tempo para me trocar.

— Um minuto!

Peguei o roupão da cama e estava prestes a colocá-lo quando a porta se abriu. Boaz entrou na sala. Ele havia tomado banho e trocado de roupa em calças escuras e um suéter cinza com gola em V que se agarrava ao peito musculoso.

Pressionei o roupão contra mim, tentando esconder o vestido vermelho.

— Eu disse, me dê um minuto.

— Sinto muito, pensei que tivesse dito 'Entre'.

— Claro que pensou. — Dei um passo hesitante para trás.

Os olhos dele se estreitaram.

— O que está escondendo?

Pega. Suspirei e larguei o roupão.

— Sinto muito, queria experimentar. É tão bonito.

As sobrancelhas de Boaz se levantaram.

— Não é o vestido que é bonito. É você. O vestido só complementa o que já tem.

— Independente — disse, virando-me para o banheiro. — Não é meu. Eu não deveria ter tocado.

Boaz franziu o cenho.

— Claro que é seu. Tudo isso é: o quarto, as roupas e, o mais importante — ele apertou minha mão antes que pudesse detê-lo e me puxou para uma cômoda. Estas são suas.

Boaz abriu a primeira gaveta. Deitados em veludo preto, havia todos os tipos de colares de joias. Diamantes, rubis, esmeraldas e safiras brilhavam à luz.

— Eu não entendo.

Ele fechou a gaveta e abriu outra. Estava cheio de anéis de ouro e prata, todos adornados com as mesmas pedras exóticas.

— Pertencem a você. Comprei-os para mostrar minha devoção.

Boaz se moveu para abrir uma terceira gaveta, mas o parei.

— Eu não quero tudo isso, Boaz. É muito.

Ele passou os dedos pelos meus.

— Não é o suficiente. Você merece mais.

— Sinto muito, mas não posso aceitá-los. — Soltei sua mão e me afastei.

Os cantos da boca dele se ergueram e disse:

— Então ganhe.

— O que?

— Deixe-me ensiná-la a concentrar seus poderes para que ninguém possa tirar vantagem de você novamente.

— Você está falando sobre meus pais.

— Não apenas eles. Agora que está fora do polegar de seus pais, o mundo tentará controlá-la. Se você não apresentar uma frente forte e poderosa desde o início, eles a enxergarão como fraca e vulnerável. Eu sei que não quer isso.

Ele estava certo. O pensamento de voltar a ser controlada, de ficar presa, fez meu estômago doer. Fui para a cama e me sentei, exausta.

— Erik e Sable se foram, — acrescentou ele — mas podem voltar para você. Eu não posso estar com você a cada segundo. Você deve treinar e aprender todos os diferentes níveis de magia. Aprenda comigo, Eve. Te imploro.

— Se fizer isso, seguiremos no meu ritmo e nos meus termos. — Eu queria explorar minhas habilidades para ver do que era capaz, mas não para Boaz ou qualquer outra pessoa. *Para mim.* Eu queria me tornar tão poderosa que ninguém pudesse me machucar novamente.

Ele se ajoelhou na minha frente e descansou as mãos nas minhas coxas. O material do vestido era tão fino e delicado que parecia que estava tocando minha pele nua.

— No seu ritmo, me prometa uma coisa.

— O que?

— Nos divertimos no processo. Sei como seus pais a maltrataram e como eles a mantiveram protegida. Quero mostrar-lhe o mundo e todas as coisas maravilhosas que perdeu.

Eu sorri, fingindo que não conseguia sentir como as partes superiores dos dedos não estavam pressionando minha coxa tão perto da parte mais sensível do meu corpo.

— Acho que gostaria disso.

Seus olhos escuros se fixaram nos meus, cavando profundamente dentro da minha mente até que parei de respirar. Suas mãos deslizaram para trás em direção aos meus joelhos, depois pararam.

— Há outras coisas que eu poderia te mostrar.

Mordi meu lábio, meu coração trovejando sob o vestido sedoso.

— Como o quê?

Ele lentamente abriu minhas pernas, mantendo seu olhar intenso no meu. Respirei fundo, uma linha de calor correndo direto para o meu abdômen inferior. Eu nunca tinha sido tocada por um homem antes, mas havia fantasiado bastante.

Com ele separando minhas pernas, a longa fenda no vestido expôs minha coxa nua. O ar frio esfriou meu calor ardente, e me arrependi de não colocar roupa íntima. Seus olhos caíram para o local entre as minhas pernas. Não ousei olhar para baixo para ver o que ele estava olhando. Achei que ainda estava coberto, mas o material era muito fino para ter certeza. Meu rosto ficou vermelho.

— Você é tão bonita. — Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas novamente, fazendo meu corpo inteiro tremer de prazer. Respirei uma respiração instável. Eu deveria detê-lo, mas mesmo em todos os meus sonhos, ser tocada por um homem nunca se sentiu tão bem.

Com o prazer veio a magia. Ela zumbiu em minhas veias, chocou meu sistema e iluminou minha mente. Até o ar que entrava e saía dos meus pulmões parecia elétrico.

Os olhos de Boaz vidraram quando ele também parecia estar experimentando a mesma energia. Ele inalou profundamente.

— Você sente o poder entre nós? Não é incrível?

Eu pude sentir isso. Meu corpo inteiro parecia leve, quase como se a qualquer momento pudesse flutuar. Pouco antes de seus dedos alcançarem o ponto que realmente queria que ele tocasse, Boaz retirou as mãos e se endireitou. Respirei fundo, minha boca se abrindo em decepção.

Ele sorriu conscientemente.

— Isso é apenas uma amostra do que vai experimentar comigo, amor.

CAPÍTULO 9

No dia seguinte, dormi como Boaz havia sugerido. Era estranho estar em um lugar onde não tinha restrições. Pensei que iria amar minha nova liberdade. Mesmo a ideia de usar magia não me assustava como costumava. Eu não tinha que escondê-la aqui.

Vesti as roupas mais simples que pude encontrar nas gavetas da cômoda: um par de jeans e uma camisa de seda preta. A sensação contra a minha pele me lembrou o vestido. Meu rosto ficou vermelho quando me lembrei dos dedos de Boaz nas minhas coxas. Eu esperava sentir o toque dele novamente, mas tinha que ter cuidado. Manter as coisas leves. Sem apegos emocionais. Eu tinha liberdade agora e não queria trocar isso por um relacionamento com um homem. Este era finalmente a minha hora.

Saí do quarto e segui pelo longo corredor em direção à escada, parando para espiar todos os cômodos do caminho. Eles eram todos semelhantes aos meus: móveis de madeira ornamentados, paredes ricamente coloridas, sancas e lustres, exceto por um quarto no final do corredor. Era uma biblioteca cheia de livros. Entrei e examinei as prateleiras, lendo os títulos.

— Você gostaria de tomar um café da manhã?

Eu pulei. Mariel estava na porta, parecendo tão desgastada quanto na noite anterior.

— Você me assustou, Mariel.

— Peço desculpas. — Ela inclinou a cabeça.

— Está tudo bem. Eu adoraria tomar café da manhã. Posso ajudá-lo na cozinha?

A cabeça de Mariel se levantou com a minha sugestão.

— Não, senhorita, isso não seria apropriado. Vou preparar o que quiser.

— Tudo bem então. Vou comer ovos e torradas, se isso não for demais.

— Nem um pouco — disse ela e se virou para sair.

— Mariel, Boaz está aqui? — Tentei parecer casual, mas até eu pude ouvir a antecipação em minha voz.

Sem se virar, disse: — Ele aparecerá quando estiver pronto, senhorita.

— Ok — falei. Embora Boaz tivesse dito que não precisava dormir, isso não significava que ele não queria. Depois dos últimos dois dias que tivemos, ele provavelmente estava descansando em algum lugar. Talvez o visse quando escurecesse.

Voltei aos livros, parando apenas quando encontrei um intitulado "Suave é a noite". Tirei-o da prateleira e desci as escadas para encontrar a sala de jantar. O andar de baixo

era ainda maior que o andar de cima, e me levou a percorrer vários quartos, incluindo a descoberta de uma porta trancada, antes de finalmente encontrar Mariel.

— Mariel, o que há atrás da porta trancada na ala oeste? — Eu perguntei quando entrei na sala de jantar fora da cozinha.

Mariel colocou ovos e torradas na minha frente.

— Essa é a área do mestre. Somos proibidos de ir para lá.

Mestre? Título estranho, mesmo para a nossa espécie. Eu dei uma mordida.

— Quem limpa então?

Ela deu de ombros e saiu da sala.

Comi sozinha. Além de Mariel, encontrei outras duas criadas que estavam limpando os quartos no andar de baixo. Nenhuma das meninas mais jovens tinha falado comigo, mesmo depois de eu dizer olá. Para qualquer outra pessoa, isso pode ter sido perturbador, mas estava acostumada.

Quando terminei de comer, fui direto para a porta dos fundos, dei um passo para fora antes de voltar para pegar um casaco. Nuvens escuras haviam se reunido no céu como se quisessem discutir o desejo de nevar.

Com um longo casaco de lã em volta de mim, percorri os jardins, sentindo o cheiro de rosas que teimosamente se

agarravam ao ar. Uma névoa leve cobria o chão; parecia estar interrompendo o processo natural de morte da natureza. As plantas ainda estavam verdes e flores desabrochavam. Eu me arrependi de ter deixado meu cabelo solto enquanto o vento soprava de um lado para o outro, fazendo-me limpar constantemente os fios soprados do meu rosto. Mas quando cheguei à beira da floresta, o vento diminuiu e meus cabelos voltaram ao seu devido lugar.

A floresta, não muito longe de casa, também havia sido meticulosamente mantida. Não havia galhos caídos ou arbustos cobertos de vegetação, permitindo-me entrar e sair das árvores com facilidade, mas depois de pouco tempo o céu escureceu e a temperatura caiu ainda mais, forçando-me a voltar.

Eu estava prestes a atravessar o caminho pavimentado que levava à casa quando notei Boaz cavalgando em um enorme garanhão preto com Hunwald atrás. Meu coração acelerou e mordi o fundo do lábio.

Boaz tentou parar o cavalo diretamente na minha frente, mas com pouco sucesso. O animal pisou e bufou como se nunca tivesse sido montado antes. Boaz estava lutando para ficar quieto.

— Venha comigo. Eu quero te mostrar uma coisa — disse.

— Boa noite para você também.

Boaz sorriu e puxou as rédeas, forçando o cavalo a me encarar. O garanhão preto empinou.

— Uma ajudinha aqui?

Eu ri.

— O que espera que eu faça?

— Acalme está fera antes que ela me mate. — O cavalo empinou novamente, quase o jogando fora.

Eu ri novamente e respirei fundo, trazendo magia para a frente do meu subconsciente. Era libertador recorrer às minhas habilidades com tanta facilidade e sem medo que pudesse ser pega.

— Muito bem, estou fazendo isso pelo bem do cavalo— eu disse. — Ele parece extremamente desconfortável.

— Ele parece desconfortável?

Meu sorriso aumentou e fechei os olhos. A magia que usei era uma que costumava invocar quando passava um tempo com Madelyn na floresta. Ela veio da terra e a usava para me conectar aos animais.

Meus pés formigavam como se estivessem dormindo e, lentamente, deixei a energia subir pelas minhas pernas, tomando cuidado para mantê-la sob controle. Aproximei-me do cavalo excitado e coloquei minha mão em seu pescoço.

Em minha mente, imaginei um pasto aberto cheio de margaridas brancas. No outro extremo do campo, uma manada de cavalos selvagens corria livre.

Paz, pensei, e transferi a imagem calmante para o cavalo. Debaixo da minha mão, os músculos inchados do pescoço do garanhão relaxaram. O cavalo pisou algumas vezes antes de finalmente abaixar a cabeça. Seus olhos vidraram e pararam.

Mais uma vez, o uso da magia me deu uma incrível sensação de poder. Isso me deixou tonta, mas de uma maneira agradável.

— Obrigado, amor, muito melhor — disse Boaz. — Agora que não tenho um cavalo tentando me matar, posso ser mais educado. Gostou do seu dia?

— Tem sido maravilhoso. Você tem uma casa incrível e jardins a condizer. Eu poderia passar dias explorando.

— Fico feliz que você ache satisfatório. Se não, teria que mudar tudo.

Eu ri.

— Você faria isso por mim?

— Num piscar de olhos. — Seu olhar ardente ardeu no meu.

Limpei a garganta e desviei o olhar.

— Você teve uma chance de examinar minha biblioteca? — Ele perguntou. — Tenho muitos livros sobre magia e gostaria que começasse a estudá-los o mais rápido possível.

Voltei meu olhar para ele, a emoção fluindo através de mim.

— Eu gostaria disso. Obrigado. E a faculdade?

— O que tem isso?

— Eu gostaria de participar de uma presencial.

— Parece um desperdício para alguém com seu poder, mas se é o que quer. Você pode pelo menos esperar até dominar suas habilidades? Eu gostaria de ter certeza de que pode se cuidar.

Eu pensei sobre isso. A faculdade não ia a lugar nenhum.

— Eu posso concordar com isso.

— Bom. Quanto ao seu treinamento, gostaria de começar hoje, mostrando algo especial para mim. Não vai utilizar muito da sua magia, mas exigirá que você a aplique para usos menores. Às vezes isso é muito mais difícil do que fazer com que algo exploda. Você vem comigo?

Olhei para a palma da mão aberta, me perguntando se as linhas amassadas poderiam me dizer algo sobre seu passado.

Ele franziu a testa.

— Você não confia em mim?

A culpa repentina encheu minha mente. Eu deveria confiar nele depois de tudo o que ele fez por mim, mas não conseguia tirar a voz do homem estranho da festa dos meus pais, me alertando para evitar alguém no mundo dos meus pais, para que eu não me tornasse um monstro como eles.

Mas quem era ele para mim? Nada. Alguém que provavelmente entrou na festa dos meus pais.

Eu aceitei a mão de Boaz. Ele a segurou e sem esforço me levantou na parte de trás do cavalo. Passei meus braços em torno de seu torso sólido e segurei firmemente. Para minha consternação, uma sensação crescente de zumbido vibrou em minha pele, enviando uma onda de prazer por todo o meu corpo. Eu me perguntei se Boaz também sentia, mas não estava disposto a perguntar.

Alternando entre um galope rápido e uma caminhada lenta, montamos o cavalo em terreno acidentado pela floresta escura. A área era montanhosa aqui e, em alguns pontos, o cavalo lutava para manter o pé no caminho rochoso. Quando Boaz parou em um rio veloz, uma lua cheia havia surgido no céu noturno, lançando seu brilho prateado na paisagem.

— Este lugar é incrível — disse, desmontando do garanhão.

Enormes pedregulhos cobertos de musgo mantinham o rio em seu lugar e, entre suas profundas fendas, flores coloridas cresciam. O nítido contraste de verdes contra vermelhos, amarelos e azuis era de tirar o fôlego. Andei com reverência, tomando cuidado para evitar o musgo escorregadio.

— Eu pensei que iria gostar — Boaz disse apenas um passo atrás de mim.

— Como as flores ficam florescendo com tanto tempo frio?

— É o mistério do rio.

— É lindo.

Subi o rio em direção ao rugido de uma cachoeira. Com apenas a luz da lua para nos guiar, era difícil navegar pelo terreno rochoso, mas não deixei as muitas sombras me impedirem.

— Você está vindo? — Perguntei a Boaz por cima do ombro, incapaz de conter minha emoção.

— Eu não perderia por nada mundo. — Ele sorriu calorosamente e subiu atrás de mim. Ele não lutou ao longo das pedras como eu. Era como se seus pés apenas roçassem suas superfícies escorregadias.

Quando tropecei, Boaz me pegou pela cintura.

— Cuidado, amor.

Ele pegou minha mão e me guiou pelo resto do caminho. Mais uma vez, minha pele formigou com seu toque. A sensação se espalhou para o resto do meu corpo, e meu sorriso cresceu.

Finalmente chegamos à cachoeira. Tinha pelo menos dez metros de altura, e sua névoa encheu o ar, umedecendo meu rosto.

— Você se importa de se molhar? — Boaz gritou sobre o aguaceiro.

Olhei para a água turbulenta abaixo de nós.

— Não pode querer dizer...

— Siga-me — disse ele, e me levou até o lado da cachoeira.

Quando nos aproximamos, a face da rocha desapareceu atrás das cataratas. Boaz entrou na abertura, mergulhando sob um jato de água. Tropecei atrás dele e gritei quando a água fria derramou sobre minha cabeça e camisa de seda. Com a mão livre, afastei meu cabelo molhado do meu rosto.

Boaz não disse nada, mas continuou a me puxar para o que parecia uma caverna interminável. O rugido da água ficou mais distante quanto mais andávamos. Ele parou quando ficou escuro demais para navegar.

— Gostaria que usasse magia para nos dar um pouco de luz — disse ele. — Não precisa ser muito.

Tremendo, apertei meus lábios e olhei em volta.

— Estamos cercados por rochas.

— Nada escapa a você — ele brincou.

Eu reprimi uma risada.

— Sério. Você tem algo pequeno que possa usar?

— Eu tenho algo muito grande que pode usar. De novo é de novo.

Eu bati no braço dele e ri.

— Pare. Estou falando sério.

Ele riu comigo e bateu em suas roupas até encontrar algo no bolso direito do paletó.

— Eu tenho um relógio de bolso. Isso serve?

Peguei na minha mão e esfreguei.

— Perfeito.

Fechei os olhos e foquei no relógio através do bater dos meus dentes. Minhas mãos começaram a esquentar, mas nada aconteceu. Talvez fosse porque podia sentir Boaz parado na minha frente, me observando. Meu pulso disparou.

— A mágica responde melhor às emoções — disse ele. — Então, para focar, use a emoção que você sente mais forte agora.

Essa foi fácil. Ódio. Ódio pelos meus pais. Eu nunca os perdoaria pelo que fizeram com Madelyn e sua filha.

Canalizei toda essa raiva em minhas mãos, ignorando o cheiro repentino de enxofre que picou meu nariz. Demorou apenas um momento antes de uma luz brilhante estourar, preenchendo a área ao nosso redor.

Mas não foi apenas a luz que conjurei. Estava calor. Ele se espalhou pelo vidro e cobriu nossas mãos, braços e se espalhou por nossos corpos, secando nossos cabelos e roupas tão rápido que sugou meu fôlego.

Boaz ofegou e olhou para mim com espanto.

— Essa foi uma magia extremamente avançada.

Meu rosto ficou vermelho e desviei o olhar. Eu não pretendia fazer isso também, mas era como se minha magia sentisse que estava com frio e me desse o que queria sem perguntar.

— Isso é normal? Que seja tão fácil?

— Nem um pouco, mas você é especial, criada por duas das famílias de bruxas mais poderosas do mundo.

— Criada? — Eu me encolhi, não gostando dessa palavra. Ele fez parecer que meu nascimento tinha sido algum tipo de transação comercial.

— Apenas uma palavra, amor. — Ele fechou a distância entre nós. — Você está pronta?

— Para quê? — olhei em volta. A caverna em que estávamos era menor do que eu esperava. Além de um buraco no chão à minha direita, o lugar estava vazio.

— Não é o final da caverna?

Boaz zombou.

— Nunca perderia seu tempo com isso. Aguente aí.

Ele passou os braços em volta de mim com força e, antes que pudesse protestar, ele pulou no buraco escuro.

CAPÍTULO 10

Gritei, mas meu grito foi interrompido quando pousamos em uma superfície dura.

— Onde estamos?

— É a única maneira de chegar lá — disse.

Segui o seu olhar. À frente, um tênue luar derramava dentro da caverna, preenchendo uma fenda estreita. Andei em direção a ela, ocasionalmente tendo que virar meu corpo para o lado para encaixar no espaço apertado entre as paredes de pedra. Saí da caverna. A luz da lua estava muito mais brilhante aqui, agindo quase como um holofote. Com apenas um pensamento, "desliguei" o relógio de bolso de Boaz e devolvi a ele.

— Onde estamos? — Perguntei. Estávamos cercados de pedra novamente em um buraco de seis metros de diâmetro. A grama cobria o chão, e as mesmas flores brilhantes que estavam à beira do rio cresciam em manchas coloridas. Ocasionalmente, a parede se projetava, dando espaço suficiente para mais flores e grama crescerem.

— Acho que costumava ser um antigo tubo de lava. — Ele andou pelo espaço, olhando para o céu escuro. — Deve ter sido algum vulcão.

— Quão longe estamos? — Eu me perguntei em voz alta.

— Pelo menos vinte metros. — Tirou a jaqueta. — Está com frio?

Balancei minha cabeça, meus olhos se demorando na tatuagem de cobra enrolada em seu antebraço. A tinta vermelha parecia mais brilhante de alguma forma.

— O que estamos fazendo aqui?

Ele jogou a jaqueta para o lado.

— Este é o lugar perfeito para praticar suas habilidades. Começando agora.

Ele se virou e bateu com o punho no topo da entrada pela qual tínhamos acabado de passar. A pedra se fechou, depois desmoronou sob a força do golpe, bloqueando completamente a saída.

— Ei! — Choraminguei, mas quando Boaz voltou para mim, mal o reconheci. Seus caninos grandes haviam crescido vários centímetros, e ele assobiou para mim, seu lábio superior enrolado.

Eu me arrastei para trás, minha respiração ofegando e o coração batendo contra a caixa torácica. *O que diabos estava fazendo?* A parede de pedra atrás de mim impediu de me afastar mais dele.

— Boaz?

— Lute comigo — cuspiu. Ele se mexeu para frente e para trás, parecendo muito com um gato faminto pronto para atacar.

— Não vou lutar com você!

— Lute comigo, ou vou me encher de seu sangue.

O brilho mortal em seus olhos disparou um arrepio violento na minha espinha. Eu não o deixaria beber de mim. O pensamento disso era horrível.

Sua ameaça tornou fácil invocar minha magia, que percorreu por meu corpo, alimentada pelo medo e raiva, tão rapidamente que respirei fundo. Queimou minhas veias, penetrou em meus músculos e fortaleceu meus ossos.

Boaz se lançou para mim, me afastei no último segundo tão rápido que minha cabeça girou. Eu não deveria ser capaz de me mover a essa velocidade, mas minha magia me protegeu. Ele bufou e tentou novamente, mas mais uma vez, me movi mais rápido do que eu pensava ser possível. Toquei meu coração e ri, amando esse novo sentimento de poder e o que parecia invencibilidade. Isso dominou meus sentidos e ri sem fôlego.

Boaz sorriu conscientemente, seus caninos afiados brilhando ao luar.

— Ceda às emoções que está sentindo. Isso irá alimentar seu poder. Pronta para mais?

Eu balancei a cabeça hesitante, pensando novamente em como meus pais me queriam morta, na raiva que sentia por eles, e me afastei da parede de pedra para o centro do poço. Minha mágica parecia saber o que fazer, então a abracei e foquei apenas em meus instintos crus.

Boaz disparou para mim, mas com um golpe da minha mão, mentalmente agarrei uma pedra grande e a joguei no ar. Ela bateu em suas costas e o desequilibrou pouco antes de me alcançar. Ele tropeçou em mim, mas se recuperou rapidamente e tentou novamente.

Tornou-se um jogo de gato e rato. Uma e outra vez, ele me atacava e eu me afastava. Às vezes, me movia tão rápido quanto ele ou outras vezes usava magia para fazê-lo tropeçar. Isso continuou por algum tempo.

Sem fôlego, pulei para cima quando ele deslizou para bater meus pés debaixo de mim, mas empurrei com muita força e quase bati na lateral da parede de pedra a meio caminho do poço profundo. Agarrei-me a várias pedras, as pontas dos meus sapatos mal conseguiam encontrar um ponto de apoio na parede.

Eu olhei para o céu noturno. A borda e minha liberdade não estavam tão longe. Com mais um empurrão e auxiliado pela magia, poderia me libertar e terminar o treinamento de Boaz. Eu olhei de volta para ele. Ele olhou para mim,

sorrindo com orgulho nos olhos. Algo sobre esse olhar me fez pular de volta para ele. Gostei de impressioná-lo. Isso me fez sentir poderoso e no controle.

— Pronto para ir de novo? — Eu perguntei, tentando manter minha respiração calma. Mesmo que a magia tivesse ajudado a me mover rapidamente, o movimento ainda afetou meu corpo e me deixou sem fôlego.

— Acho que podemos dar um tempo. Você se saiu incrivelmente bem. — Ele se abaixou contra o lado do muro de pedra e bateu no espaço ao lado dele.

— Honestamente, foi bom me esticar dessa maneira. — Caí no chão, afofando minha camisa do peito para esfriar. — Então, como encontrou este lugar?

— Eu acidentalmente caí.

Olhei para o tubo comprido.

— Você caiu? Como sobreviveu?

Boaz olhou para mim, levantando uma sobrancelha.

— Claro. Vampiro. Desculpa. É fácil esquecer quando estou com você. Por quê?

— Eu quero que pense em mim como um homem.

— Mas quero conhecer o verdadeiro você.

Ele se inclinou para a frente, preguiçosamente passando o braço sobre o joelho dobrado.

— O que exatamente gostaria de saber?

— Onde consegue seu sangue?

— Aceito isso de participantes dispostos.

Uma pontada de ciúme passou por mim. Por alguma razão, não gostei do pensamento dele pressionando seu corpo contra o de outra pessoa enquanto ele se alimentava. Eu rapidamente joguei o pensamento de lado. Não é como se quisesse que ele fizesse isso comigo ... queria?

— Participantes dispostos? — Eu perguntei.

— Disposto o suficiente. O que mais?

Hesitei brevemente, me perguntando se deveria pressionar a questão, mas pensei melhor. Não importa como Boaz o explicasse, nunca entenderia como alguém poderia voluntariamente dar sangue a um vampiro.

— Pode ser uma experiência extremamente sensual — disse ele como se tivesse lido minha mente. Seus olhos queimaram nos meus. — Erótico mesmo.

O calor correu direto entre as minhas pernas. Eu flexionei os músculos lá para tentar fazer a sensação desaparecer.

— Vou me lembrar disso. — Limpei a garganta e mudei de assunto. — Próxima questão. Com que frequência se alimenta?

— Tantas vezes quanto gostaria, mas poderia passar meses sem comer, se necessário.

— Quando você dorme?

— Durante o dia, é claro, mas vivi por tanto tempo que meu corpo não precisa dormir como costumava. Algo mais?

— Sim. — Escolhi minhas próximas palavras com cuidado. — O que quer de mim?

Boaz inclinou a cabeça.

— Não é óbvio?

— Me esclareça.

— Pertencemos um ao outro.

Esta não era a resposta que esperava, e fiz uma careta. Eu pensei que apenas meus pais queriam que nós nos uníssemos, e Boaz simplesmente queria me usar para... o quê? Uma namorada temporária? Claramente, não tinha pensado em seus motivos, mas nunca esperaria nada a longo prazo.

— Diga-me que não sente isso, amor — ele desafiou. — Nós fomos feitos um para o outro. O poder entre nós não será negado.

— Não nego que exista algo lá, mas isso não faz com que seja certo.

— Eu não estou falando sobre certo e errado. — Boaz disse friamente. — Estou falando de poder.

— Bem, estou falando sobre certo e errado. E está errado.

— Por que sou um vampiro?

— Em parte, mas principalmente porque você é ... mal. — Eu não tinha certeza de que era a palavra certa, mas não conseguia pensar em outro para descrever a escuridão que sentia nele.

Ele bufou.

— O mal é uma opinião. Fiz alguma coisa para fazer pensar que sou assim?

— Você me beijou sem permissão.

— Por necessidade de salvar sua vida. O que mais nos faz errados juntos?

— Bem, há o fato de que você é imortal, e eu não sou — disse, sem realmente responder à pergunta dele.

— Isso pode ser consertado.

— Para você ou para mim?

— Para você, é claro.

— Eu não tenho desejo de me tornar um vampiro.

— No entanto... — acrescentou.

— Nunca.

— Que tal simplesmente concordar em me deixar te mostrar o mundo e tudo o que ele tem para te oferecer. Seus pais negligenciaram esse grande ensinamento e, talvez, se entender como o mundo realmente funciona, poderá apreciar o poder entre nós.

— E o que tudo isso envolveria? — Eu perguntei, incapaz de negá-lo ainda. Ele despertou minha curiosidade.

— Isso envolveria aventuras, viajando para outros países, socializando com humanos de todas as culturas e aprendendo a fazer coisas que nunca pensou ser possível.

Segurei um sorriso. Nunca viajei para lugar nenhum em toda a minha vida, nunca fiz nada além de participar de partidos políticos realizados em nossa casa. Todas as fotos que eu tinha visto na televisão e na Internet. Todas as pessoas. Levaria anos, se não décadas, antes que pudesse me dar ao luxo de fazer isso sozinha.

— Por quanto tempo? — Perguntei.

— Enquanto você quiser.

Inspirei profundamente.

— E se só quiser ficar fora por uma semana?

— Então nos divertiremos o máximo possível durante esse tempo e, depois, te levarei aonde quiser. Vou até te emprestar dinheiro para o seu primeiro apartamento. Ou posso conseguir um emprego para você através de uma das minhas muitas conexões. O que quiser.

— Eu não quero um relacionamento com você — esclareci rapidamente, apesar do que meu corpo sentiu antes. — Apenas amizade.

Os lábios dele se apertaram e depois relaxaram.

— Como disse, o que quiser. Nós temos um acordo?

— Sim. — Estendi minha mão.

Ele pegou a minha e a sacudiu gentilmente. Ao toque dele, um choque de energia quente e agradável correu direto para o meu abdômen inferior. Eu queria me apegar ao sentimento, queria sentir mais disso.

Mas tinha que ter cuidado.

Eu tinha um forte pressentimento de que, se deixasse, Boaz queimaria através de mim.

***

Por volta do meio dia do dia seguinte, uma nova criada com cabelos castanhos curtos e olhos castanhos animados me acordou. Eu fiquei acordada até tarde com Boaz depois do jantar, rindo e conversando. Foi a primeira vez desde que Madelyn foi solta que tive uma conversa significativa. Eu amei.

— Olá, senhorita — disse ela. — Meu nome é Lisa, e eu vou atendê-la a partir de agora.

— Por favor, me chame de Eve. Para onde Mariel foi? — Deslizei para fora da cama e vesti meu roupão.

— O Mestre achou que ela seria mais adequada para servi-lo em outro lugar. — Suas feições eram pequenas e delicadas, com o nariz torcido. Ela parecia ter dezesseis anos de idade.

Essa palavra de novo!

— Por que todos o chamam de *mestre*? Isso não é um pouco antiquado?

Ela riu.

— Acho que sim, mas é o que ele quer.

— Você pode não fazer isso na minha presença? É estranho e meio assustador. — Fiz uma anotação mental para incomodar Boaz mais tarde. Mesmo entre aqueles no mundo sobrenatural, era uma coisa estranha de se dizer.

— Eu adoraria isso — disse Lisa, dando um suspiro de alívio. Ela entrou no meu camarim e ligou a banheira.

Eu a segui e perguntei:

— Há quanto tempo você trabalha para ele?

— Apenas alguns dias. Minha mãe achou que seria bom para a nossa família. O que você gostaria de vestir hoje? — Lisa passeava entre os muitos vestidos com aberta admiração.

— Não importa. Sua vez. Por que isso seria bom para sua família

Ela removeu um vestido floral roxo claro com tiras de espaguete.

— Porque minha família é *fae* e Boaz é o mais próximo possível da realeza por aqui. Meus pais acham que se meu

currículo mostrar que eu trabalhei para ele, terei uma chance melhor de entrar em Dartmouth.

Eu sorri, lembrando como uma vez eu queria ir para lá. Todas as criaturas sobrenaturais visavam o Dartmouth College, onde podiam encontrar outras pessoas da sua espécie. A escola de elite, localizada em uma parte remota de New Hampshire, era o lugar perfeito para passar despercebida e ainda obter uma educação respeitável.

— Mas eles vão se virar quando descobrirem que você também está aqui — continuou Lisa. — Sua família é como os kardashian do submundo.

Eu desviei o olhar, envergonhada. Se ela soubesse a verdade. Não havia nada de grandioso ou maravilhoso.

— Posso te perguntar uma pergunta pessoal? — Ela perguntou.

— Claro.

— Você está noiva de Boaz?

O calor inundou meu rosto. Não pensei em como nosso acordo poderia parecer para os outros.

— Estou aqui apenas como hóspede dele. Meus pais queriam... quero dizer, nossa casa está passando por uma grande reforma. — Terminei fracamente. Ninguém quer admitir que seus pais literalmente os querem mortos. — Está uma bagunça.

— Oh — disse ela e colocou a mão na água para verificar a temperatura. — Mas ele é bonito, não é?

— Muito.

Lisa se levantou.

— Mestre, quero dizer, Boaz, queria que te informasse que estará pronto para partir ao pôr do sol. Ele está te levando para jantar e assistir um filme.

— Realmente? Eu nunca fui. — Tirei meu roupão e entrei na banheira profunda.

A boca de Lisa se abriu.

— Está brincando, certo?

— Meus pais foram muito rigorosos.

— Uau. E pensei que meus pais eram ruins. — Lisa desapareceu no quarto, voltando momentos depois. — Vou ter comida para você quando estiver pronta.

— Não se preocupe com isso. Eu realmente não preciso de uma criada, Lisa.

— Sei, mas Boaz insiste, e algo em seus olhos me faz obedecer. — Ela fez uma pausa. — Ele já assusta você?

— Sim — admiti. — Ele me assusta muito.

CAPÍTULO 11

— Que experiência maravilhosa! — Disse quando saímos do cinema. O céu ficou escuro e o ar frio enquanto estávamos dentro. Realmente amei o filme. Foi uma aventura épica que cobriu uma viagem aos mares do sul. O herói era perfeito em todos os sentidos, desde as palavras que até a maneira como enfrentou a injustiça. Era como se eu estivesse vendo outro mundo ganhar vida onde o bem sempre prevalecia.

— Estou feliz que tenha gostado — disse Boaz. Ele me guiou através da multidão de pessoas e de volta ao carro, sua mão segurando a minha e a cabeça inclinada para mim.

Fiquei perto dele, pois havia muitas pessoas saindo do cinema ao mesmo tempo e isso me deixou nervosa. Nunca estive tão perto de tantos humanos no mesmo lugar, longe do olhar atento dos meus pais. Além de Boaz e eu, a única outra criatura sobrenatural que havia sentido no cinema era um lobisomem. Trocamos um olhar de conhecimento, mas não dissemos nada.

— Eu me sinto idiota ao dizer isso, mas sabia que esse é meu primeiro filme?

Quando a multidão diminuiu, Boaz me puxou para frente para caminhar ao lado dele.

— Eu nunca percebi o quanto Erik e Sable estavam te isolando. É uma pena a quantidade de vida que perdeu, mas entendo por que eles fizeram isso. Manter você segura é estressante.

— Me mantendo seguro? — Olhei em volta. — Dos humanos?

Ele balançou sua cabeça.

— A qualquer momento, uma bruxa, outro vampiro ou qualquer sobrenatural pode aparecer e tentar te desafiar, ou te recrutar.

— Do que está falando?

Boaz parou de se mover, com a testa franzida.

— Seus pais não te contaram as condições de seu nascimento ou o que isso significava para os sobrenaturais?

Eu balancei minha cabeça.

— Não é o meu lugar para dizer, mas acho que tem o direito de saber. — Boaz se aproximou de mim, secretamente. — Seus ancestrais ajudaram a moldar os maiores países do mundo nas potências que são agora. De fato, já ouviu falar de Ann Boleyn?

— Ela não era uma das esposas do rei Henrique VIII?

— Sim. Ela também é sua tataravó, muitos séculos atrás. Quase alcançou o poder absoluto na Inglaterra, mas o lado alemão de sua família, os Segurs, secretamente a

interromperam antes que tivesse a chance de livrar a Inglaterra de seu rei. Suas duas famílias lutam assim há muito tempo, até que decidiram criar você. Seu nascimento foi um tratado de paz entre duas famílias poderosas e muito mágicas que são inimigas há séculos. Eles sabiam que combinar a genética de ambos os lados produziria a bruxa mais poderosa do mundo - alguém que chegaria ao poder para moldar o mundo como bem entendesse.

Tentei entender o que ele estava dizendo, mas a ideia era muito estranha.

— Mas não me importo com política, e com certeza não quero governar ninguém. A ideia toda é absurda.

Puxei minha jaqueta com mais força para bloquear o frio. Boaz tirou sua própria jaqueta e, quando a colocou sobre meus ombros, seus dedos deslizaram pela minha, tão suave quanto uma respiração quente. O ar ficou preso na minha garganta e os joelhos enfraqueceram.

— Você ainda não entendeu, amor — disse e começou a andar novamente. — O potencial do seu poder a colocará em qualquer posição em que queira estar. Só por esse motivo, há quem queira matá-la ou usá-la.

— Então não escolho nenhuma posição. — Eu o alcancei e passei meu braço pelo dele, querendo sentir mais do seu toque. — Por que nunca conheci meus avós?

Ele encolheu os ombros.

— Seus pais provavelmente queriam esperar até que estivesse pronta. Os Segurs não gostam de formalidades. Eles são francos e podem ser bastante cruéis.

Eu não conseguia imaginar alguém pior que meus pais. Felizmente, eu nunca teria que conhecer alguém da família Segur.

***

Algumas semanas depois, logo após o pôr do sol, Boaz anunciou: — Convidei amigos hoje à noite

— Realmente? — Tomei um gole de vinho, animada com a perspectiva de encontrar seus amigos. Eu ainda sabia muito pouco sobre ele.

— Pessoas que eu acho que você vai gostar — continuou ele. — Eles são bruxas como você.

— Isso vai ser legal. — Eu fingi emoção, mas o medo se acumulou no meu estômago. E se os amigos dele não gostassem de mim? Eu senti que era importante impressioná-los, ou melhor, Boaz. Ele fez muito por mim.

— Você parecia entediada nos últimos dias, então eu pensei que você poderia gostar de alguma outra companhia além de mim.

Meus olhos se arregalaram.

— Quase entediada. Eu me diverti muito! Ainda não consigo acreditar em algumas das coisas que fizemos.

E era verdade. Boaz passou a maior parte do tempo comigo, mostrando todas as coisas que eu sentia falta ao crescer. Como ir à praia. Era noite quando fomos, mas eu ainda gostei. Também passamos alguns dias em Rhode Island, onde visitamos várias mansões em Newport. Ele ficou em algumas delas durante o dia. Foi divertido aprender sobre os diferentes períodos de tempo, especialmente de alguém que realmente esteve lá. Mas o mais divertido que tive foi alguns dias atrás, quando ele me levou para fazer paraquedismo. Eu nunca me senti mais viva, voando pela escuridão como se eu fosse um dragão.

Mas não foram apenas as nossas aventuras que gostei. Todo dia ele me mostrava novos feitiços ou novas maneiras de focar minha magia. Ele me ensinou como usar os elementos ao meu redor ou mesmo como canalizar minha magia através dos seres humanos. Lisa era uma ótima parceria e me permitia praticar com ela, mas havia uma linha tênue em fazê-lo. Eu pude ver como usar a magia para influenciar os seres humanos limitados a ser antiético. Madelyn definitivamente não teria aprovado. Por esse motivo, tentei manter os ensinamentos dela na vanguarda da minha mente.

Não tive a intenção de ficar com Boaz pelo tempo que fiquei. Toda manhã eu acordava com a intenção de dizer a ele que era hora de ir embora, mas então ele me surpreendia com uma nova aventura que eu não podia deixar passar. Também não ajudou que minha atração por ele tivesse crescido, mesmo que ele mal tivesse me tocado desde aquela primeira noite.

Mas o que eu mais amava em Boaz? Sua força e poder. Era tudo abrangente e tão sedutor quanto a escuridão da noite. Eu ansiava do mesmo jeito que ansiava água para saciar a sede. Quando eu estava perto dele, me sentia mais forte, mais poderosa. Um forte contraste com o que eu sentia com meus pais, com medo e sempre escondendo minha magia.

Antes de seus amigos chegarem, Boaz me surpreendeu com um jantar à luz de velas no salão de baile. Todas as portas que davam para a varanda foram abertas, deixando entrar uma brisa fresca de inverno. Mas a picada inicial foi contida por centenas de velas agrupadas ao nosso redor. Algumas estavam pendurados em pequenos cestos de treliça no teto, do lado de fora, enquanto outras adornavam as paredes. Mozart tocou dos alto-falantes no canto.

— Espero que você goste — disse Boaz e me entregou um buquê completo de rosas vermelhas.

Com os olhos arregalados e as sobrancelhas erguidas, eu disse:

— Ninguém nunca fez algo assim por mim.

— Eu espero que não. — Ele caminhou até a mesa e deslizou para fora da minha cadeira. — Só eu deveria ter a honra de mimá-la.

— É realmente lindo. — Sentei-me na frente de um prato decorado com um filé mignon grosso, fettuccine Alfredo e uma alcachofra no vapor com um lado de manteiga de alho derretida. Por mais delicioso que parecesse, fiquei quieta, mesmo depois que Boaz se sentou à minha frente.

— Algo está errado? — Ele perguntou, e eu jurei que a raiva tingia sua voz.

Por cima de seu ombro, meu olhar travou com os olhos brancos e azuis de Hunwald, que estava sentado na beira do pátio, nos observando de perto. Foi tudo o que ele fez. Isso me enervou.

Eu desviei o olhar.

— Não, de jeito nenhum. É só que ... me sinto engraçada comendo na sua frente.

Ele me chocou.

— Comer. Tudo isso foi feito para seu prazer.

— Mas realmente não é necessário.

— Sim, é. E você deveria esperar por isso. Não aceite nada menos.

Eu balancei a cabeça, mas eu realmente não entendi. Cortei o bife e dei uma mordida rápida. Ele olhou além do meu ombro e para a escuridão além, sua expressão repentinamente sombria.

— Podemos precisar sair em breve.

Eu abaixei meu garfo.

— Por quê?

— Eu não gosto de ficar em um único lugar por muito tempo. Quando você vive tanto quanto eu, tende a ganhar inimigos.

— Que inimigos?

Seu olhar voltou ao meu.

— Há aqueles que não gostam que eu a tenha acolhido. Eles estão exigindo que eu a liberte.

— Mas você não está me mantendo como prisioneira.

— Eles não se importam se eu sou ou não. Eles só querem que você fique longe de mim.

O sangue em minhas veias gelou e comecei a bater o garfo no prato.

— Por quê?

— Eles temem que eu a use para meu próprio benefício.

Eu ri com isso.

— Mal sabem eles que tenho uma mente própria. Talvez seja eu quem esteja usando você.

Ele sorriu com isso, seu olhar caindo no meu garfo ainda batendo.

— E o que você poderia estar me usando?

— Você é sexy como o corpo do pecado. — Tentei parecer sedutora enquanto dizia, mas acabei rindo.

Boaz não percebeu. Ele olhou profundamente nos meus olhos e colocou a mão sobre a minha para parar o barulho do garfo.

— Meu corpo é seu.

Engoli em seco, meu pulso acelerado quando me senti caindo nas profundezas de seu olhar. Eu poderia me perder naquela escuridão sem fim.

Ele se levantou e estendeu a mão para mim.

— Dance comigo.

Não hesitei.

Ele me puxou para o peito e passou o braço em volta da minha cintura, me fazendo suspirar. Seus dedos amassaram minha carne através do material fino do vestido em um aperto quase faminto e desesperado. Era isso que eu queria. Ser desejada por ele. Ser necessária. Aproximei-me dele até nossos quadris se encontrarem, balançando juntos, tudo para alimentar sua fome.

Como se estivesse sob comando, a música mudou, uma melodia sombria e exótica. Os violinos zumbiam ao som de um tambor, e as notas baixas bombeavam pelo meu corpo como se fosse um batimento cardíaco. As mãos de Boaz pressionaram minhas costas, trazendo minha pélvis para a dele, para que eu pudesse sentir sua ereção. Minha pele incendiou com um calor intenso que se espalhou tão profundamente dentro de mim, que pensei que poderia explodir.

Observando-me sob os olhos cerrados, Boaz me virou, dançando ao ritmo pulsante, girando e girando, cada vez mais rápido. As velas piscaram e apagaram, levando a luz com elas. No lugar das luzes, uma névoa pesada levantou-se do chão, como fantasmas em seus túmulos. Eles se aglomeraram e giraram em torno de nossas pernas, se separando apenas quando dançamos através deles.

Um formigamento intenso queimou nos meus dedos. *Magia.* A sensação subiu pelas minhas pernas, entre as minhas coxas, meu estômago, continuando para cima até que todo o meu corpo estava em chamas. Tudo estava consumindo, tanto que eu tive que liberá-la. Boaz ofegou quando o poder o atingiu. Sua mão se apertou em minhas costas e ele rosnou, mas era um som faminto.

Eu queria dar a ele.

O poder entre nós.

Tão intenso.

Tão poderoso.

Meus olhos nunca deixaram os de Boaz, mesmo quando nossos pés mal se levantavam do chão de mármore. Continuamos a girar em um turbilhão de escuridão e poder que parecia ficar mais forte quanto mais eu olhava nos seus agora, totalmente negros. Ele abriu a boca para dar espaço para presas crescentes, e seus olhos reviraram. Meu próprio corpo parecia estar experimentando a mesma sensação climática, e eu gemia de prazer.

A força poderosa entre nós atingiu um pico épico e ganhou vida própria. Abaixo de nós, cobras apareceram. Eles deslizaram e se entrelaçaram, sibilando e cuspindo ao mesmo tempo que a música. Eu deveria estar com medo, mas não estava. Muita energia se formava dentro de mim, e me perguntei se algum dia ficaria com medo de novo.

Boaz me deu um sorriso malicioso.

Meu coração pulou uma batida, fazendo a mágica ao nosso redor piscar esporadicamente. Isso não está certo. Madelyn não teria aprovado.

Fechei os olhos e tentei lutar contra a magia negra, mas era um desafio, principalmente porque parte de mim queria sentir o poder que continha. Isso estava errado? Madelyn

teria pensado assim, mas ela não conheceu Boaz. Ele não era como meus pais. Ele tinha me protegido, não abusado. Ele me fez mais forte. Ela não gostaria isso? Certamente ela ficaria feliz por eu estar aprendendo a me proteger.

Eu não conseguia decidir agora, não com Boaz tão perto de mim. Soltei meus braços e me afastei. A ilusão desapareceu instantaneamente, e tudo estava como era antes.

Os olhos negros de Boaz esbugalharam-se das órbitas e o lábio superior zombou. Assustada, me afastei e olhei para trás, em direção às portas de vidro abertas, mas quando olhei para ele, não havia sinal de malícia em seu rosto.

Tocando a cabeça como se doesse, ele disse:

— Isso foi estranho.

— O que?

Ele caiu na cadeira, respirando pesadamente.

— Eu nunca experimentei magia assim antes.

Eu balancei minha cabeça em descrença.

— Você está dizendo que eu fiz isso?

— Com certeza não fui eu. Eu não sou tão poderoso.

— Não pode ter sido apenas eu — eu sussurrei, o medo florescendo em meu intestino. Eu era capaz de tal magia negra?

Um carrilhão ecoou acima de nós, me fazendo pular.

Boaz levantou-se.

— Eles estão aqui.

CAPÍTULO 12

Boaz me deixou em paz para cumprimentar seus amigos.

O ar estava frio e cheirava a enxofre. Coloquei meus braços em volta do meu estômago. Não havia como eu produzir essa magia negra. Meus pais fizeram esse tipo de coisa, não eu.

Eu não sou como eles. Disse isso repetidamente em minha mente.

Vozes abafadas ecoaram de dentro da casa, mas quando se aproximaram, ficaram mais claras.

— Se William descobrisse o que era um pedal do acelerador, poderíamos ter chegado apenas meia hora atrasado em vez de uma hora inteira. — A voz era estridente com uma pitada de brincadeira.

Eu me virei para olhar através das portas abertas para a varanda. Chegando na minha direção estava uma mulher pequena, com um vestido verde justo e decotado. Ela parecia um pouco mais velha que eu. Ao lado dela estava um homem alto, de aparência sombria, em um terno azul escuro feito sob medida. Os lados de seus cabelos castanhos continham manchas grisalhas. Ambos estavam sorrindo e conversando com Boaz como se fossem todos amigos íntimos. Rapidamente me virei e respirei fundo várias vezes.

Boaz se aproximou de mim e disse:

— Gostaria que vocês conhecessem Eve Segur, embora ela quase não precise de uma introdução.

Eu me virei e forcei um sorriso. Eu odiava que todos soubessem quem era, mas não conhecia ninguém.

— Eve, aqui são William Mioni e Liane Basset. William mora na Itália, mas está visitando os EUA por alguns meses, e Liane é de Coast City.

— É um prazer conhecer vocês dois — disse.

William se aproximou de mim e deu um beijo leve em cada bochecha.

— O prazer é todo meu.

Seu cabelo curto e liso para trás parecia molhado, tanto que não ficaria surpresa ao ver a água pingando em seus ombros. Seus olhos azuis estavam escondidos sob as sobrancelhas espessas, e seu nariz parecia grande demais para o rosto estreito.

— Boaz nos contou tudo sobre você — disse Liane, seus olhos brilhando para Boaz pouco antes de me abraçar rapidamente. Seu cabelo castanho estava modelado em um penteado elegante que embalava as delicadas feições. Seus olhos anormalmente arregalados combinavam com a cor de seu vestido; eles eram sua característica mais marcante.

— Interrompemos alguma coisa? — Liane perguntou, olhando ao redor da sala parcialmente iluminada. Metade das velas queimaram.

Boaz virou-se para mim como se estivesse esperando que eu respondesse.

— Nem um pouco — assegurei a ela. — Estávamos terminando.

— Boaz — disse Liane. — Seja um querido e traga mais duas cadeiras. É lindo demais para não apreciar, e vejo que você está desperdiçando. — Ela se sentou na minha cadeira e olhou a comida com avidez.

William riu.

— Realmente, Liane, você é uma devoradora.

— Não se pode desperdiçar essa comida — disse. Ela arrancou a folha da alcachofra cozida e raspou a carne dela com os dentes.

Gostei dela instantaneamente.

— Então me diga, Eve, o que você gosta de fazer? — Liane perguntou enquanto bebia do meu copo.

Eu me juntei a ela na mesa e me sentei em uma cadeira trazida por um criado. Boaz sentou-se ao meu lado.

— Adoro o ar livre — disse. — Há algo misterioso e bonito na natureza.

— Eu não poderia concordar mais — William entrou na conversa.

Liane torceu o nariz.

— A natureza é suja e fedorenta. Você sentiu o cheiro de Coast City ultimamente?

William tossiu.

— Coast City dificilmente é natureza. Tente fazer caminhadas nas montanhas.

— Por que iria querer fazer isso? — Perguntou Liane. — O que mais gosta, Eve?

— Gosto de ler.

Ela deu uma mordida no macarrão, o molho branco pingando no topo do peito. William revirou os olhos, mas Liane não estava nem um pouco envergonhada.

Ela enxugou o molho com um guardanapo.

— Você gosta de dançar? Conheço ótimos clubes da cidade.

Eu me mexi desconfortavelmente.

— Eu nunca estive em um clube.

— Isso deve mudar imediatamente. — Liane recostou-se na cadeira, os lábios levemente levantados. — Então, como foi viver com os grandes Segurs?

— Tortura.

Liane riu.

— Não é sempre? Meus pais não me deixam sair até que me case, e, para mim, isso não vai acontecer.

— Então você vai morar com seus pais para sempre? — William perguntou.

— Claro que não. Os pais não podem viver para sempre. — Um silêncio desconfortável seguiu seu sorriso.

Liane pulou como se tivesse ficado chocada. Ela girou em minha direção.

— Acabei de me lembrar! Você sabia que somos primas distantes?

— Sério?

— Nossas bisavós eram irmãs. Elas eram mulheres escandalosas e travessas. De fato, elas foram expulsas de uma cidade inteira por causa de suas brincadeiras.

William bufou.

— Um parente seu, causando problemas? Eu não acredito nisso.

— Eu sempre quis uma irmã — continuou Liane, ignorando William. — Talvez possamos ser como nossas avós e ter todos os tipos de diversão.

— Sempre quis uma irmã também — eu disse. Se tivesse nascido em uma família diferente, queria acrescentar. Ninguém mais precisava sofrer os abusos dos meus pais.

— Então está resolvido. Nós somos irmãs, você e eu. — Liane pegou minhas mãos nas dela. — William, poderia dizer algumas palavras cerimoniosas, nos ligando como irmãs para sempre?

— Você não pode estar falando sério — disse ele, com o rosto inexpressivo.

— Claro que sou. Apenas algumas palavras. Continue agora.

William olhou para Boaz em busca de ajuda, mas Boaz apenas sorriu e deu de ombros. William suspirou e levantou os braços no ar.

— Oh, grande mãe da ... irmandade. Amarre essas duas mulheres como irmãs por toda a eternidade!

Minha mão formigou. Eu olhei para baixo, surpresa. Quando olhei, meus olhos encontraram os de Liane. Ela também parecia chocada.

— Está feito — disse ela.

William virou-se para Boaz.

— Quer ser um irmão?

— Não.

— Vamos jogar — disse Liane, olhando para cada um de nós.

William recostou-se e cruzou os braços.

— Se envolver um macaco, estou fora.

Eu ri.

— Por que um jogo envolveria um macaco?

— Pergunte a Liane.

Virei-me para Liane, esperando uma explicação, mas não recebi nenhuma.

— Vamos jogar — fez uma pausa, olhando para cada um de nós. — Desafie o Demônio.

— O que é isso? — segurei a necessidade de engolir.

— É realmente simples — William me disse. — Nós nos desafiamos a fazer coisas estúpidas. Você vê, nós somos os demônios.

— Oh.

— Vai ser divertido, não se preocupe — insistiu Liane. — Quem quer ir primeiro?

— Eu vou. — William olhou ao redor da sala até seus olhos se fixarem em Liane. — Desde que este jogo foi sua ideia, desafio você primeiro.

— Continue — disse ela com a boca cheia de mais comida.

— Eu te desafio — bateu o dedo na mesa e olhou para Liane, pensativo — a nos levar ao seu lugar privado favorito.

— Agora, William, pensei que gostasse de jogos inocentes — ela brincou.

William corou.

— Não foi isso que quis dizer, e você sabe disso.

— Claro que não — disse e riu. — Como se pudesse dizer algo assim. Bem. Você quer ver meu lugar secreto? — Ela fechou os olhos e respirou fundo.

Eu esperei ansiosamente. Estava admirada com Liane e sua franqueza. Seu comportamento rude era revigorante após a maneira como fui criada. Eu gostaria de poder ser como ela.

Sem aviso, todas as velas apagaram, mergulhando-nos na escuridão. William e eu ofegamos ao mesmo tempo.

Boaz não emitiu som, mas sua mão fria deslizou pela minha. Seu polegar acariciou minha palma, enviando calafrios por todo o meu corpo. Por dentro, gemi. Eu gostava muito do toque dele.

Logo depois da varanda, no alto do céu, uma luz fraca apareceu e continuou a crescer enquanto as paredes da casa desapareciam ao nosso redor. Uma névoa espessa rolou, cobrindo o chão que não era mais mármore, mas agora parecia sujeira. Surgindo de dentro do nevoeiro, pedras de formas diferentes ocupavam seus lugares em filas que se estendiam até onde podia ver.

— Incrível — William sussurrou. — É um cemitério.

Eu me levantei e olhei com admiração. A luz no céu havia formado uma lua cheia de prata e ao nosso redor havia o que pareciam incontáveis lápides, mausoléus e estátuas.

Liane bateu no meu ombro.

— “Tá” com você!

Ela se virou e correu para longe.

William ficou de pé. Sua cadeira tombou enquanto corria na direção oposta à Liane. Olhei para Boaz, que estava puxando sua mão da minha.

— Aparentemente, é isso — disse e se afastou de mim no labirinto de estátuas e sepulturas, a névoa cinza subindo atrás dele.

Eu ri desconfortavelmente. Nunca tinha jogado jogos mágicos como esse antes, nem mesmo com Madelyn. Meu peito subiu e desceu, uma crescente emoção me enchendo.

Eu gritei:

— Quero que todos saibam que sou a rainha sorrateira!

Risos irromperam à minha esquerda. Fui na direção, contornando silenciosamente velhas lápides e estátuas de anjo. Pelo canto do olho, uma sombra cruzou onde tinha acabado de andar. Alguém estava me seguindo.

Continuei em frente, mas quando passei por uma lápide alta em forma de cruz, pisei atrás dela e me escondi. Liane passou por mim sem saber da minha presença.

Estendi a mão e toquei suas costas.

— “Tá” com você”

Liane gritou e pulou.

— Oh, sua bruxinha!

Ela tentou me seguir enquanto eu fugia, mas a perdi na neblina. Eu me escondi atrás de um mausoléu de pedra, sorrindo grande e tentando não rir. Deslizando com as costas contra a parede, avancei para olhar ao virar da esquina. A sombra de Liane estava do outro lado, subindo e descendo as fileiras de lápides.

— Eu posso ouvir sua respiração pesada, William — chamou.

Eu estava prestes a atravessar atrás de uma estátua quando braços fortes me envolveram e me puxaram pelas portas de ferro de um mausoléu. O criminoso puxou minhas costas em seu peito duro. Instintivamente, abri minha boca para gritar, mas uma mão familiar se fechou sobre minha boca.

— Se divertindo? — A voz de Boaz sussurrou, sua respiração aquecendo a parte de trás do meu pescoço.

Ele manteve a mão na minha boca. Havia algo sobre sua carne pressionada na minha boca que fez meus lábios se separarem para prová-lo. Apenas um pouco, mas percebeu.

Ele baixou a mão e me virou para encará-lo, seu olhar intenso e faminto, os dedos pressionando meus quadris.

Baixei os olhos, meu rosto ficando vermelho.

— Como ela está fazendo isso?

— Magia.

— É incrível.

— Na verdade não, amor. Olhe ao seu redor, quero dizer realmente olhe, e verá que isso é apenas uma simples ilusão.

Estendi a mão para tocar um caixão de pedra deitado dentro do mausoléu. Parecia sólido. Empurrei com mais força até o caixão se dissipar junto com toda a ilusão. As velas acesas voltaram, assim como a nossa mesa, que ficava a uma curta distância. Não muito longe no gramado, William estava curvado em uma bola. Liane estava quase com ele.

— Você vê? — Boaz respirou, enviando uma onda de calafrios pela minha pele.

— Sim, mas não torna o que ela fez menos notável.

— É uma mágica simples, apenas um truque da mente. Você seria capaz de fazer muito mais com suas habilidades.

Eu olhei em volta.

— Prefiro ver o cemitério.

— Então veja.

Fechei os olhos, contei até três e os abri novamente. Estávamos de volta ao mausoléu apertado, de frente para o

outro. Fiquei muito ciente das mãos dele na minha cintura, da leve pressão de suas mãos e do calor que produzia.

O olhar dele deslizou para a minha boca e seus lábios se separaram. Ele deu um passo à frente, fechando o espaço entre nós. O ar vibrou com o que parecia eletricidade, e se intensificou quando suas mãos deslizaram para as minhas costas. Adorava esse poder entre nós e queria mais.

Antes que pudesse me parar, empurrei a ponta dos pés e pressionei minha boca na dele. Seus lábios eram macios quando se moviam contra os meus, lentamente a princípio, mas quando minha língua tocou seu lábio inferior, seu aperto se intensificou e ele puxou meu corpo contra o dele. Ele puxou minha língua em sua boca e chupou, depois me beijou profundamente. A protuberância em suas calças ficou dura e pressionada contra o meu estômago.

Meu pulso batia tão rápido que pensei que poderia desmaiar, mas não queria parar. Dias de estar perto dele e não o tocar finalmente vieram à tona. Eu queria que ele abrisse minhas pernas novamente como fez naquele primeiro dia, queria que continuasse. Para me tocar *lá*. Sentir cada parte de mim com os dedos e a boca.

— Eu peguei você — a voz de Liane ecoou pelo caminho.

Ouvi brigas e então um grunhido alto, como se alguém tivesse caído.

Boaz me deixou ir, me deixando ofegante. Baixei o olhar, envergonhada demais para ver sua reação. Tinha ido muito longe?

A ilusão ao nosso redor desapareceu permanentemente. Liane e William voltaram para a mesa.

— Você pode ser um bebê — disse Liane.

William caiu em uma cadeira.

— Não gosto de cemitérios. Eles são para os mortos, não para os vivos.

— Eu acho que são lindos — respondeu Liane. — Vou me lembrar de não te convidar na próxima vez que eu for.

Voltei para a mesa. Boaz andou atrás de mim, seu olhar de alguma forma aquecendo a pele nua nas minhas costas.

— Quem gostaria de desafiar um demônio agora? — Liane perguntou, olhando para cada um de nós.

— Eu quero — me ofereci, surpreendendo a todos.

— E que demônio você tentaria? — William perguntou.

Eu me virei para Boaz.

— Vocês. Desde o dia em que conheci você e Hunwald, — olhei para Hunwald, que ainda estava do lado de fora nos olhando com cuidado — queria saber quem venceria em uma corrida. Desafio você a correr com Hunwald em torno de sua propriedade, três voltas, seguindo a linha de árvores por lá. Eu apontarei à distância.

Liane riu.

— Eu amo raças sobrenaturais!

Boaz assobiou para Hunwald. Quando o lobo correu, ele disse:

— O que diz, garoto? Você acha que pode me vencer em uma corrida?

Hunwald inclinou a cabeça.

Boaz levantou-se.

— Eu aceito o seu desafio.

Todos nós caminhamos até a beira da varanda, onde o concreto encontrava a grama. Liane apontou para a divisão.

— Aqui estão as linhas de partida e chegada. Cada um deve passar três vezes. O primeiro a fazê-lo vence. — Ela franziu o cenho para Hunwald. — Seu cachorro entende?

Hunwald rosnou.

— Ele é um lobo, não um cachorro — Boaz disse a ela. — E sim, ele entende perfeitamente.

— Isso deve ser interessante — disse William ao meu lado.

Boaz e Hunwald se aproximaram da linha. Eles se entreolharam e jurei que vi Hunwald sorrir.

— Na sua marca — disse. — Preparar... apontar... já!"

Hunwald e Boaz decolaram juntos, seguindo a orla da floresta. Mal podíamos vê-los, duas figuras que pareciam

mais uma corrida noturna, em vez de correr uma contra a outra.

Liane franziu a testa quando ambos passaram por nós na primeira volta.

— Vocês correm como um bando de velhinhas! — Ela chamou atrás deles.

Boaz olhou para Hunwald, sorriu e depois disparou. Ele correu perto da linha das árvores mais rápido do que eu já vi alguém correr, mas quando chegou em sua casa, pulou no exterior de pedra e correu como uma aranha. Hunwald também ganhou velocidade e estava logo abaixo dele, suas poderosas patas traseiras o impulsionando para frente. Em questão de segundos, os dois se tornaram um borrão enquanto corriam pela volta final.

Liane caiu na gargalhada, William bufou, e apenas fiquei olhando maravilhada. Quando os dois terminaram a última volta, pararam abruptamente na beira do concreto. Não houve desaceleração ou chiado dos pés. Eles simplesmente pararam de se mover.

— Quem ganhou? — Boaz perguntou, nem um pouco ofegante. Hunwald, no entanto, deixou a língua cair da boca e ofegou pesadamente.

— Honestamente, não tenho certeza — disse.

Liane bateu palmas.

— Perfeito! Um beijo para os dois vencedores. — Ela se abaixou e tentou abraçar Hunwald, mas ele se afastou com um grunhido.

— Sua perda, vira-lata — Liane murmurou e se endireitou. — Acho que apenas Boaz recebe um prêmio.

Ela colocou a mão no peito de Boaz sedutoramente. Quando ela se inclinou para beijá-lo, os olhos de Boaz brilharam nos meus. No fundo, desejei que ele não a beijasse de volta, mas não consegui impedi-los. Em vez disso, simplesmente observei Liane fechar os olhos e levantar a boca na dele.

Quando seus lábios estavam prestes a tocar, Boaz levantou a mão, parando-a.

— Devo educadamente recusar também.

Eu secretamente soltei um suspiro de alívio.

Liane olhou para mim com um sorriso e piscou.

— De quem é a vez agora? — William perguntou. Ele se abaixou em uma cadeira em uma mesa de metal decorativo na varanda. Velas acesas adornavam seu topo. O resto de nós se juntou a ele.

— Eu vou em seguida — disse Liane, seus olhos se fixando em mim. — Eve, você é o demônio que desafio.

CAPÍTULO 13

Meu estômago caiu como se tivesse acabado de me pedir para falar na frente de uma multidão de pessoas sem preparação. Eu poderia usar magia, mas depois da impressionante ilusão de Liane, temi que parecesse estúpida.

— Escolha outra pessoa — disse Boaz. — Eve não está se sentindo bem esta noite.

Eu olhei para Boaz, surpresa. Apreciei que estivesse vindo em meu socorro, reconhecendo claramente que não estava preparada, mas, ao mesmo tempo, me incomodou que ele não achasse que pudesse fazê-lo.

Eu estudei o rosto dele. Sua pele de porcelana estava sem rugas, dificultando a leitura de sua expressão, mas seus olhos ... estavam cheios de tanta intensidade que eu não conseguia desviar o olhar. Talvez estivesse apenas tentando me poupar.

— Eu acho que Eve parece bem — disse William.

— Eu concordo — disse Liane. — Você não precisa encobri-la, Boaz. Se ela não quiser jogar, basta dizer.

— Eu quero jogar — disse, ainda encarando Boaz, seu olhar perfurando o meu. — O que você está me desafiando a fazer?

Boaz levantou as sobrancelhas e sorriu. Minha magia zumbiu dentro de mim ao ver sua aprovação. Por alguma razão, realmente queria isso. Depois de tudo o que ele fez por mim, queria impressioná-lo.

— Que tal isso? — Perguntou Liane. — Como é a sua primeira vez, você pode fazer o que quiser, mas isso deve nos surpreender.

— Combinado. — Fechei os olhos e respirei fundo. *Algo incrível.*

Debaixo da mesa, Boaz pegou minha mão. Uma onda de poder fluiu através de mim, me dando uma dose de confiança. Segurei seus dedos com força e concentrei-me mais, concentrando-me na magia dentro de mim. Estava ali, esperando à margem da minha mente como um amigo longo e perdido.

Agarrei-me à minha amiga poderosa, pronta e ansiosa para estender seu poder. Pouco antes de convidá-la para entrar, eu hesitei. Era muita magia que estava prestes a invocar, mais do que nunca. Isso é realmente o que eu queria?

As pontas dos dedos de Boaz roçaram a parte sensível do meu pulso, fazendo minha cabeça girar como se eu tivesse bebido demais. Ele estava vertiginosamente intoxicante.

E adorei.

Abri minha mente e permiti que o poder surgisse através de mim. Surpreendentemente, não precisava sentir ódio para conjurar magia como todas as outras vezes. Em vez disso, foi o orgulho que invocou o poder dentro de mim, pois eu sabia que naquele momento era mais poderosa do que qualquer um aqui. Eu podia sentir isso dentro de mim tão certo quanto podia ver a luz prateada da lua pairando acima das árvores, quase um crescente. Com esse pensamento, tive uma súbita vontade de rir enquanto me preparava para mostrar a eles minha força.

As velas sopraram quando convoquei um vento frio. Ele rodopiou ao nosso redor, tirando meu cabelo do meu pescoço quente. Foi incrivelmente bom e apertei a mão de Boaz; um calor ardente passando entre nós.

Mantive meus olhos fechados e imaginei o concreto ao nosso redor afundando. Eu vi em minha mente como a terra se abriria, onde o concreto teria que quebrar para preservar o lar e as profundezas para as quais eu o levaria. Minha destruição se tornou realidade.

Não movi um músculo, nem mesmo para abrir os olhos enquanto o chão tremia, fazendo os castiçais da mesa caírem. Liane ofegou e William xingou, mas ignorei tudo e

continuei a focar no meu desejo de impressioná-los, o que apenas fortaleceu minha magia.

No lugar do concreto estampado, que estava afundando rapidamente, convoquei água da terra. Borbulhava para cima a uma velocidade alarmante de cada rachadura e fenda, preenchendo os espaços. A intensidade ardente do meu poder queimou meu peito, mas foi uma sensação agradável, que se espalhou por todo o meu corpo.

Abri os olhos e respirei fundo quando a água ficou nivelada com o único pedaço de concreto que restava - o mesmo espaço em que estávamos sentados.

— É uma ilusão de água, certo? — William perguntou.

— Acho que não. — Boaz soltou minha mão e se levantou. — Você sente o cheiro?

Eles inalaram profundamente. Eu sorri, já sabendo a verdade.

— Eu acho que ele está certo — maravilhou-se Liane. — Cheira como o mar.

William recostou-se na cadeira.

— Tudo parte da ilusão.

— Só há uma maneira de descobrir. — Liane chutou a cadeira dele para trás.

Os braços de William se abriram quando ele tentou se segurar. Um grito feminino agudo arrancou de seus pulmões

quando mergulhou na água escura. Ele veio à tona um momento depois e nadou cachorrinho na nossa frente, ofegando por ar.

— Não acredito que seja real — sussurrou Liane. Ela se inclinou e passou os dedos pela superfície molhada e escura.

— Uma ajudinha aqui? — William perguntou, respirando pesadamente.

Boaz estendeu a mão e o levantou facilmente da água.

Liane agarrou minhas mãos, sorrindo grande. — Eu não sei como fez isso, mas deve me ensinar.

Dei de ombros, como se não fosse grande coisa.

— Apenas penso sobre isso, e acontece.

Ela olhou para mim, boca aberta.

— É realmente verdade o que as pessoas dizem sobre você.

— O que eles dizem?

— Que será uma bruxa insuperável e transformará este mundo. Você é incrível! Eu nunca vi nada parecido.

Corei, mas sorri interiormente.

— Bem, tive o suficiente por uma noite — anunciou William. — Você pode se livrar dessa água para que possamos ir para casa?

Liane deu um tapa no ombro dele.

— Você é tão chato às vezes, sabia disso?

— Sim. Agora vamos.

Dessa vez não fechei meus olhos. Eu simplesmente olhei para a água e a desejei. Uma onda de energia passou por mim quando o poder mágico deixou meu corpo. Eu mantive meu olhar na água, fazendo-a retroceder tão rápido quanto tinha chegado. Um momento depois, a terra tremeu, a sujeira e o concreto voltaram à posição e se fixaram onde necessário. Apenas alguns minutos se passaram e a varanda parecia incólume. Sem rachaduras, nem mesmo uma gota de água deixada para trás como prova do meu poder.

Exceto William, é claro. Suas roupas estavam pingando e ele estava secando o cabelo com um guardanapo de pano.

Liane me abraçou.

— Tivemos uma noite maravilhosa. Vamos fazer isso de novo em breve. — No meu ouvido, ela sussurrou: — Ele te ama.

Eu olhei para ela, surpresa. Ela assentiu com a cabeça como se dissesse: — É verdade.

— Você tem uma toalha que eu posso levar comigo? — William perguntou a Boaz.

— Claro. — Boaz atravessou as portas de vidro abertas de volta ao salão de baile. — Entre.

Eu segui todos para dentro da casa, meu corpo zumbindo com o poder sombrio da magia. Eu queria sugerir

que todos nós fizéssemos alguma coisa, dançar talvez, ou mesmo caminhar. Eu não me importava que fosse noite. Eu precisava de uma liberação.

— Você tem certeza que vocês têm que ir? — Eu perguntei. — Talvez pudéssemos jogar um jogo? Ou ir...

— Desculpe, querida — Liane se desculpou, seus olhos brilhando nos de Boaz. — Mas nós não podemos. Nós vamos nos encontrar em breve, no entanto. Eu prometo.

William deu um tapinha em uma toalha que ele havia retirado do banheiro do vestíbulo.

— Da próxima vez, me avise com antecedência qualquer plano que possa ter de nadar. Este terno era caro.

— Pagarei para limpá-lo a seco — ofereceu Boaz.

William olhou para Liane.

— Liane vai pagar.

Ela riu como se fosse a coisa mais ridícula que já ouvira e saiu pela porta da frente.

— Te vejo em breve!

William a seguiu, resmungando consigo mesmo.

Depois de se despedir e fechar a porta, Boaz se virou para mim, seu corpo a centímetros do meu.

— Você não tinha que usar mágica hoje à noite.

Eu engoli em sua proximidade, minhas terminações nervosas vibrando.

— Eu sei.

— Então por que você usou?

— Foi divertido.

— Foi, não foi? — Ele sorriu, algo aceso em seus olhos.

Eu assenti.

Seu olhar cintilou nos meus lábios por um breve momento, mas o suficiente para fazer a mágica inchar dentro de mim, tirando o meu fôlego.

— Eu tenho um lugar que preciso ir — disse ele abruptamente. — Você se importa se eu encerrar a noite também?

— Claro que não — eu disse e fingi que não era grande coisa, mas no fundo eu não pude deixar de sentir uma decepção esmagadora. Talvez o beijo que havíamos compartilhado anteriormente tivesse sido incrível só para mim. Fingi um bocejo. — Eu estava indo para a cama de qualquer maneira.

— Muito bem então. — Ele desapareceu atrás da porta que eu não tinha permissão para entrar.

— Não, não está muito bem — sussurrei quando me virei para subir as escadas. Meu corpo inteiro ainda estava formigando por usar magia mais cedo. Olhei para os meus pés. Eles ainda estavam lá e se movendo, mas eu senti como se estivesse flutuando.

Dei alguns passos antes de dançar no meu quarto e fechar a porta atrás de mim, me prendendo em um quarto escuro. Eu alcancei a luz, mas depois parei. Meu braço abaixou. Respirando profundamente, concentrei-me na escuridão, na maneira como ela se arrastava sobre a minha pele e na forma como ela passava pelos meus lábios, sussurrando palavras sedutoras que eu não conseguia entender, mas podia sentir.

Abri os olhos quando percebi o que descobri.

A escuridão era boa.

***

Naquela noite, fiquei acordada, incapaz de dormir. O poder da magia ainda pulsava através dos meus ossos e músculos, e doía por um alívio. Eu rolei e encarei a janela. Devia ser pelo menos duas da manhã pela maneira como a luz da lua se amontoou no meu quarto.

Pensei na noite que compartilhei com Boaz, desejando poder desfrutar plenamente deste conto de fadas que era bonito, mas escuro. Como as donzelas justas das histórias, eu também fui levada para um lugar místico e distante. Mas levada para onde? Os contos de fadas falavam de lugares distantes como cheios de luz, com flores coloridas, animais falantes e criaturas místicas.

Havia lindas flores, Hunwald era estranho o suficiente para poder falar, e Boaz não podia ser mais místico. Mas meu conto de fadas não tinha a luz e a beleza constante que também deveria existir. Pensar naquela luz me fez lembrar do homem estranho que estivera na festa dos meus pais. Do jeito que eu me senti quando ele me tocou. Pacífica. Calma. *Boa.*

Mas ele desapareceu tão rapidamente quanto veio. Eu nunca o veria novamente. Assim como as histórias, ele era um conto de fadas. Talvez seja por isso que eles são chamados de contos de fadas, porque algo tão bonito quanto aquilo simplesmente não era possível.

Saí da cama e congratulei-me com a luz da lua abrindo a janela alta e sem tela. O vento frio entrou e correu ao redor da sala, pegando e torcendo minha camisola longa e pura em seu rastro. Coloquei meus braços em volta de mim e fechei os olhos. Eu ainda podia ver o brilho fraco do luar atrás das minhas pálpebras.

Fiquei assim por algum tempo, minha frente banhada pela luz da lua, minhas costas imersas na escuridão. Só abri os olhos quando o som fraco de cascos galopando nas proximidades chamou minha atenção para a janela. Não muito longe, um cavaleiro vestido de preto desmontou um

cavalo e caminhou em minha direção através do ar cheio de nevoeiro. Meu coração pulou uma batida.

O cavaleiro parou logo abaixo da minha janela e olhou para cima. Os olhos de Boaz encontraram os meus, e eu suspirei quando um choque de poder mágico chocou meu corpo inteiro.

Eu ri interiormente. Era isso que eu queria, sentir isso a cada segundo de cada dia. Meu desejo por magia negra apagou todos os pensamentos que eu já tive por luz e pureza, todas as coisas que Madelyn havia me ensinado.

Fui até a janela comprida e olhei para baixo brevemente antes de pular. Usei magia para amortecer a queda de nove metros, depois caminhei em direção a Boaz, meu queixo erguido e braços ao meu lado. Eu não me importava que ele provavelmente pudesse ver meus mamilos endurecidos através da camisola. Eu queria que ele visse.

Sem uma palavra, Boaz estendeu uma capa escura. Eu entrei nisso. O peso dela parecia sugar a luz da lua para longe de mim.

Boaz levantou o capuz sobre a minha cabeça e olhou nos meus olhos, como se procurasse algo.

— Vem comigo?

Eu balancei a cabeça e aceitei sua mão estendida, sem hesitação.

Atravessamos a terra fria. A névoa pesada se abriu para nós como se estivesse sob comando. O cavalo preto de Boaz nos esperava na beira da floresta como um soldado leal. Ele ficou ereto, os olhos à frente.

Boaz pulou nas costas do cavalo e me puxou para cima com facilidade. Minhas mãos deslizaram por seu abdômen duro e trancaram com força. Boaz não teve que chutar o cavalo para fazê-lo avançar. Parecia se mover por conta própria, como se sentisse os pensamentos de Boaz, até mesmo sabendo em que direção seguir. Boaz segurou a cela com uma mão e pressionou a outra mão na minha, nossos dedos entrelaçados.

Uma força, intensa e poderosa, se expandiu ao nosso redor, fazendo meus músculos apertarem e depois se soltarem. Cada um deles. Eu gemia de prazer e dor.

A fera abaixo de nós correu através de um campo de grama. O movimento era estranhamente suave, como se eu estivesse sendo embalado em um barco ao longo das constantes ondas do mar, e não galopando a toda velocidade nas costas de um garanhão enorme. Eu suspeitava que a criatura fosse de natureza sobrenatural, como Hunwald. O fluxo rítmico tornou-se hipnótico e o mundo ao meu redor ficou turvo.

Um indescritível sentimento de invisibilidade tomou conta de todo o meu ser, e joguei minha cabeça para trás, respirando fundo. Cresceu dentro de mim como uma erva nociva, extinguindo qualquer gentileza, bondade ou bons pensamentos. Soltei a cintura de Boaz e estendi meus braços para a noite, sentindo que a qualquer momento eu poderia ser jogada do cavalo.

Comecei a rir e depois gargalhar. Escapou de dentro de mim, de algum lugar escuro e frio. Boaz não se uniu à minha risada, mas eu sabia pela nossa conexão que ele estava tão intoxicado quanto eu.

Enquanto o cavalo continuava correndo pelos campos, dentro e fora da floresta, Boaz, em um movimento mais rápido do que eu podia ver, torceu e girou até que ele estava montando o cavalo para trás. Ofeguei quando percebi que ele também pegou minhas pernas e as envolveu em volta da cintura. Minha camisola deslizou até os meus quadris, expondo minhas pernas nuas.

Minha boca se abriu e meu corpo tremeu ao sentir seu torso entre as minhas pernas. Eu respirei fundo.

Boaz deslizou as mãos na capa e nos meus ombros. A capa caiu e desapareceu na noite. Respirei fundo quando o ar frio da noite me beliscou. Mas assim que Boaz me tocou novamente, o calor se espalhou por mim.

Queimando.

Escaldante.

Consumindo.

Eu não conseguia mais pensar. Apenas sentir.

Olhando nos meus olhos, ele colocou os dedos nas alças da minha camisola e lentamente puxou para baixo. Eu não o parei.

Era isso que eu queria.

Ele me vendo.

Me tocando.

Meus seios se libertaram e meu peito arfou. Eles saltaram no ritmo do galope constante do cavalo, um movimento que eu pensei que poderia ter me incomodado, mas era estranhamente erótico.

Boaz apertou um na mão, esfregando o polegar sobre o mamilo duro. Respirei fundo, meus nervos em chamas. Ele gemeu e colocou a mão livre atrás de mim, pressionando na parte de baixo das minhas costas, fazendo-me arquear para trás para lhe dar melhor acesso. Ele abaixou a cabeça e puxou um mamilo em sua boca. Apertei seus ombros e enfiei dedos em sua pele, sem fôlego e implorando por mais.

Com a nossa posição precária no cavalo, eu tinha certeza de que cairíamos dele, mas Boaz conseguiu manter seu domínio sobre mim e o cavalo.

Boaz continuou a dar atenção aos meus seios. Comecei a moer meus quadris nele. Seu pau tinha crescido, duro, e pressionava em um ponto que fez meu corpo inteiro cambalear com prazer.

— Eu preciso de mais — ofeguei, sentindo o desejo tão forte em meu corpo que pensei que poderia queimar em uma bola de chamas.

Ele segurou meus ombros e olhou nos meus olhos, suas sobrancelhas unidas. Eu pensei que ele ia me beijar, mas sem aviso, ele pulou, me levando com ele. Flutuamos no ar, meus cabelos e roupas chicoteando pelo vento por um momento antes de pousarmos no chão, eu em seus braços.

Seus olhos entreabertos me engoliram, e eu senti tudo o que ele queria.

Me devorar.

Possui-me.

Me possua.

Sua boca bateu na minha enquanto ele lentamente me abaixou no chão. Antes de minhas costas tocarem, estiquei minha mão e pressionei meus dedos na terra, pensando em uma grossa cama de grama. Minha magia, tão disposta a obedecer, fluiu para a terra. Quando Boaz me deitou completamente, uma cama cheia de plantas macias havia crescido.

Ele ficou de joelhos, olhando para mim com olhos famintos.

— Você é tudo que eu poderia esperar e muito mais.

Lambi os lábios, meu corpo tremendo na expectativa de sentir seu toque novamente. Os olhos dele vagaram pelo meu corpo, pelos meus seios e pelas minhas pernas.

— Abra.

Minhas pernas dobradas se abriram um pouco.

— Mais — ele ordenou.

Minhas bochechas tingiram de rosa, mas eu fiz o que ele queria. Minhas pernas se abriram mais.

Ele tocou meus joelhos com as duas mãos e, quando as deslizou pelas minhas pernas, abriu ainda mais até que eu estivesse totalmente exposta a ele.

— Você é minha agora, Eve. Você nunca mais desejará nada. Dinheiro. Prazer. Poder.

— Sim. — A palavra sem fôlego mal passou pelos meus lábios.

Seu olhar caiu para a minha calcinha simples. Com um único golpe, ele a arrancou de mim e gemeu.

— É isso que você quer?

— Por favor — eu choraminguei. Tinha ficado tão quente entre as minhas pernas, que pensei que poderia

explodir. Somente seu toque poderia acalmar a queimação. Eu empurrei os quadris para cima.

Ele riu, o som profundo e gutural.

— Não vai ser tão fácil ou rápido. Vou levar o meu tempo, provar cada centímetro de você, saborear seu sabor. Vou deixar você tão cheia de mim, que você nunca vai querer sair do meu lado.

Suas palavras me enviaram por uma borda que eu não sabia que estava, mas agora que fiz isso, eu queria mergulhar naquele penhasco e nunca parar de cair.

Fiel à sua palavra, Boaz fez todas as coisas comigo. Ele se certificou de que eu sentisse todo prazer com movimentos lentos e deliberados de seus dedos e língua, certificando-se de que eu estaria pronta para ele. Eu poderia estar nervosa, mas minha mente ficou tão consumida com o que ele estava fazendo comigo que, quando chegou a hora, eu estava mais do que pronta.

Repetidas vezes, a ascensão e queda do meu prazer continuaram até a lua mergulhar sob a linha das árvores e fomos forçados a voltar para casa. Eu não assisti o nascer do sol, algo que eu teria feito antes, mas me senti diferente de alguma forma. Não me importei em ver a luz brilhante do sol se espalhar pela paisagem. Em vez disso, ansiava que a

lua ocupasse seu devido lugar na escuridão, onde pudesse lançar sua teia prateada sobre a terra.

Era isso que queria, pois pertencia a Boaz e à noite agora.

CAPÍTULO 14

Era uma noite fria de inverno. Tínhamos acabado de sair da Ópera de Verão, um dos lugares favoritos de Boaz em Coast City. Eu não conseguia o suficiente da minha nova vida. Nas últimas semanas, Boaz me banhou de presentes e abriu portas para todo tipo de experiências novas e emocionantes. Ele me levava regularmente à ópera, peças de teatro, festas e eventos políticos. Se alguma coisa importante estava acontecendo, independentemente de onde, Boaz e eu estávamos presentes.

Além de viajar, Boaz me apresentou a muitas pessoas importantes. Fiquei espantada com quantos deles me conheciam simplesmente por causa dos meus pais. Meu nome de família me deu respeito instantâneo, especialmente de outras bruxas.

Eu estava adorando a atenção, tanto que usei meu sobrenome como se fosse o meu primeiro. Eu dizia: "Sou a senhorita Segur, filha de Erik e Sable Segur."

Eu adorava ver seus olhos arregalarem e ouvi-los engolindo em seco.

O que mais me surpreendeu na vida recém-descoberta foi descobrir quantos sobrenaturais ocupavam posições importantes nos governos de quase todos os países. Eles usaram suas habilidades para aprovar leis e mudar seus

países para o que desejavam. Os seres humanos eram facilmente manipulados. Depois de ver o que outros como eu podiam fazer, como eles podiam mudar as regras pelas quais as pessoas viviam, eu também estava ansioso para entrar na política.

Apesar de todas as experiências e das pessoas que conheci, fiquei entediada com tudo isso. Boaz era a única coisa na minha vida que me trazia satisfação. Nosso relacionamento era sombrio e apaixonado, nós dois sendo consumidos pelo outro. Mas não era apenas o corpo dele que eu ansiava, era o poder dentro dele que me alimentava. Eu não conseguia o suficiente.

Boaz deslizou a mão pelas minhas costas e quadril.

— Não consegui parar de olhar para você no teatro. Eu quase te possuí ali mesmo, na frente de todas aquelas pessoas.

Eu gemi e me inclinei para ele.

— Teria gostado disso.

E eu quis dizer isso. Era difícil apreciar qualquer outra coisa quando estava perto dele. Eu ansiava por seu toque, seus lábios, seu corpo. Todos os segundos de todos os dias.

— Um dia — disse. — Chegará um tempo em que eu a arrebatarei para o mundo inteiro ver.

Calor queimou no meu abdômen com o pensamento.

— Eu iria gostar disso.

Estávamos prestes a atravessar a rua quando um homem alto sob um poste de luz chamou minha atenção. Ele usava um casaco longo e escuro com um chapéu de derby preto. Ele olhou para mim sob as sobrancelhas grossas, e seus lábios finos eram tão retos quanto fios de piano. Mãos enfiadas nos bolsos, ficou parado enquanto as pessoas o embaralhavam, completamente inconscientes de sua presença poderosa, um poder que podia sentir mesmo que ele estivesse do outro lado da rua.

Puxei Boaz, impedindo-o de ir mais longe.

— Quem é aquele homem?

— Onde?

Eu apontei do outro lado da rua. A mão de Boaz apertou a minha.

— Ele não deveria estar aqui. É muito cedo.

— Quem é ele?

— Seu avô. Espere aqui.

Meu avô? Apertei os olhos para olhar mais de perto. Aquele era ele? Ele não parecia assustador, mas uma força elétrica escura parecia pressionar o ar ao seu redor, semelhante ao que se poderia sentir antes da chegada de uma tempestade.

Boaz estava dizendo algo para ele enquanto apontava o dedo para mim. Meu avô balançou a cabeça repetidamente. Eu respirei fundo. Hora de ir ver do que se tratava. Eu me virei para atravessar a rua, mas fui interrompida.

— Você deve ficar conosco — duas vozes femininas disseram atrás de mim.

Eu me virei, surpresa que alguém tinha falado comigo assim e fiquei cara a cara com gêmeas idênticas. Seus cabelos louros, quase brancos, eram cortados curtos, emoldurando seus queixos pontudos. Elas tinham narizes grandes para combinar, mas nada era tão enervante quanto seus olhos. Suas pupilas eram fendas estreitas nadando em olhos verde-mar luminescentes - exatamente da mesma cor que a minha.

— Quem são vocês?

— Nós somos suas primas — disseram em uníssono.

— Eu sou Helen — disse a da esquerda.

— E sou Harriet.

Eu olhei de volta para Boaz.

— Como estamos relacionadas?

— Nossa mãe é irmã do seu pai — Harriet respondeu.

Isso despertou meu interesse.

— Eu não sabia que meu pai tinha uma irmã.

As gêmeas se entreolharam e depois voltaram para mim.

— Ela é muito mais forte que seu pai.

— Incrível — disse e ri. Como se me importasse. Eu não pensava em meus pais há semanas. — Sabe, é ótimo que tenha primas, mas estou meio ocupado agora. Vamos fazer isso uma outra vez.

Eu me virei para sair, mas encontrei uma força bloqueando meu caminho. Assustada, pressionei minhas mãos contra a parede invisível. *Magia.*

Eu girei. As duas garotas sorriram, os narizes apontados para baixo, mergulhando em seus sorrisos largos.

— Indo para algum lugar? — Helen perguntou.

— Tentando fugir de nós? — Harriet acrescentou.

— Hum, vocês são assustadoras como o inferno. Eu preciso ir falar com Boaz.

À menção de seu nome, um olhar distante encheu os olhos das gêmeas, e o ar escapou de seus pulmões em um suspiro prolongado. A parede invisível enfraqueceu e rapidamente me movi para dar um passo à frente, mas as duas meninas alcançaram ao mesmo tempo e seguraram meus braços.

— Você não deve falar com Boaz — declarou Helen.

— Nunca — acrescentou Harriet.

— Me solte, suas loucas! — disse, lutando contra o seu poder surpreendentemente forte.

Tentei afastá-las usando magia, mas de alguma forma elas conseguiram bloquear meu ataque. Isso me frustrou ainda mais. Ninguém nunca me impediu de usar minhas habilidades antes.

— Você não pode usar magia contra nós.

— Somos fortes demais para você.

Meu olhar disparou para Boaz. Ele estava de costas para mim, ainda conversando com meu avô. As meninas me viraram para longe dele.

— O que vocês querem? — Perguntei.

— Provar a Boaz que somos mais poderosos que você.

— Conseguir o que é nosso por direito.

— Você não pode estar falando sério. — Um olhar para cada um dos rostos me disse que elas eram muito sérias. — Boaz é um homem crescido. Ele pode escolher com quem ele quer estar.

— Boaz escolherá quem é mais poderosa — disse Helen.

— E não é você — acrescentou Harriet.

— Isso é ridículo. Boaz já escolheu.

As duas garotas riram. Os sons eram feios e frios, parecendo grunhidos de porcos. Elas olharam para o nosso avô, e suas expressões e risadas pararam abruptamente. Eu me virei a tempo de vê-lo acenando para as meninas.

— Hora de ir, prima — disseram eles.

— Ir? Não estou indo a lugar nenhum.

Eles puxaram meus braços.

— Boaz! — Gritei.

Boaz se virou lentamente, sua expressão em branco.

— Boaz, me ajude!

Ainda assim, ele não fez nada.

Uma dos gêmeas abriu a porta traseira de um veículo próximo, enquanto a outra me empurrou para dentro, me fazendo cair de costas. Por que Boaz não estava fazendo nada? Sem minhas pernas serem visivelmente tocadas, elas foram empurradas e a porta do carro se fechou, batendo no meu joelho.

Eu me virei e bati minha mão na janela de trás.

— Boaz!

Ele ficou ao lado do meu avô, com os braços ao lado do corpo. O poste acima lançou uma luz assustadora sobre ele, esticando sua sombra além do que eu pensei que deveria ser. Ele olhou para mim, sem piscar, seu rosto não era diferente de uma estátua de pedra.

Quando o carro partiu, respirei fundo quando parecia que sua sombra se separou de seu corpo e me seguiu. Eu devo ter imaginado, pois quando olhei para trás novamente, apenas a escuridão da noite permaneceu.

***

Nós éramos as únicas pessoas na estrada e ESTÁVAMOS a quilômetros de distância. Uma floresta de cada lado de nós pressionava contra a calçada, nunca me dando uma visão clara do que havia além.

— Onde estamos indo? — Perguntei.

Nenhuma das gêmeas respondeu.

Suspirei.

— Vamos lá, meninas. Nós somos uma família. Não podemos pelo menos ser civilizados um com o outro?

Ainda não falaram.

— Tudo bem — murmurei. Caí no banco de couro frio e olhei pela janela. Ocasionalmente, os faróis do veículo piscavam contra um sinal verde. Logo percebi que estávamos indo para Vermont, a casa do meu avô.

Tentei suportar o silêncio pensando em Boaz. No começo, fiquei com raiva por não ter tentado me salvar, mas certamente tinha um bom motivo. Ele nunca me decepcionou antes, então por que ele começaria agora?

Na minha frente, a parte de trás das cabeças de cabelos brancos das gêmeas não se mexia nas últimas duas horas. Isso realmente me incomodou, a estranheza delas, quase como se elas não estivessem mentalmente lá. Era como elas compartilhasse um cérebro entre elas. Apesar do silêncio, ri.

Helen e Harriet se viraram simultaneamente e olharam.

Eu balancei a cabeça em direção à estrada.

— Veja onde você está indo. Eu quero chegar lá vivo para que eu possa descobrir o que é isso. Alguém vai pagar.

Eles se viraram, sem palavras.

Como odiava ser ignorado, decidi instigá-los, tendo uma boa ideia do que os faria falar.

— Sua mãe não é poderosa — disse. — Você sabia que meu pai uma vez esmagou uma árvore gigante com uma única rajada de ar? Tudo o que restava era um disco circular de madeira, com uma polegada de espessura. Foi uma das coisas mais notáveis que já vi.

Helen agarrou o volante, mesmo assim nenhuma das duas respondeu.

Eu tentei novamente.

— Então, outra vez, mudou completamente sua aparência por mais de três horas, enquanto participava de uma reunião com o governador de Nova York. Durante toda a reunião, o governador pensou que meu pai era um diplomata europeu de alto escalão e divulgou algumas informações muito valiosas. Foi impressionante, com certeza.

O cabelo na cabeça das duas garotas agitou enquanto a temperatura no carro parecia subir. Eles estavam perto de quebrar.

— O mais importante — continuei — meu pai se casou com minha mãe, a bruxa mais poderosa do seu tempo ... até que me deram à luz.

Ao pisar no freio, Helen desviou o carro para o acostamento e parou. As gêmeas se viraram.

— Você não é poderosa — disseram eles, cada um dos seus semi-cérebros trabalhando juntos.

Deixei meus olhos brilharem, o poder correndo através de mim como um fio elétrico.

— Como sabe?

— Nossa mãe disse — disse Helen.

— Nosso avô disse — Harriet ecoou.

— Eles mentiram — retruquei.

Eu bati palmas, e com um simples comando da minha mente, as janelas quebraram e sopraram na noite em pequenos fragmentos tão pequenos quanto flocos de neve. Então, como se o tempo tivesse parado, os cacos de vidro suspensos no ar flutuaram por alguns segundos e depois voltaram para as portas do carro, formando janelas novamente.

— Este é o carro do vovô — disse Helen.

— Não devemos estragá-lo.

— Vou despedaçar este carro, pedaço por pedaço, a menos que me digam o que está acontecendo — disse.

— Cabe ao vovô dizer.

— Nós somos proibidas de falar com você.

Eu ofeguei, horrorizada com o comportamento infantil deles.

— Quantos anos vocês dois têm?

— Vinte e dois — disseram juntas.

Então elas não eram muito mais velhas que eu.

— Então como é que vocês não podem fazer o que querem?

— Somos boas filhas — disse Helen.

— Melhor que você — Harriet acrescentou.

— Bem, continuem dizendo isso a si mesmas. E porque pensam que são melhores que eu, vocês querem Boaz.

O olhar distante e sonhador voltou aos seus rostos.

— Se vocês são muito melhores do que eu, por que vocês não estão com ele agora? — perguntei.

— Ainda não nos provamos.

— Não é a hora certa.

— E para quem vocês têm que se provar? — perguntei.

— Vovô.

Eu me inclinei para frente.

— Então faça isso. O que tenho a ver com isso?

— O vovô vai te contar — disse Helen. Ela olhou para frente e puxou o carro para a estrada.

— Sim, o vovô vai te dizer — repetiu Harriet. Ela se juntou à irmã.

O silêncio voltou. Eu poderia ter pressionado a questão, mas percebi que essas duas eram tão desmioladas quanto os outros que se permitiam tirar vantagem. Elas eram seguidoras. Fechei os olhos e encostei a cabeça no banco. Eu concentrei minha raiva, que ainda surgia através de mim. Tive a sensação de que precisaria de todo o ódio que pudesse reunir.

Eventualmente, um sono leve veio, mas quando o carro diminuiu, eu forcei minhas pálpebras a abrir. Ainda estava escuro. Na frente do carro, um enorme portão de ferro se abriu. Percorremos uma longa estrada até nos aproximarmos de uma mansão duas vezes maior que a de Boaz. Aparecia atrás de fileiras de árvores esqueléticas.

Quando nos aproximamos, postes de luz iluminavam uma entrada de automóveis circular e, no centro, duas luzes vermelhas brilhavam do chão, iluminando duas estátuas de leões lutando entre si. Eu não conseguia tirar os olhos deles, mesmo depois que o carro parou. Havia poder naqueles dois leões, congelados em combate.

— Você deve sair agora, prima — ordenou Helen.

— Não tente correr — alertou Harriet.

— Por que correria? Alguém será responsabilizado pelo tratamento que recebi hoje à noite.

Eles me ignoraram e saíram do carro. Segui atrás, subi degraus de pedra e entrei por portas duplas de madeira. Eu não conseguia ver grande parte do interior da casa, pois todas as luzes estavam apagadas, mas podia ouvir nossos passos ecoando no chão de pedra, o que me dizia que a entrada devia ser enorme.

As gêmeas se aproximaram de um armário ao longo da parede e removeram duas velas. Enquanto as seguravam, as mechas se acenderam ao mesmo tempo.

— Siga-nos — disse Helen.

— Não é muito longe — acrescentou Harriet.

As gêmeas abriram uma porta que nos conduzia por um corredor estreito. A luz das velas fazia sombras torciam e viravam artificialmente sobre as paredes escuras. Era um truque da luz ou algo mágico causando a ilusão na tentativa de me assustar?

Eu bocejei alto.

No final do corredor, uma das gêmeas abriu uma porta. Eu ainda não conseguia diferenciá-las, a menos que estivessem próximas. Helen sempre ficava à direita e Harriet à esquerda.

— Este é o seu quarto — disse Helen.

Harriet me fez sinal para a frente.

— Está bem guardado hoje à noite, por isso é inútil tentar escapar.

Entrei no quarto, depois me virei para insultá-las, mas a porta já havia se fechado e trancada por fora. Eu bati com os punhos duas vezes antes de parar.

Controle-se. Fique no controle.

O quarto estava vazio, exceto por uma mesa e uma cadeira no canto e uma mesa de cabeceira com um abajur no topo, ao lado de uma cama de solteiro. O quarto tinha os mesmos painéis de madeira do corredor. Não havia fotos ou decorações em lugar algum.

Depois de esperar alguns minutos, tentei abrir a porta usando magia, mas assim que toquei a maçaneta da porta, um choque de eletricidade atingiu meu corpo, me enviando para o chão. Irritada, eu pulei e corri para a janela em frente à porta, mas novamente fiquei chocado. A sala havia sido fortificada com magia. Não é de admirar que não houvesse nenhuma decoração. Quanto mais simples a sala, melhor os feitiços de proteção funcionavam.

As gêmeas estavam certas. Eu não estava saindo.

CAPÍTULO 15

Olhei pela janela, frustrada. O céu escuro brilhava quando o sol da manhã começou a queimar a noite. Ao redor da mansão, uma floresta de pinheiros e montanhas irregulares projetavam-se bruscamente do chão, prendendo-me como se estivesse em uma gaiola. Inclinei minha testa contra o vidro frio. A cada expiração, minha respiração embaçava a vidraça fria e desaparecia. O que não daria para voltar com Boaz.

Só então, uma sombra se moveu em minha visão do lado esquerdo da casa. Deslizou pelo gramado, uma névoa escura, até desaparecer na floresta. Um fantasma, talvez? Eu encontrei alguns enquanto brincava com os mortos, um jogo que Liane e William haviam me ensinado. Fantasmas não faziam nada além de provocar minha curiosidade.

Algumas horas depois, deitada na cama, meus olhos se abriram com o rangido da porta do quarto se abrindo. Eu rapidamente me sentei. Uma mulher vestindo uma túnica de seda vermelha entrou na sala em um grande gesto, seu vestido balançando para frente e para trás. Ela era assustadoramente parecida comigo, com longos cabelos loiros, rosto amendoado e nariz pequeno e reto, mas em vez de olhos verdes, os da mulher eram de um azul ártico. Eles me lembraram o único olho azul de Hunwald. Na mão, ela

carregava uma taça de champanhe cheia de um líquido vermelho.

— É um pouco cedo para uma bebida, não é? — Perguntei.

— Não, é cedo o suficiente. — A mulher tomou um gole enquanto me olhava friamente. — Então, você é filha do meu irmão.

Eu olhei de volta, espelhando o veneno da mulher.

— E você deve ser a irmã do meu pai. Engraçado. Eu nunca soube que ele tinha uma irmã.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— E nunca soube que ele tinha uma bruxa como filha. Nós assumimos que você era quebrada.

Eu me mudei para a beira da cama. A fenda do meu vestido se abriu, expondo minhas longas pernas nuas, que eu cruzei.

— Dificilmente. Média é o que minhas escoltas gêmeas foram ontem à noite.

Os lábios da mulher se apertaram, assim como o aperto em seu copo. Ela abriu a boca como se quisesse argumentar, mas depois de uma respiração profunda, ela disse:

— Nós poderíamos nos insultar o dia todo e, por mais divertido que pareça, estou com dor de cabeça. Prefiro que

terminemos essa conversa o mais civilizadamente possível, para que eu possa voltar para a cama.

— Você é minha tia, mas nem sei seu nome. Você me sequestrou para quem sabe onde e espera que eu seja civilizada?

— Muito bem. Se precisa de formalidades, meu nome é Anne Swithin. Sou a irmã mais velha do seu pai e moramos no norte de Vermont. O nome do seu avô é Erik Segur, o Segundo. O nome da esposa dele era Gertrude. Ela morreu há dez anos. Agora podemos conversar?

— Por que estou aqui?

Ela caminhou em direção à janela. Sua túnica comprida agitava a poeira do ar, girando-a na luz da manhã que entrava pela janela.

— Há uma questão de herança que precisa ser resolvida.

— Uma herança? O que isso tem a ver comigo?

Anne virou-se para mim.

— Absolutamente nada até este ano. Você deveria ser um Adepto, uma bruxa de aprendizado lento que mal podia acender uma vela. Pelo menos foi o que Erik nos disse, mas de acordo com Boaz, você é pelo menos um Mestre, possivelmente chegando ao nível da Lenda.

"Boaz?"

Anne sorriu como se estivesse mantendo um grande segredo. Ela tomou um longo gole antes de dizer:

— Pessoalmente, acho que meu irmão conhecia o seu talento o tempo todo e esperou até o último minuto para avisar nosso pai. — Ela fez uma breve pausa. — Sua pequena maneira de se vingar de mim.

— Meu pai tentou me matar por acreditar que eu era um adepto. — Um dia os confrontaria por enviar todos aqueles diablos atrás de mim. — Quanto tempo eu tenho que ficar aqui?

— Até o velho querido papai decidir quem é mais poderosa: minhas filhas gêmeas ou você. Toda a sua fortuna será dada aos pais da vencedora e, eventualmente, repassada aos filhos. — Ela resmungou. — Acho que é uma perda de tempo. Minhas meninas são mais poderosas do que jamais poderia ter sonhado.

Eu me levantei.

— Eu não me importo com nenhuma herança estúpida. Pode ficar com ela. Não quero ter nada a ver com a fortuna Segur.

Anne balançou a cabeça.

— Você é uma criança tão decepcionante.

Eu ri, mais do que eu esperava.

— Você acha que me importo? Erik e Sable eram pais horríveis que nunca deveriam ter tido um filho.

Foi a vez de Anne rir.

— Não se trata de criar filhos. É sobre aumentar o poder. E quem tiver mais receberá o dinheiro. — Ela levou o copo aos lábios e engoliu o resto do vinho. — Eu preciso de outra bebida. — Ela foi em direção à porta.

— Quando posso sair desta sala?

Anne parou e olhou em volta como se estivesse vendo pela primeira vez.

— Quando você quiser, agora.

— Eu posso ir lá fora?

Anne encolheu os ombros.

— Fique à vontade. Você será parada quando for longe demais. — Ela saiu da sala, deixando a porta aberta atrás dela.

Dei um passo na direção dela, hesitante. Eu realmente poderia sair? Quando Anne não voltou, espiei pela porta e pelo corredor. Vozes ecoaram à distância. Movi-me silenciosamente, pressionando-me contra a parede para evitar o piso barulhento.

Mais à frente, o salão se abriu para uma sala de estar. Eu coloquei minha cabeça para fora. A sala era enorme, com tetos altos. Vigas de madeira de aparência antiga cruzavam

o teto, e mais madeira escura aparava o resto da sala. Na parede oposta, uma enorme lareira estava envolta em pedra do chão até o teto. As áreas de estar estavam espalhadas por toda a sala, posicionadas exatamente para o entretenimento.

As gêmeas estavam sentadas no meio do chão. As duas estavam sentadas na mesma posição, uma de frente para a outra: pernas cruzadas, cotovelos nos joelhos, livros na mão. Eles estavam lendo em voz alta, suas vozes em perfeita harmonia entre si. Pelas palavras, era algum tipo de livro de história.

O vestíbulo por onde entramos a noite anterior passava por elas, mas a única maneira de chegar lá era abrir as portas.

Que assim seja. Anne disse que eu poderia sair.

— Olá, primas — cumprimentei, entrando na sala.

Eles pararam de ler exatamente no mesmo momento e olharam para mim com expressões em branco.

— Não pare de ler por minha causa. Por favor, continuem. Parecia um best-seller.

Nenhuma delas disse uma palavra. Simplesmente me encararam como se nunca tivessem me visto antes.

Eu acenei minha mão.

— Olá? Se lembram de mim?"

Simultaneamente, elas voltaram aos livros e começaram a ler novamente.

— Acho que não — murmurei. Fui em direção à saída e, depois de perceber que ninguém iria me parar, abri a porta da frente e saí.

Saí da casa, meio correndo, com medo de me virar com medo de ser parada. O chão estava frio e úmido, o inverno teimosamente agarrado a ele. Felizmente, eu ainda tinha meu casaco comigo. Enrolei-o com mais força no meu peito e continuei andando até chegar à sombra das árvores.

Uma vez escondida, soltei um suspiro e sorri. *Liberdade*. Agora tudo o que precisava fazer era encontrar a estrada em que entramos na noite passada. Eu me apressei, atravessando a floresta, mas era difícil com salto alto. Quando a natureza se tornou tão irritante?

Dei mais alguns passos à frente quando, de repente, esbarrei em algo, mas não havia nada visível na minha frente. Apenas uma espécie de pressão, semelhante à quando as gêmeas criaram uma barreira invisível. Com os braços estendidos, toquei a parede transparente que bloqueava minha fuga. Por algum tempo, segui o comprimento da barreira - ela circulava pela floresta, a casa no centro.

O pânico inundou minhas veias, meus órgãos, minha mente. Agora entendi o que Anne quis dizer quando disse que eu seria parada. Ela lançou um feitiço semelhante ao que meus pais usaram quando eu morava em casa. Isso me deixou com raiva e rosnei baixo. Ninguém ia me aprisionar novamente.

Coloquei minhas mãos contra a parede invisível. Minha palma cantarolava com a força da corrente elétrica que continha. Parecia forte, mas não forte o suficiente. Dada concentração e tempo suficientes, poderia quebrá-la.

Fechei os olhos e deixei a familiar magia negra assumir o controle. A luz diminuiu e as cores da floresta diminuíram. O cheiro de magia encheu meu nariz, mas não era mais repugnante. Na verdade, preferia a qualquer outro cheiro. Por que não tinha usado mais magia quando criança? Era fantástico!

Com as mãos na parede, a magia aquecendo as palmas das mãos, percebi uma súbita quietude na floresta. Os pássaros não mais gorjeavam, os animais não mais corriam, e o vento deixara de soprar. Continuei a me concentrar apesar do meu crescente desconforto. Eu não estava sozinha, e o que estava na floresta comigo não era humano.

Quando a pressão no ar mudou, soltei as mãos e me virei. Olhei para as árvores, apertando os olhos, mas não vi

nada. Esperei mais um momento antes de voltar à tarefa em questão, mas parei novamente quando algo se moveu pelo canto do meu olho.

Flutuando diretamente à minha esquerda estava a névoa negra que eu tinha visto na noite anterior. Era da minha altura, mas larga, o comprimento de dois dos meus braços. A névoa nunca manteve uma forma, pois estava em constante mudança e movimento. Mas não me importei com sua forma estranha; foi o poder das trevas que emanava dela que me fascinou.

O nevoeiro se moveu em minha direção e senti o poder da sombra disforme crescer proporcionalmente mais forte, quanto mais próximo ele se aproximava. A fumaça espessa se separou e circulou em volta de mim, aumentando de estatura. Muito lentamente, como se não quisesse me assustar, subiu pelo meu corpo até me consumir completamente. Inspirei profundamente, gostando do que parecia um vinho quente descendo pela minha garganta. Era intoxicante, poderoso e ... familiar.

— Boaz — sussurrei.

Imediatamente, a névoa negra recuou e cruzou a barreira invisível para o outro lado. Eu não pude deixar de sorrir quando a fumaça tomou forma no homem que desejava. Boaz estava na minha frente, sorrindo de volta.

— Como você está, amor? — Ele perguntou.

— Melhor, agora que está aqui. — Afastei meus cabelos emaranhados. — Então, pode se transformar em fumaça?

— Somente quando precisar, mas se atravessar essa barreira como eu, os que estão dentro de casa serão alertados. — Ele me olhou de cima a baixo e franziu a testa. — Você não mudou de roupa. Eles não estão cuidando de você?

Eu ri.

— É com isso que você está preocupado? Eu não poderia me importar menos com minhas roupas. Eu só quero sair daqui.

— Eve, me escute. Você deve tratar este lugar como se fosse sua rainha. Não permita que eles te tratem como menos. Você entendeu?

— Da última vez que verifiquei, sou prisioneira deles. Duvido muito que eles me deem o que quero.

— Exija. Você não deve parecer fraca de forma alguma.

— Você vai me ajudar a sair daqui ou o quê?

Ele desviou o olhar.

— Sinto muito, mas não posso. Você deve ficar.

— Mas quero ir embora. Eu exijo.

— Qualquer coisa menos isso — disse ele. — Sinto Muito.

— Eu me recuso a ficar aqui mais um segundo, e se não me ajudar, farei isso sozinha. — Levantei minhas mãos para fazer exatamente isso.

— Pare! Você não quer provar para sua família, para seus pais, que você é mais poderosa do que todos eles?

— Eu não me importo em me provar. Eu sei do que sou capaz, então o que importa o que eles pensam?

— Confie em mim, isso importa. Faça isso por mim, Eve. — Ele se inclinou para a frente, quase na ponta dos pés, como se a qualquer momento pudesse atravessar a parede invisível e me sacudir. — Mostre a eles o que pode fazer e não se contenha. Eles devem testemunhar o seu poder.

Sua paixão me surpreendeu.

— Isso significa muito para você?

— É tudo o que peço.

Abaixei minha cabeça e suspirei.

— Bem. Eu farei isso, mas com uma condição. Quando sair daqui você vai me dizer por que tudo isso era tão importante?

— Combinado.

— Você quer saber qual será a parte mais difícil de tudo isso? — Perguntei.

— Tolerar aquelas éguas gêmeas?

Eu ri.

— Isso será difícil, mas não tão difícil quanto ficar longe de você. O que vou fazer por diversão?

— Eu não estou indo a lugar nenhum.

— E o que exatamente devo fazer com uma bola de fumaça intangível?

— Desculpe, amor. É o melhor que eu poderia fazer nessas circunstâncias. Eu irei visitá-la sempre que puder.

— Acredito que sim. — Olhei em volta, através das árvores e em direção à casa do meu avô. — Há quanto tempo você...

Eu me virei para Boaz, mas ele se foi.

CAPÍTULO 16

Eu esperei um pouco mais antes de voltar. As gêmeas estavam sentadas do lado de fora nos degraus, parecendo muito mais jovens do que a idade real. Elas usavam vestidos florais rosa idênticos e cada um segurava uma ventosa na mão direita. Ambas as cabeças se viraram quando me aproximei.

— O vovô está esperando — disse Helen.

— Há horas — acrescentou Harriet.

— Pobre vovô. — Passei por elas e atravessei a porta da frente. Fui direto para o meu quarto, apesar de ouvir meu nome ser chamado.

Lá dentro, procurei no armário, mas só encontrei alguns vestidos lisos. Se estivesse aqui um tempo, não havia como eles me tratarem como meus pais. Eu terminei com essa vida.

Seguindo o conselho de Boaz, entrei na sala de estar. Meu avô estava sentado em uma cadeira estilo rainha Anne com encosto alto e me observava com curiosidade. Anne ficou ao lado dele com outra bebida na mão. Ela ainda estava com o mesmo roupão de antes.

Anne balançou um pouco.

— Nós estávamos esperando por você.

— Eu preciso de roupas.

— Você tem algumas — disse Anne, claramente chateada por estar sendo ignorada.

— Não vou usar aqueles trapos naquele buraco em que você espera que eu fique. Se vou ficar aqui por um tempo, quero minhas próprias roupas. E por falar em meu quarto, exijo um novo.

Meu avô permaneceu inexpressivo, mas os olhos de Anne se arregalaram e suas narinas se dilataram quando ela sugou o ar.

— Você não terá tal coisa!

Meu avô levantou a mão, silenciando Anne.

— Outro quarto não é necessário. Você não ficará aqui o tempo suficiente para justificar isso, mas pode ter uma roupa melhor. Anne, traga-lhe um vestido novo e muito mais bonito.

Anne olhou para ele, a boca aberta; e olhos, fendas estreitas. Sua bebida derramou sobre a borda de vidro.

— Mas pai ...

— Vá. Agora nos deixe antes que você desmaie de bêbada.

Seu rosto de marfim ficou escarlate, mas ela obedeceu.

— Sente-se, Eve — ordenou depois que Anne saiu.

— Eu prefiro ficar de pé.

— Disse sente-se — repetiu. Uma cadeira do outro lado da sala deslizou magicamente atrás de mim, batendo nas minhas pernas. Assustada, sentei-me.

Ele falou com uma voz alta e profunda:

— Agradeço sua ousadia, mas não esqueça com quem está falando. Eu não vou ser enganado.

Cerrei os punhos e tentei manter minha voz calma.

— Você me tira, contra minha vontade, de tudo o que conheço e depois exige meu respeito?

— Não espero menos de ninguém. Por que acha que deveria ser diferente? — Ele enfiou a mão dentro de uma gaveta e puxou um cachimbo.

— Eu respeito aqueles que fazem por merecer.

Seu olhar se tornou mortal. Ao mesmo tempo, minha garganta se contraiu como se eu estivesse sendo sufocada. Tossi algumas vezes, tentando entrar ar nos pulmões.

— Então, deixe-me merecer — disse meu avô em uma voz calma. Ele acendeu o cachimbo e inalou profundamente. Ele assistiu enquanto eu lutava para remover o aperto invisível do meu pescoço. Estrelas surgiram em minha mente em borrifos de azuis e roxos.

— Você me respeita agora? — Perguntou.

Eu mal tinha consciência o suficiente para acenar com a cabeça. O aperto do meu pescoço relaxou e eu aspirei tanto ar quanto meus pulmões aguentavam.

— Tenho certeza que Anne te contou por que a trouxemos aqui — ele começou.

Eu balancei a cabeça novamente, fracamente.

— Eu preciso de um herdeiro. Você nunca foi uma opção antes, mas fui informado que agora é, graças a Boaz.

— Boaz não tem nada a ver com isso.

— Continue dizendo a si mesma — disse ele, soprando um amplo anel de fumaça.

No canto da sala, uma sombra mudou. Boaz ou um truque da luz? Continuei olhando, mas nada se moveu novamente.

— Fiz um teste simples para minhas netas — disse ele. — Quem vencer, sua família herdará tudo o que tenho.

— E quando o teste terminar?

— Você estará livre para sair. — Fumaça caiu de sua boca.

— Quando começamos?

— Esta noite.

Boa. Quanto antes melhor. Apenas sentar perto do velho me enervou. Não é de admirar que meus pais sempre estivessem em desacordo depois de visitá-lo. Era como estar

perto de um tigre faminto com incrível autocontrole - era possível ver a agressão em seus olhos, mas ele permaneceu imóvel como uma rocha. Deixei meu avô com seu cachimbo e pensamentos, e encontrei Anne do lado de fora do meu quarto com um copo cheio de vinho.

— O que ele disse? — Ela perguntou e limpou a boca com as costas da mão.

Passei por ela e entrei no quarto.

— Ele disse que as gêmeas vão perder e vou vencer.

Depois de tomar banho, voltei para o quarto e encontrei um elegante vestido vermelho deitado na cama. Tinha um faixa vermelho sangue na cintura e era feita do mesmo material sedoso que meus outros vestidos. Eu rapidamente o puxei, me sentindo um pouco melhor.

Uma batida na porta me assustou. Eu não disse nada, mas me mudei para o assento da janela, a luz do sol quente derramando através do vidro e me sentei para esperar quem quer que fosse simplesmente entrar. Elas fizeram exatamente isso. Helen entrou primeiro, seguida por Harriet.

— Vocês fazem tudo juntas? — Perguntei.

— Dois é melhor que um — respondeu Helen.

— Muito melhor — concordou Harriet. Elas ficaram lado a lado, os ombros se tocando.

— Vocês duas namoram muito? — perguntei.

Simultaneamente, um sorriso se espalhou pelos rostos delas.

— Nós nos divertimos — disse Helen.

— Boaz foi maravilhoso— concordou Harriet.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Realmente? E o que exatamente vocês fizeram com Boaz?

Eles se entreolharam conspiratoriamente.

Helen riu.

— Somente os pássaros sabem.

— E os vermes. — Harriet riu mais forte.

Percebendo que não era uma conversa que queria ter, perguntei:

— Vocês gostaram de crescer aqui?

— Nós não crescemos aqui.

— Nossa casa era em Wildemoor.

— Por que vocês se mudaram para cá? — Perguntei.

— Havia fogo.

— Isso destruiu tudo.

— O que causou isso?

Ambas se encolheram como se alguém tivesse enfiado limões na boca.

— Magia— disseram juntos.

De quem é a magia?

— Foi um acidente— disse Helen.

— Estávamos aprendendo — acrescentou Harriet.

Levantei-me, surpreso com a confissão delas.

— Alguém se machucou?

Engolindo em seco, elas disseram:

— Papai. Ele morreu.

— Isso é horrível. Quantos anos vocês tinham?

— Nós éramos jovens.

— Dez.

— Vocês gostavam do seu pai? — Eu perguntei. Se meu pai tivesse morrido, não teria me importado, e esperava que fosse o mesmo para as gêmeas.

Levaram um momento para responder.

— Nós amamos o papai

— Ele era diferente. Não é como eles.

Eu sabia exatamente de quem elas estavam falando.

— Eu sinto muito. Isso deve ter sido difícil.

Elas não disseram nada, mas notei que as pupilas estavam se movendo para frente e para trás, apenas da mesma maneira que um relógio de pêndulo.

— Escutem, primas — disse, sentindo-me repentinamente solidário com eles. — Essa coisa toda de herança é estúpida, não concordam?

— Não — disseram em uníssono.

— Vocês estão dizendo que querem lutar?

— Fazemos o que nos dizem — disse Helen.

— Não temos escolha — acrescentou Harriet.

Eu bufei.

— Claro que vocês têm uma escolha.

— Você não conhece o vovô.

— Nós devemos obedecê-lo.

— Vocês não precisam. Nós três podemos fugir. Eu posso nos tirar daqui, prometo. E quando estivermos livres, Boaz nos levará a algum lugar seguro.

Suas sobrancelhas se uniram, confusas.

— Boaz não vai ajudar.

— É isso que ele quer.

— O que isso quer dizer? — Perguntei.

Sem aviso, a lâmpada na mesa de cabeceira caiu no chão, quebrando-se em vários pedaços. Nós três nos viramos, surpresas.

— Eu me pergunto como isso aconteceu — disse.

— Vamos pedir à empregada para limpá-lo — disse Helen.

— Imediatamente — acrescentou Harriet.

Eles se viraram para sair.

— Esperam! — chorei, mas eles já estavam do lado de fora.

Eu me abaixei e peguei um grande pedaço da lâmpada quebrada, frustrada com o momento suspeito. Depois de inspecioná-lo, andei pela sala, procurando todas as sombras, convencido de que encontraria Boaz escondido entre elas. Tinha que ter sido ele, mas por quê? O que ele não queria que eles dissessem?

Quando a empregada apareceu, desisti e saí da sala. Eu queria encontrar as gêmeas para terminar nossa conversa anterior, e esperava convencê-las a não participar da competição idiota de nosso avô.

Passando pela janela do quarto, um prédio de tijolos vermelhos a alguma distância da casa chamou minha atenção. Tinha pelo menos dois andares, sem janelas. Eu me perguntava como era possível que não tivesse visto da floresta mais cedo naquela manhã.

Uma sombra passou por trás do prédio. Talvez tenha sido um das gêmeas. Eu escapei por uma porta dos fundos e segui um caminho desgastado para o estranho edifício que parecia muito com uma fábrica.

Quando estava à vista da única porta, ela se abriu como se estivesse me esperando. Hesitante, passei por cima do limiar. A porta se fechou atrás de mim e várias luzes se acenderam automaticamente.

— Olá? — Eu perguntei.

Silêncio.

A sala era incrivelmente longa, com tetos altos. No meio havia uma mesa de banquete estreita que parecia acomodar pelo menos cem pessoas. Ao longo dos lados das paredes havia armários de objetos antigos esculpidos à mão, cheios de uma linda porcelana antiga. Eu consideraria a sala bastante ampla se não fosse todas as armas e o que pareciam dispositivos de tortura pendurados acima das prateleiras. Eu reconheci alguns deles da coleção do meu pai. A sala ficou subitamente fria e uma respiração visível saiu da minha boca.

— Você não deveria estar aqui — disse uma voz do alto.

Olhei para uma varanda projetando-se para dentro da sala enorme. Duas cadeiras ornamentadas repousavam sobre ela como se fossem feitas para um rei e uma rainha. Em uma delas, Anne estava sentada, apertando uma garrafa de vinho. Ela finalmente mudou suas roupas para um vestido azul apertado.

— O que é essa sala? — Procurei um caminho lá em cima, mas não encontrei escadas.

— Depende da época do ano.

— E o que seria nessa época do ano? — perguntei.

— É a nossa sala de treinamento. Quando eu era mais jovem, aprendi a usar magia em algo semelhante.

Movi-me pela sala, examinando os diferentes tipos de porcelana e armas. Muitos deles estavam gravados em ouro e prata, e vários tinham joias adornando suas frentes. Parecia não haver diferença entre a porcelana que comiam e as armas com que matavam.

— É interessante, para dizer o mínimo.

— É repulsivo — Anne cuspiu.

Eu olhei para cima, surpresa.

— Basta olhar para tudo. Esta sala está cheia de coisas bonitas e caras, dando a ilusão de que a grandeza acontece aqui. Mas grandes coisas exigem janelas para que o mundo as conheça, mas não há janelas. Apenas segredos sombrios que permanecem escondidos para sempre. — Ela tomou um gole da garrafa; algumas delas escorriam pelo queixo e pelo vestido.

Eu fiquei quieta. Encarando. Perguntando.

Depois de engolir, Anne inclinou a cabeça e apertou o olho esquerdo.

— Você se parece com ela.

— Como quem?

— Eva.

— Isso é porque eu sou Eve — disse. O álcool estava claramente chegando até ela.

— Não, você não é. Você é uma impostora. Meu irmão nunca deveria ter lhe dado esse nome.

— Se sou uma impostora, então quem é a verdadeira Eva?

— Nossa irmã mais nova — disse Anne, desviando o olhar como se lembrasse de outra vez. — Ela era tão diferente do resto de nós.

Eu fui nomeado com o mesmo nome da minha tia? Eu sempre me perguntei por que meus pais me deram um nome que parecia ir contra tudo o que eles acreditavam.

— Onde ela está?

— Eve morreu quando tinha dezesseis anos. Ela tinha catorze anos.

— Como ela era?

Anne riu.

— Teimoso, corajoso. Ela desafiava nosso pai constantemente, recusando-se a fazer o que ele pedia, apesar da tortura que ele a submetia. Ela tinha essa capacidade notável de ajustar tudo. Era como se ela estivesse em outro lugar.

Minha boca caiu aberta. Eu não podia acreditar! Parecia que minha tia tinha a mesma habilidade que eu. Isso me fez pensar no Éden, o lugar para onde costumava me esconder.

Fazia tanto tempo desde que eu visitei, mas eu realmente não precisara desde que conheci Boaz.

Anne continuou:

— Meu pai ficou envergonhado por ela. Ele achava que ela era uma Adepta, uma bruxinha chata, mas ele mal sabia que ela era mais poderosa do que Erik e eu juntos.

— Como você sabe?

— Eu a vi uma vez. Na floresta. Ela pensou que estava sozinha, mas Erik e eu a espionamos. Vimos como ela conseguiu redirecionar uma seção inteira de um riacho, criando sua própria piscina pessoal. Quando dissemos ao nosso pai que ela poderia usar magia, ele prometeu fazê-la usá-la na frente dele. Ele tentou de tudo, torturando-a sem piedade. Mas ela apenas ficou lá com uma expressão calma no rosto, como se estivesse sentada em uma praia em algum lugar e não suportando uma estaca quente na palma da mão. — Anne tomou um gole da garrafa novamente. — Ela tinha a mesma expressão no rosto quando a tortura dele finalmente a matou. Depois que ela morreu, ele se afastou, sem olhar para trás nenhuma vez. Ele não a mencionou desde então.

— Ele a matou?

— Isso te surpreende? O filho dele criou você. Erik não tentou te matar também?

Eu não respondi, mas meu sangue gelou me fazendo tremer. Anne cruzou as pernas e se afundou mais na cadeira.

— Os Segurs sempre foram sobre dinheiro e poder. Você não pode estar em nossa família se você se sentir diferente.

Eu falei, minha voz baixa.

— As gêmeas disseram que seu marido foi morto em um acidente.

— Não existem acidentes em nosso mundo.

— Mas As gêmeas eram muito jovens! Eles não poderiam ter matado o próprio pai.

Anne riu.

— Claro que não, mas imagine a culpa que sentiriam por pensar que tinham. Qualquer humanidade que elas tinham morreu no momento em que acreditaram que o mataram. Eles pararam de se preocupar com qualquer outra coisa e finalmente se tornaram moldáveis.

— Tudo por dinheiro e poder — eu sussurrei.

— O que mais? — Ela moveu a garrafa em um movimento circular, observando o último líquido escorrer. — As gêmeas vão bater em você hoje à noite.

— Como você pode ter certeza?

— Ainda há luz e bondade em você, por menor que seja. Isso te deixa fraco.

Fiz uma pausa com as palavras dela, considerando-as. Eu ainda era uma boa pessoa. Posso ver o mundo de forma diferente agora, mas não fiz nada para machucar os outros. Um dia, quando eu finalmente escolher uma carreira, posso usar minhas habilidades contra seres humanos para garantir que meus desejos sejam realizados, mas isso será apenas para benefício deles. Como sobrenatural, eu tinha uma visão muito mais ampla e justa de como o mundo deveria ser administrado.

Anne estava errada. Meu desejo de grandeza me tornaria mais forte. Eu sorri para ela.

— Eu posso te surpreender.

— Não importa. Ganhando ou perdendo, você será destruída hoje à noite.

CAPÍTULO 17

Eu me sentei sozinha no meu quarto, olhando pela janela, em um vestido preto curto. A última luz do sol foi perseguida pela escuridão que cobria o céu noturno. Estiquei o pescoço, procurando a lua, mas não havia nenhuma. Ela também me abandonou.

Eu caí contra a parede. Eu não estava nervosa com essa noite até minha conversa com Anne. Um sentimento ameaçador cresceu constantemente desde então, e eu não pude evitar. Eu considerei simplesmente desistir. A única razão pela qual eu estava fazendo isso era Boaz, de qualquer maneira, mas uma coisa me deu uma pausa, ou devo dizer uma pessoa: meu avô. Eu tinha medo de que se não ganhasse, nunca estaria verdadeiramente livre da minha família. Posso não ser a melhor pessoa, mas não era como eles. Eu não matei as pessoas com quem eu me importava, nem ninguém.

O que eu precisava era de Boaz para me dar um pouco de coragem.

Silenciosamente, destranquei a janela e a abri.

— Boaz! — Sussurrei na noite.

O vento levou meu sussurro para a floresta e além. Em instantes, uma névoa negra deslizou pelo gramado em

minha direção. Afastei-me da janela quando a escuridão caiu sobre o peitoril da janela e entrou no meu quarto.

— Estou com medo, Boaz. Eu nunca lutei com outra bruxa como essa antes.

Sua escuridão rodou nas minhas pernas nuas, subindo mais alto. Acariciou minha pele em um toque frio, incendiando cada parte de mim com fogo frio. Respirei fundo e toquei meu coração. Ele batia furiosamente dentro do meu peito.

— Sim — eu disse sem fôlego, enquanto a forma incorpórea de Boaz continuava sussurrando em toda a minha carne, esgueirando-se pelo meu vestido. Parecia tão diferente do seu toque real e, no entanto, tão sensual.

Com o toque externo veio o poder, sombrio e dominador. Criou uma nova vida em mim, que se espalhou por minhas veias e disparou diretamente em meus músculos.

— Não tenha medo — disse a voz de Boaz em minha mente. Seu toque gelado roçou no meu pescoço, enviando calafrios na minha espinha. — Elas são mais fracas que você.

Sua névoa envolveu e levantou meu corpo, me prendendo dentro de um casulo fino. Cada parte dele pressionou minha pele, apertando e moldando, criando algo escuro e bonito. Eu o respirei, aproveitando o poder

intoxicante enquanto ele se movia entre minhas pernas para aliviar minha dor crescente.

Minhas costas arquearam e eu ofeguei várias respirações.

— Não mostre piedade — disse ele, sua voz dominando minha mente.

Sua escuridão beijou meus mamilos, roçando mais rapidamente na minha fenda latejante. Me contorci sob o toque que me consumia.

— Você as destruirá — acrescentou, mas eu mal registrei suas palavras.

Ao longe, tocou um sino, quebrando o momento climático. Boaz me abaixou no chão.

— Vai! — Sua voz ordenou.

Atordoada, eu obedeci.

***

— Bem-vinda, Eve — Disse meu avô da varanda na sala de treinamento. Suas mãos descansavam nos braços de seu trono. Ele usava um terno de três peças como se estivesse assistindo ao teatro, uma peça que nunca chegaria à Broadway.

Anne sentou-se ao lado dele. Ela me deu um olhar interrogativo, e eu me perguntei se de alguma forma ela poderia sentir o novo poder dentro de mim.

Do outro lado da sala, do outro lado da longa mesa de jantar, Helen e Harriet estavam sentadas como estátua em suas cadeiras. Pendurado acima delas na parede havia um escudo de prata que não existia antes. Faltava uma peça circular no centro.

— Sente-se — disse Anne, apontando para uma cadeira solitária, em frente às gêmeas. Acima, havia outro escudo idêntico, com a peça central também faltando.

Fui para a cadeira e me sentei nela.

— Vamos comer primeiro?

Ninguém disse uma palavra, então eu exalei alto. Todos tinham que ser tão malditamente sérios? Não achei que estivesse escrito em nenhum lugar que não se pudesse ter poder e senso de humor.

Nesse momento, meu avô levantou o braço direito. Ao mesmo tempo, um disco prateado girou da varanda com um zumbido silencioso. Não era maior que meu punho e tinha arestas afiadas. Quando chegou ao centro da sala, meu avô abaixou o braço e o disco caiu no meio da longa mesa. O brasão da família Segur estava pintado no topo.

Ele falou:

— O primeiro a colocar a crista no escudo do adversário vence. Não há regras. Comecem.

— Espere! — Eu gritei, esperando por mais instruções, mas a sala mergulhou na escuridão.

Ouvi o disco de metal raspar a mesa quando flutuou no ar. *Aja rapidamente!* "Abri" os olhos, a escuridão era apenas uma ilusão criada pelas gêmeas. O disco passou direto em direção ao escudo acima de mim.

Eu sussurrei "Subsisto" e o disco parou, flutuando a alguns metros de distância. Segurei-o e, com o máximo de força que pude reunir, joguei-o de volta para elas. Seus olhos acompanharam o movimento do disco até que conseguiram parar sua progressão. Nós o empurramos mentalmente de direções opostas, suspendendo-o no ar.

Para distraí-las, criei minha própria ilusão. Foi preciso apenas um pensamento para fazer o teto parecer que estava se movendo. O som era ensurdecedor quando ele rangeu e gemeu. Pedaços pareciam cair no chão.

Harriet se encolheu brevemente, dando-me a vantagem. O disco voou na direção delas, mas ela rapidamente se recuperou e juntou o olhar firme de Helen ao disco, parando-o logo acima de suas cabeças.

Um estalo alto me fez pular. As luzes do teto explodiram uma a uma; o vidro caiu como uma repentina chuva explosiva. Estilhaços afiados cortaram minha pele.

Isso não era uma ilusão.

Incapaz de ver o disco por mais tempo, eu vacilei. Ouvi o disco zunindo em minha direção. Rapidamente criei uma barreira, como a da floresta, para interromper seu voo, mas quando atingiu minha parede invisível, as gêmeas imediatamente começaram a passar por ela.

Eu me concentrei muito para sustentar a barreira enquanto tentava descobrir o que fazer a seguir. A lembrança do relógio de bolso na caverna veio à mente. Foi preciso muito esforço mental, mas consegui acender várias placas de porcelana por toda a sala. A luz era suficiente para eu ver o disco pairando não muito longe de mim.

Por vários minutos, ninguém se mexeu. Cada um de nós empurrava mentalmente o disco, tentando ganhar terreno um sobre o outro. Eu me concentrei na minha respiração, no disco e nas gêmeas. Meus pés formigavam. A sensação se espalhou por todo o meu corpo, a mágica se expandindo, crescendo até que eu pensei que minha pele pudesse literalmente rachar. Naquele momento, me senti mais poderoso do que nunca.

Logo depois, um prato de cerâmica de uma das prateleiras explodiu. Ele, junto com outros pratos, voou na minha direção, um exército de porcelana quebrada. Eu facilmente me esquivei das peças irregulares, meu foco ainda no disco, mas de alguma forma um fragmento escapou

da minha atenção e ao bateu ao lado da cabeça, cortando profundamente no meu couro cabeludo. Meu aperto no disco escorregou, e a pequena esfera girou novamente enquanto ia em direção ao meu escudo.

Apesar da dor lancinante em minha cabeça, pulei do meu assento, saltando para uma altura não natural e segurei o disco. Ele abriu a pele da palma da minha mão, mas não hesitei. Joguei de volta para as gêmeas usando força física e mental. Elas facilmente pararam seu movimento a poucos metros, me surpreendendo. Caí no chão em meio a louça e vidro quebrados, me machucando ainda mais.

Anne riu da varanda. Eu apertei minha mandíbula com força e soprei ar através das minhas narinas dilatadas. A magia mais uma vez inchou em resposta à minha raiva crescente, bem a tempo também. Usei uma porção para explodir o copo de vinho da mão de Anne. Ela pulou e xingou quando se espatifou no chão.

Eu lutei contra as gêmeas ao longo da noite até o ponto de exaustão. Mesmo elas se sentavam curvadas, respirando profundamente, mas ninguém desistiu. Cada uma de nós tinha tentado tudo o que pensávamos para nos distrair até que finalmente chegamos a um impasse.

Havia apenas algumas placas acesas nas prateleiras, iluminando o que não parecia mais uma sala, mas mais uma zona de guerra. Vidros quebrados e porcelana espalhavam-se pelo chão, e a mesa comprida havia sido esmagada em pedaços irreconhecíveis. Até as cadeiras foram destruídas, exceto uma, que foi firmemente embutida na parede horas atrás.

As gêmeas estavam pálidas e Harriet tinha o nariz ensanguentado. Sentei no chão com as costas contra a parede, tentando manter os olhos focados no disco, com medo de que, se desviasse o olhar por uma fração de segundo, perderia o controle mental.

Eu esperava que nosso avô dissesse algo como: "Vamos fazer uma pequena pausa" ou "Vamos continuar amanhã", mas ele permaneceu em silêncio, assim como minha tia. Pelo que eu sabia, meu avô estava dormindo e Anne desmaiou de tanto vinho.

Uma brisa fresca roçou minhas pernas, me assustando. A pressão fria no ar, que havia escurecido significativamente, lotou o espaço ao meu redor. Ofeguei rápido demais e quase congelei meus pulmões.

— Termine com isso— uma voz profunda sussurrou.

Meu coração bateu mais rápido. *Boaz?*

— Agora!

Meus ombros caíram para a frente. *Mas estou tão cansada. Ajude-me.*

— Você é a grande Eve Segur — ele assobiou. — Empurre com força!

Mas há duas delas!

— Há duas delas — ele repetiu, sua voz pensativa.

Eu balancei minha cabeça lentamente. *Eu não entendo*

— Não há regras.

Eu pensei muito, tentando entender o que ele queria.

— Termine com isso! — Ele gritou dentro da minha mente, me fazendo pular.

E então suas palavras fizeram sentido.

Eu poderia terminar isso. Agora mesmo. Tudo o que eu precisava fazer era tirar uma delas da equação.

Antes que eu pudesse pensar duas vezes, usei o resto da minha força mental para segurar o armário de madeira atrás das gêmeas. Havia pregos presos em suas costas, segurando-o com força contra a parede. No começo, os pregos gemeram e resistiram ao meu puxão, mas a rebelião delas não pôde durar. Eu empurrei uma última vez. O objeto antigo gemia e rangeu quando caiu para a frente. De repente, parecia muito maior e mais pesado do que eu pensava inicialmente, e tive um pensamento rápido para empurrá-lo de volta. Mas era tarde demais. Ele caiu em cima

das meninas, poeira e detritos subindo no ar. Um único grito foi tudo o que escapou.

Eu olhei aquilo, a imagem diante de mim como uma pintura abstrata. O disco caiu no chão próximo, me fazendo pular.

— Eve ... — Boaz disse, sua voz severa.

Meu olhar baixou para o disco prateado. Sem oposição, levantei-o com o mínimo de concentração e o direcionei através da sala até o escudo onde ele se encaixava perfeitamente.

Do balcão, começou um leve aplauso, e a sala se iluminou, as luzes magicamente fixas. Meu avô estava lá, suas mãos batendo juntas. Anne ficou ao lado dele, mas ela não estava comemorando. Ela olhou para o objeto virado, a boca aberta e o rosto pálido. Vinho da garrafa caída esparramado pela varanda.

Eu lentamente segui o olhar de Anne para o armário caído; uma poça escura de sangue se estendia sob ele. Uma respiração afiada ficou presa no meu peito e meu estômago rodou com uma doença escura.

O que eu tinha feito?

Eu tropecei para frente, abrindo caminho entre os destroços quebrados e o vidro quebrado, enquanto meu avô falava.

— Você ganhou, Eve. Tudo o que tenho será transferido para a conta de seus pais e, com o tempo, a fortuna se tornará sua. Como nas gerações passadas, você usará esse dinheiro para promover nosso poder político tanto no nosso mundo quanto no humano.

Cheguei armário e tentei levantá-lo, mas estava muito fraca.

— Ajude-me!

Meu avô e Anne haviam saído da varanda e não estavam muito longe de mim. A cor de Anne havia retornado, sua expressão ilegível.

— Está feito. Você está livre para ir — disse meu avô. Ele se virou e caminhou em direção à porta. Anne o seguiu.

— Anne! — Eu chorei. — Estas são suas filhas. Ajude-me!

— Vou mandar a empregada — ela falou por cima do ombro enquanto saía para a noite. A porta se fechou atrás dela.

Gritei de frustração e tentei novamente levantar as prateleiras pesadas, tentando usar magia, mas ou eu não tinha mais nada ou minhas emoções estavam de alguma forma bloqueando-a.

Olhei ao redor da sala.

— Boaz!

A porta se abriu e ele entrou de braços abertos e um sorriso enorme.

— Você conseguiu! Eu sabia que você o faria.

— Venha aqui e me ajude. Agora! — Novamente tentei levantar o armário, grunhindo e gemendo.

Boaz veio ao meu lado, mas recuou para evitar a poça vermelha em que eu estava.

Segurei seu braço e o empurrei para frente.

— Levante isso. Por favor. As gêmeas estão embaixo.

Sua expressão se torceu em horror.

— Você fez isso?

Eu pisquei. Algumas vezes. Palavras lutaram para sair da minha boca.

— Você me disse para...

— Eu nunca diria para você matar alguém. — Boaz se abaixou e jogou o objeto para o lado.

Virei a primeira gêmea. Pensei que era Helen. Metade da cabeça dela estava coberta de sangue, mas eu não sabia dizer se era dela ou não. Ela gemeu e seus olhos se abriram, expondo uma superfície azul brilhante.

— Helen?

Ela olhou através de mim.

— Helen? — Eu perguntei um pouco mais alto. — Você está bem?

Esperei alguns segundos e depois dei um tapinha em sua bochecha. Sem resposta. Pelo menos ela estava respirando.

— Ajude Harriet — implorei a Boaz. Alcancei sob Helen e puxei seu corpo para longe do vidro quebrado e para o canto, onde a apoiei contra a parede. — Helen? Você pode me ouvir?

— Está morta — disse Boaz.

Meu coração pulou uma batida.

— O que você disse?

— Está morta — ele repetiu. — Você deve tê-la matado.

Minha boca se abriu e balancei a cabeça. Forcei meu olhar para o corpo de Harriet. O braço dela estava torcido sem jeito atrás das costas e o joelho estava dobrado na direção errada. Mas era o fragmento quebrado de um prato de porcelana saindo de seus olhos que eu mais me lembraria.

— Você pode ajudá-la? — Eu perguntei a Boaz.

— É tarde demais.

Eu tropecei para trás na parede e deslizei para o chão.

— Eu não quis. Foi um acidente. Eu só queria...

— Ganhar? — Boaz terminou para mim. Ele voltou para mim e se ajoelhou, pegando minha cabeça em suas mãos gentilmente. — Você fez o que era necessário.

— Mas eu não precisava fazer isso.

— Olhe para mim. Ela se foi e não há nada que você possa fazer para consertar isso. Vamos para casa e cuidaremos de você. Você é tudo que importa. — Boaz me ajudou a levantar.

Eu me inclinei para ele, minha respiração vinda em suspiros curtos.

— Deveríamos fazer alguma coisa. Uma ambulância. A polícia.

— Não. — Disse Boaz. — Seu avô vai cuidar disso. Isso não é mais nossa preocupação. — Boaz me guiou em direção à porta da frente, a mão quente contra as minhas costas.

Eu enterrei meus pés no chão, mas estava muito fraca para parar impulso.

— Isso parece errado, Boaz. Não podemos simplesmente sair!

— Não está certo ou errado. As coisas apenas são como são.

Antes de Boaz me ajudar a sair pela porta, olhei para Helen, que ainda estava imóvel no canto. Eu murmurei as palavras "me desculpe", mas Helen não viu. Ela estava em outro lugar, em algum lugar escuro e solitário.

Enquanto caminhávamos em direção à casa, dois criados passaram correndo por nós. Eu só conseguia imaginar a reação deles quando viram a carnificina, mas, novamente, talvez eles estivessem acostumados a ver a morte enquanto viviam com os Segurs.

Em minha mente, vi Harriet novamente, deitado de bruços em uma poça de sangue. Eu parei de me mover. Eu deveria voltar. Eu deveria ajudar Helen.

— Não há nada que você possa fazer por ela. Sem Harriet, ela também está morta.

Eu me inclinei em Boaz.

— O que foi que eu fiz?

— Apenas o que você deveria fazer. — Ele me puxou para frente até chegarmos ao carro que estava estacionado a uma curta distância na rua.

Eu não falei durante a volta inteira para a casa de Boaz, nem falei por vários dias depois. Eu não conseguia nem dormir ou comer. Repetidas vezes, repassava os eventos em minha mente. Cada movimento, cada palavra. Boaz não tinha me dito para matar as gêmeas. Eu tinha feito tudo sozinha. Esse pesadelo acontecia a cada hora de cada dia, até que eu me recusei a sair do meu quarto. Eu tinha cruzado uma linha que pensei que nunca iria cruzar. Eu era uma assassina agora.

Boaz sentava-se ao lado da minha cama diariamente, sem dizer nada, mas no sétimo dia, quando a luz da lua encheu a janela, ele finalmente falou:

— O que você fez foi horrível. Você destruiu o corpo de um e a mente de outro. Não há nada pior do que tirar uma vida. Mas para alguém como você, isso é de se esperar. Você é mais poderosa. Isso permite que você faça o que quiser. Pessoas como nós não precisam viver de acordo com as mesmas regras que outras. O que você fez é considerado assassinato no mundo humano, mas entre os nossos, você simplesmente fez o que era necessário. De fato, você será admirada por isso.

Eu pisquei, a luz da lua desaparecendo e depois reaparecendo.

— Por que isso era tão importante para você?

— Desculpe-me?

— Você prometeu me dizer por que eu deveria lutar contra as gêmeas.

Ele se recostou na cadeira e endireitou os ombros.

— Porque eu queria ver se você podia. Somente os mais fortes estarão ao meu lado.

Com medo de que sua resposta fosse assim tão simples, fechei os olhos, enfiei as mãos embaixo do queixo e me encolhi ainda mais na cama acolchoada.

Ele se inclinou e encontrou minha boca. Ele a beijou gentilmente.

— Você precisa superar isso.

— Eu acho que não posso.

— Deixe-me te ajudar. Pegue meu poder. Isso fará você mais forte.

— Isso é possível?

— Entre nós? Sim. Tire isso de mim e deixe supere sua culpa. — Os lábios dele roçaram os meus novamente. — Concentre-se.

Meu olhar encontrou o dele. Um poder, sombrio e sedutor, rodou em suas pupilas até que seus olhos ficaram totalmente pretos. Meu coração pulou de antecipação. Estava ali - uma cura para a minha dor. A energia de Boaz, sua presença sombria, sempre foi mais forte que a minha. No fundo, eu sempre soube disso, mas não foi até agora que estava disposta a admitir. E eu queria isso para mim.

Eu agarrei seus braços com força, desejando a escuridão dele, mas eu não apenas a peguei - eu a rasguei de todo o seu ser. O peito dele tremeu como se tivesse sido apertado, e ele ofegou por ar. Foi a primeira vez que o vi com dor, mas não parei.

Sua energia escura correu através do meu corpo, inundando-me com uma nova vida. Peguei o máximo que

pude, tendo que sugar o ar para recuperar o fôlego. Minhas pálpebras se fecharam e meu corpo balançou como se eu estivesse em um barco, movendo-se com as ondas do mar. Suavemente. Levemente. Flutuando nas águas de um mar que perdoa, não como um náufrago deserto, mas como um deus. Nada poderia me tocar agora.

— Já chega — disse Boaz, com a voz dolorida.

— Só mais um minuto. Deixe-me aproveitar isso. Você se sente tão bem dentro de mim. — Eu ri e passei meus braços em volta dele, puxando-o para perto.

Ele esfregou meu pescoço e relaxou dentro de mim.

— Finalmente, podemos seguir em frente com nossas vidas. Há muito o que fazer.

CAPÍTULO 18

Depois de pegar a essência sombria de Boaz, a vida ficou mais fácil com minhas lembranças e dores sendo entorpecidas significativamente. Em apenas alguns meses, eu me tornei outra pessoa, alguém muito diferente da mulher que seguia uma linha moral. Eu abracei minha metade escura. Não sentia mais remorso ou compaixão por nada nem ninguém. E eu só andava com aqueles que podiam me fortalecer, como Boaz.

Foi em uma noite de tempestade, do tipo em que realmente acontecem coisas ruins, que decidi mudar minha vida para sempre. Boaz parecia sentir a mudança também e, durante todo o jantar, ele ficou olhando para mim, como se estivesse esperando que eu confessasse o motivo por trás da minha aparência sedutora.

Eu o deixei esperar.

Saímos do restaurante, nos aconchegamos sob um guarda-chuva e atravessamos a rua até o carro dele. No caminho para casa, eu disse o que achava que nunca diria.

— Boaz?

— Sim, amor? — Seus olhos ficaram focados na estrada à frente.

— Eu tenho tido o tempo da minha vida com você, e eu não quero que isso nunca termine. Quero estar com você para sempre. Estou pronta.

Boaz pisou no freio e guiou o carro até o acostamento da estrada. Um jato de água saiu por baixo dos pneus. Ele se virou para mim.

— Você tem certeza absoluta?

— Eu tenho, mas apenas se você quiser, também.

Não foi uma decisão difícil de tomar uma vez que realmente considerei. Se Boaz me fizesse um vampiro, eu não apenas seria imortal, mas também teria as habilidades de um vampiro. O pensamento de ganhar mais poder me excitou tanto quanto Boaz.

— Eu esperei tanto tempo para ouvir você dizer essas palavras — disse ele, segurando meu rosto em suas mãos. — Eu quero você ao meu lado para sempre.

Ele beijou minhas pálpebras e depois minha bochecha. Seus lábios acariciaram meu rosto até encontrarem minha boca. Ele me beijou profundamente, sua língua varrendo dentro da minha boca e os braços em volta de mim. Em um movimento rápido e fluido que mal senti, ele me levantou em cima dele, então minhas pernas montaram sua cintura. Os lábios dele continuaram a acariciar meu rosto e finalmente

desceram para o meu pescoço. Presas alongaram em sua boca, e eu as senti roçar minha pele levemente.

É isso! Boaz nunca tinha bebido de mim antes, mesmo que eu tivesse oferecido muitas vezes. Ele sempre alegou que o faria ansiar por mais. Meu peito inchou de orgulho. Este foi o melhor presente que eu poderia dar a ele.

Fechei os olhos e esperei apreciar Boaz saciar sua sede pelo sangue que ele desejava, enquanto também satisfazia meu próprio desejo de poder supremo.

Mas meu prazer durou pouco.

Ele me afastou gentilmente.

— Quero te dar uma surpresa primeiro.

— Não quero uma surpresa. Eu só quero você. — Tomei a minha vez de beijar seu rosto, mas ele me parou novamente.

— Eu tenho que sair da cidade por um tempo. Nas próximas horas, de fato.

— Agora? Por quê?

— Para trabalhar na surpresa.

— Eu não quero uma surpresa.

— Mas eu quero dar — disse ele com mais força.

— Quanto tempo você vai ficar fora?

— Talvez uma semana.

Recostei-me no volante e fiz beicinho.

— Uma semana? Nada bom. Eu vou ficar louca.

— Você vai sobreviver. Prometo que valerá a pena. — Ele se moveu para me tirar do colo, mas eu me agarrei a ele.

— Ainda não — eu disse, deslizando minha mão sob a camisa e beijando seu pescoço. — Eu não terminei com você ainda.

Ele levantou uma sobrancelha, um sorriso ameaçando quebrar. — O que você quiser, amor. Eu sou seu para comandar.

****

Boaz saiu como prometido. Era estranho não o ter em casa. Foi a primeira vez que nos separamos em muito tempo, e eu estava entediada. Televisão, leitura, nada conseguia manter minha atenção. O máximo de entretenimento que encontrei foi usar minha magia para pregar peças nos criados, mas até isso ficou sem graça sem ninguém rir por mim.

Eu precisava ir a algum lugar. *Fazer alguma coisa.* O poder dentro de mim estava inchando e precisava ser liberado. Uma solução veio quando o telefone tocou às duas da manhã. Era Liane me convidando para uma viagem inesquecível a Coast City.

— William nos encontrará lá, e causaremos todo tipo de problemas para os nova-iorquinos. Vai ser ótimo. Seremos como nossas bisavós.

Eu não podia aceitar rápido o suficiente.

No dia seguinte, ao meio-dia, Liane me pegou. Gostava da companhia dela quase tanto quanto da de Boaz. Ela era espontânea e divertida e não tinha medo de nada. Sua falta de medo nos causou problemas mais vezes do que eu podia contar, mas a aventura sempre valia a pena.

— Você não acha que é hora de cortar o cabelo? — Liane perguntou, olhando-me de lado enquanto manobrava o carro na estrada.

Virei o espelho do lado do passageiro. Eu tinha enrolado meu cabelo comprido em grandes ondas. Parecia bom.

— É tão ruim assim?

— É só... bom. Você precisa de um estilo punk ou algo que faça uma declaração. Algo que diz 'cuidado, aqui vou eu!' — Liane virou a cabeça para a janela do lado do motorista. — Você viu aquilo?

Eu olhei em volta.

— O que?

— À frente. Um homem acabou de passar por mim.

— Oh não — eu gemi. Liane odiava ser ultrapassada.

Ela pisou no acelerador até estar ao lado do carro que a havia ultrapassado.

— Veja isto. — Ela abaixou a janela e disse algo baixinho.

O pneu do veículo do homem estourou, deixando o carro fora de controle. Olhei para trás bem a tempo de ver o veículo bater em um caminhão, girar algumas vezes e finalmente colidir com um trilho de guarda.

Eu ri.

— Isso foi horrível!

Aquela brincadeira potencialmente mortal deu o tom para o restante da viagem. Juntamente com William, constantemente tentamos nos unir em nossa crueldade para com os outros. A certa altura, tínhamos a polícia nos perseguindo pelas ruas, mas um acúmulo de cinco carros bloqueou a perseguição graças a William.

Não via mais os rostos das vítimas que machucamos. Eu me diverti com o poder que tinha sobre os outros e o usei apenas para meu próprio entretenimento. Isso é o que abraçar a escuridão havia feito por mim, e eu adorei.

Quando voltei para casa, encontrei Boaz no quarto. Eu joguei meus braços em volta dele.

— Você chegou em casa mais cedo!

— Eu não posso ficar. Voltei apenas para conseguir mais alguns suprimentos.

Meus olhos se estreitaram.

— Para minha surpresa?

— Para sua surpresa. Onde você esteve?

— Fui com Liane e William para a cidade. Tivemos um tempo assassino.

— Estou feliz, mas me sentiria melhor se estivesse com você. Ainda é perigoso. — Ele se sentou em um sofá em frente à cama.

— Ninguém ousaria me machucar. — Tirei meu casaco, fui até ele e caí em seu colo. — Quando você vai embora de novo?

— Em breve. Estou muito perto de realizar o seu sonho. Logo, amor. Estaremos juntos e imparáveis.

Ele inclinou meu queixo e me beijou profundamente. Agarrando-me com força, ele levantou meu corpo e me carregou para a cama. O ar espessou e a corrente elétrica entre nós cresceu como costumava acontecer quando estávamos tão perto.

Ele me colocou na cama e afastou minhas pernas para que ele pudesse ficar entre elas. Eu olhei nos olhos de Boaz; uma névoa escura rodou em grandes ondas quando nosso poder combinado lhe deu uma elevação natural. Ele sorriu,

mas não para mim, e eu sabia disso. Ele estava sorrindo para o poder.

Eu fiz o mesmo, mas meu sorriso cresceu quando suas mãos deslizaram pelas minhas coxas nuas, deixando um calor agradável em seu rastro. Eu gemia.

— Eu senti falta do seu toque.

— E eu senti falta de tocar em você. — Ele me puxou para a beira da cama, onde minha bunda quase pendia dela. Ele caiu de joelhos e colocou meus pés em seus ombros. Minhas coxas se abriram.

— Mmm — ele gemeu e arrastou beijos na minha coxa.

Apertei os lençóis nas mãos e arqueei as costas, ansiosa para sentir seu doce beijo. Em vez disso, meu corpo inteiro se apertou quando senti uma picada aguda dentro da minha coxa. Eu levantei minha cabeça. Boaz tinha me mordido e estava bebendo meu sangue, uma ação que ele nunca havia feito antes. Eu nem tive a chance de tentar aproveitá-lo antes que ele se afastasse, levantando um dedo para sinalizar um minuto e depois levantou um pequeno frasco que ele deve ter tirado do bolso. Ele cuspiu meu sangue nele e fechou a tampa novamente.

— Que raio foi isso? — Eu perguntei, o humor arruinado.

— Um dos suprimentos que eu precisava — disse ele com naturalidade, colocando o frasco de volta no bolso.

— Por que você precisa do meu sangue?

Ele se levantou e ajeitou a jaqueta.

— Você vai ver. Você vai adorar.

Sentei-me, decepção me pesando.

— Você está saindo?

— Sim, mas prometo que terminaremos o que começamos. Teremos uma eternidade para agradar um ao outro. — Ele se virou e saiu da sala.

Franzindo a testa, mudei meu peso na cama e esfreguei os braços. Suas palavras soaram legais, mas então por que um sentimento de pavor se espalhou dentro do meu corpo? Talvez tivesse algo a ver com ele tomando meu sangue. Sangue poderia ser usado para lançar feitiços poderosos. Mas Boaz não era uma bruxa e não podia usar magia, não além de um nível de iniciante, se isso. Então, que utilidade ele teria disso?

Subi a cama e puxei as cobertas sobre mim. Tenho certeza que não foi nada. Boaz explicaria em breve. Se alguma coisa, me deu algo para esperar.

Mas, embora eu tentasse me confortar, não conseguia deixar de sentir que havia algo terrivelmente errado.

****

NA MANHÃ SEGUINTE, decidi voltar à cidade por alguns dias. Isso me daria outra coisa para pensar além de Boaz levar meu sangue. E se por acaso Boaz chegasse em casa e eu não estivesse lá, então problema dele. Eu não ia esperar. Além disso, o poder sombrio dentro de mim começou a apodrecer novamente. Eu tinha medo que, se não fosse embora, pudesse estragar a mansão ou aqueles que trabalhavam nela. Como Boaz, a energia escura era incapaz de ficar parada.

Chovia em Coast City. Gotejava do céu cinzento como uma torneira que não se fechava, fazendo a cidade cheirar como um cachorro molhado. Saí do Cardigan Hotel, com o guarda-chuva apertado na mão, e fui em direção à sexta Avenida. Era aí que eu encontraria a maioria das pessoas. Estranhos completos que não significavam absolutamente nada para mim. Eu usaria minha magia contra eles, me dando a liberação que eu precisava desesperadamente.

Meu interior já estava começando a doer. O poder sombrio dentro de mim só podia ser satisfeito pela dor e pelo sofrimento, sejam meus ou de outros, não importava. Eu preferia que fosse outro.

Um vento frio varreu um jornal abandonado. Ele rodou aos meus pés antes de ser levado para a noite. Puxei meu casaco mais apertado em torno de mim e murmurei a

palavra "Caldor". Um calor invisível cobria meu corpo inteiro.

Eu visitei a cidade sozinha, andando da sexta Avenida para o Park West. Eu nunca estive sozinha assim, mas não estava preocupada. Era o mundo que deveria estar preocupado. Pena que ninguém os avisou da minha chegada.

Eu destruí e machuquei o que quer que eu pudesse, sem causar muita atenção. Pessoas tropeçavam, vidro quebrado, mordidas de cachorro. Todos estranhos "acidentes". Com cada maldição ou encantamento que proferi, a magia negra foi me deixando e eu não me sentia mais como se estivesse sendo esticada de dentro para fora.

À medida que as horas se arrastavam, sentei-me em um banco solitário no parque para assistir à lua cheia surgir sobre a cidade. Alguns minutos depois, um casal, amontoados em uma conversa tranquila, passou por mim. Eu estava prestes a jogar mentalmente o homem na mulher, mas algo me parou.

Eu me levantei e os segui, frustrada pelo óbvio carinho deles um pelo outro. Eu também estava apaixonada, mas eles pareciam diferentes. Eles pareciam felizes.

Por que eu não estava feliz?

Quanto mais eu os observava, mais irritada eu ficava. Eles pararam um pouco antes de virar o bloco para olhar nos olhos um do outro. O homem alto colocou as mãos no rosto da mulher, fez uma pausa e a beijou ternamente. Eu quase podia sentir o gosto da repulsa na minha boca.

Com uma palavra e um movimento do meu pulso, eu explodi o pneu de uma van que se aproximava. Ele desviou e correu da estrada para a calçada. Os olhos do motorista se arregalaram quando ele segurou o volante com força, aparentemente tentando controlar a direção do veículo. Mas eu não deixei.

A van bateu no casal se beijando. A mulher voou por cima da van enquanto o homem passava por baixo dela. Eles não gritaram. Não lhes dei tempo.

Por alguns minutos, vi como os outros atendiam ao homem e à mulher. Todo mundo estava tão preocupado. Até um adolescente, certamente um completo estranho para o casal, chorou.

Ridículo.

A perna da mulher ferida se moveu e ela gemeu. Ela viveria. Seu amante não estava longe, sangrento e quebrado, mas pela maneira como as pessoas o atendiam, ele também poderia ter uma segunda chance na vida.

Como não senti nada, voltei ao meu banco do parque para continuar observando a lua.

Eu mal tinha me sentado quando uma voz sombria e ameaçadora rosnou:

— Que diabos você pensa que está fazendo?

CAPÍTULO 19

Assustada, me virei. Em um grupo de árvores atrás de mim, a silhueta escura de um homem estava alta.

— Desculpe-me?

— Você me ouviu — disse ele, sua voz profunda e suave, mas também continha uma nota ameaçadora.

— Eu estava cuidando do meu próprio negócio, o que você deveria fazer também.

— Você vai parar de machucar as pessoas, começando agora. Você entendeu? — Sua figura mudou uma fração de polegada.

— Por que você não vem aqui para eu te ver? — Eu tinha que saber quem ou o que falaria comigo com tanta autoridade.

— Você vai parar — ele insistiu.

Se ele não vinha até mim, eu iria até ele. Levantei-me e contornei o banco.

— Quem disse?

— Você deixará esta cidade hoje à noite.

Eu estava quase com ele, mas seu rosto permaneceu escondido nas sombras. Ele ficou ereto, as pernas espaçadas uniformemente e alinhadas sob um tronco grosso. De onde o vi pela primeira vez, ele parecia enorme, mas depois de me

aproximar, percebi que seu tamanho era um truque da luz. Ele parecia ser apenas um pouco mais alto que Boaz.

Eu continuei em direção a ele. Os pelos dos meus braços subiram como se eu tivesse atravessado um campo elétrico, e o ar ficou quente. Eu respirei fundo. Quem quer que fosse, ele estava cheio de poder, mais forte do que eu já havia experimentado, mesmo com meu avô. Talvez ele fosse algum tipo de bruxo.

Ele saiu das sombras para me encontrar, e a luz da lua cheia brilhava em seus incandescentes olhos azuis. Eu ofeguei em reconhecimento. Não é um bruxo, mas um vampiro, mas como poderia um vampiro ser capaz de conter tanta magia?

Ele me olhou de cima a baixo e eu fiz o mesmo com ele. Ele tinha uma linha da mandíbula quadrada, um nariz afiado e torto que parecia ter sido quebrado algumas vezes, lábios carnudos e olhos cerrados, como um lobo. Foram os olhos dele que mais me cativaram. Eles estavam cheios de tristeza. Que trauma poderia ter enchido ele com tanta dor que seus olhos não podiam fazer outra coisa senão sangrar a forte emoção?

Minhas pernas ficaram fracas. Eu o conhecia!

— Eu quis dizer o que disse. Você vai sair desta cidade hoje à noite — ele reiterou.

— Nós já nos conhecemos antes.

— Eu me lembro. Parece que você não seguiu o meu conselho.

— Conselho? — Lembrei-me daquele breve encontro com ele na festa dos meus pais, onde também conheci Boaz. Eu não tinha reconhecido esse homem como um vampiro, provavelmente porque ainda não havia desenvolvido minhas habilidades mágicas. Mas eu senti seu poder e algo mais. O que era aquilo?

— Eu disse que você se tornaria um monstro se não deixasse aquelas pessoas.

A raiva surgiu dentro de mim.

— Como você ousa! Eu não sou um monstro!

— Você está machucando pessoas inocentes.

— Eles dificilmente eram inocentes. Você viu o que eles estavam fazendo?

Os olhos do vampiro mudaram de direção.

— Eles pareciam felizes.

Sua voz não era mais alta que a brisa silenciosa bagunçando meu cabelo. Não queria admitir, mas o som da voz dele me acalmava do jeito que a canção de ninar de uma mãe acalmava uma criança. Isso me deixou mais irritada e lutei contra a sensação estranha.

— Foi nojento — cuspi.

Ele me encarou novamente.

— Eu quero que você vá embora.

Eu caminhei em direção a ele.

— Tenho uma ideia melhor. O que você diz de você e eu nos divertirmos hoje à noite? Parece que você poderia usar um pouco de relaxamento.

Eu peguei sua mão, mas quando meus dedos roçaram os dele, uma sacudida do que parecia pura luz surgiu através do meu corpo e se estabeleceu profundamente dentro da minha mente e coração. Por um breve momento, tive uma visão perfeita da garota que costumava ser. Minhas esperanças, meus sonhos. Lembrei-me dos ensinamentos de Madelyn, de suas palavras de encorajamento, de seu desejo pelo meu futuro que não incluía meus pais ou amigos. Um futuro em que lutei para ajudar os menos afortunados e usei minhas habilidades para combater aqueles que prejudicariam os humanos.

A dor esmagadora tomou conta de mim com o pensamento da minha velha babá. A culpa arrastou a emoção, igualmente poderosa. Toquei meu estômago e respirei fundo.

O vampiro deu um passo atrás.

— Eu não quero nada com sua magia negra, bruxa.

Engoli em seco e empurrei o estranho momento elétrico e as emoções que os acompanhavam nos recônditos escuros da minha mente. Qualquer luz que tivesse passado entre nós eventualmente se apagaria.

— Você não sabe nada sobre mim. Sou a bruxa mais poderosa do país, provavelmente do mundo.

— Não se esqueça da mais humilde.

— Não me insulte. Você não tem ideia de quem eu sou.

Com uma voz calma, mas assustadora, ele disse:

— E se você soubesse quem eu sou, fugiria gritando.

Eu o olhei de cima a baixo.

— Eu posso ver quem você é. Você é um vampiro novato fraco, confuso, que ...

Antes que eu pudesse pronunciar outra palavra, sua mão forte agarrou meu pescoço e, depois de se mover a mim e a si mesmo na velocidade da luz, ele bateu minhas costas em uma árvore longe do local onde estávamos. Mais luz, se essa era a palavra certa, inundou minha mente, me deixando enjoada.

Eu espreitei seus dedos, tentando desesperadamente fazê-lo soltar seu aperto, mas ele era incrivelmente forte. Olhei para o galho acima de mim e o imaginei esmagando a cabeça dele. O galho estalou e caiu, mas ele o pegou com a

mão livre antes mesmo de chegar perto de fazer contato. Ele era simplesmente muito rápido.

Com as presas à mostra, ele rosnou:

— Este é o seu aviso final. Vá embora agora.

Eu rapidamente assenti, inundada por uma emoção que não sentia há muito tempo. Medo, e algo mais, algo que representava tudo em que eu costumava acreditar, mas não conseguia entender. Ele soltou seu aperto e eu caí no chão, ofegando, mas mais pelo choque dele retirando sua luz suave de mim.

Uma vez recuperada, me endireitei e alisei minhas roupas.

— Eu estava prestes a ir, de qualquer maneira. Esta cidade é chata. Ninguém sabe mais se divertir.

Ele olhou de volta para a cidade onde as luzes podiam ser vistas acima do topo das árvores.

— Mas antes que eu vá, você poderia responder a uma pergunta? — Eu perguntei. Ele não disse nada, então eu continuei. — Por que você se importa com eles? — Eu balancei a cabeça em direção às pessoas na cidade.

— Eles são inocentes.

— Mas você tem um poder incrível.

— Onde você quer chegar?

— Você é maior do que eles.

— O poder é uma coisa perigosa — afirmou e se afastou.

Algo mexeu na minha memória, como se eu já tivesse pensado a mesma coisa.

— Como é perigoso? — Eu gritei para ele.

— Você tem uma hora para ir embora. — Ele ganhou velocidade.

— Espere! — Tentei me recuperar, mas ele já havia desaparecido.

Eu olhei para ele, para o espaço vazio que agora parecia tão grande. Lágrimas arderam nos meus olhos, e eu engoli em seco. O que estava errado comigo? A fraca impressão da garota que eu costumava ser espreitou nas bordas da minha mente, um fantasma ressuscitou de seu túmulo.

O pensamento me repugnou. Eu odiava pensar em como eu era fraca antes de conhecer Boaz.

Boaz.

Voltei para casa imediatamente, esperando encontrá-lo lá, mas ele ainda estava fora. Eu me enrolei na cama, mas não conseguia tirar minha mente do vampiro que conheci. Repetidas vezes, seu olhar cheio de tristeza me torturava, e um tormento inexplicável tocou meu intestino. Senti pena dele, mas era mais do que isso. Era como se a luz do seu toque ainda estivesse dentro de mim, e isso me fez questionar tudo.

Naquela noite, quando finalmente adormeci, sonhei que estava sentada com o vampiro em um campo de grama alta, o sol brilhando intensamente. Eu achei estranho ver um vampiro em plena luz, mas ele não parecia nem um pouco incomodado com isso. Ele estava encolhido de lado, a cabeça apoiada no meu colo.

Olhando para ele, a compaixão seguida pela paz me dominou. O momento pareceu durar para sempre, mas o sonho não. Acordei com o uivo do vento soprando lá fora. Uma tempestade estava se aproximando. Eu rolei de costas e olhei para o teto alto.

O que aconteceu comigo?

Um flash de luz encheu minha janela e me sentei. Boaz estava em casa. Eu não precisava olhar. Eu senti.

Excitação e saudade substituíram meus recentes arrependimentos, e corri para cumprimentá-lo. Antes de eu chegar à porta do quarto, ele já estava lá, sorrindo maliciosamente. Seus braços vieram ao meu redor, me abraçando com força.

— Por que demorou tanto? — Eu perguntei.

— Eu terminei seu presente. — Ele me afastou para olhar nos meus olhos, ainda com o sorriso bobo. Atrás dele, parado na porta, Hunwald também parecia estar sorrindo.

Eu ri.

— O que você fez, Boaz?

— Eu fiz isso. Eu finalmente fiz isso. Mal posso esperar para experimentar em você.

— Experimentar o que?

— Você ainda quer ficar comigo para sempre?

Hesitei, mas rapidamente me esqueci. Essa era a minha vida agora.

— Não há outro lugar que eu preferiria estar.

— Então é isso que você deve ter.

Ele me beijou forte. Eu mal tive a chance de recuperar o fôlego antes de ver um lampejo da cobra em seu braço, seguido por uma seringa na mão. Boaz mergulhou nas minhas costas. A dor foi imediata e me deixou de joelhos.

— Boaz? — Alcancei minhas costas para tentar chegar à agulha. Uma sensação de fogo se espalhou rapidamente por todo o meu corpo. — O que você fez?

— Só vai doer por um minuto, amor. — Ele se sentou em sua cadeira vermelha de sempre, o animal de estimação Hunwald, e me observou com expectativa.

Tentei falar novamente, mas a dor tornou-se insuportável. Ele tomou conta de mim em grandes ondas, balançando todo o meu corpo. Cerrei os dentes e apertei os punhos quando meu corpo, sem querer, torceu em uma bola apertada. Tentei impedi-lo com magia, mas a dor era muito

insuportável, impedindo-me de pensar em outra alguma coisa.

Um som horrível explodiu em meus ouvidos, como se de repente eu estivesse presa sob a barriga de uma grande fera que rugia. Os gritos encheram minha cabeça, criando uma tensão insuportável dentro do meu crânio. A pressão aumentou atrás dos meus olhos, e eu tinha medo a qualquer momento que meus olhos pudessem sair de suas órbitas, mas, em vez disso, o sangue encontrou outras saídas. Derramou do meu nariz, orelhas e fora da minha boca.

Finalmente, a pressão se mostrou muito grande e perdi a consciência.

CAPÍTULO 20

Quando acordei, estava deitada na cama com uma camisola fresca e as cobertas dobradas no queixo. As luzes estavam apagadas e as cortinas fechadas. Movi meus membros, esperando que eles se sentissem rígidos, mas eles se sentiram notavelmente bem, considerando o que eu tinha acabado de passar. Eu só queria que o interior de mim fosse tão bom quanto o exterior. Algo deu terrivelmente errado.

Joguei as cobertas para trás e pulei da cama para acender as luzes. Eu estremeci com o brilho delas. Eu tinha que encontrar Boaz. Eu tinha que saber o que ele tinha feito comigo. Eu saí da sala e corri escada abaixo.

— Boaz?

Gritei várias vezes e procurei em todos os quartos. Quando não encontrei ninguém, nem mesmo Lisa, minha ansiedade aumentou. A mansão nunca esteve vazia antes.

Abri a porta da frente para procurar lá fora, mas parei quando me lembrei do escritório particular de Boaz, uma sala na qual eu ainda estava proibido de entrar. Não mais. Eu me virei e caminhei em direção à entrada. A porta estava trancada, mas isso não me impediu. Usando magia, eu a abri. Eu tinha que saber o que ele tinha feito comigo.

O interior não era o que eu esperava. Em vez de um quarto, um corredor se estendia se esticava, a decoração

completamente diferente do resto da casa. Não havia quadros pendurados nas paredes, nenhuma decoração elaborada e a temperatura devia estar pelo menos dez graus mais baixa. Havia pouca luz quando cheguei ao final. Apenas o suficiente para revelar uma escada circular de pedra que levava ao que parecia um buraco negro.

— Boaz? — Minha voz ecoou no longo lance de escadas.

Com o coração trovejando dentro do peito, comecei a descer, sentindo meu caminho enquanto seguia. As paredes de pedra ao meu redor estavam molhadas de umidade, e o ar cheirava a velho e um pouco como canos enferrujados.

Quando não havia mais escadas, deslizei minhas mãos pela parede procurando um interruptor de luz. Eventualmente, eu encontrei um e liguei. Luzes opacas, fluorescentes e baixas pendiam do teto, mal iluminando um corredor longo e estreito. Seis portas estavam de cada lado, todas com uma única janela de vidro para ver seu conteúdo. Havia uma última porta no final do corredor, preta e tão larga quanto a passarela.

Dei alguns passos hesitantes para olhar para o primeiro quarto. Estava vazio, exceto por uma coisa - uma garota com cabelo castanho curto e desigual e pele pálida que parecia mais cinza ao lado das paredes brancas. Seus lábios eram da mesma cor roxa escura que as pontas dos dedos. Ela se

sentou no chão, inclinando-se para o canto da sala. Sua cabeça estava inclinada, olhando para o teto com a boca aberta. Suas mãos descansavam no chão ao lado de suas pernas, palmas para cima.

Eu assisti por um momento, me perguntando como me sentia por ela. A maior parte de mim não sentiu nada, mas uma pequena parte sabia que eu deveria tentar ajudá-la. Eu não tinha experimentado esse tipo de carinho, se essa era a palavra certa, por muito tempo.

O vampiro em Coast City.

Ele deve ter feito algo comigo. Se tivesse sido ontem, eu poderia ter seguido a garota até encontrar Boaz, mas esse novo sentimento, essa luz, não poderia ser ignorado.

Abri a porta e entrei correndo, esperando que ela não estivesse morta. Quando eu a agarrei pelos dois ombros, ela caiu para a frente, a cabeça caindo no peito. Eu a empurrei de volta e verifiquei a pulsação. Levei um tempo para encontrar um, mas estava lá.

— Você está bem? — Eu perguntei.

A garota não se mexeu, nem mesmo para piscar.

Apertei seus ombros com força e gritei:

— Acorde!

Ainda nada além do lento e constante movimento de seu peito enquanto inspirava e expirava. Muito gentilmente, eu

a deitei cuidadosamente no chão e alisei seus cabelos. Foi quando eu os vi - dois ferimentos por punção vermelhos. Eu me afastei para trás, finalmente entendendo.

Todo esse tempo, Boaz tinha essa garota presa, se alimentando dela, matando-a lentamente, enquanto eu estava no andar de cima, tendo o tempo da minha vida. Olhei de volta para a porta aberta, lembrando os outros quartos. Minha garganta se encheu de ácido e me virei para vomitar, mas nada saiu.

Saí cambaleando para fora da sala e pelo corredor. As furiosas emoções repentinas dentro de mim me fizeram desorientar e embaçar minha visão. Tantos sentimentos, alguns que eu não sentia há muito tempo. Os novos - compaixão, esperança e amor, quebraram meu coração enegrecido. A batalha entre as duas forças opostas atormentou meu corpo com dor e eu arranhei meu peito, desejando alívio.

Os quartos restantes continham mais do mesmo: áreas brancas fechadas preenchidas apenas por conchas humanas vazias. O último quarto, no entanto, prendia duas meninas sentadas uma em frente à outra. Eu não reconheci uma, mas a outra era Mariel, a empregada que eu conheci quando cheguei à casa de Boaz. Ela estava deitada de costas, a pele e os lábios cinzentos como os de um cadáver.

Ela cortou os pulsos. A maior parte do sangue ao seu redor já havia secado.

Esse seria o destino de Lisa também? Boaz já tinha começado a se alimentar dela? O pensamento de minha amiga sofrendo assim fez minha cabeça girar ainda mais.

Tantas emoções. Eu não poderia processar todos eles.

Eu tropecei na porta preta no final do corredor e caí para o outro lado, lágrimas ardendo nos olhos.

— Eve?

Boaz estava em frente a uma lareira, folheando um livro. Ele colocou no chão e caminhou até mim. Hunwald o seguiu. Meus olhos dispararam pela sala estranha. Parecia velha, a decoração século XVIII com móveis pesados e ornamentados. Grandes armários de madeira pressionados contra todas as paredes, cheios de armas antigas e pequenas estátuas. Ricos tons de joias escuras manchavam a floresta, os móveis e os tapetes. Tudo isso foi feito para adicionar calor à sala, mas eu não poderia estar mais fria, mesmo com um fogo crepitante não muito longe.

— Como você está se sentindo? — Ele perguntou.

Olhei de volta para a porta aberta e para o corredor pouco iluminado.

— As meninas...

— Que tem elas, amor?

— Há algo errado com elas — era tudo o que eu podia dizer. Meu interior tremeu. — Mariel...

— Elas estão alimentando um vampiro. Sua condição é perfeitamente normal. Quanto a Mariel, ela era fraca. Venha. Sentar-se. Você parece exausta.

Ele pegou minha mão e me guiou para uma pequena namoradeira. Ele se sentou ao meu lado.

— Boaz, temos que ajudar essas garotas — eu disse.

Ele franziu a testa.

— Ajudá-las? Por quê?

— P-porque — gaguejei, procurando algo em mim que me dissesse por que estava errado, mas era como se minha consciência estivesse perdida. — Não está certo.

— Quando você começou a se preocupar com o que era certo? — Ele perguntou. Quando eu não respondi, ele rebateu minha lógica. — Você está dizendo que é certo eu morrer de fome?

— Não.

— Eu sou um vampiro. Isto é o que eu faço. Não seja ingênua.

— Eu simplesmente não percebi...

— Como você está se sentindo? — Ele perguntou novamente. — Eu realmente preciso saber.

— O que há de errado com você?

Ele soltou um suspiro exagerado.

— Você poderia apenas responder à pergunta?

— Por que você está falando comigo assim?

— Investi muito tempo e dinheiro em você — explicou, — e quero garantir que funcione. Agora responda à pergunta. Como você está se sentindo?

Lutei contra mais lágrimas, mas respondi:

— Acho que estou diferente. Mas do que você está falando, tempo e dinheiro?

Ele se inclinou para a frente e pegou um caderno de cima da mesa.

— O que parece diferente, e por favor, seja específica.

Levei um longo momento para me concentrar nos meus sentidos, algo que ainda não tinha feito desde que acordei. Minha visão parecia melhor. Eu podia ver os pequenos detalhes do tecido de veludo em uma cadeira à minha frente. Minha audição também parecia mais forte, assim como meu olfato.

— Tudo ao meu redor é mais nítido, mais claro.

Ocorreu-me então todas as suas perguntas.

— Você me transformou em um vampiro, não foi?

Boaz rabiscou no papel pautado e depois bateu com um lápis na cabeça como se estivesse pensando.

— Eu sou um vampiro agora, não é? — Eu perguntei novamente.

Ele olhou para cima. Levou três segundos para ele começar a rir. Eu nunca tinha ouvido uma risada assim dele antes. Isso me fez sentir mal todos os sentidos.

— Então o que você fez comigo? — Eu chorei, meus olhos cheios de lágrimas.

Sua risada diminuiu.

— Bem, se toda a minha pesquisa estiver correta, acabei de fazer de você imortal.

— Como isso é diferente de você?

— Você não terá minha força ou velocidade, não sem usar magia de qualquer maneira, o que pode ser esgotado. Você também não terá minha sede de sangue. Você simplesmente viverá para sempre, a menos que, é claro, alguém corte sua cabeça ou você queime até a morte.

— Como você fez isso?

— Você não entenderia, mas, para simplificar, eu lhe dei a parte imortal do vampirismo e deixei de fora todas as coisas boas.

— Mas por quê? Por que gastar seu precioso tempo e dinheiro quando você poderia ter me transformado em um vampiro?

— E arriscar a chance de você se tornar mais poderoso que eu? Eu não poderia fazer isso.

Recuei como se tivesse levado um tapa, mas rapidamente refiz minha expressão. Suas palavras soaram como algo que meus pais teriam dito. Reagir emocionalmente não me daria as respostas que eu queria. O que quer que estivesse acontecendo, eu tinha que pensar sobre isso com calma e racionalidade.

— Eu pensei que você me amasse — eu disse, minha voz uniforme.

— Eu amo. Amo você como amo aquelas garotas ali.

— E como é isso exatamente?

— Elas me dão algo que eu preciso.

— E o que eu te dou?

Ele inalou profundamente.

— Poder, bonito e imaculado. E, infelizmente, preciso de alguém para tornar o meu imparável. Não apenas alguém, entenda. Eu preciso de você, Eve.

Eu segurei minhas mãos juntas para impedi-las de tremer. Eu tive que mantê-lo falando para chegar à verdade. E quem sabe? Talvez eu pudesse usar a verdade dele em meu proveito.

— Por que eu?

Suas sobrancelhas se uniram, e ele estreitou os olhos, me estudando como se tentasse determinar se eu estava pronta para ouvir a verdade.

Para facilitar sua mente, acrescentei:

— Boaz, entendo o desejo de querer mais poder. Eu entendo isso quando estou com você. Seria ingênuo pensar que você também não está recebendo o mesmo de mim, mas eu quero saber, por que eu?

Sua expressão comprimida relaxou, e ele colocou a mão sobre a minha.

— Você foi criada para mim, Eve. O tratado de que falei entre as famílias de seus pais? Foi minha ideia há mais de cem anos. Sempre que eu chegava perto de cada lado da sua família, eu podia sentir meu poder crescer à medida que chegava ao deles. Era como se a energia escura entre nós precisasse um do outro. Mas não era suficiente e, eventualmente, o poder desapareceria. Foi quando eu criei meu plano brilhante. Eu sabia que se eu conseguisse que as duas famílias criassem um parceiro para minha vida, então eu teria poder suficiente para me tornar invencível. Houve alguns erros ao longo do caminho, é claro. Veja o problema mental das gêmeas, por exemplo, mas no final eu estava certo. Eu soube no momento em que segurei seu corpo infantil em meus braços que você seria a única.

Eu olhei para ele, estupefata, e tentei segurar uma respiração engatada.

— Erik e Sable tiveram sua chance, mas falharam. Foi quando eu te levei. Eu sabia que era o único que podia mudar você, o único que podia fazer você se apaixonar por magia negra, e você a comia como uma gatinha faminta.

As lágrimas que eu estava tentando segurar vieram agora. Eles derramaram em minhas bochechas.

— Foi tudo uma armação, não foi? Os diablos na floresta. Eles não eram reais. Meus pais não estavam tentando me matar.

Ele olhou para o livro e rabiscou algo.

— Não, mas eles teriam falhado.

As mãos no meu colo pareciam pequenas. Tudo tinha sido uma mentira.

CAPÍTULO 21

— Não fique triste — disse Boaz, em uma tentativa patética de me confortar. — Você foi criada para mim, sim, mas eu também te fiz mais forte. Quero dizer, você realmente não pensou que todas aquelas acrobacias mágicas que você fazia eram todas você, não é? — Ele acenou com a mão e riu. — Oh, com quem estou brincando? Claro que você pensou! Essa é uma das poucas coisas que eu amo em você, seu comportamento orgulhoso e arrogante. Isso me lembra de mim mesmo.

Eu balancei minha cabeça, esperando que o movimento pudesse ajudar meu cérebro a entender.

— Não é meu poder? Mas...

— A água que você conjurou durante o Desafie o Demônio? — Ele interrompeu, erguendo a sobrancelha. — Eu te dei meu poder. Fizemos isso juntos. Eu preciso que você seja maior, mas você não é nada sem mim. Nunca esqueça isso.

Limpei meus olhos, minha mente envolta em confusão.

— Você pode usar magia?

— Eu aprendi há séculos atrás, mas descobri que ser um vampiro a esgotava rapidamente. Eu precisava de outra fonte, como uma bateria, para mantê-la funcionando. Foi aí que outras bruxas entraram, especialmente as de nível de

mestre, mas eu nem sempre conseguia mantê-las perto de mim por vontade própria. Um problema real. — Ele riu. — O que eu precisava era de uma bruxa Lenda, uma que seria atraída para mim como eu era para ela. Foi quando me lembrei da dívida que sua família me devia.

— Dívida? — Minhas lágrimas secaram nas minhas bochechas. Em seu lugar, a raiva encheu meus olhos.

Ele não respondeu.

— Então você veio e superou minhas expectativas. Você não é apenas linda, mas sexy também, e tão cheia de magia que às vezes eu mal posso suportar estar perto de você. Isso me tornou mais poderoso do que eu jamais poderia imaginar.

Ele levou minha mão aos lábios e a beijou. Eu tentei me afastar de seu toque, mas Boaz estava certo. Eu fui atraída por ele. Tanto que, naquele momento, me perguntei se talvez tivesse sido usada mágica em minha concepção para me ligar a ele. Eu tinha ouvido falar de tais feitiços. Eles eram uma perversão mesmo entre os sobrenaturais. Se fosse esse o caso...

Reunindo força interior, retirei minha mão dele.

— Só porque somos atraídos um pelo outro, não significa que sou forçada a ficar com você. Eu posso escolher outra pessoa para ficar com ou sem ninguém, por sinal.

Eu sabia que era arriscado dizer uma coisa dessas, mas não podia deixá-lo ter tanto poder sobre mim.

Seu queixo ficou tenso e ele se afastou de mim.

— Eu não acho que você está entendendo, Eve.

Levantei-me e balancei a cabeça enquanto atravessava a sala.

— Você esqueceu o quão poderoso eu sou?

Um sorriso lento deslizou por seu rosto e ele se levantou, com um brilho maligno nos olhos. Ele estalou os dedos. No momento exato, meus braços empurraram para o meu corpo e uma forte pressão apertou meu peito como se um cordão grosso tivesse enrolado em torno dele. Eu ofeguei por ar e tentei lutar contra as restrições invisíveis, mas era inútil.

— Você pensa que é mais poderoso que eu? — Enquanto olhava para mim, ele levantou as mãos. Atrás dele, objetos se erguiam do chão. Livros, cadeiras e papéis levantaram-se e começaram a girar em um amplo círculo por toda a sala.

Eu pensei que estava com medo antes, mas o terror cru queimava através de mim. Eu não tinha ideia de que Boaz poderia usar tanta magia. Como isso foi possível? Os vampiros não deveriam, pois eram considerados mortos-vivos e apenas os vivos podiam exercer energia viva. Fiz uma

pausa, pensando no vampiro no parque. Eu havia sentido uma quantidade considerável de magia dentro dele. Ele poderia estar conectado a Boaz de alguma forma?

— Pare com isso! — Eu lati, mas a pressão ao meu redor só cresceu como a brisa na sala, criando um poderoso redemoinho. Meu cabelo torceu e chicoteou no meu rosto. Eu pulei quando um aparelho de som atrás de mim ligou, tocando Ode to Joy.

Boaz balançou os braços para frente e para trás, liderando os destroços em uma sinfonia sombria de destruição. Seu cabelo penteado para trás virou para a frente, caindo na testa.

Cada parte de mim tremia como todos os tipos de objetos, muitos deles armas antigas, zunindo pela minha cabeça. Tentei impedi-lo de usar minha magia, mas fiquei completamente paralisada. Isso me fez sentir pequena e fraca, um sentimento que não sentia desde que estava com meus pais.

Sem aviso, ele bateu os braços contra a mesa. Tudo caiu no chão e a música parou.

Seu olhar foi para o meu.

— Você não percebeu que eu era tão poderoso, não é? Não usar magia foi a parte mais difícil de desempenhar o papel de homem perfeito. Era extremamente difícil estar ao

seu redor e sentir sua energia escura. Estava sempre lá, apenas esperando eu usá-la.

Eu resmunguei contra suas restrições. Boaz me soltou. Caí para frente e respirei fundo. Na minha expiração, eu disse:

— Então por quê? Por que o esquema elaborado, se você poderia ter tirado de mim o tempo todo?

Boaz gemeu.

— Você não tem ideia de como pode ser cansativo forçar constantemente os poderes de alguém. É como tentar domar um leão. Isso pode ser feito, mas realmente, que tipo de idiota faz as coisas da maneira mais difícil quando existem métodos tão fáceis? Além disso, eu gosto de você, verdadeiramente. E agora que você abraçou a escuridão e todo o seu poder, realizaremos muito.

Eu mal ouvi suas palavras. Eu fui tão idiota!

Ele olhou novamente o caderno e examinou suas entradas.

— Ainda há algo que não tenho certeza.

Ele abriu a palma da mão. Uma adaga do outro lado da sala voou diretamente para ela. Ele virou a faca, olhando-a com cuidado.

— Eu sei que você passou por muita coisa nas últimas horas, mas preciso saber se funcionou.

— Se o que funcionou?

— Isso vai doer um pouco, mas se meus cálculos estiverem corretos, a dor não vai durar muito. — Ele jogou a adaga no meu estômago.

Gritei quando a faca se alojou profundamente no meu intestino. Eu olhei para ele, tremendo de dor até cair de joelhos.

— Por quê?

Boaz se aproximou de mim e se ajoelhou. Com uma mão no meu ombro e a outra na adaga, ele puxou-a lentamente. Caí e rolei de costas. Sangue bombeava para fora da ferida aberta a cada batida do meu coração.

Suas sobrancelhas se uniram e ele franziu a testa.

— Isso não pode ser bom.

Minha respiração diminuiu, assim como meu batimento cardíaco. A morte estava chegando, ansiosa por me reivindicar por si mesma, mas eu a acolhi. A morte seria melhor do que olhar para o diabo que estava sobre mim com uma expressão interrogativa. Mas meu desejo não foi atendido. A escuridão recuou para as sombras da sala, levando com ela a minha dor. Minha ferida cicatrizou com uma nova pele.

Boaz correu para a cadeira atrás de sua mesa e rabiscou furtivamente no caderno.

— Funcionou. Excelente!

Eu me levantei e inspecionei o buraco sangrento no meu vestido. A ferida estava completamente curada. Eu lentamente olhei para Boaz.

— O que faz você pensar que eu não vou te deixar, agora que conheço seus verdadeiros motivos?

Ele parou de escrever e olhou para cima.

— Porque você é um de nós agora.

— Eu não sou nada como você.

Seu olhar ardeu no meu. Ele se levantou tão rápido e com tanta força que sua cadeira voou para trás e bateu na estante atrás dele. Ele rodeou a mesa e me agarrou pelo braço para me arrastar na frente de um espelho alto não muito longe.

— Olhe para você! — Ele exigiu, me segurando pelos meus ombros e me dando uma sacudida. Ele agarrou meu queixo e me forçou a encarar meu reflexo. — Vê como você mudou? Você é tão cheio de magia negra que mudou até sua aparência física. Você é má e cruel. Você usa a magia para seu próprio ganho pessoal, mas acima de tudo, almeja o poder como eu.

Eu me olhei no espelho e, pela primeira vez em muito tempo, eu realmente olhei, sem segurar nada. Essa visão honesta de mim mesmo poderia não ter acontecido se não

fosse pelo vampiro no parque. Seu toque, cheio de luz, despertou sentimentos e emoções que eu havia enterrado há muito tempo.

Não reconheci a mulher diante de mim. Ela tinha uma dureza que apenas o pior tipo de experiência poderia dar. Meu cabelo, uma vez uma cor vibrante de linho, agora estava quase totalmente preto, como a cor da asa de um corvo. A camisola apertada, verde esmeralda que eu usava estava cortada, expondo a maior parte do meu peito. Eu me encolhi.

Boaz me empurrou de volta para o espelho.

— Não encolha isso, amor. Abrace-o!

Eu tropecei no vidro, assustada com a crueldade que me encarava naqueles olhos verdes. Eles não refletiam mais a casta luz que eu protegi com a minha vida. Toda a inocência se foi. Estendi a mão para tocar o reflexo na esperança de que, quando o fizesse, seria uma ilusão como todos os outros enganos de Boaz. Mas quando toquei meu rosto no espelho, toquei o mal. Eu senti o poder disso e vi a mesma névoa escura que frequentemente via nos olhos de Boaz se erguerem nos meus.

Atrás de mim, Boaz riu.

Caí de joelhos e cobri o rosto de vergonha.

— Como você pode fazer isto comigo?

— Você fez isso consigo mesma. Você fez a escolha.

— Mas você me enganou.

Boaz estava sentado no chão ao meu lado, de costas contra o espelho.

— Deixe-me te contar uma história. Talvez isso faça você se sentir melhor.

Quando eu não respondi, ele continuou.

— Era uma vez um jovem indiano que estava juntando gravetos para uma fogueira. Do outro lado de um rio, ele notou uma árvore caída onde ele podia obter bastante madeira. Ele estava prestes a atravessar quando uma serpente o parou.

‘Por favor, garoto, me leve para o outro lado. Não há comida para comer, e certamente morrerei se não conseguir atravessar.’

‘Mas você é uma cobra', disse o garoto, 'você vai me morder e me matar com o seu veneno, se eu te pegar!

'Absurdo. Eu não vou te morder se você ajudar a salvar minha vida. Agora, por favor, me pegue e me leve para o outro lado.’

“O garoto concordou e pegou a cobra. Quando chegaram ao outro lado, a cobra o mordeu.

'Por que você fez isso? Você disse que não iria me morder - o menino chorou.

“A cobra sibilou: 'Você sabia o que eu era quando me pegou.'

Boaz fez uma pausa para obter um efeito dramático.

— Você sabia o que eu era, mas ainda assim escolheu estar comigo porque amava e ansiava pelo poder que sentia entre nós. Isso nunca vai deixar você, especialmente depois de tudo o que você fez. Este é o caminho que você escolheu.

Levantei minha cabeça, meu peito estava oco e minha mente vazia.

— Como isso deveria me fazer sentir melhor?

Boaz encolheu os ombros.

— Só estou dizendo que você não pode ficar com raiva de mim. Você se deixou enganar.

— Me deixe em paz.

— Este é meu covil, lembra? Você sai se quiser ficar sozinha.

Levantei-me, deprimido demais para me importar mais como ele falava comigo.

— A propósito, seus pais estarão aqui em breve para ver sua maravilhosa transformação — ele me chamou. — Não me desaponte.

CAPÍTULO 22

Eu não tinha outro lugar para ir além do meu quarto. Eu poderia fugir, mas não iria muito longe, principalmente com Hunwald, que conseguia rastrear qualquer coisa. Ele me seguiu até o meu quarto e permaneceu acampado do lado de fora. Ele me assustava tanto quanto Boaz. Caí em cima da minha cama em frustração.

Fugir não era uma opção, a menos que eu usasse magia. Uma grande parte de mim ansiava por fazer exatamente isso, mas eu me contive, sabendo que não seria capaz de me controlar se o fizesse. A magia negra era muito viciante, e eu não sabia como usar qualquer outra coisa mais poderosa para combater Boaz, caso fosse necessário.

Se eu tivesse descoberto o engano de Boaz apenas alguns dias atrás, não teria me importado desde que tivesse Boaz e esse poder. Mas então tudo mudou quando o estranho vampiro na cidade me tocou. Aquela minúscula lasca de luz que passou entre nós afastou um pouco da escuridão em minha mente, como o sol abrindo o céu após uma tempestade, e finalmente pude ver a devastação que causara, não apenas a mim mesma, mas a outras pessoas também.

Rolei sobre os cobertores amassados, as lágrimas queimando meus olhos. Pensei na injeção que Boaz havia

me dado. Eu era imortal. Eu não sabia o que isso significava exatamente ou como isso afetaria meu futuro, mas não poderia ser bom. Qualquer criação de Boaz deveria ser destruída.

A morte não seria melhor do que ser como o lobo preto que o sombreava dia e noite? Minha magia era a única coisa boa em mim? Eu tinha mais a oferecer. Não tinha?

Várias horas se passaram enquanto eu tentava decidir entre a vida e a morte. Eu havia prejudicado tantas pessoas! Pensei especificamente em Helen e Harriet. A dor atingiu meu peito e eu o esfreguei como se eu pudesse fazer a dor ir embora.

Fiz uma pausa, minha mão apertada no meu estômago. Madelyn ficaria tão decepcionada comigo. Eu deveria sentir dor. Eu deveria sofrer como todas as minhas vítimas. A morte seria fácil demais. De alguma forma, eu tinha que consertar as coisas, não importa quão difícil fosse. Começando com as maldições, para sempre.

E com essa decisão aparentemente pequena, a chama no meu coração, já acesa pelo vampiro que eu conheci na cidade, cresceu e senti esperança no futuro.

As luzes acenderam. Ainda bem acordada, protegi meus olhos do brilho, mas quando meus pais entraram pela porta, eu pulei de pé e corri para trás na parede. As lembranças

dos abusos que eles me infligiram inundaram minha mente, e pensei que poderia me afogar nelas. Mas então eu respirei fundo, dentro e fora, e limpei minha cabeça. Eu tinha que ser forte para o que estava por vir.

Sable atravessou a sala com um sorriso que me fez pensar que ela tinha acabado de ganhar um concurso de beleza. Seus cabelos estavam presos em um penteado francês apertado, e um vestido de noite grudava em suas curvas leves, como se ela estivesse participando de outro evento de caridade. Ela jogou os braços em volta de mim em um abraço apertado, algo que nunca havia feito antes.

— Eve, querida — disse ela, enquanto me liberava e me olhava nos olhos. — Você está absolutamente maravilhosa. Boaz nos contou tudo sobre sua transformação notável. Pense, ele realmente fez de você uma imortal! Tenho certeza que você pode entender agora porque éramos tão duros quando você estava crescendo. Só queríamos o que era melhor para você, e agora você tem a coisa mais maravilhosa possível.

Ela olhou de volta para Boaz, que estava parado ao lado de Erik na porta, e deu outro sorriso perfeito.

Boaz acenou para mim encorajadoramente. Eu queria ceder, estar de volta em seus braços, sentir a escuridão que

me fazia sentir nada. Seria tão fácil fazer o que todos eles queriam.

Mas não seria certo.

Agora, finalmente, isso significava alguma coisa.

— Bem? — Sable perguntou, olhando para mim com expectativa.

Eu levantei meu queixo um pouco.

— Desculpe te desapontar, mas não sou quem Boaz pensa que sou.

— Sobre o que ela está falando? — Sable perguntou a Boaz, com a cabeça inclinada para o lado.

— Ela está confusa. Não se preocupe, isso vai passar. — Boaz atravessou a sala e pegou minha mão, mas eu a afastei.

— Isso não vai passar. Eu terminei com mágica. Eu terminei com todos vocês.

Ele riu.

— Você já cruzou a linha. Você está viciada.

— Você está errado.

De repente, Boaz me deu um tapa com as costas da mão. Sable e eu pulamos ao mesmo tempo. Eu toquei minha bochecha. Ele poderia ter me atingido muito mais forte, mas a força ainda doía.

— Não me teste — ele rosnou.

Eu olhei para ele, verdadeiramente chocado.

— O que está acontecendo, Boaz? — Erik perguntou atrás dele. — Pensei que você tivesse dito que ela havia mudado.

— Ela mudou. Está apenas sendo teimosa, mas eu posso mudar isso. Deixe-nos sozinhos.

Antes de se virar, Sable balançou a cabeça tristemente e seguiu Erik da sala. Assim que a porta se fechou, Boaz virou-se para mim.

— Eu não gosto de te machucar. Você tem que acreditar em mim.

— Eu nunca vou acreditar em outra palavra que você diz.

— O que aconteceu com você? — Ele me olhou de cima a baixo. — Onde você foi depois que eu saí?

— Fui à cidade sozinha.

— E o que você fez enquanto estava sozinha?

— Eu era meu eu normal de sempre. Eu usei magia para machucar os outros.

— E?

— E eu conheci alguém que me lembrou quem eu costumava ser.

Boaz me agarrou bruscamente pelo braço.

— Quem?

— Eu não sei o nome dele, mas ele era um vampiro poderoso, talvez mais do que você. E ele não machucou os outros. Havia luz dentro dele.

Boaz se encolheu, quase sibilando.

— Você o conhece? — Eu perguntei, assustada com a reação dele.

Sua expressão escureceu.

— Nada disso importa agora. Estamos perdendo tempo. Eu preciso de você e você precisa...

— Não — argumentei. — Eu não preciso de você.

Boaz cerrou os punhos e respirou pesadamente pelo nariz, as narinas dilatadas. Sem me tocar dessa vez, ele me enviou voando pela sala e entrando na cabeceira de madeira. Eu gritei, mas apenas por um momento, já que meu corpo já havia começado a curar.

— Não pense que só porque você é imortal que não posso machucá-la. Eu posso passar horas quebrando seus ossos, e depois que eles se curarem, eu os quebrarei novamente.

— Não importa. Não farei o que você quiser. Eu sofri o abuso de meus pais por anos. Você não será diferente.

Boaz deslizou para a cama, seus pés mal roçando o chão.

— Existem outras maneiras de te machucar sem ser fisicamente, amor.

Ele segurou meus tornozelos e empurrou minhas pernas em direção a ele. Ele forçou seu peso sobre mim.

Mais do que qualquer outra coisa, eu queria usar magia para afastá-lo de mim, mas isso era exatamente o que ele queria. Fechei os olhos com força quando ele rasgou a frente do meu vestido. Meu coração batia tão rápido que pensei que poderia parar.

— O que você está esperando? — Ele gritou, saliva espirrando de sua boca.

Quando eu não respondi, ele se afastou e saiu da sala, sem Hunwald. O lobo ficou me observando com uma expressão satisfeita no rosto peludo. Eu me cobri rapidamente e me mudei para pular pela janela. O impacto da queda só doeria por um minuto.

Hunwald correu e pulou no parapeito da janela como se a estivesse guardando.

— Cachorro estúpido — eu murmurei e caí de volta na cama.

Hunwald rosnou.

Do lado de fora da porta aberta, Erik discutiu com Boaz.

— Você disse que ela mudou. Você perdeu nosso tempo!

— Eu perdi *seu* tempo? Eu esperei décadas por alguém como Eve. Ela só precisa de um pouco mais de convencimento. Houve uma complicação inesperada.

— Você é quem arrogantemente insistiu que você poderia mudá-la.

— Cuidado com a sua língua, Erik, ou vou arrancá-la da sua garganta. Fiz mais progressos do que você em toda a vida dela.

Sable suspirou.

— Isso foi um desperdício para todos os envolvidos. Vamos começar de novo. Eu sei que vai demorar mais tempo, mas realmente Boaz, você não tem muito disso?

Boaz zombou.

— Você é velha demais para ter mais filhos. Além disso, eu quero Eve!

— Então o que você sugere que façamos? — Erik perguntou.

Eu ouvi o silêncio por vários momentos e depois, Boaz disse: — Pegue o colar.

— Eu disse que não é seguro — Sable assobiou.

— Estou disposto a arriscar. Agora pegue e faça funcionar ou você perderá tudo, o dinheiro, o poder, mas acima de tudo, suas vidas.

Não ouvi ninguém se mexer. Meu pulso disparou quando tentei me lembrar de que colar eles estavam falando. Eu nunca tinha ouvido falar em joias significativas na família.

— Faça-o, Sable — Erik finalmente ordenou.

Os passos leves de Sable se moveram pelo corredor. Boaz voltou para o quarto e se ajoelhou ao meu lado. Quando ele tentou arrumar meu cabelo, eu estremeci.

— Eu não gosto de te machucar. E apesar do que você possa pensar, eu gosto muito de você. Eu realmente gostaria que você reconsiderasse.

Meus ombros caíram e meu olhar lentamente se ergueu para encontrar o dele.

— Existe alguma maneira de você simplesmente me deixar ir?

Ele riu. Eu tentei novamente.

— Mas existem muitos outros mais adequados para você. Helen?

Ele parou de rir.

— Você é adequado para mim. Não terei outra!

— Eu não tenho uma palavra a dizer nisso?

— Claro que você tem uma opinião! É 'Eu farei o que você quiser, Boaz'. É só que você pode dizer — ele retrucou.

Eu me afastei dele.

— Vou te dar uma última chance, amor. Entregue todo o seu ser a mim, a parte poderosa, não a fraca Eve-não-sinto-nada. Quero a parte que ama a escuridão, ama machucar os outros e tem prazer na dor dos outros. Essa é a Eve que eu quero ao meu lado. Me dê ela e não farei o que estou prestes a fazer.

A imagem do vampiro que eu conheci ontem veio à minha mente. Fazia apenas um dia?

— O poder é uma coisa perigosa — eu sussurrei.

Boaz bufou.

— Essa é a coisa mais absurda que eu já ouvi.

Baixei a cabeça, desejando estar onde quer que o vampiro com os olhos cheios de tristeza estivesse.

— Última chance. Junte-se a mim de bom grado.

Eu não respondi e não me importei mais com o que ele fez comigo. Não havia mais nada.

— Muito bem. Você nunca mais será a mesma.

Ele se levantou e saiu da sala com Hunwald ao seu lado. A porta bateu atrás dele sem ser tocada.

CAPÍTULO 23

Fiquei sozinha no meu quarto por dias; ninguém me trouxe nem comida. No começo, eu estava morrendo de fome, mas depois percebi que era mais um hábito do que uma verdadeira fome. Meu corpo estava apenas um pouco enfraquecido pela falta de comida.

Como não havia distrações, usei o tempo para reunir minhas forças mentalmente para o que estava por vir. Não poderia ser bom com meus pais e Boaz envolvidos. Mas o que quer que fosse, eu tinha que estar preparado para não usar magia. Eu não daria a eles a satisfação, nem me deixaria ser sugado de volta ao abraço sedutor da magia negra.

Quanto mais eu pensava nisso, e quanto mais dizia em voz alta, mais minha resolução se fortalecia. A faísca dentro de mim cresceu, dominando lentamente a escuridão que se enraizou dentro de mim.

Olhei pela janela em direção à lua cheia acima. Era uma noite clara. Pequenos pontinhos de luz pontilhavam o céu escuro. Quando passos se aproximaram da porta do meu quarto, eu me concentrei na força das estrelas. Não importa quantas vezes a noite chegasse, elas sempre conseguiam ficar brilhantes. A escuridão não podia penetrá-las. Eu tinha que ser o mesmo.

A porta se abriu. Boaz, Erik e Sable entraram de uma só vez. Erik e Boaz sorriram, não alegres, mas triunfantes. Apenas Sable parecia preocupada com as sobrancelhas franzidas e as mãos torcendo.

Boaz colocou um baú de madeira em cima da minha cama. Hunwald ficou parado à porta, com o nariz ereto.

— O que é isso? — Eu perguntei.

— Outro presente, amor — respondeu Boaz.

Ele abriu a caixa e gentilmente removeu um colar de prata velho e elaborado. A corrente curta era feita de muitos fios irregulares de prata enrolados um no outro com força, semelhante ao caule espinhoso de uma rosa. Na base, pendia uma garra em forma de aranha que se agarrava a uma esfera de vidro. Quando Boaz elevou-o para a luz, um líquido vermelho espesso caiu dentro, cobrindo os lados com uma camada do que só poderia ser sangue.

— Eu não quero mais seus presentes — eu disse, recuando em direção à janela. Meu coração trovejou tão alto que eu podia ouvir o sopro de sangue em meus tímpanos.

— Receio que você não tenha escolha. — Boaz virou-se para Sable. — E você, tem certeza que isso está pronto?

— Como eu disse antes, o colar não foi feito para isso, mas acho que usei a mágica corretamente. Não saberemos até que você coloque nela.

Erik deixou escapar um suspiro exagerado.

— Vamos acabar com isso. Se isso não funcionar, começaremos de novo.

A maneira como ele disse isso, tão fria e sem emoção como se eu fosse um projeto de ciência, me fez pensar que *começar de novo* significava me remover completamente da equação.

Boaz virou a cabeça para Erik.

— Ninguém deve machucá-la, você entende? Se isso não funcionar, encontraremos outra coisa. — Ele se virou para mim. — Erik, segure-a.

Erik se moveu atrás de mim e prendeu meus braços no meu peito. Eu não lutei ... qual era o objetivo? Mas quando o colar se aproximou, uma sensação de escuridão eterna começou a me sufocar. Bati-me loucamente para me afastar. Era mal como nada que eu já havia sentido antes, do tipo que existe apenas no pesadelo de um demônio.

Tentei me livrar do aperto de Erik, mas não estava apenas lutando contra sua força. Sable estava por perto, cantando baixinho para me manter no lugar.

Com a mão livre de Boaz, ele apertou meu pescoço e, com a outra, torceu o colar em volta de mim. Ele não teve que trancá-lo. Ele se trancou.

Eu respirei fundo quando todos se afastaram de mim.

Fiquei quieta, minhas mãos estendidas como se eu estivesse mergulhada em água. No começo, nada aconteceu. Mas em instantes, meus pulsos começaram a queimar profundamente nas veias. Eu gritei e olhei para eles, meu pulso acelerado. A queimação continuou, mas era um tipo diferente de dor. Era de natureza mágica, o tipo mais sombrio. Eu podia sentir seus tentáculos manchados de tinta trabalhando em todo o meu corpo.

— O que está acontecendo comigo?

Ninguém respondeu.

Meus braços tremeram e estremeceram, e então minhas pernas tremiam incontrolavelmente. Caí no chão com uma dor agonizante, mas não era física. Foi a dor do mal matando todas as partes da humanidade e decência dentro de mim. Eu não achava que restava alguma depois de todas as coisas horríveis que eu fiz, mas o mal me procurou completamente e encontrou partes de mim, embora fossem poucas, que ainda tinham bondade nelas.

Depois que o poder das trevas tomou conta de minhas extremidades, virou-se para dentro em direção ao meu coração. Apunhalou-o como uma faca quente, queimando sua marca no meu órgão mais vulnerável e precioso. Queimou com o fogo do inferno, e eu gritei. Não parei até que

o processo do mal estivesse completo, deixando nada a não ser raiva pura e imaculada.

Eu me levantei do chão, o poder surgindo através de mim. Veias e artérias pulsavam visivelmente sob minha pele quase translúcida; sangue preto bombeou por todo o meu corpo. Qualquer cor deixada no meu cabelo ficou tão negra quanto a noite, e se elevou no ar, balançando suavemente, apesar de não haver corrente de ar na sala.

Sable ofegou, Erik grunhiu e Boaz respirou:

— Incrível.

— Olhe para os olhos dela — Sable sussurrou.

Eu não podia imaginar como eles mudaram, mas, olhando para eles, o mundo assumiu uma tonalidade vermelha que acentuava os mínimos detalhes. Deu ao quarto uma qualidade estranha que eu gostei.

Mas não era apenas a minha visão que havia sido alterada. Todos os meus sentidos ficaram ampliados. Ouvi um cervo respirando silenciosamente em um bosque distante, as asas de um morcego batendo no ar noturno e uma formiga minúscula enquanto corria para um destino subterrâneo. Embora todos esses eventos estivessem ocorrendo no mesmo momento, eu tinha a capacidade de separá-los, quase como se estivesse diminuindo o tempo, se não parando.

Eu me tornei um deus.

Eu enrolei meus lábios.

— Mãe. Pai. Acho que não os agradeci por terem vindo para a minha transformação.

— Nós n-N-não teríamos perdido, Eve. — Sable gaguejou e olhou para Erik, hesitante.

O som do meu antigo nome parecia como se ela tivesse pressionado uma cruz na minha testa.

— Não me chame assim. Nunca. Me chama de... — Torci meus lábios, pensando. — Alarica. Significa 'poder nobre'. Apropriado, você não acha?

— Como você está se sentindo? — Perguntou Boaz.

Movi meu olhar para Boaz e lentamente o olhei de cima a baixo. Eu gemi e lambi meus lábios.

— Eu me sinto... onipotente.

Boaz se alimentou da minha felicidade.

— É incrível, não é? Nós vamos governar o mundo.

— Nós?

— Claro que sim, amor. Eu cumpri o seu sonho. Você e eu juntos, fazendo o que quisermos para sempre. Com o poder entre nós, seremos imparáveis.

— Não era meu sonho, amor — eu o corrigi. — Era o sonho da Eve.

A mandíbula de Boaz se apertou, mas ele controlou sua raiva.

— Não importa. Você perceberá que juntos somos mais poderosos.

Eu ri.

— Você realmente não tem ideia, não é?

Ele levantou uma sobrancelha. Erik ficou em uma posição defensiva e Sable recuou em direção à porta.

— Eu não preciso de você — eu disse.

Boaz deu um passo ameaçador em minha direção.

— Não vamos esquecer que fui eu quem te deu esse poder. Pode ser facilmente retirado.

— Não me ameace! — Minha voz cresceu com força. Com um pensamento, eu o enviei voando para trás na parede. Ele bateu contra ele e caiu no chão em uma posição agachada.

Quando olhou para cima, ele também se transformou no verdadeiro monstro que era. Veias de sangue preto apareceram atrás de sua pele repentinamente transparente. Seus olhos escuros brilharam brevemente em azul, como fogo frio, e por dentro suas pupilas negras incharam da escuridão dentro deles. Eles se projetaram para fora como se o mal estivesse tentando escapar, mas ele balançou a

cabeça uma vez e suas pupilas voltaram ao seu tamanho original.

Erik correu para mim. Sorri e o parei com apenas um gesto com a mão. Eu o levantei no teto e o segurei no ar. Essa nova magia negra era tão fácil de controlar. Eu só tinha que pensar e meus desejos se tornaram realidade.

Um fluxo de palavrões vulgares saiu dos lábios de Erik.

— Apodreça no inferno — eu disse e depois joguei meu pulso em direção à janela.

Ele quebrou o vidro e voou no ar gelado. Seus gritos perfuraram a noite até que foram interrompidos por seu corpo atingindo o chão abaixo. Procurei Sable na sala, mas ela já havia fugido.

Atrás de mim, senti um objeto voando em minha direção a uma velocidade incrível. Eu me virei e peguei uma fração de segundo antes de mergulhar no meu estômago. Virei a adaga de Boaz na minha mão. Era a mesma que havia perfurado Eve antes.

— Estou decepcionada, Boaz. Você me transforma no que deseja, mas agora você quer me destruir?

Ainda em posição agachada, com uma mão no chão, ele rosnou:

— Não destruir, mas você precisa aprender uma lição sobre quem é o chefe aqui.

Ele se lançou e bateu em mim com força total. O peso de seu corpo contra o meu nos jogou na cabeceira de madeira, dividindo-a em duas.

Eu sussurrei um comando em um idioma antigo - o dos primeiros demônios que vagavam pela terra antes do homem. Era uma língua que eu nunca conheci antes, mas agora minha mente gritava com suas palavras mágicas. Boaz olhou para mim, surpreso.

Em resposta ao meu comando mágico, a moldura de madeira dobrou e enrolou forte, prendendo Boaz dentro. Eu já havia me afastado e estava do outro lado da sala. Eu ri da situação dele, mas meu riso foi interrompido quando Hunwald agarrou a parte de trás da minha panturrilha. Gritei e afastei minha perna, jogando o lobo de mim.

Enquanto isso, Boaz se libertou.

— Muito criativo. Você sabe mais do que eu pensava, mas isso não muda as coisas. Você vai se submeter a mim.

Eu sorri serenamente e juntei minhas mãos.

— Você não pode me obrigar, e eu não estou dizendo isso apenas para ser dramática. Não há absolutamente nada que você possa dizer que me fará me submeter a você. Mas se você se submeter a mim, então talvez, apenas talvez, você possa sair daqui vivo.

Um grito feroz rasgou seus pulmões, e ele me apressou novamente, mas desta vez eu estava pronta. Acenei meu braço e sussurrei a palavra "parede".

Boaz colidiu com uma barreira invisível pouco antes de me alcançar. Ele deu um passo para trás, seus olhos se enterrando nos meus. Algo fez cócegas na minha pele, tão fraca quanto uma mecha de pena, e eu sorri em compreensão.

— Você está tentando tomar meu poder, não é? Como você fez com Eve. Isso não vai acontecer. — Andei de um lado para o outro, aproveitando sua frustração. — Antes que eu destrua você, quero que você testemunhe a destruição das poucas coisas com as quais você parece realmente se importar neste mundo.

Boaz procurou freneticamente uma maneira de contornar a barreira invisível.

— Vamos começar com suas meninas alimentadoras lá embaixo, não é?

Ele levantou a cabeça.

— O que você vai fazer?

Meus olhos se arregalaram e eu senti a dança do mal dentro deles.

— Queime — eu ordenei.

Uma explosão no andar de baixo abalou a casa. Boaz gritou.

— E os jardins imaculados pelos quais você se orgulha?

Os olhos de Boaz se voltaram para a janela bem a tempo de pegar a floresta explodindo em chamas.

— Isso não é necessário — ele gritou.

— Oh, mas é! — Eu gritei de volta. — Você será destruído pelo próprio mal que criou. Seu idiota estúpido! Você realmente achou que o verdadeiro mal compartilharia poder?

Frustrado, Boaz jogou uma cômoda do outro lado da sala.

Fechei meus olhos brevemente e os abri novamente.

— Eu perdi o foco. Onde eu estava? Ah, sim, destruindo seus 'confortos criativos' da vida. E a sua preciosa casa de ópera?

Boaz parou de se mover.

— Impossível!

— É mesmo? — Fechei os olhos por um momento antes de abri-los e dizer:

— Concluído. Sua casa de ópera não existe mais. Agora, esse seu cão infernal. — Eu olhei para Hunwald, que latia furiosamente para mim.

— Não faça isso, Eve. Não Hunwald — ele implorou, com a respiração subindo com emoções repentinas.

— Eu não sou Eve — eu chorei.

O pelo do lobo incendiou. Boaz estava sobre ele em um instante com um cobertor tentando apagar as chamas. — Está bem. Você está bem.

— Incrível, que comovente — eu disse.

Boaz levantou-se muito lentamente. Seu peito arfava e, com as duas mãos, ele empurrou contra a parede invisível. Eu tentei lutar, mas a raiva dele se mostrou muito grande. Ele a atravessou com uma ferocidade que enviou uma rajada de ar direto para o meu peito. Voei para trás, pela mesma janela em que meu pai havia sido jogado apenas alguns minutos antes.

Bati no chão com força e depois de inspirar profundamente, levantei-me e olhei para a grande mansão uma última vez.

— Queime — eu disse e me afastei.

Atrás de mim, as próprias chamas do inferno consumiram o mestre e sua casa.

CAPÍTULO 24

Voltei ao único lugar que conhecia - a casa dos meus pais nos arredores de Coast City. Infelizmente, Erik e Sable não foram encontrados em lugar algum. A tortura pela qual eu os submeti seria o meu melhor trabalho até agora. Não duvidava que Erik tivesse sobrevivido à queda. Sable deve ter percebido o que estava por vir e correu para fora para impedir ou reparar seus ferimentos.

Nada disso importava, no entanto. Assim que eu os sentisse (provavelmente eles estavam guardando sua localização específica com magia), eu os destruiria como se fossem a casa de ópera.

Eu gostava de ser Alarica, mas fiquei decepcionada por ainda ter as memórias de Eve, a maioria das quais era inútil para mim. Havia o potencial de muitas memórias dolorosas nas quais eu poderia ter saboreado, mas sempre que tentava me lembrar dos saborosos abusos de Eve, elas eram interrompidas e substituídas por um lugar bobo que ela chamava de Eden. Isso me enfureceu porque eu só queria me lembrar dos maus tratos grotescos de Eve.

Dias se passaram. Eu era incapaz de dormir porque o mal dentro de mim se recusava a ficar parado. Era inquieto e sempre procurando uma saída, destruir e mutilar. Eu

gostaria de poder ter liberado tudo, mas seria estúpido destruir tudo. O que restaria?

Como resultado, liberei o mal em pequenos surtos, destruindo apenas o necessário. Eu já havia queimado a área ao redor da casa; ainda podia sentir o cheiro da fumaça lá fora. Apenas a mansão permaneceu intacta, mas apenas por pouco. A única coisa que a salvou foi focar minha magia negra em diferentes áreas do país. Eu imaginava o local em minha mente e depois imaginava sua destruição. Edifícios que visitei, lugares que vi. Tudo queimado em chamas.

Conter o poder exigia muita concentração, o que me dava uma dor de cabeça constante. Eu proibi os criados de usar qualquer luz, permitindo apenas o uso de velas. Isso ajudou a aliviar um pouco a dor, pois o mal não era tão inquieto no escuro. O primeiro criado que recusou meu pedido caiu morto. Os outros obedeceram por medo, como fizeram com meus pais.

Eu sabia o que fazer.

Toda vez que eu explodia alguma coisa, eu tinha alguns momentos de descanso das fortes dores na minha cabeça, mas como os dias se transformaram em semanas, a pressão aumentou, e eu me perguntava quanto mais meu corpo poderia aguentar. Uma voz pequena na parte de trás da minha cabeça me pedia para remover o colar, mas isso era

impossível. O mal dentro de mim era muito mais forte do que qualquer vontade própria.

Todos os recentes incêndios e explosões em todo o país confundiram os humanos. Por não terem conseguido uma explicação lógica, presumiu-se que fossem ataques terroristas e o país foi colocado em alerta máximo. Eu ri deles, de como o governo tentou fazer as pessoas se sentirem seguras. Eles iriam para a guerra se os ataques não parassem. O presidente havia dito isso mais cedo nesta manhã. Eu esperava que ele não estivesse blefando. A guerra forneceria a cobertura perfeita para minha destruição.

Ainda sem dormir, andei pelos corredores da propriedade Segur às três da manhã, com as mãos apertadas, as unhas cravadas nas palmas das mãos. A dor era tão intensa que eu não conseguia pensar em mais nada, nem mesmo em um lugar para enviar a magia negra.

A energia presa gritou dentro de mim, cantou e implorou para ser liberada. A pele dos meus braços vibrou estranhamente como se alguém estivesse segurando um diapasão. Então, para meu horror, a pele começou a se esticar. Fisicamente, eu não conseguia mais controlá-la. A ala esquerda da mansão explodiu em chamas, liberando um pouco da pressão.

O fogo se espalhou e não demorou muito para que a velha mansão fosse consumida. Os criados que escolheram ficar comigo por medo agora fugiram. Nenhuma tentativa foi feita para salvar a casa.

Saí de dentro do fogo; as chamas nada fizeram além de provocar minha pele. Eu vaguei pela floresta enegrecida próxima, não me importando mais para onde eu fui. Para me impedir de sentir mais dor física, continuei a expelir a energia escura dentro de mim, enviando-a para qualquer lugar que eu pensasse primeiro. Atrás de mim, o sol da manhã tocava o céu noturno que se desvanecia e, se eu pudesse, também o teria destruído.

— Você causou alguns danos graves — disse uma voz.

Surpresa por ter sido pega de surpresa, me virei. Não muito longe, estava o vampiro que Eve conheceu em Coast City. Suas mãos estavam enfiadas na mesma jaqueta, pés abertos na largura dos ombros. Seu olhar intenso ardeu no meu, mas não me assustou. Aquilo me excitou. Como eu adoraria senti-lo entre as minhas pernas.

— Eu te conheço— eu ronronava.

Foi a vez dele de se surpreender.

— Eu não acredito que nos conhecemos.

Ele não me reconheceu, e eu me perguntava se eu ainda parecia humana.

— O que você quer? — Eu perguntei.

— Para parar você.

— Esse é um hábito seu? Parar mulheres poderosas que só querem se divertir?

— Isso pode ser divertido para você, mas vidas inocentes estão sendo perdidas.

— Você é um disco quebrado — eu arrastei.

A testa dele franziu e seus lábios se contraíram. Ele realmente não se lembrava de mim?

Levitando, eu circulei ao redor dele em um grande laço, meus dedos nus arrastando-se contra a geada da manhã.

— Como você me achou?

Ele manteve os olhos em mim, seus músculos tensos.

— O mal da sua magnitude pode ser sentido a qualquer distância, se alguém estiver procurando por ele.

Eu gostei dele. Ele foi corajoso quando todos os outros fugiram. Lembrei-me de como Eve também tinha sido atraída por ele, mas por uma razão completamente diferente, algo a ver com os olhos dele.

— Por que você procura o mal? — Eu perguntei.

— Para impedi-lo.

— Por que você faria isso, especialmente conhecendo meu poder? Eu poderia te destruir com apenas um pensamento.

— Então por que você não o faz?

Inclinei minha cabeça.

— Você quer morrer?

— Eu quero te parar. Não tem importância para mim se eu morrer tentando.

— Você me interessa, vampiro.

Ele não respondeu, mas seus olhos brilharam no meu pescoço.

— Isso é um colar e tanto. — Disse ele. — Onde você o conseguiu?

— Foi um presente. — Meus olhos se estreitaram. — Você veio para uma conversa amigável? Eu pensei que você queria me parar. Não perca o foco.

Ele aceitou meu conselho e correu em minha direção na velocidade da luz. Eu o deixei atacar, ansiosa para ver do que ele era capaz. Ele me bateu forte, e eu voei para trás no chão. Eu pensei que ele esperaria pela minha reação, mas ele não parou.

Em um instante, ele estava em cima de mim, presas à mostra. Suas mãos lutaram para chegar ao meu pescoço ou ao colar, eu não tinha certeza de qual.

Finalmente, eu tive o suficiente. Eu o empurrei com força, sentindo seus ossos quebrarem sob as minhas mãos. Seu corpo flácido colidiu com uma árvore morta e enegrecida

que se partiu em duas. Ele caiu no chão, gemendo e fazendo careta.

— Isso foi impressionante — eu disse. — Pensei que você daria a uma senhora uma chance de se recuperar, mas você não poderia ter o suficiente. Eu admiro sua paixão.

O vampiro mancou primeiro de joelhos e depois cambaleou de pé, com uma mão segurando o lado dele. Os joelhos dobraram e a outra mão estendeu para se firmar contra o tronco quebrado.

— Eu poderia usar alguém como você ao meu lado — eu disse. — O que você acha?

— Eu adoraria — disse ele, respirando pesadamente. — Mas há apenas um problema.

— Qual?

— Eu odeio bruxas. — Ele se lançou novamente, mas desta vez, pulou alto no ar para virar sobre mim.

Quando ele estava diretamente acima da minha cabeça, eu parei seu movimento. Ele permaneceu congelado no ar, pés para cima, a cabeça balançando a poucos centímetros da minha. Ele lutou contra o meu controle mental.

— Pense no que estou oferecendo — pressionei. — Estou te dando vida! Eu não dou isso a mais ninguém.

Ele parou de se debater e olhou diretamente nos meus olhos.

— Solte-me.

Eu saí do caminho e o soltei.

Ele caiu no chão, graciosamente completando seu giro.

— Seu plano me tenta. Talvez eu sirva você.

— Assim, desse jeito? Você seria meu fantoche? — Eu balancei minha cabeça. — Nunca é tão fácil.

Ele encolheu os ombros.

— Eu não sou estúpido. Você é claramente mais poderosa que eu, e eu estive com piores. Não vai ser tão ruim assim.

— *Este mal?* Você nunca esteve com alguém como eu.

Sem aviso, ele se lançou para mim.

Eu saí facilmente do caminho. Para mim, seus movimentos eram lentos, mas, na realidade, ele se moveu mais rápido do que eu já tinha visto Boaz se mover. Ele inverteu a direção e correu para mim novamente, pegando um pequeno galho no processo. Eu o congelei ao alcance do braço.

— Você não está aprendendo! — Eu disse. — Você não pode me vencer. Por que os homens são tão teimosos? — Olhei para o galho de árvore na mão dele. — E o que exatamente você estava planejando fazer com isso? — As veias no meu rosto pulsavam de raiva. — Sem resposta? Bem, deixe-me mostrar o que vou fazer com isso.

Mentalmente, segurei o bastão e o virei na direção dele, apesar de sua resistência. Os músculos do rosto dele estavam inchados de tanto esforço, e ele grunhiu, saliva correndo pelos lábios. Ele era forte, mas não forte o suficiente. Com uma rápida explosão de energia mental, o galho esfaqueou suas costelas e as costas, a centímetros do coração. Ele caiu, fazendo um som borbulhante.

Eu casualmente me aproximei dele.

— Você é tão bonito, se contorcendo de dor e agonia. Eu poderia assistir você por horas.

Ele lutou para falar.

Ajoelhei-me ao lado dele e acariciei sua cabeça, mas quando meus dedos deslizaram por seu cabelo preto curto, puxei-o com força.

— Nunca mais me engane.

E naquele breve momento, enquanto eu estava distraída, ele estendeu a mão e rasgou o colar em volta do meu pescoço.

CAPÍTULO 25

Luz solar. Luz solar ofuscante e ofuscante. Apertei meus olhos com mais força, apesar de já estarem fechados.

Eu não queria acordar.

Se eu não acordasse, não precisaria viver. O pensamento de viver agora era mais assustador do que qualquer coisa que eu já tivesse enfrentado. Era assim que era com as consequências? Será que viver com elas era mais aterrorizante do que cometer o próprio ato?

Apesar da luz do sol quente, um calafrio balançou meu corpo. Alarica se foi. O mal que existia dentro dela não controlava mais meu coração e mente, mas ainda restavam restos, como tremores secundários de um grande terremoto. Eles eram um lembrete constante de todo o dano que eu havia causado, todas as vidas inocentes assassinadas pelo desejo do meu alter ego de destruir.

Apertei os dedos no chão molhado da primavera. A terra fria contra minha palma acalmou meu sangue acelerado. A sujeira trouxe vida e morte. Eu não tinha certeza do que parecia melhor no momento.

Minha capacidade de raciocínio ainda estava confusa, não apenas pela escuridão inata de Alarica, mas também pela minha. Por causa de minhas ações passadas, eu havia perdido a capacidade de escolher o certo. Eu raciocinei, no

entanto, que se tivesse a consciência de reconhecer que minha consciência estava perdida, talvez fosse possível recuperá-la. Eu tinha dado um pequeno passo nesse caminho antes do colar, mas como eu faria isso agora, depois de tudo o que tinha feito?

O vampiro. O vampiro que destruiu Alarica. O vampiro que me deu luz. Ele saberia. Foi ele quem me disse que o poder era uma coisa perigosa. Talvez ele pudesse me ajudar de novo.

Relaxando meus dedos, eu finalmente abri meus olhos e inspirei ar fresco em meus pulmões. Virei a cabeça para o lado. Um brilho prateado refletia a luz do sol através das ervas altas. Apertei os olhos para ver melhor. Eu virei violentamente e me afastei o mais rápido possível até minhas costas baterem em uma árvore. Olhei em volta freneticamente para me certificar de que estava sozinha e depois voltei meu olhar para o colar. Eu devo destruí-lo!

Vi uma pedra irregular saindo da terra e usei meus dedos para libertá-la. Eu me aproximei do colar lentamente como se estivesse vivo. O sangue dentro da esfera de vidro parecia congelado; cristais de gelo se espalham por sua superfície como teias de aranha em miniatura.

Sem hesitar, levantei a pedra e a derrubei no vidro. Fechei os olhos, esperando que se quebrasse, mas, em vez disso, a rocha simplesmente ricocheteou no orbe.

Eu espiei um olho. O sangue dentro da esfera não permaneceu mais sólido. Estava fervendo.

Eu alcancei a esfera, querendo sentir sua superfície por algum sinal de dano, mas assim que meu dedo se aproximou da parte externa clara, o sangue pulou em mim, parado apenas pelo vidro. Pulei e respirei pesadamente.

Antes que pudesse pensar duas vezes, levantei a pedra novamente e a esmaguei várias vezes, até que não consegui mais levantar meu braço. Exausta, a pedra caiu da minha mão. O colar permaneceu intacto, nem uma única rachadura evidente, mas o sangue fervente dentro ficou preto. Eu tive a sensação estranha de que estava rindo de mim.

Derrotada, fiquei de pé.

Logo acima da linha das árvores, uma fina trilha de fumaça subia no céu azul claro. Rasguei um galho grosso de um arbusto próximo e o coloquei sobre o colar, depois corri em direção à fumaça fugaz, sabendo que estava perto da minha antiga casa.

Depois de alguma distância, as árvores diminuíram e, onde ficava a mansão dos meus pais, apenas as paredes da

ala leste permaneciam. Examinei a área procurando sinais de vida. Se alguém veio inspecionar a fonte do incêndio, não estava aqui agora.

Aproximei-me do que restava de casa. Vários incêndios queimavam baixo em diferentes áreas, e o carvão brilhava intensamente. Eu cuidadosamente rodei as costas para as paredes de tijolos restantes. Lá encontrei alguns pertences da minha família que ainda não haviam sido destruídos. Eu não sentia tristeza pelos itens perdidos. Eles eram apenas lembretes de uma vida que eu não queria lembrar.

Usando um graveto para vasculhar o que restava, tentei ignorar o calor abrasador, mesmo quando se formavam bolhas nos pés e nas pernas. Felizmente, não demorou muito para eu encontrar algo que eu pudesse usar.

Inclinei-me e usei a parte de baixo do meu vestido para embrulhar uma pequena caixa de metal circular. E mesmo que o metal queimasse através dos materiais e nas minhas mãos, eu mantive um aperto firme. Dor era algo que eu estava acostumado.

De volta à floresta, tirei o galho de árvore por cima do colar. O sangue dentro dele estava congelado novamente. Caí de joelhos, deixando a caixa de joias da minha mãe sair da camisola e cair no chão. A palavra *Sable* estava gravada na tampa circular.

A caixa, que antes era de um ouro brilhante, agora era de uma cor ferrugem escura com manchas queimadas. Abri a tampa, sabendo que estaria vazia. Esta caixa continha apenas um objeto - o anel de rubi favorito da minha mãe. Ela usava mais do que qualquer outra peça de joalheria, e a caixa era usada apenas para abrigar o anel à noite.

Com cuidado, usei um graveto para levantar o colar do chão. Quando o levantei, o sangue dentro do orbe voltou a ganhar vida. Ele bateu dentro do vidro como se procurasse uma saída, como um leão enjaulado. Coloquei o colar dentro da caixa de joias e fechei a tampa. Com o colar não mais à vista, soltei um suspiro de alívio, mas não relaxei muito. Minha tarefa ainda não havia terminado.

Peguei a caixa e a carreguei até a longa entrada que levava à mansão destruída. A fileira de árvores retorcidas e irritadas permanecia impenetrável ao fogo anterior. Passei por cada uma delas, olhando-as atentamente até parar em frente à terceira árvore. Tinha um nó escancarado no centro do tronco, como se uma boca formasse a palavra "Oh!"

Usando o mesmo bastão que usei para transferir o colar para a caixa, cavei na base da árvore. Trabalhei com pá até o galho quebrar, forçando-me a usar as mãos. Cavei o mais longe que pude, até as pedras ficarem grandes demais. Depois de colocar a caixa de joias dentro, eu rapidamente a

enterrei e fiz o topo parecer como se o chão nunca tivesse sido perturbado.

Levantei-me e respirei profundamente. Com o colar fora do caminho, eu poderia finalmente me concentrar no que fazer a seguir. Não havia dúvida de que eu teria que deixar o estado. Erik e Sable viriam me procurar. Minha única esperança era que eles pensassem que eu morrera no incêndio.

Enquanto isso, eu precisava de ajuda, e havia apenas uma pessoa em quem eu sentia que podia confiar - Liane. Eu tinha que encontrar um telefone.

Levei cerca de vinte minutos para encontrar o caminho para o vizinho mais próximo. Eu não estava preocupada com eles me reconhecerem, como nunca os conheci antes, nem meus pais. Segundo Erik, nossos vizinhos estavam abaixo de um aceno amigável. Não era que eles fossem pobres, de fato, pelo contrário. Eles tinham uma enorme casa de estuque e dirigiam uma Ferrari, mas eram humanos comuns, o que os colocava bem abaixo da classificação dos Segurs.

A governanta que atendeu a porta não hesitou em me deixar entrar. Um rápido olhar sobre mim, cinzas e fuligem cobrindo minha metade inferior, ela perguntou: "

— Você estava naquele fogo, não estava?

Antes que eu pudesse responder, ela me disse que se chamava Lucy e que foi ela quem chamou a polícia na noite anterior quando viu o fogo a caminho de casa. Eles disseram a ela que, por causa de todos os incêndios recentes nas cidades, e porque o fogo estava tão distante no país, nenhum bombeiro viria. Em vez disso, eles enviaram dois policiais que, segundo Lucy, simplesmente assistiram a casa queimar.

— Eles também podem ter assado marshmallows no fogo — disse ela com óbvio desgosto. Então ela me fez a única pergunta que eu estava esperando.

— Todo mundo está bem?"

— Só eu e Eve, a única filha dos Segurs, estávamos em casa — eu disse. Não poderia dizer a ela que eu era Eve. Eu não parecia mais nada comigo mesma, e quem sabia se eles já me viram à distância antes da minha transformação. Eu fiz meus olhos lacrimejarem. — Eu tentei chegar até ela, mas o fogo se espalhou tão rápido! E então fiquei tão intoxicada com a fumaça que desmaiei não muito longe de casa.

— Pobrezinha. É como todos os outros incêndios na cidade — disse Lucy, mordendo o lábio. — É assustador, é mesmo. Todos esses ataques terroristas. Estou pensando

em me mudar com meus filhos, talvez para o oeste. Parece não haver tantos incêndios por lá.

O interior do meu peito desabou. Aquilo era culpa minha. As pessoas estavam assustadas por causa do que eu tinha feito.

Sua testa franziu e ela estalou a língua.

— Eu me pergunto por que terroristas iriam atrás dos Segurs?

Dei de ombros.

— Você se importa se eu usar o seu telefone? Preciso que uma amiga me pegue para poder ir à polícia. Vou deixá-los ligar para os pais de Eve com as más notícias.

— Claro, o que você precisar. — Lucy me entregou o telefone dela. — Estarei na cozinha quando você terminar. Vou fazer um café da manhã para você.

Assim que ela se foi, disquei o número de Liane. Ela atendeu no quinto toque.

— Liane? — Eu perguntei, mas um nó gigante na minha garganta impediu que a palavra saísse bem.

— Eve? É realmente você? Onde diabos você esteve? Eu estive ligando e ligando. Mais um dia e eu teria invadido o castelo de Boaz. Por que você não ligou? Eu fiquei tão entediada...

— Algo aconteceu, e eu preciso da sua ajuda — eu soltei.

Houve um breve silêncio do outro lado.

— Claro, qualquer coisa. E aí?

Eu estava com muito medo ou com vergonha de contar tudo a ela, então não contei.

— Acho que não mencionei isso, mas voltei para casa algumas semanas atrás.

— Ah, não! Você e Boaz estão tendo problemas?

— Na verdade, não — eu menti. Eu não queria que a conversa chegasse perto de Boaz e o fato de ele estar morto. Essa conversa teria que esperar até que eu estivesse em segurança fora do estado. — Eu apenas senti que era hora de voltar para casa.

— Oh — disse Liane. Eu ouvi a confusão em sua voz. — Então o que há de errado?

— A casa dos meus pais pegou fogo ontem à noite. Não sobrou nada.

— Isso é horrível! Como estão seus pais?

— Eles não estavam em casa.

— Isso é bom, certo?

Eu parei.

— Liane, preciso que você prometa que não repetirá uma palavra do que estou prestes a dizer a ninguém.

— Claro. É para isso que servem as irmãs.

— Estou feliz que você disse isso. — Bati meus dedos no parapeito da janela na minha frente. — Preciso da sua ajuda para ficar o mais longe possível daqui, e você não pode contar a ninguém, nem mesmo Boaz.

— Por quê?

— Eu preciso que todos pensem que eu morri naquele incêndio.

— Mas por que, Eve?

— Por favor, Liane, apenas confie em mim. Esta é a minha chance de fugir. Todos devem pensar que estou morta, até Boaz. Ele contará aos meus pais a verdade.

— Mas eu pensei que você o amava.

— Talvez. Eu só preciso fugir. Você pode me ajudar, por favor?

Liane suspirou.

— Certo. O que você precisa?

— Eu preciso pedir dinheiro emprestado e roupas. E uma carona até a estação de ônibus ou aeroporto mais próxima.

— Você tem certeza disso?

— Absolutamente.

— Tudo certo. Eu vou fazer isso. Onde você está agora?

— Estou na casa de um vizinho, duas milhas a leste da casa dos meus pais. O endereço deles é 215 Birch Street, nos arredores de Chesterfield. É uma grande casa de estuque branco.

Eu podia ouvir Liane rabiscando ao fundo.

— Estarei aí o mais rápido que puder. Provavelmente vai demorar algumas horas.

— Obrigado, Liane. Você não sabe o quanto isso significa para mim.

— Não é nada. Vejo você em breve. Fique segura.

O receptor do outro lado clicou. Eu esperei alguns minutos antes de voltar para Lucy na cozinha.

— Espero que você esteja com fome — disse ela quando entrei. — E quando terminar, você pode tomar banho. Vou ter roupas esperando por você quando você sair.

Comi, tomei banho e me vesti rapidamente. A cada segundo que passava, mapeei meus próximos movimentos. Eu iria para Wildemoor, um lugar que meus pais não gostavam. Eu arranjaria um apartamento e um emprego, talvez como garçonete. Era o meu plano antes de Boaz entrar na minha vida.

Liane chegou cedo. Depois de agradecer a Lucy por sua hospitalidade e garantir que eu estava indo diretamente para

a polícia, corri para encontrar Liane antes que ela pudesse entrar em casa.

Ela pulou do carro e me abraçou com força. Depois de me libertar, ela disse:

— Vi a casa. Realmente foi destruída, não foi? Parece mais uma bomba explodida do que um simples incêndio.

Eu desviei meus olhos.

— Vamos sair daqui.

— Você manda — disse ela e voltou ao seu assento atrás do volante.

— Isso é novo? — Eu perguntei quando fechei a porta do passageiro. O banco de couro preto parecia que nunca havia sido sentado antes, e o interior do Lexus estava imaculado.

— É. Você gostou?

— É incrível.

— Foi um presente. Então, o que aconteceu com seu cabelo claro? — Perguntou Liane. — Você parece tão diferente.

Passei meus dedos pelos longos fios.

— Pensei em deixar a cor natural.

— É... interessante — ela comentou e depois riu.

Liane e eu nos hospedamos em um hotel nos arredores de Coast City, perto de uma estação de ônibus. Durante a

viagem, Liane manteve a conversa leve. Ela falou de William e sua última aventura na Louisiana. Não é de surpreender que essa aventura tenha incluído um macaco. Me doeu ouvir sobre a diversão deles e o que eu estaria perdendo. A única coisa que eu não perderia era a parte em que éramos cruéis com os outros.

— Você já se arrependeu? — Perguntei a Liane quando nos instalamos no quarto.

Liane pulou na cama e se esticou, uma corda de alcaçuz entre os lábios.

— Sobre o quê?

Eu me sentei na cama ao lado dela.

— Sobre as coisas que fazemos para as pessoas. Os truques, a manipulação, o controle.

— É tudo muito divertido. Além disso, somos sobrenaturais, poderosos por isso. E desde quando você se importa?

Eu balancei minha cabeça.

— Às vezes me sinto mal.

Liane sentou-se e passou os braços em volta dos joelhos dobrados.

— Eu admito. De vez em quando eu também. É uma merda que eu não tenha ninguém com quem conversar sobre isso.

— O que você quer dizer?

— Bem, você está indo embora. Quem sabe se nos veremos novamente.

Eu não tinha pensado nisso.

— Você vem me visitar, não é?

— Com certeza eu vou. — Ela estendeu a mão e pegou a bolsa na mesa de cabeceira. — Falando em viagem, aqui está sua passagem de ônibus para Wildemoor. Sai às 5:30 da manhã. Quando chegar lá, pegue um táxi para o Weston Hotel no centro da cidade. Reservei um quarto para você por um mês inteiro. Eu acho que deve ser tempo suficiente para você ficar de pé, talvez encontrar um bom emprego para dançar.

Eu ri e a empurrei de brincadeira.

— Eu não sei como vou te retribuir.

— Eu vou pensar em algo. Agora vamos lá. Vamos ter nossa última noite na cidade.

Eu fiz uma careta.

— Não como bruxas — acrescentou Liane. — Como irmãs.

***

Antes do amanhecer, eu me vesti em silêncio, tomando cuidado para não perturbar Liane, que eu sabia que não era uma pessoa da manhã. Ela também bebeu um pouco no

jantar na noite anterior e provavelmente teria uma dor de cabeça enorme se acordasse cedo demais. Em vez disso, escrevi uma nota curta, agradecendo-lhe por tudo e prometendo ligar para ela assim que me acalmasse.

Saí para o ar fresco da manhã. Eu estava prestes a começar uma vida totalmente nova, e seria inteiramente minha própria criação. Esse pensamento emocionante me fez andar mais rápido em direção à rodoviária. Além de latidos ocasionais de cães, as ruas estavam desertas e silenciosas.

Parei em um cruzamento e olhei para os dois lados antes de atravessar. Enquanto me movia para dar um passo à frente, alguém me agarrou por trás. Um pano que cheirava a produtos químicos e jasmim pressionava contra meu nariz e boca. Eu apenas lutei por um breve momento antes que a forte fumaça me vencesse.

Antes de perder a consciência, uma voz familiar disse:
— Onde você pensa que vai?

CAPÍTULO 26

Meus olhos se abriram para uma escuridão espessa e pesada. Estava insuportavelmente quente; grandes gotas de suor escorriam pelas laterais do meu rosto. Deitei-me de costas contra uma superfície dura desconhecida e, quando levantei meus braços, eles bateram contra algo sólido. Meus dedos tatearam a superfície plana acima de mim, e estremeci de dor quando uma lasca deslizou pelo meu dedo indicador. Tábuas de madeira grossa corriam o comprimento do meu corpo seis polegadas acima do meu rosto.

Com a boca aberta, chupei o ar quente e sufocante. *Onde estou?* Virei minha cabeça para o lado e senti algo roçar na minha bochecha. Eu peguei e esfreguei entre os dedos. Parecia uma planta. Uma lembrança se mexeu e eu respirei profundamente. O cheiro de jasmim era como um tapa na minha cara. Minha respiração acelerou quando percebi onde eu estava e o que tinha acontecido voltou para mim.

Eu empurrei contra a madeira áspera. Surpreendentemente, foi preciso um grande esforço, e me perguntei quanto tempo fiquei preso no que agora reconhecia como um caixão feito de forma grosseira. Para que meu corpo ficasse tão exausto, devo estar presa há

vários dias, se não semanas. Meu coração disparou e um nó apertou no meu estômago.

Usando toda a força que pude reunir, bati meus punhos contra as tábuas acima de mim. Ao mesmo tempo, dobrei meus joelhos o máximo que pude e empurrei para cima, mas as tábuas não se mexeram.

— Erik! Sable! Por favor. Tire-me daqui! — Meus gritos perfuraram a escuridão. O terror na minha voz só me fez chorar mais. Repetidamente, gritei até minha garganta queimar.

Finalmente, eu implorei.

— Mamãe.

A palavra pairou acima de mim, presa.

Pensei nos eventos da noite antes de meus pais me levarem. Como eles me encontraram? A única pessoa que sabia onde eu estava ... eu parei de respirar. *Liane*. Ela era capaz de me trair assim? Nós éramos melhores amigas! Mas quanto mais eu pensava nisso, mais acreditava que ela me entregaria aos meus pais. Talvez para receber uma recompensa.

O medo se transformou em raiva, e meu corpo formigou, começando nos meus pés. Magia estava chegando.

Não! Fechei os olhos com força e viajei para o único lugar que oferecia proteção: Eden.

Fazia mais de um ano desde que eu o visitei; exatamente na mesma hora em que conheci Boaz. O lugar era mais bonito do que eu lembrava. Água clara e verde-mar cercava uma ilha, exuberante com árvores e grama, areia dourada nas bordas. Uma montanha varreu o lado oeste. Na parte de trás havia um penhasco íngreme do qual eu havia pulado muitas vezes no passado, mas esse não era meu objetivo hoje. Eu me abaixei na areia quente ao lado de uma planta roxa. Ondas rolavam para a praia em um padrão suave, uma após a outra.

Com minha mente desconectada do meu corpo, finalmente pude pensar em uma maneira de sair do meu pesadelo atual. Meus pais haviam me ensinado muitas coisas, mas a única lição que vale a pena lembrar era que havia uma solução para qualquer problema. Você só tinha que encontrar um que pudesse aceitar. Eu cavei meus dedos mais longe na areia molhada, enterrando meus pés.

O que eu pensei impensável finalmente aconteceu. Erik havia ameaçado me enterrar viva toda a minha vida como uma forma de punição, mas eu sempre pensei que era apenas isso - uma ameaça.

Uma onda à minha esquerda caiu na costa. Ao longe, dois golfinhos dançavam nas águas, pulando e mergulhando. Eu tinha uma vaga lembrança de falar com

eles anos atrás. Eu sorri, a dor do meu estado físico desapareceu completamente. Mas eu sabia que tinha que voltar se tivesse alguma chance de sobreviver. E eu queria sobreviver. Eu tinha que fazer as coisas certas e encontrá-lo, aquele que finalmente me libertou. Relutantemente, deixei o Éden, mas com uma determinação nova e calma.

De volta ao caixão rústico, puxei o jasmim para longe da minha cabeça e o empurrei em direção aos meus pés. Meus dedos traçaram as tábuas de madeira, procurando cuidadosamente por alguma fraqueza. Eventualmente, encontrei um pedaço lascado acima do meu rosto que se soltou facilmente. Continuei cutucando a madeira, tentando puxar para trás suas muitas camadas. Eu me encolhi quando minha unha quebrou.

Eu disse a mim mesma para respirar devagar, me concentrar. Eu não poderia sucumbir à escuridão. Eu tinha chegado tão longe na vida e superado mais obstáculos do que qualquer um em dez vidas. Eu não estava prestes a desistir agora.

Arranquei outro pedaço de madeira. O sangue escorria da ponta do meu dedo e para a minha bochecha. Não parei para dar aos meus dedos o tempo que eles precisavam para curar.

Pensei no meu tempo como Alarica. Parecia anos atrás, mas, na realidade, não poderia ter acontecido há mais de uma semana, dependendo de quanto tempo estive inconsciente nesta sepultura. Meus pais e Boaz pensaram que seu sonho finalmente foi realizado quando eu fui transformada. Tudo o que eles viveram, lutaram, foi realizado no momento que colocaram aquele maldito colar em volta de mim e deram vida a Alarica. Mas nem eles podiam imaginar o horror que ela traria e, no final, eles também ficaram com medo.

Quem sabia quantos mais teriam sido destruídos se não fosse por Ele, o vampiro que me mostrou misericórdia quando eu não a merecia. Ele até teve a oportunidade de me matar depois que eu perdi a consciência, mas não o fez por algum motivo. O que me surpreendeu, no entanto, foi o fato de ele ter deixado o colar. Algo que eu teria que perguntar quando o encontrasse.

Outra lasca de madeira se abriu. Passei a mexer na madeira com a mão esquerda, pois os dedos da minha mão direita estavam muito crus. Eu precisava dar a eles alguns minutos para curar.

Eu o encontraria. Eu sairia daqui e o encontraria.

Eu cutuquei a madeira com a mão esquerda, mas estava quase tão crua quanto a minha direita, dificultando

a colheita. Lágrimas picaram meus olhos. Eu apertei a mandíbula com força e continuei a trabalhar febrilmente nas tábuas, apesar da dor.

Usei meu dedo mindinho, o único dedo que restava, para tocar o buraco que eu havia criado na tampa. Não estava nem na metade do caminho. Empurrei-o o mais forte que pude e senti-o flexionar sob a pressão.

A mágica poderia consertar isso tão facilmente. Mas era isso que meus pais queriam. Para escolher magia ou ficar preso para sempre.

Eu não escolhi nenhum.

Esperei alguns minutos e depois toquei meus dedos. Eles se sentiram melhor. Minhas unhas tinham voltado a crescer. Continuei pegando devagar a madeira. Desta vez foi muito mais difícil que a primeira. A madeira no centro era mais sólida e não cedia tão facilmente. Eu trabalhei o máximo que pude até meus dedos precisarem descansar. Pouco progresso foi feito.

Hora de uma abordagem diferente. Não havia nada nos bolsos, mas encontrei o final do zíper na jaqueta. Eu balancei para frente e para trás, torci e puxei, até que a pequena aba de metal se soltou. O final duraria muito mais tempo do que minhas unhas.

Comecei o processo novamente. As horas pareciam passar, possivelmente até dias. Quando eu sentia desesperança e pânico, o que parecia acontecer de vez em quando, eu ia para o Éden. O tempo tornou-se irrelevante. É assim que acontece com os mortos.

Lasca após lasca, a tampa acabou quebrando. Com meu foco inteiramente na tarefa, não notei um pequeno pedaço de terra quando caiu no meu rosto - isto é, até que um punhado de sujeira se rompeu. Cobri o buraco com as mãos e virei a cabeça para tossir a sujeira que havia parcialmente caído dentro da minha boca. Então, com muito cuidado, enrolei meus dedos dentro da terra e em torno das bordas ásperas de madeira.

Com toda a minha força, puxei a tampa para baixo. Ela cedeu sob a pressão como um melão amassado, esmagando meu peito. Não tive tempo de procurar ar antes que a sujeira começasse a encher meu nariz e boca. Eu rapidamente enfiei meus calcanhares nus no fundo do caixão e empurrei, esperando ter sido enterrada em uma cova rasa. Meus braços alcançaram para cima e empurraram a sujeira para fora do caminho. A parte superior do meu corpo logo ficou envolvida por terra úmida, tornando extremamente difícil a movimentação.

Eu me concentrei nas minhas pernas, a única parte de mim que ainda podia se mover, pois elas ainda estavam parcialmente abaixo da seção inquebrável do caixão feito de forma grosseira. Balancei meus pés embaixo de mim e, com os joelhos dobrados, me empurrei em direção à superfície e, esperançosamente, a liberdade.

Minhas mãos invadiram a superfície fria acima, mas apenas por pouco. Tentei usar minhas pernas, mas agora elas também estavam envolvidas pela terra impactada. Minhas mãos, longe o suficiente para prestar qualquer assistência, balançaram inutilmente.

A terra se apertou ao meu redor como uma jiboia. Tentei inalar os últimos restos de ar, mas a sujeira escorreu pela minha garganta. Quando minha mente explodiu em vermelhos e pretos escuros de inconsciência iminente, pensei nele. Relaxei meu corpo e imaginei o vampiro em minha mente. Eu o levaria ao Éden, decidi. Ele se encaixaria bem lá.

Na minha mente, eu estava quase no Éden quando algo segurou minhas mãos e me levantou da sepultura desabada. O ar da noite correu no meu rosto, e tentei respirar, mas apenas engasguei ainda mais.

Uma mão apertou meu queixo e inclinou minha cabeça para trás. Dedos frios chegaram à minha boca e arrancaram

a maior parte da sujeira. Depois de várias tosses, meus pulmões finalmente se encheram de ar.

Caí no chão, exausta. As pernas de um homem se afastaram de mim e em direção a uma árvore. Ele parecia estar encostado nela, mas eu não tinha certeza, pois estava cansada demais para tirar os cabelos emaranhados dos meus olhos.

Eu respirei calmamente, tentando verificar o meu redor com a pouca visão que eu tinha. Parecia estar em uma floresta com vegetação densa ao redor. Devia ser lua cheia, porque a brilhante luz lunar projetava sombras fantasmagóricas ao meu redor. Eu me perguntava sobre o estranho que não ficava longe de mim.

Quebrando o silêncio, o homem falou com um forte sotaque inglês.

— Isso já aconteceu comigo uma vez.

CAPÍTULO 27

— O que? — Eu perguntei. A palavra queimou minha garganta crua.

Ele desenroscou a tampa de uma garrafa de água e me entregou. Eu mal tive forças para trazê-lo aos meus lábios e beber.

— Ser enterrado vivo — disse ele. — Foi uma experiência miserável.

Quando não disse nada, o estranho falou novamente:

— Meu nome é Charlie, Alarica.

Estremeci com o som do meu nome anterior e abaixei a garrafa de água.

— Este não é meu nome.

— Então você teria a gentileza de me dizer qual é o seu nome? — Ele perguntou.

Eu hesitei, não tendo certeza se eu deveria dar a ele o meu nome verdadeiro. Quem quer que fosse, havia uma boa chance de que meus pais o tivessem enviado para vigiar o túmulo, o que significava que ele já sabia meu nome.

— Eve. Alarica não existe mais.

— Como posso ter certeza?

Minhas sobrancelhas franziram. Alguém enviado pelos meus pais não saberia que eu não tinha mais o colar? Eles me colocaram neste túmulo, afinal. Mas se não estivéssemos

relacionados, de que outra forma ele poderia me encontrar? Eu escolhi não responder, mas fiz minha própria pergunta.

— Que dia é hoje? — Passei a sujeira no meu rosto e ao redor dos meus olhos.

A jaqueta do homem arranhou a árvore quando ele se abaixou no chão.

— Terça.

— Não, a data real — eu disse.

— 15 de abril. Há quanto tempo você está aí?

Engoli em seco, o que fez minha garganta doer ainda mais. Isso significava que eu estava naquele buraco por quase duas semanas.

Uma onda de náusea tomou conta de mim.

— Como você me achou?

— Sua mãe me disse... mais ou menos. — Ele riu para si mesmo.

— Para me salvar ou me matar?

— Nenhum dos dois, na verdade — disse ele.

— Então por que ela te diria onde estou?

Ele hesitou.

— Ela não me disse verbalmente.

— Eu não entendo.

Charlie clicou sua língua.

— Basicamente, eu li a mente dela. Eu sou vidente, você vê. Demorou algum tempo e alguma convicção especial, mas eventualmente os pensamentos dela me revelaram sua localização. Como eles te capturaram, afinal?

Levantei a mão e tirei os cabelos do meu rosto, obtendo uma visão clara de Charlie. Mesmo que ele estivesse sentado, eu poderia dizer que ele era alto pela maneira como suas pernas cruzadas se estendiam pelo chão. Ele parecia estar na casa dos vinte e poucos anos e tinha cabelos castanhos encaracolados, longos no topo e curtos nas laterais. Cachos apertados caíram sob as sobrancelhas e entraram nos olhos verdes em forma de amêndoa. Ele me observou, sua expressão cheia de preocupação.

Mas as aparências enganam, principalmente com os paranormais. Eles podem ser excelentes manipuladores.

— Se você consegue ler mentes, — desafiei — porque você não apenas lê a minha e me deixa em paz.

— Só uso minhas habilidades quando não tenho outra escolha. Até agora você tem sido mais cooperativo.

— Então, se eu parar de responder suas perguntas, você violará minha privacidade com suas habilidades de leitura de mentes?

A expressão de Charlie ficou fria.

— Farei o que for necessário para ter certeza de que você nunca mais machucará ninguém. Não é sobre mim ou você. É sobre vidas inocentes, pessoas inocentes que você matou.

Sua repreensão me surpreendeu.

— Eu sinto muito. Eu não deveria ter dito isso. Só não estou acostumada a pessoas fazendo outras coisas além de si mesmas.

O sorriso caloroso de Charlie retornou.

— Há muito para você aprender sobre as pessoas e o bem que elas são capazes. Receio que seus pais tenham pulado essa importante lição de vida.

Fiquei em silêncio, com vergonha de falar de novo.

— Não se preocupe — ele disse como se estivesse sentindo meus pensamentos. — Vai levar muito tempo, talvez anos, para você aprender a confiar nos outros. Você não pode desfazer uma vida inteira de abuso em um dia. Mas a coisa mais importante que você deve se lembrar, Eva, é que você não é mais uma vítima. Eles não têm mais poder sobre você, a menos que você permita.

— E como eu sei que posso confiar em você?

— Fácil. — Ele ficou de pé e veio em minha direção. Eu me encolhi, sem saber o que ele ia fazer a seguir. Ele levantou as mãos desarmadas. — Não tenha medo. Eu só

quero que você toque minha mão. Vou abrir minha mente para você, para que você possa ver minhas verdadeiras intenções, ok?

Eu assenti.

Charlie abaixou a mão direita e a estendeu em minha direção. Foi preciso esforço, mas consegui levantar o braço o suficiente para tocar as costas da mão dele. Um flash repentino iluminou minha mente e, sob essa luz, havia milhares de fotos, camadas e mais camadas das memórias de Charlie: seu primeiro dente solto, o Natal quando ele pegou sua primeira bicicleta, seu primeiro beijo.

As lembranças vieram tão rápido que eu mal reconheci a maioria delas, mas aprendi alguma coisa. Charlie era um dos mocinhos. Toda a sua vida foi cheia de risos, bondade e amor, tão diferentes da minha.

Satisfeita, retirei minha mão e perguntei: — Como você sabe tantas coisas sobre mim?

Charlie voltou para o seu lugar contra a árvore.

— Em parte, minha capacidade psíquica e a outra parte, através de nossas conexões com pessoas diferentes. Você ficaria surpresa com o que eu sou capaz de descobrir sobre uma pessoa.

Mordi o interior do meu lábio e desviei o olhar. A luz da lua atravessou os galhos das árvores e me envolveu em sua

luz. Eu não estava acostumada a estar na luz. Se eu fosse mais forte, teria deslizado para as sombras.

Depois de beber mais água e colocá-la de lado, movi minha mão por baixo do corpo e empurrei o chão, forçando meu corpo na posição vertical. Charlie moveu-se para ajudar, mas levantei minha mão para detê-lo. Eu lentamente me manobrei em uma posição sentada.

— Posso perguntar como você acabou nessa situação? — Ele espreitou, seu olhar baixando para o túmulo desabado.

— Meus pais me capturaram quando eu estava fugindo. Pensei que eles acreditariam que eu estava morta e não tentariam me encontrar. — Fiz uma pausa com a dor repentina no meu peito. A traição de Liane doeu mais do que ser enterrada viva.

— Por que eles pensariam que você estava morta?

— Um incêndio queimou minha casa. Esperava que eles pensassem que eu estava lá, mas obviamente não. Eles me encontraram e me deram algo que me nocauteou. E quando acordei, eu estava lá. — Fiz um gesto com a cabeça para o buraco ao meu lado.

— O que aconteceu com Alarica?

— Um vampiro a destruiu. Ele arrancou este colar do meu pescoço, quer dizer, de Alarica. O colar estava me controlando.

Charlie fez uma careta.

— O que? — Eu perguntei.

— É estranho que um vampiro, que não trabalha para nós, faça algo assim e depois não a mate.

— Trabalhe para você?

— Acho que devo explicar quem sou e a empresa em que trabalho. — Charlie levou os joelhos ao peito. — Há muito o que explicar, não sei por onde começar. — Ele ficou sentado por um minuto e depois continuou: — Você já ouviu falar do Deific?

Eu não disse nada.

— Não, acho que não, considerando quem são seus pais — disse ele.

Mas isso não poderia estar mais longe da verdade. Eu já tinha ouvido a palavra "Deific" antes. Foi a única palavra que meus pais me proibiram de usar. Quando eu tinha dez anos, eu disse isso depois de ouvir a palavra usada por um convidado de meus pais. Eu perguntei a minha mãe o que isso significava e, em vez de responder, ela me agarrou com força desumana e me arrastou para o porão onde fiquei

trancado no escuro por dias com apenas água suja de um cano quebrado para me sustentar.

Quando meus pais finalmente me soltaram, eles me deram palestras por horas sobre como essa palavra não deveria ser usada, nunca em sua casa, e durante todo o tempo um grande banquete de frango e batatas ficava intocado atrás deles. Eu concordei ansiosamente com qualquer coisa que eles dissessem para dar uma mordida, mas quando terminaram a palestra, eles me chicotearam três vezes e me deram pão velho para comer. Eu nunca disse a palavra "Deific" novamente.

— O Deific — Charlie começou, mas parou e olhou para mim sentada desajeitadamente no chão. Meus braços estavam tremendo apenas tentando segurar meu corpo. — Por que não vamos a algum lugar mais confortável e depois eu vou te contar tudo.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu quero saber agora.

— Se você insiste, mas vou ser breve. Você obviamente precisa de comida e muito descanso. Ele endireitou as pernas novamente. — O Deific é uma organização secreta criada várias centenas de anos atrás. Temos um único propósito - trazer equilíbrio entre o bem e o mal. Sempre que o mal, independentemente da forma em que ele se torna, se

torna muito grande, o Deific entra em cena. Não importa se o mal é humano, bruxa, monstro, demônio ou vampiro, o Deific sempre garante o equilíbrio por qualquer meio necessário. E é por isso que estou aqui. Descobrimos que uma bruxa chamada Alarica foi a causa de todos os incêndios recentes, que mataram muitas pessoas. Nunca ouvimos falar de uma bruxa chamada Alarica, por isso estávamos muito preocupados.

— Você veio aqui para me matar? — Se ele tivesse tentado naquele momento, não acho que o teria parado. Era o que eu merecia, não era?

— Eu vim aqui para matar Alarica, mas você acabou de me informar que é Eve. Nunca tivemos preocupações com a filha de Sable Whitmore e Erik Segur, embora deva admitir que quando você nasceu, estávamos preocupados. — Charlie franziu a testa. — A propósito, como você se tornou Alarica?

— Não foi por escolha. Foram meus pais... — eu mal podia dizer o nome dele — e Boaz.

Os olhos dele ficaram grandes.

— Diga isso de novo?

Em uma voz mais alta, repeti: — Boaz.

— Eu sei que isso pode ser difícil para você, mas preciso saber mais sobre este Boaz. — O tom de Charlie era duro,

mas ele conseguiu manter sua expressão gentil, me incentivando com um pequeno sorriso.

Respirei fundo para aliviar a pressão no meu peito e depois disse:

— Ele era um vampiro. Meus pais o apresentaram quando eu fiz 21 anos, quase um ano atrás. — Fazia só um ano?

Charlie se inclinou para frente.

— Como ele é?

Eu gemi, sua imagem ainda fresca em minha mente. Se ao menos eu pudesse esquecer o rosto dele, mas ele se recusou a ser enfiado nos confins da minha mente com o resto do meu passado, deixando-me com um lembrete constante de quem eu era e o que tinha feito.

— Eu não posso. Eu sinto muito.

— Por favor, é muito importante.

— Ele tinha longos cabelos negros e olhos escuros — eu soltei.

— Sem ofensa, mas você acabou de descrever noventa por cento dos vampiros.

Meus músculos ficaram tensos.

— Você não sabe o que está pedindo. Você não poderia... — Eu me forcei a me acalmar. Boaz se foi, então

o que importava? Por que eu estava ficando tão chateada? Encontrei o olhar de Charlie e disse:

— Ele tinha uma tatuagem de cobra no antebraço.

Charlie recuou.

— Não pode ser.

— Por quê?

Ele estava falando sozinho, mas muito baixo para eu entender qualquer uma das palavras.

— O que está errado?

Charlie parou de murmurar e olhou para mim como se estivesse surpreso por ainda me ver lá. Ele limpou a garganta.

— Essa é a coisa, Eve. O vampiro, Boaz, deveria estar morto.

CAPÍTULO 28

— O que você quer dizer com morto? — Eu perguntei.

— Nós o matamos uma vez antes. Se o que você está dizendo é verdade, falhamos. Você tem certeza da tatuagem?

Engoli em seco no aperto na minha garganta. Ele já havia sido morto antes e realmente não morreu. E se ele voltasse novamente?

— Eve? — Charlie perguntou, acenando com a mão para chamar minha atenção novamente. — Eu disse, você tem certeza de que o descreveu certo?

Eu balancei a cabeça, minhas mãos tremendo, sem saber se eu poderia formar palavras.

Charlie deixou cair a mão.

— Eu te preocupei. Sinto muito, mas agora precisamos nos concentrar em Alarica. Você estava me dizendo como ela veio surgiu. Por favor, continue.

Inalei uma respiração profunda e trêmula e juntei minhas mãos. Era hora de seguir em frente, e isso significava colocar tudo sobre a mesa.

— Meus pais fizeram um feitiço forte, mais como uma maldição, em algum colar de prata antigo com uma esfera de vidro presa entre algum tipo de garra.

Eu me perguntei brevemente se eu deveria ter começado no começo verdadeiro, a parte em que Boaz me injetou com algum tipo de soro imortal, mas a hora não parecia certa.

Charlie cerrou os punhos novamente, e notei algo em seus olhos, mas quando ele não disse nada, eu continuei.

— A esfera estava cheia de sangue. O que quer que eles tenham feito, aquilo me mudou. No momento em que aquela coisa estava no meu pescoço, tudo que eu podia sentir era o mal. Senti o cheiro, respirei, até senti o gosto. Me encheu de uma raiva que eu não podia deixar de destruir tudo no meu caminho. Fisicamente, meu corpo não podia conter o poder. — Minha voz falhou.

— Mas não era você, na verdade — Charlie apontou. — A verdadeira escuridão tem uma maneira de transformar as pessoas no que elas querem para si. Sua capacidade de escolher foi tirada de você assim que o colar passou pelo seu pescoço.

— Mas parte disso era eu. Eram meus sentimentos, minha dor que Alarica usava. Se não fosse o vampiro que me parou, eu teria machucado muito mais pessoas.

Charlie se inclinou para frente.

— Não consigo imaginar o que você passou por todos esses anos, mas você tem uma chance agora de um novo começo, de uma nova vida.

— Não vejo como isso é possível. Meus pais verão que meu túmulo foi destruído e saberão que estou livre.

— Nós cuidaremos do túmulo e, quanto aos seus pais, eles não importam mais.

— Você está errado sobre isso. Erik nunca desistirá. Ele vai me caçar até eu morrer.

Charlie apertou os lábios.

— Direita. Seu pai. Há algo que devo te contar.

— O que?

— Seu pai, bem, ele está morto. Por sua própria mão, eu acho. — Charlie murmurou, esfregando a parte de trás do pescoço. — Foi estranho. Capturamos seus pais há cerca de uma semana e os questionávamos quando, de repente, seu pai tombou. Seu coração simplesmente parou. Pessoalmente, acho que ele próprio o interrompeu.

Erik está morto? Um sentimento como se tivesse levado um soco no estômago sugou o ar dos meus pulmões, e minha cabeça começou a girar. Eu olhei para as árvores circundantes acima. Charlie disse mais alguma coisa, mas eu não o ouvi pelos zumbidos nos meus ouvidos.

— Eve?

— Eu preciso sair daqui — eu disse antes de perder a capacidade de falar completamente.

Charlie se levantou.

— Aguente. Eu ajudo.

Ele passou meu braço em volta de seus ombros e facilmente me levantou para uma posição de pé. Inclinei-me para ele, tentando manter meus pés embaixo de mim, enquanto ele me acompanhava pela floresta escura.

Eu não sabia onde ele estava me levando, nem me importei. Erik estava morto. O homem que me torturou sem piedade, que também matou Madelyn. Mas o homem também era meu pai. Eu deveria ter me sentido feliz, mas o sentimento não estava vindo. Em seu lugar, veio uma enxurrada de emoções fortes demais para processar.

Quando tropecei em um tronco, a mão de Charlie agarrou minha cintura.

— Só um pouco mais — disse ele. — Meu carro está logo acima daquele cume.

Não demorou muito para a floresta dar lugar a um campo de grama com lâminas que caíam sobre meus joelhos. A lua cheia fornecia muita luz, mas tropecei novamente. Dessa vez, Charlie não me firmou. Ele me pegou e me carregou em seus braços.

Exausta demais para protestar, minha cabeça caiu contra seu peito e fechei os olhos. Eu não pensei em nada, exceto pelo movimento suave dos passos de Charlie, a subida de seus passos pela grama alta e o som de seu

batimento cardíaco constante. Antes que eu percebesse, adormeci.

Acordei quando Charlie me soltou para abrir a porta do carro. O metal preto do veículo, um carro esportivo de algum tipo, era brilhante e tinha linhas afiadas que se curvavam em direção à frente do carro e depois suavemente se voltavam para um V no capô, encontrando as linhas do outro lado do carro. Uma estátua de metal prateada de seis polegadas de um anjo com asas, empoleirada no capô da frente.

— Belo carro — eu murmurei, meus olhos ainda semicerrados. Limpei o máximo de sujeira que pude no meu cabelo e nas minhas roupas.

Charlie me ajudou a sentar no banco do passageiro de couro e depois contornou o carro para pular atrás do volante.

Com o pressionar de um botão, ele deu vida ao motor.

— Volta a dormir. Temos uma curta viagem de carro e depois vamos pegar um avião.

— Um avião? Onde estamos indo?

— Em algum lugar onde você pode se curar.

Inclinei minha cabeça contra a janela e, como fiz toda a minha vida, não me permiti sentir nada. Ouvir sobre morte de Erik trouxe muitas emoções à superfície, e elas quase me

dominaram, mas agora, sob a suave luz da lua, não pensava em nada.

Charlie dirigiu por uma estrada deserta, passando por várias cidades pequenas e fazendas rurais até que finalmente não havia nada além de campos. A área não me era familiar, mas pelos sinais de trânsito estávamos viajando para o sul.

Depois de um tempo, Charlie olhou de lado para mim.

— Sinto muito pelo seu pai.

— Não fique. Foi algo bom.

— Eu não tinha ideia de que ele faria algo assim. Talvez eu tivesse lidado com as coisas de maneira diferente.

— E minha mãe? Onde ela está?

— Nós a temos. Ela não vai embora tão cedo.

Dei um suspiro de alívio.

— Então, eu realmente estou livre?

Charlie desviou os olhos da estrada para me encarar.

— Não. Há outros que podem não acreditar que você está morto, especialmente Boaz.

— Boaz não estará me procurando.

— Como você pode ter certeza?

— Ele está morto. Pelo menos eu acho que está, mas se ele conseguiu voltar do túmulo uma vez...

— Como?

— Eu explodi a casa dele com ele nela.

— Você realmente o viu morrer? — Ele perguntou.

Eu reprimi um arrepio.

— Não.

— Então não podemos assumir que ele está morto. Vou reunir uma equipe para procurá-lo, mas, enquanto isso, você precisa ficar escondido por um longo tempo.

— Por quê?

— Não é apenas Boaz que faria mal a você. Ambos os lados da sua família adorariam pôr as mãos em você.

Eu concordei silenciosamente, lembrando do encontro com meu avô meses atrás.

— Então é para onde estamos indo agora? Me esconder?

— Sim.

Depois de um momento de silêncio, me virei abruptamente para Charlie.

— O que Sable fez quando viu Erik morrer?

— Ela riu. Ele morreu bem ao lado dela, e ela riu.

A bile rodou no meu estômago, e eu cobri minha boca. Minha vida tinha sido tão cheia de crueldade e mentiras, como eu poderia me recuperar?

Charlie pressionou o freio, diminuindo a velocidade do carro para virar uma estrada de terra. A floresta se abriu e

deu lugar a um campo estreito, com uma pista estreita e pavimentada no centro. No final, havia um pequeno jato pessoal, com o motor funcionando como se soubesse que estávamos chegando.

— Tenho comida para você no avião. O voo dura cerca de três horas, para que você possa dormir. — Ele estacionou o carro. — Ah, e tem um banheiro pequeno para que você possa pelo menos se limpar um pouco.

Meu coração disparou quando ele contornou o veículo para me ajudar. *O que eu estou fazendo?*

Ele abriu minha porta e estendeu a mão para mim.

— Pronta?

— Eu estava indo para Wildemoor — eu disse, mas percebi o quão ruim era a ideia agora. Eu não poderia usar o dinheiro ou o apoio de Liane, não depois do que ela fez.

— É muito mais seguro se você ficar onde eu estou levando você, pelo menos por um tempo.

— E onde é isso?

— Rouen, Louisiana. Blutel Estate especificamente, para se juntar a outros com o Ames de la Terra.

De todos os muitos lugares que Boaz tinha me levado, Rouen era o único lugar que Boaz não queria visitar, mesmo a meu pedido. Ele alegou que os humanos eram de baixa

vida e os sobrenaturais eram ainda piores. Porque ele fez parecer um lugar chato, eu não tinha pressionado a questão.

— Quem são os Ames de la Terra? — Eu perguntei, meus olhos voltando para o avião.

Charlie encostou-se no carro e cruzou os braços.

— Eles são sobrenaturais como você, mas optaram por seguir um caminho diferente, que não envolve perseguir poder, matar, prejudicar e manipular humanos. Eles acreditam que os humanos devem ser protegidos.

— Muitos deles são como você no caminho sombrio que percorreram, até algo tão horrível aconteça, e são forçados a dar uma boa olhada em suas vidas e nas escolhas que fizeram. Isso leva a um período de grande turbulência. Blutel Estate oferece refúgio para aqueles sobrenaturais. Eles lhes dão a chance de curar em paz.

Isso soou exatamente como o que eu precisava. *Paz.* Toda vez que eu fechava meus olhos, imagens daqueles que eu machuquei brilhavam em minha mente. De alguma forma, eu tive que fazer isso direito.

Começando agora.

CAPÍTULO 29

O pequeno jato acomodava oito pessoas. Além do piloto, nós éramos os únicos passageiros. Charlie me colocou na minha cadeira com um cobertor, depois me entregou uma bolsa.

— Tem muita comida aí dentro. Fique à vontade.

Eu o rasguei e comecei com um sanduíche de presunto e queijo. Foi a melhor coisa que eu comi em toda a minha vida. Engoli com água e fui para o pequeno banheiro para tentar limpar grande parte da sujeira do meu rosto e cabelo. Foi um processo longo, mas, quando terminei, voltei à minha cadeira e afundei nela, esperando que o sono viesse, mas nunca aconteceu. Eu não tinha ideia do que o futuro me reservava e isso me aterrorizava.

Quando nos aproximamos de Rouen, espiei pela janela. O luar cobria a cidade em uma teia prateada. Prédios altos se aglomeravam no centro da cidade e depois se espalhavam lentamente pela paisagem. Era muito maior do que eu esperava. Meu coração disparou e eu agarrei o apoio de braço.

— Você vai amar este lugar — Charlie disse do outro lado do corredor, como se ele pudesse sentir meu crescente desconforto.

Aterrissamos em outro campo remoto. Um carro estava esperando por nós não muito longe. O motorista, algum tipo de cambiador, sorriu e acenou para mim quando ele abriu minha porta. Eu me perguntei se ele sabia quem eu era, mas ele não disse nada. Possivelmente porque ele não teve a chance. Charlie estava fazendo perguntas sobre pessoas diferentes das quais eu nunca tinha ouvido falar.

Eu me acomodei no banco de trás e ouvi o sotaque suave de Charlie enquanto ele falava com o motorista. Havia algo estranhamente calmante em Charlie, e eu suspirei contentemente, minhas pálpebras ficando pesadas.

Charlie me cutucou antes que eu pudesse dormir.

— Aí está. Blutel Estate. Não é incrível?

Eu olhei para fora da janela. Ao longe, uma grande estrutura antiga apareceu e subiu em direção ao céu. A luz suave iluminava muitas de suas janelas. Feito inteiramente de pedra, a arquitetura incluía linhas de telhado arrebatadoras e torres arredondadas, o que a fazia parecer acolhedora, o oposto completo da casa dos meus pais, que tinha muitas linhas e ângulos agudos.

Charlie se inclinou em minha direção para olhar pela mesma janela.

— É muito maior do que parece. Há vários prédios atrás dele e um enorme pátio no centro.

— Quantas pessoas ficam aqui? — Eu perguntei, depois engoli. Não tinha vontade de estar perto de outras pessoas.

— Difícil de dizer. A população varia muito, mas não se preocupe em encontrá-los, principalmente durante o dia. A maioria sai à noite, mas, mesmo assim, eles gostam de ficar quietos.

O motorista circulou a entrada larga e parou o carro na frente. Ele deixou o carro parado e quando saímos, ele se despediu e se afastou. Charlie manteve uma mão firme nas minhas costas, o que eu gostei. Mesmo que eu tivesse comido, meu corpo ainda estava incrivelmente fraco.

— Eles estão me esperando? — Eu perguntei, minha voz suave.

Ele assentiu.

— Samira preparou tudo.

— Samira?

— Ela é a presidente. Você a amará. — Ele limpou a garganta. — Ela também é uma vampira, extremamente antiga e poderosa, mas extraordinariamente boa.

Isso me surpreendeu. Eu tinha ouvido falar de vampiros que escolheram evitar a escuridão e o poder que sempre vinham com o vampirismo, mas nunca o encontrei. A menos

que eu conte o estranho vampiro no parque, mas eu não sabia o suficiente sobre ele para ter certeza.

Depois de inspirar profundamente, atravessei o caminho de pedra até as portas da frente. Eles abriram antes de alcançá-los. Na porta, uma mulher ágil, vestida com calça de couro preta e blusa preta. Eu imediatamente senti que ela era uma vampira. Ela sorriu para mim, mas o movimento não parecia natural nela. Isso poderia ter me deixado no limite, mas então eu encontrei seu olhar inteligente. Os impressionantes olhos azuis me lembraram o poder dos raios, mas da maneira como eles se enterraram nos meus, senti apenas um desejo feroz de me proteger. Nunca na minha vida alguém me olhou assim.

— Samira! — Charlie berrou e a abraçou com força. — Faz muito tempo.

— Faz. — Ela o soltou e depois se virou para mim. — Você deve ser Eve Segur.

Eu estremeci com o som do meu sobrenome.

— Por favor, me chame de Eve.

— Como quiser. — Ela nos fez sinal para dentro. — Estou tão feliz que você pode se juntar a nós."

O interior era tão convidativo quanto o exterior. Lambris de madeira escura cobriam as paredes e acima, o papel de parede floral me lembrava uma antiga casa vitoriana.

— Obrigado por me receber — eu disse. Alisei meu cabelo para trás inconscientemente. Mesmo que eu tivesse tirado a maior parte da sujeira de mim no avião, eu sabia que ainda estava imunda.

Ela fez um sinal para a frente. — Vou fazer um tour rápido e depois levá-la para seus aposentos. Tenho certeza de que você está exausta.

Conduzindo-me por um longo corredor, Samira apontou para o refeitório, a biblioteca e as salas de ginástica e jogos. Este lugar parecia ter tudo. Tinha até um spa. Ela nos levou por uma porta dos fundos e entrou em um pátio cheio de árvores, arbustos e flores arrumados. Sob o luar, os jardins pareciam quase sobrenaturais, com muitas das flores ainda em plena floração. Talvez eles fossem.

Ela virou à esquerda quando o caminho se dividiu de três maneiras diferentes.

— Seu prédio é aqui. Você está no quarto número dois doze.

— Eu não tenho nada comigo — eu disse, minha voz se desculpando.

— Não é um problema — disse Charlie atrás de nós. — Eu cuidei de tudo.

Eu olhei para ele apreciativa mente, sufocando as emoções repentinas inchando na minha garganta. Eu nunca

tinha experimentado tanta bondade de estranhos antes, especialmente depois de tudo o que tinha feito. Eu me perguntava o quanto Charlie tinha dito a ela sobre mim. Ela sabia que eu era Alarica? Se ela fez, ela não mostrou.

Depois de abrir a porta, Samira me mostrou meu quarto e acendeu as luzes. Era muito mais do que o quarto individual que eu tinha imaginado. Móveis em preto e branco estavam dispostos em torno de uma grande sala de estar com paredes cinza e acabamentos brancos. Almofadas de cor azul-petróleo e uma pintura oceânica combinando equilibravam a sala. De certa forma, a pintura me lembrava Eden e eu me perguntava se Charlie sabia de alguma forma sobre meu santuário particular.

— Isso é mais do que eu esperava — eu disse. — Obrigado.

Charlie se moveu para o apartamento para verificar os armários e a geladeira.

Samira permaneceu na porta.

— Trate este local como sua própria casa e leve o tempo que precisar para curar. Quando estiver pronta, sinta-se à vontade para socializar com outras pessoas aqui ou se juntar a um de nossos muitos grupos. Temos até um para bruxas que você possa gostar.

— Eu agradeço.

— Está tudo bem se eu verificar você de vez em quando?

— Claro.

Ela voltou sua atenção para Charlie.

— Venha me ver antes de sair?

— Claro — Charlie chamou da entrada da cozinha e depois virou pelo corredor.

Samira fechou a porta. Eu permaneci onde estava na entrada, ainda em choque na virada dos eventos.

Do corredor, Charlie chamou:

— Você terá tudo o que precisa aqui. — Ele voltou para a sala de estar. — O resto da casa está em ordem. O quarto e o banheiro ficam no final do corredor. Existe até um pequeno escritório.

Respirei fundo sua generosidade, que senti que não merecia.

— Por que você está fazendo tudo isso?

Ele sorriu gentilmente.

— Sinto muita raiva e medo em você. Criou uma escuridão que quase ultrapassou sua mente e coração, mas há essa luz... — Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça como se estivesse sintonizando um som distante. — Está lutando contra a escuridão. — Ele abriu os olhos. — É brilhante, mas precisa de tempo para crescer.

Não percebi que minha boca estava aberta até fechá-la.

Ele continuou.

— Quero te dar a segurança e o tempo que você precisa para se tornar a pessoa que você deveria ser. É por isso que quero ajudá-la. Os Deific, no entanto, veem você como uma força viável para o bem e querem você do nosso lado.

— Eu não quero estar do lado de ninguém — eu disse.

— E está tudo bem. Por enquanto. Mas chegará a hora de você escolher lados. As batalhas acontecem de muitas formas diferentes, e todos enfrentamos uma, se não muitas, em algum momento de nossas vidas. E quando essa luta chegar, devemos escolher um lado.

Depois que engoli, abri minha boca para falar, mas ele me interrompeu.

— Não tome uma decisão agora. Vai levar tempo para você se curar e descobrir quem você é. Nada mais importa.

Olhei em volta do apartamento, enfocando finalmente a pintura do oceano.

— Como você soube preparar tudo isso? Eu pensei que você veio me matar, quero dizer, Alarica.

Ele riu.

— O Deific nem sempre confia no meu dom. Eu disse a eles que encontraria outra pessoa além de Alarica, mas eles ainda me preparavam para matá-la por precaução.

— Não quero desrespeitar, mas como exatamente você planejava matar Alarica? Ela era praticamente invencível.

— Eu não fui sozinho. — Ele piscou para mim e acenou com a cabeça em direção à cozinha. — A geladeira e os armários estão estocados. Há também roupas no armário do quarto. Depois que eu sair, sugiro um banho quente.

Olhei para os meus jeans e camiseta. Eles estavam cobertos de tanta sujeira que eu não sabia mais qual a cor deles.

— Há um telefone no escritório — acrescentou. — Por favor, use-o apenas para me ligar. Meu número está na mesa.

— Você está indo? — Eu perguntei. Minhas mãos começaram a tremer e eu as movi rapidamente pelas minhas costas. O pensamento de estar sozinha agora de repente me aterrorizou.

Os ombros de Charlie caíram. Ele olhou nos meus olhos.

— Eva, você sofreu coisas horríveis pelas quais nenhuma criança deveria passar. Você foi vítima uma vez, mas não mais. Nunca pense em si mesmo como uma vítima. Se você o fizer, ainda estará capacitando aqueles que o prejudicaram. Vá em frente e escolha viver sua vida, porque

se você está sempre olhando para o passado, nunca terá futuro.

— Vou ver você de novo? — Eu perguntei.

— Espero que sim, mas algo me diz que não será por muito tempo. Cuide-se e, quando estiver pronta, ligue para mim.

Sem outra palavra, ele saiu, fechando a porta atrás de mim e me deixando completamente sozinha.

CAPÍTULO 30

Nos primeiros dias em Blutel, não pensei em nada, com medo de que a menor lembrança pudesse me dominar. Repeti as tarefas mais mundanas, mantendo a vida o mais simples possível: acordar, tomar banho, comer, passear, ler, comer, ler mais um pouco, andar mais um pouco, comer de novo. Todos os dias eu dizia a mim mesma que, depois de uma boa noite de sono e um café da manhã decente, sairia de manhã. Mas o dia seguinte chegou e se foi. Logo os dias se transformaram em semanas até o tempo parar completamente.

Eu não pensei em magia, meus pais ou Boaz, nem mesmo o vampiro com os olhos cheios de tristeza. Eu me tornara como o grande carvalho que crescia no centro do pátio: previsível, estável e inconsciente da vida além de seus galhos.

Samira era minha única visita. Nosso diálogo foi mantido no mínimo, consistindo no clima e em outras coisas impessoais. Não era que eu não quisesse conhecê-la, mas era mais fácil para mim existir como uma sombra, sem saber o presente e o futuro, mas o mais importante para o passado. Ocasionalmente, eu pegava Samira me encarando, mas, agradecida, ela nunca fez perguntas.

Quando ela vinha me visitar, ela me trazia cartas de Charlie. Ele me escrevia fielmente uma vez por semana. Essas cartas eram a única coisa que eu esperava. Nelas, ele falou de seu trabalho no Deific, mas nunca entrou em detalhes. Ele também falou sobre a série de vitórias de seu time de beisebol e os amigos que conheceu lá. Suas palavras me fizeram rir, e isso me fez perceber como seria uma vida normal.

Mas às vezes suas cartas me entristeciam. Ele falava sobre sua esposa que havia sido morta anos atrás. Eu poderia dizer que a morte dela ainda o machucava.

Respondi a suas cartas, mas não no mesmo ritmo. Eu simplesmente não tinha muito a dizer, mas queria que ele soubesse que eu estava bem e apreciava suas palavras.

Depois que assumi que era pouco tempo, mas na verdade eram alguns meses, Samira me trouxe uma besta e uma dúzia de flechas, dizendo que seria bom para eu aprender uma nova habilidade, algo que também poderia servir de proteção, se eu alguma vez precisasse disso.

Aquilo me deu algo novo para fazer, então passei muito tempo no pátio praticando em diferentes alvos até me tornar bastante boa. Eu poderia jogar uma maçã no ar, mirar e atirar uma flecha no coração. Ocasionalmente, alguns dos outros convidados se juntavam a mim, mas na maioria das

vezes mantivemos em segredo. Todos nós estávamos tentando nos curar de algum tipo de trauma.

Certa noite, algumas horas depois do pôr do sol, saí do meu quarto com meu arco. Era a primeira vez que saía à noite desde que viera para Blutel, mas queria praticar tiro sob a luz da lua. Alguns sobrenaturais sentavam-se em bancos sob as árvores e caminhavam pelos caminhos que cortavam o grande pátio, mas nenhum deles me prestou atenção. Isso me fez desejar sair mais cedo à noite, mas estava muito preocupada em conhecer outras pessoas.

Ao estabelecer meu alvo, senti alguém se aproximando de mim por trás.

— Você está acordada até tarde — disse Samira.

— Sim. — Eu me virei, jogando minha aljava pelas costas e passei por ela até estar a trinta metros do meu alvo. Não consegui ouvi-la, mas pude sentir Samira me seguindo. Com certeza, quando me virei, ela estava lá.

— Você está aqui há muito tempo, Eve — disse ela.

— Estou?

— Quase nove meses.

Eu parei no meu caminho, meu coração pulando uma batida.

— Nove meses?

Ela não respondeu, apenas olhou para mim, pensativa.

— Eu não fazia ideia.

— As pessoas vêm a Blutel para curar, não para ficar presas. A cura é uma ação, Eva, uma escolha consciente que você faz para seguir em frente. Sim, leva tempo, às vezes muito, mas isso não importa, desde que você esteja progredindo. — Ela parou e olhou em volta, seus olhos azuis vivos sob o luar. — Você criou uma prisão aqui.

Minhas pernas ficaram fracas, e eu tropecei para trás até cair em um banco.

Samira se moveu lentamente em minha direção, como se estivesse se aproximando de um animal nervoso.

— Eu sei que isso vai ser difícil, mas você tem que me ouvir. Você é uma pessoa valiosa demais para simplesmente existir em alguma parte remota do mundo. As pessoas precisam de você, de seus dons e de seus talentos, mas a única maneira de ajudar alguém é se aprender a sentir novamente. O bom, o ruim e o feio, dos quais tenho certeza de que você teve sua parte justa.

Eu balancei minha cabeça com veemência.

— Eu não posso fazer isso.

— Por que não?

— Tenho medo de mim mesma, do que posso fazer. Tudo o que conheço é ódio e raiva.

— Só há uma coisa que destruirá isso. Você tem que perdoar. Perdoe todos aqueles que te causaram dor.

Engoli em torno do crescente inchaço na minha garganta.

— Isso é impossível.

— Nada é impossível.

— Por que eu deveria perdoá-los? Eles não merecem!

Samira estendeu a mão e colocou a mão surpreendentemente quente no meu ombro.

— Não é para eles, Eve. É para você, porque você merece.

— Eu não sei perdoar. — Eu nem tinha certeza de que sabia mais como me sentir.

Samira agachou-se na minha frente até estar ao nível dos olhos.

— Lide com o passado, com todos aqueles que a machucaram. E, como você se lembra, descobrirá que com tudo o que eles fizeram, você teve uma escolha de como reagir, se era para fugir ou se deixar encher de ódio. Eles podem ter confinado você fisicamente, mas não conseguiram tocar sua mente. Pense. Eles nunca tiveram nenhum poder sobre você. Eles ainda não terão, se você não deixar. Depois de perceber isso, você será capaz de perdoar, porque sabe que eles nunca poderão machucá-la novamente. E então,

apesar de quaisquer obstáculos, você estará livre para experimentar a felicidade e o amor.

Eu fiz uma careta.

— Eu não saberia o que fazer com o amor.

— Isso não importa. O amor saberá o que fazer com você. — Ela sorriu e se endireitou. — Lembre-se da sua vida. Veja que eles não tinham poder sobre você. Então perdoe.

Eu não disse nada, não senti nada quando Samira desapareceu na escuridão, mas refleti nas palavras dela até o sol nascer. Com sua luz quente tocando minha pele, finalmente admiti que queria a felicidade lá fora, no mundo real, no mundo em que Charlie existia. E talvez, se eu pudesse sentir, pudesse superar meu ódio próprio e finalmente fazer algo de bom. no mundo para compensar todas as coisas horríveis que eu tinha feito.

Era hora de mudar, de seguir em frente. Olhei em volta para os belos jardins, as árvores e os velhos edifícios de pedra. Eu os conhecia tão bem. Samira estava certa. Eu criei uma prisão.

Eu respirei fundo e me levantei. Desde que eu iria viver uma eternidade de qualquer maneira, eu decidi naquele momento que não estaria aqui, e não ficaria sem alegria. O

pensamento do que eu estava prestes a fazer me aterrorizava, mas eu não sabia de outra maneira.

Depois de me retirar para o meu apartamento, passei o dia todo limpando-o, qualquer coisa para manter minha mente longe do que estava por vir. Esperei que a escuridão recuperasse o céu antes de partir pela longa entrada. Eu andei por quase uma milha, depois cortei na floresta e caminhei outra milha até saber que estava completamente sozinha. Com o tipo de emoções que eu estava prestes a invocar, eu precisava estar o mais longe possível da propriedade, por medo de qualquer dano que pudesse causar. Minha perna tropeçou em um tronco e quase caí.

Levante-se. Não pare.

Foi preciso cada grama de força que eu tinha para continuar andando pela floresta que cheirava a sujeira e folhas molhadas. Minha vida foi difícil o suficiente de viver da primeira vez, mas revivê-la deliberadamente novamente me deixou fisicamente doente.

Eu olhei para cima, esperando ver a lua que sempre me confortou, mas hoje à noite ela se escondia atrás de nuvens raivosas. Um raio dividiu o céu noturno ao meio, e um rugido de trovão veio logo depois, sacudindo o chão sob meus pés. Empurrei o máximo que pude até cair em um toco de musgo. Eu me inclinei contra ele e passei meus braços em volta dos

joelhos. Já era tempo. Encarar o meu passado para que eu possa seguir para o meu futuro.

Fechei os olhos e lembrei, começando pelas minhas primeiras lembranças. Uma após a outra, elas piscaram diante de mim: meu pai parado perto da minha cama, balançando uma cobra venenosa na mão, trancado no quarto “quieto” da minha mãe por dias a fio, as surras por me recusar a mostrar a eles meus verdadeiros poderes. Lembrei de tudo.

As lembranças pareciam durar horas e, durante as mais dolorosas, soluçava incontrolavelmente enquanto lutava para respirar. Eu estava tão consumida com a dor que quase me esqueci de fazer o que Samira pediu - lembrar como respondi ao abuso deles. Eu não precisava pensar muito. Meu refúgio sempre fora o Éden. Sempre que a dor se tornava insuportável, eu desconectava minha mente do meu corpo e viajava para minha ilha secreta, onde meus pais não tinham poder sobre mim.

Minhas lembranças e pensamentos pararam. *Eles não tinham poder sobre mim.* Não importa o que eles fizeram, eles não podiam tocar meu Éden. O Eden era meu, e só eu podia controlá-lo.

Era como se um interruptor tivesse sido ligado, e de repente tudo parecia mais brilhante. Meus pais nunca

tiveram nenhum controle real sobre mim, algo que eu lembrava que Madelyn havia tentado me ensinar. Nada do que eles fizeram mudou quem eu queria me tornar. Eles eram tão insignificantes quanto a aranha que agora subia pela minha perna. Eu a joguei na escuridão.

Respirei fundo. O ar fresco fluía livremente para os meus pulmões, e meu peito estava mais leve como se alguém tivesse cortado várias faixas apertadas ao redor dele. Eu não sabia se o que estava experimentando era perdão ou não, mas sabia que não me importava mais com o que meus pais haviam feito.

Esse processo foi mais fácil do que eu pensava. Talvez fosse porque meus pais nunca fingiram ser outra coisa. Desde que eu conseguia me lembrar, eles nunca alegaram me amar. Eles manifestaram suas intenções desde muito cedo - não tínhamos um relacionamento normal entre pais e filhos. Aqui é onde eu falhei. Eu esperava que meus pais me amassem simplesmente porque eu era filha deles, apesar do que eles sempre me diziam.

Que idiota eu tenho sido. Eu quase sorri.

As nuvens escuras acima do dossel das árvores racharam, e as primeiras gotas de uma chuva de primavera caíram. Sentia-se bem na minha pele e me deu força adicional para o que eu precisava fazer a seguir.

Eu poderia ter parado naquele momento e me recusava a lembrar do resto, me recusava a perdoar o resto. Mas meus pais não foram os únicos que me machucaram. Era Boaz e seus amigos, especificamente Liane. Meu corpo inteiro se encheu de ódio como eu me lembrava. A raiva me atingiu em grandes ondas, mas não tentei detê-la.

Eu a soltei.

CAPÍTULO 31

Como se eu tivesse acordado um monstro, a magia disparou através de mim, mais escura que a noite. Ele correu dos meus dedos das mãos e pés, espalhando-se pela paisagem e subindo pelas árvores em apêndices em forma de dedo. A escuridão fria matou tudo o que tocou. Flores em brotamento murchavam, cinzas de grama ficavam marrons e mortas, e insetos e animais inocentes apodreciam em segundos.

Lembrei-me de cada momento, cada segundo, com tanta clareza que senti como se estivesse vendo minha vida passando na tela do cinema. Toda a minha perspectiva mudou quando vi Boaz lentamente me manipular para usar magia. Foi sua voz gentil, seu toque terno e sua ânsia de me agradar que fizeram com que a mortalha cegante viesse sobre meus olhos. Eu escolhi ignorar a escuridão que sempre estava lá na superfície, esperando ansiosamente sair.

Eu tinha sido tão estúpida em confiar nele. Sua verdadeira natureza havia sido revelada em várias ocasiões, mas meu desejo de ser amada e aceita me fez ignorar o óbvio. Eu justifiquei todo o seu comportamento e, eventualmente, o meu, tornando-me escravo do mestre do mal.

O peso de todas as minhas ações passadas me esmagou, dificultando a respiração. Todas as vidas inocentes destruídas porque eu fui uma tola. Eu me atormentava com visões de seus corpos queimados e gritos aterrorizados. A escuridão pesada, misturada com os sons de suas almas torturadas, pressionou-me, roubando o meu último suspiro. Eles queriam que eu morresse, enquanto esperavam ansiosamente me escoltar para o inferno, onde eu pertencia. Eu queria responder aos gritos deles e dar o que eles queriam.

Mas essa seria a saída mais fácil.

Seria fácil não viver, não lidar com as consequências de minhas ações. O inferno não seria muito diferente de viver em Blutel, sozinho, existindo em uma concha vazia. Eu estava confortável vivendo assim. Era o modo de vida de um covarde, e eu o havia adotado.

Eu lutei contra a escuridão, querendo afastá-la. Eu não estava pronta para deixar aquilo me reivindicar, não quando eu ainda tivesse a chance de fazer as coisas certas. O peso no meu peito aumentou um pouco quando a esperança cresceu em meu coração, uma pequena luz para afastar a escuridão. A luz me lembrou o vampiro que me salvou de Alarica. Mordi o interior da minha bochecha. Se ele não tivesse me parado...

Pensei em Charlie e no Deific. Se Charlie tivesse encontrado consolo no trabalho que ele fazia lá, então talvez eu também pudesse, se eles me quisessem. Então, depois que eu senti que estava no caminho certo, localizaria o vampiro para agradecê-lo.

Puxando-me de pé, eu respirei várias respirações profundas. Tão rápido quanto meu corpo permitia, voltei a Blutel, tropeçando no caminho, mas a cada passo tornava-me mais forte e mais determinada.

Quando cheguei ao meu apartamento, corri para o escritório e abri a pequena gaveta dentro da mesa. Só havia uma coisa: o cartão de Charlie. Peguei o telefone e disquei o número dele.

Responda por favor.

Ele não fez. Em vez disso, depois de alguns toques, a voz de uma mulher disse:

— Obrigado por ligar para a First Choice Accounting. Posso te ajudar?

Contabilidade Primeira Escolha?

— Olá? — A senhora perguntou.

— Hum, posso falar com Charlie?

— Charlie quem?

Eu rapidamente pensei nos envelopes em que suas cartas chegaram.

— Charlie Grant. Ele trabalha para o Deific. Você sabe o nome?

A mulher fez uma pausa.

— Posso perguntar quem está chamando?

— Meu nome é Eve. Ele me pediu para ligar.

— Um momento. — Ouvi uma série de sons de clique ao fundo. Depois de quase um minuto inteiro, ela disse:

— Charlie não está aqui agora, mas teremos um carro para buscá-lo em uma hora. Eles a levarão ao aeroporto. Ou seja, se você estiver pronta para sair.

Eu respirei fundo pelos meus lábios enrugados.

— Eu estou. Você sabe onde eu estou?

— Nós sabemos, Eve.

Meu coração pulou uma batida quando ela disse meu nome.

— Para onde eu vou?

— Ao nosso escritório em Wildemoor. Charlie estará esperando por você lá. O nome do cavalheiro que vai buscá-lo é... Ouvi o som de clique novamente. Garret. Você tem alguma pergunta?

— Um milhão — eu disse, rindo fracamente.

— Tudo vai dar certo, eu prometo — disse ela.

— Ok, obrigada.

A mulher disse adeus.

Desliguei, minhas mãos tremendo.

Como não havia trazido nenhuma das roupas, apenas empacotei o mínimo necessário e fui para o escritório de Samira. Meus pés estavam pesados quando cruzei o caminho de pedra familiar do pátio. Eu sentiria falta deste lugar.

Dois metamorfo sorriram para mim de passagem. Talvez eu voltasse a este lugar um dia e oferecesse ajuda a outras pessoas como Samira.

Antes de chegar ao escritório dela, parei. Vozes de mulher ecoaram. Recuei, pensando que não deveria incomodá-la, mas a porta se abriu, me assustando.

Uma mulher linda de jeans e camiseta regata me olhou de cima a baixo, sua expressão séria, depois olhou por cima do ombro para Samira.

— Você tem um visitante.

A mulher, uma metamorfa, abriu a porta para que Samira pudesse me ver. Samira me acenou para dentro. O rosto dela também estava apertado como se eles estivessem tendo uma conversa séria antes de eu chegar.

Assim que passei pela mulher shifter, uma onda de poder me atingiu com tanta força que tropecei. Minha cabeça apontou para a dela. O que quer que ela fosse, ela era mais do que uma metamorfose com algum poder sério.

— Você está bem? — Ela me perguntou.

Baixei o olhar e assenti, meu pulso acelerado. Fazia um tempo desde que eu estava em um quarto com outras pessoas.

— Senhoras — disse Samira, — essa é Eva. Ela é uma visitante aqui. Eve, essas são minhas amigas, Briar e Lynx.

Briar, a shifter, deu um passo em minha direção, mas ela piscou para Samira.

— Acho que somos um pouco mais do que isso, Sammie.

Samira torceu o nariz.

— Por que você tem que fazer tudo parecer tão depravado?

Briar e Lynx riram. Isso fez meu coração doer por amizade, algo que essas três claramente tinham. Briar estendeu a mão para mim.

— Prazer em conhecê-la. Você está gostando aqui?

— É... — Limpei minha garganta e rapidamente apertei sua mão — legal, mas estou indo embora.

As sobrancelhas de Samira se ergueram.

— Oh?

— Charlie está enviando alguém para me buscar em breve.

Ela sorriu.

— Estou tão feliz em ouvir isso.

Briar me deu um tapa nas costas.

— É muito abafado e chato aqui, certo? Você pode ser honesta.

— Eu, hum — disse, lutando para saber o que dizer.

Lynx, uma linda ruiva, empurrou Briar para o lado.

— Ignore-a. Ela fala demais.

Samira murmurou em concordância.

Lynx estreitou os olhos para mim.

— Eu sinto que te conheço. A gente se conhece?

Cada parte de mim parecia encolhida, mas mantive meus pés firmemente plantados. Eu tinha quase certeza de que nunca conheci Lynx, mas se ela era uma bruxa, o que definitivamente senti, ela poderia facilmente ter ouvido falar de mim.

— Acho que não.

Ela se aproximou de mim.

— Qual é o seu sobrenome, Eve?

Engoli em seco, e meu olhar correu para Samira em busca de ajuda.

— Você pode sentir isso também, não pode, Lynx? — Briar perguntou, seus olhos escuros em mim.

— Ela tem um poder importante — Lynx concordou.

Merda.

Samira circulou sua mesa e veio para o meu lado protetoramente.

— Eve é uma velha amiga minha e aprecia sua privacidade.

Briar levantou as mãos e recuou.

— Eu posso apreciar o anonimato, mas com poder como o seu, poderíamos certamente usar sua ajuda aqui.

— Afaste-se, Briar — Samira rosnou e me guiou para fora da sala.

Antes que Samira pudesse fechar a porta, Briar acrescentou:

— Pense nisso!

Assim que houve uma distância entre nós e o escritório de Samira, perguntei a ela:

— Vocês precisam de ajuda?

Ela balançou a cabeça.

— Não se preocupe com nossos problemas. Há coisas maiores reservadas para você.

Paramos no saguão da frente.

— O que você quer dizer?

— O trabalho do Deific é importante. Acho que a sua presença lá o ajudará bastante, o que por sua vez nos ajudará. — Ela apontou para uma cadeira. — Você pode esperar pelo seu motorista aqui.

— Obrigado por tudo. — E quis dizer isso. Blutel não tinha sido apenas um lugar seguro para mim, mas também me ajudou a enfrentar meus medos.

— Você é bem-vindo de volta a qualquer momento. Se cuida. — Ela se virou para sair, mas parou. — Quando você vir Henry, por favor, diga olá para mim.

— Henry?

— Ele é um velho amigo meu. Tenho certeza que você o encontrará em breve. — Ela voltou ao seu escritório, me deixando em paz.

Caí na cadeira perto da janela da frente e esperei. Eu estava muito nervosa para fazer qualquer outra coisa, exceto sentar e imaginar como minha vida iria mudar. A imagem do vampiro com os olhos cheios de tristeza entrou em foco. Os ângulos agudos de seu rosto, seus cabelos escuros e sobrancelhas arqueadas.

Mais cedo do que o esperado, os faróis brilhavam na frente da casa, banhando-me em seu brilho. O horizonte atrás deles ardia em laranja e rosa, um sinal do sol nascente.

Um homem alto e bem construído saiu do sedan escuro de terno azul e gravata vermelha. Ele estava careca e exibia um brinco de metal brilhante na sobrancelha. Antes que ele chegasse à porta da frente, saí e fechei a porta atrás de mim.

— Eve? — Perguntou, assustado com a minha brusquidão.

— Sou eu.

— Eu sou Garret. Vou levá-la ao aeroporto. — Ele olhou para a pequena bolsa em minhas mãos. — Você tem alguma outra bagagem?

Eu balancei minha cabeça.

— Vamos pegar a estrada então. — Garret voltou para o carro.

Fiz uma pausa antes de segui-lo. Não há como voltar agora. Era hora de abraçar minha nova vida. Pouco antes de me esconder na parte de trás do sedan, a luz do sol nascente aqueceu meu rosto.

***

Foi uma curta viagem de avião para um pequeno aeroporto nos arredores de Wildemoor. Outro motorista estava lá para me cumprimentar e me levar até Charlie. Algumas vezes, desejei estar de volta às paredes seguras de Blutel, mas depois me lembrava por que tinha saído. Foi assim que fiz as coisas direito. Meu conforto pessoal não importava mais.

Olhando para a pele macia em minhas mãos, me perguntei quando diria a Charlie sobre ser imortal. Que conversa estranha seria. Eu nem tinha certeza do que

realmente significava. Eu me curei rapidamente como vampiros e morri como eles também, mas não tinha nenhuma de suas outras habilidades.

Quanto mais chegamos à cidade, mais prédios e pessoas se aglomeravam. O motorista dirigia rápida e agressivamente pelas estradas, entrando e saindo do trânsito como um profissional. Isso, combinado com todas as pessoas, edifícios altos e carros que passavam, me deixou enjoada. Fechei meus olhos com força, desejando que meu estômago se acalmasse.

Eventualmente, o motorista estacionou o carro em um estacionamento subterrâneo sob um prédio alto e marrom escuro e apertou um botão ao lado de um suporte de metal. Um portão alto se abriu e ele entrou.

— Chegamos? — Perguntei.

Ele virou entre duas filas de veículos.

— É isso. Vou te deixar no elevador no final. Vá para o quarto andar e pergunte por Charlie.

Apertei minha bolsa com força, meu coração batendo forte. E se eu esperasse demais e não fosse mais procurada? Para onde iria então?

O motorista estacionou o carro, mas eu não saí.

— Algo errado?

A ansiedade inchou no meu peito e meus pés começaram a formigar. *Magia.* Eu precisava me acalmar. Relaxe e respire profundamente.

— Você está bem? — Perguntou, olhando para mim com uma testa amassada.

Eu balancei a cabeça e depois engoli o nó na garganta antes de abrir a porta. A garagem subterrânea cheirava a um porão velho, e uma leve brisa gelou minha pele. Eu disse adeus e entrei no elevador que esperava. Ele vibrou e se moveu para cima, sacudindo meus nervos. Não há como voltar agora.

As portas se abriram para uma área de recepção bem iluminada, com carpete curto e cinza e paredes brancas. Eu exalei uma respiração.

Uma mulher com cabelo loiro curto e encaracolado e óculos me cumprimentou de trás de uma mesa.

— Bom Dia. Posso te ajudar?

Eu rapidamente saí e disse:

— Meu nome é Eve. Estou aqui para ver Charlie.

— Prazer em conhecê-la, Eve. Eu sou Sarah — disse, sorrindo grande.

Sarah parecia mais jovem do que eu, imaginei dezenove. Revistas de moda estavam espalhadas por sua mesa e três

tipos de esmaltes, cada um com as tampas abertas, sentados diretamente na frente dela.

— Prazer em conhecê-la também — eu disse, forçando um sorriso. Meus pés ainda formigavam.

Sarah se levantou e deu a volta na mesa em minha direção.

— Eu vou te levar. Me siga. A propósito, eu amo seu cabelo. Essa é a sua cor natural?

— Sim, e obrigada — disse e a segui através de um labirinto de cubículos brancos e pretos, cada um cheio de pessoas sentadas em mesas internas, fones de ouvido enrolados em suas cabeças e olhando para computadores.

Alguns deles olharam para mim, mas na maioria das vezes ninguém parecia se importar. Viramos uma esquina e entramos em um longo corredor. No final, estava sentado um adolescente de cabelos escuros, curvado, rabiscando furiosamente com um marcador vermelho gordo em algo brilhante e prateado.

— Como está indo, Derek? — Sarah perguntou.

O garoto não olhou para cima. Seu cabelo estava penteado para o lado, e ele mal parecia se encaixar na cadeira em que estava sentado; suas pernas se alongaram além do assento. Quando chegamos perto, Derek se levantou e deu um passo hesitante em nossa direção, a cabeça ainda

baixa, os olhos encarando o objeto brilhante em suas mãos. Sem aviso, ele empurrou-o para mim, revelando o que ele estava trabalhando.

Meus olhos abaixaram e abri minha boca para dizer obrigado, mas em vez disso um grito rasgou meus pulmões.

CAPÍTULO 32

Eu gritei novamente e caí no chão, rastejando para trás para longe do estranho adolescente. Na palma da mão aberta havia uma réplica exata do colar de prata que Boaz me dera.

Sarah olhou para mim com a boca aberta, olhos arregalados.

— Afaste-se de mim — chorei, mas o garoto deu vários passos em minha direção.

A porta no final do corredor se abriu e saiu um homem com cabelos castanhos e encaracolados. Levei um segundo para perceber que era Charlie, mas o medo me segurou no lugar.

Charlie se moveu rapidamente em direção a Derek e o afastou de mim.

— Derek, deixe-me ver o que você fez.

Com o colar não mais à vista, relaxei um pouco, mas meu coração ainda disparou. Sarah se ajoelhou ao meu lado.

— Você está bem?

Algumas pessoas dos cubículos correram para nos ajudar. Sarah acenou para eles e disse:

— Nada para ver aqui. Volta para o trabalho!

— Que lindo colar. Posso segurar? — Charlie perguntou a Derek.

Derek balançou a cabeça com veemência e novamente empurrou o colar em minha direção novamente.

— Quem é ele? — Sussurrei para Sarah.

— Derek Asher, um garoto autista que trabalha aqui. Ele é completamente inofensivo, prometo.

Eu olhei para cima, meu olhar encontrando o do menino. Seus olhos arregalados eram cinzentos e cheios de inocência crua, algo que nunca tinha visto em ninguém antes. Levantei-me devagar e peguei o colar. Ele me entregou, seu sorriso crescendo.

— Você fez isso para mim? — Eu perguntei, mantendo meu foco em Derek. O colar de lata parecia uma bomba em minhas mãos.

Ele acenou com a cabeça rapidamente, depois passou por nós, tomando cuidado extra para não me tocar enquanto passava. Eu olhei para ele até ele desaparecer na esquina.

— Sinto muito por isso, Eve — Charlie pediu desculpas. — Eu deveria estar mais preparado.

Olhei para ele, realmente olhei. Seu cabelo ruivo era mais curto do que eu lembrava, parecia mais largo, como se estivesse levantando pesos pesados. No momento em que meus olhos encontraram os dele, o calor sangrou através de mim. Eu posso ter encontrado ele apenas uma vez, mas senti que nos tornamos amigos íntimos através de nossas cartas.

Surpreendendo até a mim, eu me joguei nele e enterrei minha cabeça em seu peito, lágrimas embaçando minha visão. Ele acariciou a parte de trás da minha cabeça com ternura e me guiou para um escritório, fechando a porta atrás de nós.

Depois de um minuto, me acalmei e me afastei dele.

— Eu sinto muito. — Eu cheirei. — É tão bom ver você.

— E é bom ver você! Eu sabia que te veria aqui um dia, mas tenho que ser honesto. Não achei que fosse tão cedo. — Ele fez um sinal para eu me sentar em uma cadeira de madeira. — O que mudou?

Mordi meu lábio nervosamente.

— Samira. De alguma forma, ela sabia as palavras certas para me dizer.

— Ela é uma mulher muito perspicaz. — Ele se sentou à minha frente, trazendo a perna direita dobrada para cima sobre o joelho esquerdo. Atrás dele havia uma mesa de mogno; um vaso de rosas vermelhas e uma pilha de papéis arrumada estavam em cima.

Embora não tivesse passado um ano desde a última vez que o vi, ele desenvolveu linhas entre as sobrancelhas e uma cicatriz de cinco centímetros na bochecha direita. Seus olhos

haviam mudado mais. Eles ainda estavam verdes, mas refletiam a dor que eu havia lido em algumas de suas cartas.

— Como foi seu voo? — Ele perguntou.

— Foi bom, obrigado. E obrigado novamente por cuidar de mim por tanto tempo. E pelas cartas. Elas significaram muito para mim.

Ele riu desconfortavelmente e mudou de posição na cadeira.

— Espero que você não se importe com o fato de eu frequentemente divagar. Escrevê-las era terapia barata.

Foi a minha vez de me contorcer.

— Eu te devo muito.

— Você não me deve nada. O trabalho que você fará mais do que compensará qualquer dívida contraída.

Eu imediatamente fiquei tensa, não porque não confiava nele, mas porque tinha medo de usar magia.

— Que tipo de trabalho?

— Vamos acabar com as formalidades e depois podemos conversar sobre o seu futuro. — Charlie alcançou a mesa próxima e removeu um grosso envelope pardo de cima. Ele alcançou dentro e removeu vários papéis. — Como filha única de seus pais, após a morte deles, você herdou tudo. — Ele me entregou uma única folha.

— Minha mãe? — Eu perguntei.

— Ela morreu há quatro meses. Houve um terremoto, e as instalações onde ela estava sendo mantida desabaram, matando todo mundo lá dentro. Foi um desastre terrível.

Meus pais estavam mortos.

— Você herdou tudo — disse Charlie. — Transferimos os fundos para uma conta bancária suíça sob um pseudônimo. Espero que você não se importe, mas não queremos dar a ninguém a capacidade de rastrear você. Se você acabou de assinar este documento, tudo será transferido para o seu novo nome - Eve Andrews.

— Mas as pessoas não acham que eu morri?

Ele balançou sua cabeça.

— Só imaginam. Seu corpo nunca foi encontrado no incêndio. Depois que sua mãe morreu, arquivamos a papelada mostrando que você estava vivo e criamos a nova identidade. Tudo foi feito em segredo. Não há chance de alguém descobrir quem você realmente é.

Eu olhei para o papel. A quantia em dólares era impressionante.

— Isso é todo meu?

Charlie assentiu.

— O que vou fazer com tanto dinheiro?

— O que você quiser.

Coloquei o papel no meu colo.

— O que fez você finalmente vir? — Charlie perguntou. — Não poderia ter sido apenas o discurso de Samira.

— O desejo de consertar as coisas. Fiz algumas coisas horríveis e perdi muito tempo sem fazer nada a respeito.

— Não foi você.

— Mas fui eu, especificamente minha estupidez que causou tudo. Eu deixei meu desejo por magia negra me consumir, e ainda não tenho certeza se me livrei disso.

— O tempo vai resolver isso, ou devo dizer o que você escolhe fazer com o seu tempo. Também vamos ajudá-la.

Eu apertei minha mandíbula.

— Como?

— Ensinando a usar suas habilidades corretamente.

— O que? — perguntei, meu coração acelerando novamente.

— Vamos ensinar você a usá-las para o bem, esclareceu.

Já ouvi isso antes. Não estou usando magia de novo.

— Eu acho que houve um erro. Eu me levantei, quase derrubando a cadeira para trás.

— Eve, não foi isso que quis dizer. Por favor, sente-se, deixe-me explicar.

Eu hesitei, procurando seus olhos. Eu conhecia esse homem. Em suas cartas, ele havia admitido ter medo do

escuro por anos e aprender a superar seu medo. Ele falou de ter filhos com Moira antes de ela morrer. Ele admitiu suas fraquezas e inseguranças. Este era um homem em quem eu podia confiar.

Voltei ao meu lugar.

— Por causa das experiências que teve na vida, — Charlie começou — só foi ensinado a temer e odiar. Você acha que apenas emoções negativas te dão poder?

Olhei para baixo, meu olhar encontrando meus sapatos marrons gastos.

— Existem outras emoções que pode usar que não são sombrias, — continuou ele. — Emoções que não a enchem da raiva que você despreza. Você pode sentir esperança, amor, paz, todos os sentimentos que são bons neste mundo. Essas emoções são muito mais poderosas do que aquilo que você está acostumado a sentir, e elas te darão a capacidade de usar seu dom de maneiras que você nunca pensou ser possível.

— Mas isso vai me mudar?

Ele riu alto.

— Claro, mas para melhor. O amor tem uma maneira engraçada de crescer dentro de você, a ponto de não estar mais consciente de si mesmo, e você se torna consumido pelo desejo de ajudar os outros.

— Eu não acho possível sentir algo de bom — sussurrei.

— Absurdo. Nós vamos ajudá-la a encontrar o amor, mesmo em algo tão pequeno quanto uma flor. — olhou para as rosas em cima da mesa.

— Alguém mais aqui sabe sobre mim ou outros sobrenaturais como vampiros e demônios? — Perguntei.

A expressão de Charlie ficou séria.

— É para você dizer a quem você quer sobre si mesma, e quanto aos verdadeiros monstros do mundo, bem, não podemos contar para ninguém. Alguns de nós sabem a verdade, mas a maioria das pessoas precisa ser facilitada para essas coisas. A sanidade deles depende disso. Portanto, para a maioria das pessoas neste andar, somos simplesmente uma agência de contabilidade.

— E o garoto? Como ele soube do colar?

— Derek? — Charlie juntou as mãos, apontando os dedos em uma posição pontiaguda, e os colocou sob o queixo em uma expressão pensativa. — Ele tem a capacidade de ver o passado e o futuro e o expressa através da arte. Nós o encontramos em um orfanato na Inglaterra quando ele tinha nove anos e o adotamos.

Eu fiz uma careta.

— O Deific adotou um menino?

— Não, não, claro que não. Foi Henry quem o adotou.

— Quem é Henry?

— Ele é o fundador do Deific. Ele reconheceu as habilidades de Derek imediatamente e pensou que ele estaria melhor aqui. Derek mora no andar de cima em um apartamento e trabalha aqui depois da escola fazendo trabalhos simples.

— Então Henry mora lá em cima também?

Charlie pigarreou.

— Não, Derek mora com uma babá, mas Henry a visita frequentemente.

— Por que ele adotaria um menino e depois não cuidaria dele?

— É complicado. Você verá em breve. Henry está ansioso para conhecê-la quando estiver pronto.

Eu estava curioso para conhecer o homem que poderia começar uma organização assim. Parei de repente e me endireitei.

— Algo não está certo, Charlie. Você disse que Henry iniciou o Deific, correto?

— Sim.

— Mas isso é impossível. Você me disse que o Deific existe há centenas de anos. Se ele é o fundador, então ele deve ser extremamente velho. Eu balancei minha cabeça,

tentando entender. — Ele seria muito velho a menos que... — Minha cabeça se levantou e olhei para Charlie, incrédula.

Ele estava balançando a cabeça.

— Você não deveria descobrir assim. Ele queria ser o único a te contar.

Um vampiro.

— Como é possível que um vampiro possa começar algo que faz isso muito bem no mundo?

— Por que seria *impossível*? Você não disse que um vampiro já te ajudou? E você conheceu Samira. Ela irradia bondade.

Eu hesitei, pensando em Samira e no vampiro com os olhos cheios de tristeza. Ele me ajudou e não apenas ao me salvar de Alarica. De alguma forma, ele transferiu luz para mim quando nos tocamos, e destacou todas as coisas terríveis que eu tinha feito. Não sei se teria questionado Boaz se não tivesse conhecido o vampiro no parque.

— Somos todos livres para escolher — disse Charlie.

Abri minha boca para falar, mas ele levantou a mão e se levantou.

— Você pode fazer suas perguntas a Henry quando o encontrar. Ele é muito melhor em explicar tudo isso do que eu. Até lá, você pode ficar em um apartamento no andar de

cima até encontrar seu próprio lugar para morar. Sarah mostrará o caminho.

Eu o segui até a porta.

— E o que eu faço comigo enquanto isso?

— 'Amanhã, Sarah fará com que você se encontre com um de nossos especialistas para ajudá-la a entender melhor seu dom. É importante que você aprenda a usar a magia da maneira certa.

— Farei isso, mas quero uma coisa em troca.

— Diga — disse ele, com a mão apoiada no alto da porta.

— Quero sua ajuda para encontrar alguém.

— Quem?

Respirei fundo e, ao expirar, disse:

— O vampiro que me salvou de Alarica.

CAPÍTULO 33

Quando Charlie não disse nada, perguntei novamente.

— Por favor. Eu preciso encontrá-lo.

— Por que ele é tão importante para você?

— Não tenho certeza, mas senti algo com ele, uma conexão de alguma forma. Sei que isso parece estranho, mas, por alguma razão, sinto que é importante encontrá-lo.

— Então nós ajudaremos. Vou falar com Henry sobre te dar acesso ao nosso banco de dados privado.

Agradeci e dei outro abraço. Sarah estava esperando do lado de fora para me escoltar lá em cima.

— Então, o que você acha? — Ela perguntou, depois de me guiar pelo apartamento de três quartos. — Não é super chique e poderia usar algumas atualizações importantes, começando com a remoção desse tapete marrom, mas pelo menos é limpo. É mais do que você pode dizer para muitos outros apartamentos da cidade.

— Eu acho que é perfeito.

— Ótimo, e desde que você é nova na cidade, eu adoraria levá-la para sair um pouco e mostrar a cidade.

— Gostaria disso. Verdadeiramente.

— Maravilha! — Ela virou-se para a porta. — Vou deixar você se instalar. Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa.

Acordei cedo na manhã seguinte me sentindo melhor do que em muito tempo. Na verdade, eu esperava estar perto dos outros e aprender mais sobre o Deific e sobre mim.

No armário, encontrei um bilhete de Charlie que dizia: “Espero que essas roupas caibam e sejam do seu agrado. Sarah as escolheu.”

Eu sorri. Charlie não tinha perdido o toque quando se tratava de saber o que eu precisava.

Vesti-me rapidamente de calça preta e uma blusa branca de mangas compridas. Puxei meu cabelo para trás em um rabo de cavalo solto, apliquei um pouco de maquiagem e chamei de bom. No andar de baixo, o Deific cantarolava com a produção. Mal passava das oito.

— Bom dia, Eve. Você dormiu bem? — Sarah perguntou. Os olhos dela brilharam e ela se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Sim. E obrigada pelas roupas. Você tem um gosto incrível!

Ela bateu palmas.

— Yay! Estou tão feliz que deram certo. Eu estava nervosa em estragar tudo, pois nunca tinha te conhecido antes, mas Charlie sabia que suas medidas corporais eram

perfeitas. — Seus olhos se arregalaram e seu sorriso desapareceu. — Não de uma maneira estranha.

Eu ri, real e honesta risada, e me senti bem.

— Eu sei o que você quer dizer.

— Ufa. — Ela limpou o suor imaginário da testa. — O Deific se orgulha de ser um local de trabalho livre de assédio sexual. — Ela se inclinou para mim e sussurrou: — Mas entre você e eu, às vezes os caras mais quentes vêm aqui para fazer seus impostos, e eu penso, preciso me tornar um contador!

Eu ri de novo. Os clientes dos quais ela estava falando provavelmente eram sobrenaturais. Eles tendiam a exalar energia sexual, uma qualidade que não podiam desligar.

Sarah se abanou com a mão e apontou para o corredor.

— Charlie está aqui. Você pode voltar e vê-lo. Mesmo sala que ontem. Vou tomar um banho frio.

— Obrigado. — Eu a deixei sorrindo, meu peito leve. Era assim que era ter uma vida normal? Nenhuma conversa intrigante, sem mentiras ou manipulações. Apenas pessoas reais e honestas.

Eu fiz o meu caminho através dos cubículos, tendo que me virar algumas vezes, até finalmente encontrar o escritório de Charlie.

— Entre — disse ele quando me aproximei da porta. Ele fechou o laptop à sua frente e recostou-se na cadeira atrás de sua mesa. As linhas entre as sobrancelhas estavam mais profundas do que ontem, e sua boca se esticou. — Como você está hoje?

— Melhor do que você, pela aparência. Você está bem?

— Nada com que você precise se preocupar. Hoje eu quero que você se concentre apenas em seu treinamento com o Dr. Skinner.

— Quem é esse?

— Um dos homens mais notáveis que você já conheceu. Ele tem uma visão da vida que mudará uma pessoa, se estiver aberta a ela.

***

Abri a porta do escritório do Dr. Skinner. Um homem calvo e pesado me cumprimentou.

— Você deve ser Eve.

Ele se levantou e deu a volta na mesa para apertar minha mão. Ele mal era mais alto que eu, com cabelos castanhos despenteados no alto da cabeça em ondas encaracoladas. Quando segurei sua palma, olhei em seus olhos castanhos e firmes e me senti à vontade.

— É um prazer conhecê-lo — eu disse.

— Oh, não, o prazer é todo meu. Sente-se.

Eu me acomodei em uma cadeira e olhei em volta. Exceto por uma foto gigante emoldurada pendurada na parede atrás de sua mesa e um vaso de rosas, a sala estava desprovida de pertences pessoais. Era uma foto em preto e branco de uma jovem garota cujos olhos pareciam muito estreitos para o rosto dela. Ela tinha cabelos escuros presos em tranças grossas e estava sorrindo alegremente. Mas o sorriso não veio de seus pequenos lábios virados para cima - estava nos olhos dela.

— Eu sei que você acabou de chegar aqui ontem, mas você teve uma chance de conversar com Charlie? Eu sei que vocês dois são próximos. — Ele se recostou no assento.

Meu olhar caiu no chão.

— É estranho dizer que somos próximos quando nos vimos apenas algumas vezes, mas ainda o considero meu amigo mais próximo.

— As cartas fazem isso. Eles podem ser extremamente pessoais.

— Você sabe sobre as cartas? — Eu perguntei.

— Fui eu quem sugeriu que ele escrevesse para você. Imaginei que seria uma boa saída para ele, além de te dar uma maneira de ainda conectar a este mundo. — Ele se recostou, sua expressão pensativa. — Quero que você saiba que ele não espera nada de você. Charlie falava de você

frequentemente enquanto você estava fora, imaginando como estava indo. Ele realmente se importa com você.

Eu permaneci ainda em silêncio culpado.

— Você quer algo para beber? — Ele perguntou.

— Não, obrigado, mas eu gostaria de começar. Eu esperava visitar mais Charlie. Algo o estava incomodando quando o vi mais cedo, e quero ver se posso ajudar.

Dr. Skinner assentiu lentamente.

— Os últimos anos foram difíceis para Charlie. Só espero que um dia ele possa deixar o passado para que possa viver a vida novamente.

— Isso tem a ver com a esposa dele?

— Essa é a história dele, que tenho certeza de que ele compartilhará com você quando estiver pronto. — O Dr. Skinner abriu uma gaveta e removeu uma pasta cinza. — Examinei seu arquivo e devo dizer que você levou uma vida muito difícil.

Meus lábios se apertaram.

— Está no passado. Podemos falar sobre outra coisa?

Ele me observou com cuidado e depois disse:

— Eu entendo que você é diferente da maioria das bruxas, no sentido de que são suas emoções que te dão a capacidade de usar magia, correto?

— Eu não diria todas as minhas emoções. Principalmente orgulho, ódio, raiva e medo.

— Por que apenas estas?

Dei de ombros.

— Não tenho certeza. É exatamente o que meus pais me ensinaram.

Ele se inclinou para a frente, cotovelos em cima da mesa.

— Você já sentiu amor?

Boaz. Meu interior torceu, e eu apertei meus punhos.

— Eu acho que não, não amor real, de qualquer maneira.

— Você já se sentiu feliz?

— Quando eu era criança, eu tinha uma babá que era como mãe para mim. Eu era feliz com ela.

— Bom. Podemos expandir isso mais tarde. E a paz?

Eu pensei por um momento.

— Acho que não. Eu me senti indiferente, mas não acho que seja a mesma coisa.

— Não é. Você já sentiu compaixão?

O vampiro com os olhos cheios de tristeza imediatamente veio à mente, e eu assenti.

— Isso foi o que originalmente me impediu de querer ser como meus pais, e foi o que finalmente me salvou quando fui longe demais.

Ele assentiu em aprovação.

— E a beleza? Você já sentiu beleza?

Dei de ombros, sem entender a pergunta.

— Eu vi coisas bonitas.

— Mas você sentiu isso?

— Isso é possível?

— Para você, sim, mas para a maioria dos humanos normais, eles só podem apreciar e amar a beleza. — Ele estendeu a mão para o vaso e retirou uma rosa de haste longa. — Olhe para esta rosa e me diga o que vê.

Eu olhei com cuidado. Era uma rosa vermelha em plena floração, com um aroma adocicado.

— É lindo, mas parece com todas as outras rosas que eu já vi.

— Olhe mais de perto.

Eu me concentrei mais, desta vez percebendo as muitas linhas que corriam em um padrão intrincado em sua pele aveludada.

— Continue procurando — ouvi sua voz dizer em um tom ansioso.

Eu respirei fundo, inalando sua fragrância. O ar girava em torno da rosa em um padrão circular, e eu congelei, sem saber se havia imaginado o movimento estranho. Eu olhei mais profundamente, indo além das camadas, até que eu mal notei a sala desaparecendo ao meu redor.

Foram as delicadas veias da rosa viajando para um destino desconhecido que prenderam minha atenção. Então, como se estivessem fazendo isso o tempo todo, as linhas se moveram fisicamente, seguindo algum caminho predestinado. O aroma de ambrosia visível girou novamente em um padrão rítmico, girando e girando, como se estivesse dançando uma sinfonia inédita.

Inclinei minha cabeça levemente, tentando ouvir a música encantadora que parecia estar dando vida à rosa. O som era um leve sussurro, como o zumbido suave de uma abelha ocupada em um dia quente de verão. Eu fiquei quieta. Os padrões continuaram a se mover até que eu não conseguia mais distinguir uma linha da outra.

A rosa inteira se agitou em um movimento fluido constante, mas eu ainda podia ver cada pétala individualmente. O zumbido suave logo se separou em mil vozes de um grande coro, mas eles eram suaves e reverentes, como se cantassem em humilde louvor a algo além da minha compreensão. A música harmoniosa, combinada com o

aroma oscilante, que se envolveu em torno de mim em um abraço terno, trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Eve? — Uma voz distante perguntou.

A sala entrou em foco e eu enxuguei meus olhos.

— O que foi isso?"

Skinner sorriu e disse:

— Essa é a beleza em sua forma mais pura. Como você acabou de testemunhar, a beleza é uma ação. Ele continuará a criar a grandiosidade desta rosa até que sua vida útil termine. Mas, assim como tudo neste mundo, a beleza tem um oposto. Feiura. Também é uma ação e cria seu objeto para ser repugnante e sombrio, com intenções de servir a seus próprios desejos egoístas. De maneira semelhante, esses dois opostos também afetam os seres humanos.

Ele pegou a rosa de mim e a virou na mão.

— Uma rosa não tem escolha a não ser bonita, mas um ser humano tem a capacidade de escolher entre ser feio ou bonito. Suas ações os fazem assim. Eu não estou falando sobre aparência física. Estou falando do tipo de beleza que inspira o amor ou a feiura que deseja prejudicar.

— Você não desejaria poder se sentisse amor. Simplesmente não pode existir à luz da pureza e da verdade. Pertence aos seus irmãos das trevas: inveja, raiva, ciúme. Seus pais entenderam isso muito bem e foram muito

cuidadosos para garantir que a luz permanecesse fora de sua vida. Mas quero enfatizar que as emoções positivas de amor, paz, compaixão e alegria são tão poderosas quanto suas contrapartes e, quando essas emoções são voltadas para fora, você poderá usar a magia de maneiras que nunca imaginou serem possíveis.

— Para mudar verdadeiramente, uma pessoa deve primeiro começar com seu eu interior. Eles devem aprender a perdoar a si mesmos de suas próprias inadequações e perceber seu próprio nada antes que possam realmente se tornar grandes.

— Eu tenho que perceber que não sou nada para ajudar os outros? — Perguntei.

Ele sorriu gentilmente.

— Claro que não. O que quero dizer com nada é quando uma pessoa reconhece suas muitas falhas e sua incapacidade de se livrar dessas falhas, e então se torna humilde. Eles se despojam de todo orgulho. Quando isso acontece, uma pessoa para de pensar em si mesma e seus pensamentos e preocupações se voltam para os outros. Dessa maneira, eles se perdem. É quando o verdadeiro poder chega. Mas este é um longo caminho. Precisamos primeiro ensiná-la a procurar a beleza e experimentar a alegria, para que você possa usar seus poderes adequadamente.

— É viciante?

Ele riu.

— É insaciável. O amor cresce continuamente. Começa primeiro com o eu, mas depois inclui família, amigos, vizinhos, até que nada mais seja desejado do que salvar o mundo inteiro. Então, sim, pode ser viciante, mas de uma maneira notável.

— Você vai me ensinar?

Ele balançou sua cabeça.

— Gostaria de ser bom o suficiente para ensinar você a amar, mas sou altamente inadequado. Somente a pura inocência pode ensinar o que você precisa saber. — Ele removeu uma folha de papel da pasta cinza e a entregou para mim. — Arranjei para você trabalhar em uma escola próxima chamada “The Academy” a partir de amanhã. Os alunos ensinarão mais sobre felicidade e amor incondicional do que eu jamais poderia.

Escrito no papel havia um endereço e uma descrição da escola.

— Você tem certeza disso? Eu nunca estive perto de crianças antes.

Ele se recostou na cadeira.

— Eles vão te amar. Essas crianças não sabem como fazer mais nada. Você vai ver.

CAPÍTULO 34

Encontrei Charlie pouco antes do almoço. Ele estava na posição exata em que eu o deixei mais cedo naquela manhã, mas desta vez os papéis estavam espalhados por toda a mesa. Ele não parecia estar focado em nenhum em particular.

— Está tudo bem? — Eu perguntei.

— Está tão bom quanto vai ficar — respondeu ele, com os olhos baixos. — Como foi com o Dr. Skinner?

— Foi bem. Vou trabalhar na Academia amanhã de manhã com algumas crianças especiais que vão me ajudar. — Entrei na sala e fechei a porta atrás de mim. — Olha, posso dizer que algo está errado com você e gostaria de ajudar. É o mínimo que eu poderia fazer.

Ele levantou os olhos, encontrando o meu olhar.

— Serei o único a cuidar deste problema.

— E qual é o problema exatamente?

— Um homem. Eu o procuro há vários anos.

— Você não pode usar sua capacidade de encontrá-lo?

Os olhos dele se estreitaram e sua voz gelou.

— Você não acha que eu tentei? É tudo o que faço todos os dias, todas as noites. Penso nele, imagino-o em minha mente, sinto meu ódio por ele e, no entanto, ele ainda me escapa, mas dois dias atrás ele foi flagrado. Nesta cidade.

Abaixei-me em uma cadeira, minhas pernas enfraquecidas pela raiva em sua voz.

— Quem é ele?

— Alguém que deveria ter morrido há muito tempo. Ele tirou algo muito precioso de mim e não descansarei até que ele deixe de existir. — Ele balançou a cabeça. — Eu não deveria estar te dizendo nada disso. Você não está pronta.

— Mas eu sou...

A porta se abriu e um jovem arquejou pesadamente como se tivesse acabado de subir vários lances de escada.

— Eles têm uma pista, Charlie. Estão saindo agora.

Charlie ficou de pé, jogando a cadeira para trás.

— Sem me dizer?

— Eu disse para eles esperarem por você, mas eles não esperaram. — O jovem me viu pela primeira vez e franziu a testa. — Quem é?

Charlie rodeou sua mesa.

— Temos de ir. Agora, Lance. Prepare meu equipamento.

— Sim senhor. — Lance saiu pela porta.

Charlie correu atrás dele, mas eu levantei e agarrei seu braço.

— Eu quero ajudar.

Ele encolheu os ombros.

— Agora não.

Eu queria dizer mais, mas ele já estava no corredor, se afastando rapidamente de mim. Eu pisquei. Então pisquei novamente. Durante anos, fiquei escondida em minha própria prisão, sem fazer nada para expiar os pecados que cometera contra os outros. Agora, finalmente, tive uma chance. Talvez eu não estivesse pronta, mas não podia mais ficar à margem. Muito da minha vida já havia sido gasto sem fazer nada.

Sem mais hesitações, corri atrás de Charlie, mas quando cheguei à mesa de Sarah, não o encontrei em lugar nenhum.

— Para onde Charlie foi?

— Um segundo. — Sarah baixou um telefone celular da orelha. — Hum, ele realmente não disse, mas eu aposto que era o segundo andar. Há uma academia lá embaixo que ele gosta de ir.

Virei à direita e empurrei uma porta da escada. Assim que eu fiz isso, uma porta se fechando ecoou abaixo de mim. Ele estava perto.

Desci as escadas, mas parei quando cheguei à porta do segundo andar para espiar por uma janela alongada. Do outro lado, havia uma sala grande, semelhante a uma academia, com o chão coberto de tapetes azuis. Sacos de

boxe pendurados e todos os tipos de equipamentos para levantamento de peso estavam à esquerda. À direita, pelo menos uma dúzia de pessoas vestia coletes pretos e agarravam armas da parede. Seus movimentos foram apressados, quase em pânico, enquanto se preparavam para o que parecia ser algum tipo de ação policial.

Mas essas pessoas não eram policiais ou qualquer tipo de militar. Eles trabalhavam para o Deific, restaurando o equilíbrio para qualquer grupo ou pessoa que pudesse ser uma ameaça à humanidade. Era o que Charlie havia dito, de qualquer maneira, todos aqueles meses atrás.

Perto da frente da matilha, Charlie estava em um debate acalorado com um homem alto e de ombros largos, com cabelos ruivos. Eu rapidamente deslizei para dentro.

— Você deveria ter me dito! — Charlie gritou.

O homem de cabelos ruivos balançou a cabeça.

— Precisamos deles vivos. Não posso confiar que você terá a restrição de fazer isso acontecer.

— Não se preocupe comigo — disse Charlie e passou por ele para sair por uma porta de vidro.

Enquanto o resto deles continuava se vestindo, tomei meu lugar entre eles como se eu estivesse lá. Tirei um terno preto de corpo inteiro da parede e empurrei meus pés pelos orifícios das pernas. O material semelhante ao couro era

grosso, mas parecia incrivelmente leve. Eu me perguntava o que poderíamos encontrar para precisar de algo assim. Talvez eu estivesse passando por cima da minha cabeça.

— Quem é você? — Perguntou uma mulher com pele escura. Seus longos cabelos escuros estavam presos em um rabo de cavalo apertado.

Puxei a manga do meu braço e fechei a frente.

— Charlie me pediu para participar.

— Você é do escritório de Skystead?

Eu balancei a cabeça e estendi minha mão. *Skystead?* O Deific deve ter uma divisão na costa oeste. Eu já estive lá uma vez com Boaz. Era uma bela cidade costeira, muito mais ensolarada que a cidade costeira.

— Meu nome é Eve.

— Eu sou Kelley. — Ela apertou minha mão.

— Então, contra o que estamos enfrentando? — Eu perguntei a ela.

— Vampiros. Um ninho inteiro deles vivendo bem embaixo do nosso nariz. — Ela fez sinal para que eu a seguisse. — Existe uma arma que você prefere?

Eu olhei para eles, sabendo exatamente o que eu queria. Eu pulei as armas, facas e punhais, parando apenas quando encontrei uma besta perto do fundo da parede.

Eu peguei.

— Isso vai funcionar bem.

— Boa escolha para vampiros. Flechas de madeira estão ali na prateleira. — Ela acenou com a cabeça em direção a algumas fileiras de prateleiras pretas, uma boa cabeça mais alta que eu. — Pessoalmente, nunca gostei destes. Eu prefiro o Colt 45-70 Peacemaker. Não importa que tipo de balas, sempre traz paz. — Ela sorriu e deu um tapinha na lateral dos quadris, onde duas pistolas estavam no coldre.

Enquanto encontrava as flechas, Kelley explicou a alguns dos outros quem eu era. Nenhum deles questionou minha presença. Talvez as pessoas venham do escritório de Skystead frequentemente? Ainda assim, me confundiu como eles poderiam ser tão confiantes.

A porta de vidro se abriu e o homem ruivo com quem Charlie estava falando antes enfiou a cabeça.

— Vamos lá!

Eu terminei de colocar o resto das flechas de madeira na aljava do meu quadril e segui as outras, mantendo a cabeça baixa, caso Charlie me visse. Nossos passos ecoaram quando descemos os três lances de escada.

Meu coração batia forte e eu mal conseguia recuperar o fôlego. Não era o medo do perigo que eu estava prestes a me colocar, mas mais o medo de usar a magia. Eu não a usava

há quase um ano e não queria, mas e se eu tivesse que usar minhas habilidades para salvar minha vida ou a vida de outras pessoas? Segurei o arco com mais força, esperando que não chegasse a hora.

Do lado de fora, três utilitários esportivos pretos estavam estacionados no meio-fio, com os motores em marcha lenta. Charlie se sentou no banco do passageiro do primeiro, olhando para a frente. Quando me disseram, subi no banco de trás do último veículo com dois homens. Assim que as portas se fecharam, o motorista, uma mulher, pressionou o acelerador. Kelley sentou-se ao lado dela no banco do passageiro da frente.

Embora o carro estivesse cheio, ninguém disse uma palavra. O ar estava pesado, e eu pude praticamente provar a energia nervosa na minha língua. O peso da besta ajudou a acalmar meus nervos. Se eu não tivesse aprendido a usá-la, talvez não tivesse vindo.

Estávamos dirigindo apenas dez minutos quando o carro parou em uma parte degradada da cidade. Muitas das pequenas casas pareciam abandonadas com as janelas fechadas com tábuas e a grama tão alta quanto meus joelhos. Fiquei feliz por ser de dia.

— Todo mundo fora — ordenou Kelley. — Corte alguns quintais à sua direita até chegar a uma casa com tapume

verde-oliva. Quando você conseguir a aprovação, vamos invadir o local como se fosse uma casa de fraternidade na noite do baile. E lembre-se, estamos tentando tirar pelo menos um deles vivo.

Kelley pulou do SUV, seguido pelos outros. Eu fui a último a sair. Charlie já estava correndo pelo quintal da casa vazia na minha frente. Eu tinha certeza que ele ficaria chateado se soubesse que eu estava aqui, mas ele disse uma vez que queria que eu escolhesse de que lado lutar. Essa era eu fazendo exatamente isso.

Andei pela grama alta e entrei por uma cerca quebrada como todo mundo. A casa em que descíamos parecia pior que a vizinhança. Árvores e arbustos cresceram em toda a estrutura deformada, quebrando até a varanda dos fundos e algumas janelas. Pouca luz do dia tocou o telhado parcialmente desabado. Os vampiros deviam amar estar aqui. Pelo que Boaz havia me dito, a maioria dos vampiros não vivia uma vida de luxo como ele. Eles escolheram existir nas sombras, escondidos da humanidade e de outros sobrenaturais, onde sentiram que era mais seguro. Boaz nunca temeu os outros. Eu sabia agora que era porque ele podia usar magia onde outros vampiros não.

Kelley sinalizou com a mão para que parássemos. Eu congelei, parcialmente bloqueada atrás de um galpão.

Charlie se virou para mim naquele momento, mas rapidamente abaixei o rosto e esperei alguns segundos antes de olhar para cima novamente. Charlie voltou a se concentrar na casa, aparentemente inconsciente da minha presença. Eu exalei a respiração que estava segurando.

— Prepare-se — Kelley sussurrou.

Soltei uma flecha da aljava no meu quadril e carreguei-a na besta, com cuidado para manter meu dedo fora do gatilho. Alguns homens mais próximos da casa puxaram o que pareciam binóculos sobre os olhos. *Óculos de visão noturna.*

Um momento depois, Charlie fez sinal para que esses homens entrassem em casa primeiro. Eles contornaram cuidadosamente os degraus quebrados e entraram na varanda onde um deles tentou abrir a porta dos fundos, mas a porta estava fechada. Se eu quisesse usar magia, poderia facilmente abri-la, mas o medo apertou meu coração com o próprio pensamento.

Charlie fez um movimento com a mão que eu não entendi. O líder perto da porta enfiou o ombro na porta, derrubando-a e me fazendo pular. Kelley me deu um olhar engraçado, mas eu a ignorei e tentei acalmar meu pulso acelerado.

Assim que os homens com os óculos de noite entraram, Charlie se aproximou deles, indicando com um pequeno aceno que o resto de nós deveria seguir. Quando chegou a minha vez de entrar, hesitei por um breve momento quando me deparei com a escuridão dentro de casa. Talvez eu devesse ter esperado. Sem a minha magia, eu era tão boa quanto o objetivo da minha flecha, mas não seria tão boa sem a luz.

Kelley me cutucou para frente, então entrei. O ar estava excepcionalmente frio, mas então ouvi o zumbido suave de um ar condicionado vindo de algum lugar dentro. Atrás de mim, Kelley acendeu uma lanterna. Seu feixe iluminou pequenas seções da sala. Um sofá amarelo coberto de poeira; invólucros de batatas fritas amassados. Uma TV caíra de lado no que eu pensava ser tapete marrom, mas outras partes do chão eram mais cinza. À minha esquerda havia uma cozinha estreita. Acendi a pequena luz presa ao topo da minha besta, iluminando o espaço. Os pratos estavam empilhados no alto da pia. Pelo jeito deles, eles não eram usados há anos. Os vampiros não precisavam deles.

Uma série de sons de estalo fez os outros três na sala comigo congelarem. Não era como uma arma disparando, mas mais como alguém estalando os nós dos dedos, apenas mais alto. Não pude ver Charlie ou os outros, pois eles já

haviam se movido para dentro de casa. Kelley ficou ao meu lado, iluminando um corredor. Eu levantei meu arco nessa direção, meu dedo pairando sobre o gatilho.

Em uma fração de segundo, tudo mudou. Kelley reagiu muito mais rápido do que eu. Ela girou para longe quando alguém, ou alguma coisa, a atacou. Eu não tive a mesma sorte em ver o movimento desumano, rápido como um raio, então quando ele bateu em mim, voei de volta para a parede. Eu não quis gritar, mas fazia tanto tempo desde que eu experimentava qualquer tipo de dor física que eu não conseguia segurar a surpresa.

Cerrei os dentes e deslizei pela parede, de volta à posição de pé, reajustando meu arco para frente. Meu pequeno raio de luz captou flashes de movimento: um cotovelo na bochecha, um joelho na barriga, um respingo de sangue na parede. Uma arma disparou. O pacificador de Kelley.

Faça alguma coisa!

Esperei alguns segundos até a dor nas minhas costas curar e, em seguida, levantei meu arco ao nível dos olhos e tentei me concentrar em algo, mas todos se moviam rápido demais. Gritos vinham de baixo, provavelmente em um porão.

De repente, meu arco foi arrancado das minhas mãos. Ao mesmo tempo, um punho que parecia mais uma pedra bateu no lado da minha cabeça. Caí no chão, minha visão nadando dentro de uma piscina escura que era mais vermelha que preta. Alguém frio e pesado estava me pressionando, arranhando seu caminho em direção ao meu pescoço. Eu tentei lutar, empurrando e empurrando, mas não era páreo para o vampiro.

Senti o fôlego, uma mistura de mofo do porão e canos de ferro enferrujados, antes de sentir sua língua bater na minha testa logo acima do olho direito. O corpo do vampiro ficou rígido. Ele levantou de cima de mim como se quisesse dar uma olhada melhor no meu rosto. A luz da minha besta captou a expressão do vampiro masculino. Não era fome como eu esperava, mas medo.

— O que você é? — Ele perguntou, seus olhos azuis leitosos arregalados.

Peguei a besta, mas antes que eu pudesse agarrá-la, o vampiro estava correndo para longe de mim e pela porta dos fundos. Um dos homens do Deific correu atrás dele.

— Me ajude — uma voz grunhiu.

Peguei a besta, rolei de bruços e apontei para o corredor. Kelley estava lá dentro, tentando lutar contra um vampiro

que a prendeu no chão. Minha visão ainda estava embaçada, mas eu atirei de qualquer maneira, mirando logo acima dela.

A flecha perfurou o vampiro em seu ombro. O golpe não foi suficiente para matá-lo, mas deu a Kelley tempo suficiente para pegar sua arma e revidar. Seu corpo explodiu em cinzas e pulverizou no ar. Kelley passou correndo pela nuvem, desaparecendo no corredor e me deixando sozinha na sala.

Eu me sentei, as costas contra a parede. Não muito longe de mim, a luz da minha besta brilhava em um corpo em um macacão preto caído no chão com a face para baixo em uma poça crescente de sangue. Eu instantaneamente pensei em Harriet, e meu coração afundou em meu intestino. Isso foi tudo culpa minha.

Eu tentei me mover para ajudar a mulher, esperando que ela ainda estivesse viva, mas minha visão continuou embaçada até o mundo inteiro ficar preto.

CAPÍTULO 35

— Acorde! Abra seus olhos!

Ouvi a voz distorcida, mas não consegui abrir os olhos.

— Quão ruim é a ferida? — A mesma voz perguntou.

Houve uma pausa e depois, de outra pessoa:

— Que ferida? Não há nada aqui. Talvez fosse o sangue de outra pessoa?

— Acho que não — disse a primeira voz.

Dessa vez eu o reconheci. *Charlie.*

Ele tocou minha cabeça.

— Talvez você esteja certo. Vá em frente e vá para o carro. Vou tentar revivê-la.

Houve um movimento perto do meu rosto e depois um sussurro.

— Eve, eu sei que você pode me ouvir. Eu sinto isso. Abra seus olhos.

Concentrei-me nas minhas pálpebras até que elas se abriram. O rosto de Charlie pairava logo acima do meu. Havia um arranhão na bochecha e sangue perto da linha do cabelo.

— Você está bem? — Perguntou.

Eu me afastei dele, lembrando-me da mulher que estava deitada em uma poça de sangue. Ela não estava lá agora. Minhas costas pressionaram contra a parede da casa suja e

degradada. Ninguém mais estava por perto, mas havia vozes do lado de fora.

— A mulher? — Perguntei.

Charlie olhou para o mesmo local no chão que eu estava olhando.

— Ela ficará bem. Ela está recebendo pontos agora. — Sua cabeça girou de volta para mim. — O que você está fazendo aqui?

Meu olhar lentamente encontrou o dele.

— Vim ajudar.

— E desmaiando, você estava ajudando?

— Eu não queria isso.

Charlie se levantou e estendeu a mão para mim.

— Como eu disse antes, você não está pronta para nada disso. Termine seu treinamento com o Dr. Skinner e as crianças.

Eu aceitei a mão dele e o deixei me levantar.

— Mas preciso fazer algo, como agora. Eu preciso consertar as coisas.

— Você morrer com uma morte prematura não vai ajudar — ressaltou.

Abri a boca para dizer a ele que não poderia morrer, de qualquer maneira, não facilmente, mas uma figura apareceu na porta.

— Estamos prontos — disse um dos homens que usava os óculos noturnos mais cedo.

— Bom. Nós estaremos lá.

Quando ele se foi, perguntei:

— Você encontrou quem estava procurando?

A expressão de Charlie caiu.

— Havia apenas cinco vampiros aqui, e espanamos tudo, menos um. Entendo que este último teve contato com você logo antes de ele sair. Ele disse algo para você?

Estremeci, lembrando como o vampiro havia lambido minha testa.

— Ele me perguntou o que eu era.

Ele franziu a testa e foi em direção à porta da frente.

— Como ele sentiu que você é uma bruxa? Não achei que isso fosse possível.

Eu deveria ter dito algo sobre ser imortal, mas Charlie já estava do lado de fora, pensando na interação do vampiro comigo. Se ele soubesse a verdade sobre mim, ele provavelmente teria adivinhado que deve haver algo no meu sangue, algo que o vampiro provou, que o fez me temer. Eu precisava descobrir o que era isso e logo.

***

Na manhã seguinte, cheguei para trabalhar cedo com as crianças. A Academia era menor do que esperava e

parecia mais um prédio de escritórios do que uma escola. No interior, não havia área de recepção, mas uma grande sala cercada por várias salas de aula com janelas de vidro. A enorme sala circular consistia em caixas de cores vivas, um grande trepa-trepa de plástico e todos os tipos de brinquedos. Algumas salas de aula estavam cheias de mesas, enquanto outras estavam cheias de grandes formas de espuma e bolas de vários tamanhos.

Uma espanhola baixinha em um dos cômodos menores organizava as mesas em um semicírculo. Ela tinha cabelos ruivos e curtos, que caíam no queixo pontudo. Seu nariz era igualmente afiado, mas seus suaves olhos castanhos suavizavam o resto de seus traços bem definidos. Ela pulou e balançou ao redor da sala, dançando uma música assobiada que eu não reconheci.

Eu realmente esperava que não estivesse desperdiçando meu tempo. Eu deveria estar de volta ao Deific aprendendo a lutar, mas se Charlie confiava nos métodos do Dr. Skinner, faria o que ele pedia, pelo menos por uma semana. Depois disso, ia fazer algo um pouco mais proativo. Eu ainda estava envergonhada pela maneira como me lidei ontem com os vampiros.

Bati na janela e acenei para a mulher que assobiava.

A mulher levantou a cabeça e disse com sotaque espanhol:

— Posso ajudá-la?

— Sim, meu nome é Eve. O Dr. Skinner me enviou aqui para trabalhar como assistente de professor pelas próximas semanas.

A mulher gritou e jogou os braços em volta de mim.

— Verdade! Eu esqueci completamente. Estou tão feliz que está aqui. Você vai se divertir muito. Você está animada?

Tentei ficar quieta, mas a mulher era incrivelmente forte por seu pequeno corpo.

— Estou animada — disse, uma vez que recuperei o fôlego.

A mulher se afastou.

— Você não tem ideia da diferença de ter outro par de mãos. Eu sou Mamita.

— Prazer em conhecê-lo — disse.

— É maravilhoso conhecê-lo também. As crianças chegarão nos próximos quinze minutos, então deixe-me mostrar a você antes que elas cheguem.

Depois que Mamita me deu um passeio pelo lugar, que não era muito mais do que eu já tinha visto, ela me colocou em uma cadeira na porta da frente, de onde podia ver as crianças quando elas chegassem. Dez minutos depois, um

garoto que parecia ter cerca de oito anos entrou. Seus cabelos lisos estavam cortados curtos e penteados para o lado. Ele tinha dificuldade para andar, uma perna arrastando-se desajeitadamente sobre a outra, e muitas vezes pensei que ele tropeçaria, mas conseguiu ficar de pé.

Depois de abraçar quem parecia ser sua mãe, ele foi direto para uma pequena TV no fundo da sala, mas não sem me lançar um olhar de soslaio. Ele não olhou diretamente para mim, mas sua mão se levantou um pouco e ele acenou brevemente. Acenei de volta, mas não podia ter certeza de que ele notou.

Depois dele, veio um fluxo constante de muitos mais estudantes. Cada criança tinha algum tipo de problema físico e cada uma era única. Um garoto entrou com a ajuda de seu motorista e deitou-se imediatamente no meio do chão e adormeceu até que um professor o acordou minutos depois. Outra garota pesada entrou ansiosamente pela porta, abrindo-a com tanta força que bateu contra a parede atrás dela. Ela foi em direção à TV que estava exibindo um filme da Disney e pediu à professora para ligar as legendas. Enquanto isso, uma menina mais jovem, com longos cabelos loiros, me viu instantaneamente. Ela se sentou no chão ao meu lado, a boca escancarada. Eu disse olá, mas ela não respondeu. Ela apenas sorriu.

O dia passou rapidamente. Observei médicos e terapeutas que entraram e saíram em vários momentos do dia para trabalhar com estudantes específicos. Todos eram pacientes e gentis com as crianças que às vezes pareciam rudes e abruptas. Não demorou muito para eu perceber que isso acontecia porque a maioria das crianças tinha dificuldade em entender os professores e, ao mesmo tempo, se fez entender.

Todas as crianças tinham suas próprias habilidades especiais: algumas podiam escrever belas poesias, outras eram entusiastas da matemática, várias podiam desenhar desenhos incríveis, e uma garota mais velha me chocou com sua capacidade de tocar piano.

No começo, não sabia o que pensar das crianças. Eu me perguntei: 'Por que'? Por que todas essas crianças nasceram com tais desafios e provações? Mas as crianças não pareciam incomodadas com suas desvantagens. Todos pareciam felizes e contentes com o que lhes havia sido dado.

Depois de apenas uma semana, ocorreu-me que as crianças deveriam ensinar aos outros o significado real de amor e compaixão. As crianças não tinham pecado, dolo, segredos ou segundas intenções. Eles eram puros de coração e espírito, e estendiam a mão em silêncio, esperando que outros vissem através deficiências exteriores à sua

beleza interior. O amor deles era incondicional e não tinha limites.

As crianças mudaram toda a minha visão da vida e, pela primeira vez, senti o que só podia descrever como alegria. Fiquei empolgada em ver as crianças todos os dias e compartilhar sua felicidade quando elas realizavam até a menor tarefa. Mas quando as crianças saíam, ficava magoada com quantas pessoas pareciam passar por elas, sem perceber o que estavam tentando ensinar ao mundo. Seus corações adultos estavam fechados para coisas que eles sentiam que não podiam entender. Fiquei triste ao ver como todos estavam perdendo o que eu agora considerava as coisas mais bonitas do mundo.

Quando não estava na Academia, estava com Sarah. Ela me apresentou a suas amigas e me levou por toda a cidade. Ela até me convidou para ir com ela para trabalhar na cozinha comunitária, servindo os sem-teto todo domingo de manhã. Meu relacionamento com ela era muito diferente de como tinha sido com Liane e, depois de algum tempo, eu pude reconhecê-lo como uma verdadeira amizade.

Depois de algumas semanas trabalhando na Academia e saindo com Sarah, experimentei outra primeira vez. Adormeci com um sorriso no rosto e sonhei, não com escuridão ou monstros, nem mesmo comigo mesma.

Eu estava pairando alguns centímetros acima da água turva e escura que cheirava a mar e peixe podre. Uma lasca da lua brilhava apenas o suficiente para ver uma doca de madeira projetando-se para o que parecia ser uma entrada, mas por causa de uma névoa espessa, eu não conseguia ver nenhuma estrutura além.

Uma figura solitária, alta e ereta, permanecia imóvel no fim do cais. Eu olhei, tentando ver quem era. Meu coração parou de bater quando percebi que era o vampiro que me salvou de Alarica. Ele estava completamente imóvel, como se fosse uma estátua guardiã construída para proteger a terra dos monstros do mar, mas de vez em quando, seu corpo se movia, traindo sua identidade.

Ele usava jeans folgados e uma jaqueta escura que ficava logo abaixo da cintura. Os cabelos castanhos escuros e curtos estavam a menos de um quarto de polegada do couro cabeludo, e os olhos encapuzados estavam bem presos. O que quer que prendesse sua atenção parecia estar causando dor.

Fui em direção a ele, querendo olhar mais de perto. De repente, seus olhos se voltaram na minha direção. Eu endureci e ofeguei. Seus olhos examinaram a área, mas passaram por mim. Eu era invisível para ele.

Ele balançou a cabeça para a esquerda como se tivesse ouvido um som. Ele olhou na minha direção uma última vez antes de se virar e desaparecer na neblina.

Acordei e sentei na cama, com o coração acelerado, enquanto o sol da manhã derramava no meu quarto. Inexplicavelmente, eu tinha certeza de uma coisa - o que quer que tivesse acontecido, não era um sonho.

CAPÍTULO 36

Depois de trabalhar na escola, parei no escritório de Charlie. Círculos escuros pairavam sob seus olhos, mas ele conseguiu sorrir e disse:

— Ei, você. Faz algum tempo.

— Eu estive ocupada na Academia. — Eu deslizei na cadeira mais próxima. — Como você está? Você parece cansado.

— Nada que eu não possa suportar. Você já conheceu a filha de Skinner?

— Sua filha? Ela trabalha na Academia?

Ele balançou sua cabeça.

— Ela é uma estudante, uma menina de quatorze anos chamada Madeline.

— Maddie? Eu não fazia ideia.

— A foto em seu escritório é de Maddie quando ela tinha quatro anos — disse ele.

Inclinei minha cabeça para trás, surpresa.

— Maddie é a pianista mais talentosa que eu já ouvi. Estou surpresa que o Dr. Skinner não a tenha mencionado.

— Foi Maddie quem fez dele o homem que ele é hoje. Antes de ela nascer, ele era psiquiatra em um hospital psiquiátrico sofisticado que só se importava com os pacientes desde que eles viessem com uma grande

referência. Maddie mudou a visão do pai sobre a vida; seja um presente que ela deu a ele ou se simplesmente aconteceu, ele se tornou uma nova pessoa.

— Há algo de especial nela — eu concordei. — Ei, você está livre hoje à noite? Eu quero falar com você sobre uma coisa.

Ele piscou algumas vezes, praticamente olhando através de mim, antes de dizer:

— Claro. Vamos fazer isso durante o jantar. Eu vou buscá-la quando sair.

— Isso vai ser legal.

Charlie abriu a boca como se quisesse dizer algo mais, mas parecia pensar melhor. Ele voltou sua atenção para o computador em sua mesa.

— Vejo você hoje à noite então.

Para o jantar, Charlie me levou a uma pizzaria. A princípio, pensei que era uma escolha estranha, mas em alguns minutos fiquei grata pela atmosfera familiar de vozes de crianças e pratos barulhentos. Isso fez o que eu queria falar com Charlie parecer menos sério.

Ele me guiou para uma mesa no canto de trás, em frente à pequena galeria. Ele não me perguntou imediatamente por que eu precisava falar com ele. Em vez disso, me contou sobre sua infância com sua única irmã. Enquanto

comíamos, ri com ele enquanto descrevia suas muitas aventuras, incluindo o tempo em que ficou de castigo por meses quando pintou as paredes da sala de um verde fluorescente enquanto sua mãe estava fora.

— Então, conte-me sobre as crianças da Academia — disse ele, depois de mergulhar a massa de sua pizza em ketchup.

— Eu os amo tanto — comecei, depois continuei sobre como eles me faziam sentir e como eu sentia que estava crescendo de maneiras que ainda não entendi. Charlie ouviu atentamente e pareceu gostar do meu progresso. Eventualmente, porém, a conversa acabou e eu comecei a me contorcer no meu lugar.

— Talvez isso fosse mais fácil se você apenas cuspir fora? — Charlie perguntou, sentindo minha ansiedade.

Eu sorri e, ao expirar, disse:

— Eu tive um sonho ontem à noite, mas não era realmente um sonho. Era tridimensional, como se eu estivesse realmente lá. Na verdade, pude sentir um borrifo de água e cheirar o mar.

— Sobre o que era o sonho?

Expliquei a cena estranha e o vampiro na doca. Charlie recostou-se, as sobrancelhas franzidas.

— Eu estava realmente lá, Charlie.

— Pareceu o futuro?

Eu balancei minha cabeça.

— Acho que não. Parecia que estava acontecendo naquele exato momento.

— Nunca ouvi falar de habilidades psíquicas mostrando o presente. É sempre o futuro ou o passado.

— Mas por que ele? Por que estou vendo-o?

— Essa é uma pergunta que só você pode responder. Obviamente, há uma conexão entre vocês dois, mas deve ter cuidado para que seja boa. Até o mal pode atrair.

Lembrei-me de Boaz, mas com gratidão não senti nenhuma dessas emoções negativas com o vampiro.

— Você falou com Henry sobre me dar acesso aos registros que você me contou?

— Falei. Henry é muito sensível sobre quem vê o banco de dados do Deific, mas eu o tranquilizei. Você deverá tê-lo esta semana. Seu olhar se moveu para a pilha de guardanapos rasgados na minha frente.

— Você acha que pode iluminar os guardanapos?

Eu olhei para baixo, atordoada com o quão inconsciente eu estava das minhas mãos.

— Oh. Mau hábito. — Movi a pilha para o lado para me juntar à nossa pizza pela metade.

Uma expressão estranha sombreava o rosto de Charlie, e ele se levantou.

— Eu tenho que ir.

Reconhecendo que ele acabara de ter um momento psíquico, perguntei:

— Você sentiu algo sobre o vampiro que escapou da casa que invadimos?

— Acho que sim. — Pegou meu cotovelo e me guiou em direção à porta da frente. — Preciso fazer algumas ligações primeiro para confirmar, mas sinto que ele está na parte norte da cidade em um clube em que estive em várias ocasiões.

— E você apenas sentiu isso? — Peguei seu ritmo, tentando acompanhá-lo.

Ele desviou os olhos, as bochechas ficando vermelhas.

— Eu o procurei mentalmente o dia todo, mas de repente ele apareceu no meu radar psíquico.

— Você acha que isso é deliberado?

— Possivelmente. — Ele abriu a porta da frente.

Um vento frio levantou meus cabelos quando entrei na noite. Enrolei minha jaqueta mais apertada ao meu redor.

— Posso ajudar?

— Eu vou deixar você saber o que eu descobrir. — Ele abriu a porta do passageiro de seu SUV para mim. Depois que eu entrei, ele disse, antes de fechar a porta:

— Quando você for dormir hoje à noite, eu quero que você pense nele, o vampiro dos seus sonhos. Se é uma coisa de conexão, você pode vê-lo novamente.

***

Eu estava sentada na terra dura. Algumas árvores esparsas estavam altas ao meu redor, seus galhos caídos e sem folhas. Uma brisa forte que cheirava a peixe e água salgada cortou meu pijama fino, e eu me abracei com força, tentando me aquecer. Eu cerrei os dentes.

Onde estou?

Pelo que pude ver, parecia um parque. Não muito longe, balanços rangiam com uma brisa ao lado de um longo escorregador. Grandes manchas de terra cobriam a grama. Não era um parque bem cuidado, o que significava que eu provavelmente estava do lado errado da cidade. Mas que cidade? A mesma névoa espessa cercava a área, bloqueando minha visão para qualquer coisa além dela.

Por alguma razão, minha atenção foi atraída para a árvore mais grossa do parque: um grande bordo. Foi quando eu O vi. Ele ficou parado como a árvore atrás da qual se escondeu, o olhar encarando a neblina. Por vários minutos,

ele permaneceu nesse estado. Eu pensei que ele nem estava respirando.

Um homem alto saiu da neblina, vestindo um casaco volumoso que parecia grande demais para seu corpo magro. Ele andou rapidamente com a cabeça baixa, as mãos enfiadas nos bolsos. Ele passou pela alta árvore completamente inconsciente do vampiro escondido atrás dela até que fosse tarde demais.

O homem pegou uma pistola no bolso do casaco, mas, em um movimento que quase perdi, o vampiro passou o braço esquerdo pelo braço direito do homem e se levantou, puxando-o pelo cotovelo. O homem abriu a boca para gritar, mas antes que qualquer som explodisse, o vampiro enfiou os dentes no pescoço do homem, cortando sua voz. Segundos depois, o homem caiu de cara no chão - morto.

Eu respirei fundo, meus olhos arregalados e cheios de horror. *Como eu poderia me sentir atraída por isso?*

O vampiro olhou para o homem morto antes de cair de quatro, sua expressão se contorcendo de horror. Suas mãos arranharam a terra dura expondo o branco dos nós dos dedos, e suas costas arquearam-se como se estivesse sentindo uma quantidade intensa de dor. Até sua respiração ficou irregular: pequenos e rápidos goles de ar.

Levantei-me e caminhei atrás de seu corpo curvado, querendo desesperadamente entender o que estava acontecendo. Mas depois de apenas um minuto, sua respiração relaxou, e ele soltou a terra para esticar o braço e abrir o zíper do casaco do homem, onde ele pegou um pacote escondido embrulhado firmemente em um saco de papel marrom. O vampiro juntou-o com uma mão, levantou-se e, com a outra mão, agarrou o homem pelas costas do casaco e o arrastou até ele desaparecer completamente na neblina.

Tentei segui-lo, mas assim que entrei na névoa, acordei no meu quarto em Wildemoor no momento que meu alarme matinal tocou.

CAPÍTULO 37

No dia seguinte, as crianças da Academia foram libertadas cedo para as conferências de pais e professores. Com tempo para matar, fui para o Deific.

— Você saiu cedo? — Sarah me perguntou quando as portas do elevador se abriram. Ela fechou um livro. — Estou tão entediada. Talvez eu possa sair cedo também, e possamos ir ao cinema ou algo assim.

Fui até a mesa dela e vi Charlie pela janela de vidro da sala de conferências. Ele estava ajoelhado em cima de uma mesa comprida, colhendo papéis e fotos por toda parte.

— Possivelmente. O que há com ele?

— Ele tem estado assim a manhã toda. Eu gostaria que ele encontrasse um hobby ou algo assim. — Seus olhos se arregalaram e ela agarrou meu braço. — Eu conheci um cara ontem à noite! Eu quase te liguei, mas era meia-noite.

— Onde?

— No meu apartamento. Isso é totalmente clichê, mas estávamos lavando roupa juntos. Ele é novo e lindo. Eu peguei o número dele e...

Houve uma batida na janela da sala de conferências. Charlie me fez sinal para dentro.

— Vamos terminar essa conversa mais tarde. — Eu disse a Sarah. — Quero ouvir mais sobre esse cara misterioso.

Afastei-me e abri a porta da sala de conferências.

— Você deve ter saído cedo — observou ele. — Bom.

Ele voltou a atenção para uma série de fotografias espalhadas pela mesa comprida.

— O que é tudo isso? — Peguei a foto mais próxima. Era de um casal dançando no que parecia um bar.

— O clube sobre o qual falei ontem à noite. Um dos nossos caras tirou um monte de fotos de todos no clube. Você reconhece esse vampiro? — Ele levantou uma foto de perfil de um homem sentado em uma mesa com cabelo curto.

Eu o examinei cuidadosamente.

— Acho que sim. Estava muito escuro na casa, mas acho que foi quem me atacou.

— Isso foi o que pensei.

— Então, por que todas as outras fotos? — Perguntei.

— Só vendo se eu reconheço mais alguém.

— O homem que tirou algo de você — afirmei, lembrando da nossa conversa de semanas atrás. — Um dia você acha que pode ser mais específico?

Ele juntou as fotos.

— Um dia. Seu laptop está lá.

Eu segui o seu olhar. Uma caixa preta repousava sobre uma pequena mesa.

— Certifique-se de que é isso que você quer — aconselhou.

Suas palavras me deram uma pausa. Eu não tinha certeza do que queria do estranho vampiro, mas havia uma coisa que eu sabia: eu queria saber mais.

— Tenho certeza.

A pasta estava pesada nos meus braços enquanto eu a carregava até o meu apartamento. Dentro do meu quarto, abri cuidadosamente a bolsa preta e removi o laptop. Em uma nota adesiva amarela anexada à parte superior, Charlie havia escrito o nome de usuário e a senha e depois deu instruções explícitas para rasgar a nota quando eu terminei.

Minhas mãos pairavam logo acima do metal prateado do computador e, depois de algumas respirações profundas, abri o laptop e digitei os códigos. Imediatamente, um banco de dados de algum tipo apareceu.

A primeira entrada foi um homem chamado Alvin. O programa mostrou uma foto dele, deu uma breve história à direita e declarou seu nível de ameaça. O dele estava alto. Não era ninguém que eu conhecia. Apertei o botão 'próximo'.

Continuei pressionando a *seguir* muitas outras vezes, exibindo fotos de homens e mulheres que nunca tinha visto antes. Ocasionalmente, eu parava para ler a história deles. Eles eram vampiros, bruxas, médiuns, demônios, diablos (fiquei surpresa ao descobrir que eles realmente existiam) e até mesmo algumas criaturas que eu nunca tinha ouvido falar antes.

Eu parei abruptamente. A imagem de Boaz apareceu na tela. Era uma foto em preto e branco, tirada em 1863. No lado direito, sua história dizia:

NOME: Boaz

Idade: Desconhecido

Status: possivelmente morto (ver histórico)

Localização atual: Desconhecido

Prioridade: Extremamente Alta

História: Boaz foi denunciado ao Deific em 1863. O agente Matthew Thomas o encontrou na Pensilvânia, trabalhando como conselheiro do general Lee durante a Guerra Civil. Após cuidadosa observação, o Deific determinou que suas ações eram perigosas para a sociedade. O agente Thomas e o agente Smith foram enviados para impedi-lo. Os agentes e Boaz desapareceram pouco depois. Todas as tentativas para localizá-los falharam. Boaz reapareceu em 2018, quando fez contato

com Eve Segur (filha de Erik e Sable Segur - veja a documentação). Eva afirma que Boaz está morto, mas não testemunhou sua morte. Agentes incapazes de encontrar provas de vida ou morte.

Desviei o olhar, frustrada pela onda de sentimentos em relação a Boaz. Não era repulsa como eu esperava sentir ao ver seu rosto novamente. Em vez disso, senti um desejo pelo incrível poder que havíamos experimentado juntos. Me assustou pensar que ainda tinha desejo de magia negra.

Eu mudei rapidamente a imagem antes de permitir que meus pensamentos se demorassem nele. Em seguida, cheguei a muitas outras fotos, até mesmo passando pelos arquivos dos meus pais, cujos status eram "falecidos".

Meu próprio registro continha uma fotografia que parecia ter sido tirada quando eu fiquei em Blutel, embora eu não tivesse conhecimento de alguém tirando minha foto. Havia um breve relato da minha história, além de uma breve menção do meu tempo com Boaz. Fiquei feliz em ver que meu nível de ameaça era inexistente.

Várias outras imagens surgiram de seres sobrenaturais que vagavam em segredo pela terra. Havia tantos! Apenas ocasionalmente via um cujo arquivo indicava que não era

uma ameaça. Alguns deles eu reconheci como funcionários do Deific. Eu cliquei em próximo.

E fiquei cara a cara com *ele.* Olhei para a direita da foto dele, ansiosa para colocar um nome em seu rosto - Lucien.

O som do nome dele parecia direto nos meus lábios, como se não pudesse haver outro. A foto foi tirada há dez anos em Skystead, seu último local conhecido. Ele estava no meio da multidão, olhando para cima. Seu rosto era fácil de distinguir entre todos os outros cujos rostos emanavam preocupações e frustrações, esperança e alegria. Mas a expressão dele era vazia, sem qualquer emoção, exceto por seus olhos. Estavam cheios de dor.

Um desejo imediato tomou conta de mim e ansiava por estar perto dele, para removê-lo da multidão de pessoas que não notaram seu sofrimento.

Fiquei surpresa com meus sentimentos em relação a ele. Eu não o conhecia e, no entanto, aqui estava eu, incapaz de desviar os olhos de seu rosto. Procurei em seus traços, me perguntando novamente se era possível que eu o conhecesse quando criança. Um amigo dos meus pais, talvez?

Depois de alguns minutos, finalmente olhei para baixo para ler sua história, mas fiquei decepcionada ao descobrir que não havia nenhuma. Sob prioridade, dizia: *"Tenha*

cuidado". Conectei o laptop a uma impressora na minha mesa e imprimi a foto dele, estudando-a por mais alguns minutos antes de me arrumar para dormir.

Em vez de seguir minha rotina noturna habitual, fui direto para a cama, ansiosa para ver se podia visitar Lucien nos meus sonhos novamente. Levei um tempo para adormecer, mas finalmente meus olhos se fecharam, sua imagem gravada em minha mente.

Eu "acordei" em seu mundo, reconhecendo-o imediatamente. Era noite novamente, ainda mais escuro que na noite anterior. Nuvens espessas no alto bloqueavam a luz da lua. Eu estava em pé em pranchas de madeira e a água espirrou nas proximidades, mas a mesma névoa bloqueou minha visão de qualquer coisa ao meu redor. Apertei os lábios, me perguntando se a névoa era real ou parte do sonho.

Talvez estivesse na hora de usar um pouco de mágica. Fechei os olhos e me concentrei, pensando não nas coisas sombrias, mas em todo o bem que havia entrado recentemente na minha vida. Com pouco esforço, afastei a névoa. Quando abri meus olhos, a névoa havia desaparecido, me dando uma visão clara do meu entorno.

Eu estava em uma marina. Os barcos margeavam a doca, balançando suavemente para a ascensão e queda da

água. Ocasionalmente, um deles batia forte o suficiente para tocar uma campainha. Um velho calçadão seguia o contorno da água e, do outro lado, lojas cobertas com madeira lascada e tinta desbotada refletiam uma parte moribunda do que provavelmente era uma área movimentada. Ao longe, arranha-céus iluminados projetavam-se bruscamente no céu. Eu reconheci Skystead imediatamente.

Não muito longe de mim, uma figura solitária estava sentada em um banco. *Lucien.* Me aproximei dele lentamente. Ele estava inclinado para a frente, cotovelos apoiados nos joelhos, queixo nas mãos. Ele olhava para a água, imóvel. Cautelosamente, sentei-me ao lado dele. Ele não tinha consciência da minha presença. Não ousei tocá-lo por medo de interromper qualquer mágica que tornasse isso possível. Em vez disso, relaxei, aproveitando a paz que sentia simplesmente por estar perto dele. Eu só queria que ele pudesse sentir isso também, mas ele parecia estar além do sentimento.

Fiquei com ele por várias horas, tão quieta quanto ele, e quando senti o sol nascer em Wildemoor, lutei contra a sensação de puxão. Eu não queria acordar. Parecia certo estar com ele.

Mas então lembrei que era esperada na Academia.

Virei-me para Lucien uma última vez e levantei minha mão para seu rosto. Quando meus dedos roçaram a pele dele, sua cabeça chicoteou na minha direção, assim que desapareci. Sentei-me, meus olhos se arregalaram e olhei para a minha mão. Estava formigando onde o havia tocado.

CAPÍTULO 38

Antes da escola começar, parei no Departamento para devolver o laptop a Charlie, mas ele não estava em seu escritório.

Fui em direção à mesa de Sarah.

— Ei, você sabe onde Charlie está?

Ela colocou a mão sobre o bocal do telefone.

— Ele está treinando no segundo andar.

— Ótimo, obrigado. Ah, a propósito, amo seus sapatos.

Ela sorriu, mexendo os saltos altos cor de rosa que estavam saindo debaixo da mesa, depois voltou a atenção para o telefone na mão.

Sarah não conhecia toda a verdade do Deific. Como todo mundo no prédio, ela achava que eles só procuravam pessoas na lista de procurados do FBI ou qualquer outra pessoa que ameaçasse a humanidade. Ela provavelmente morreria se soubesse com que frequência eles estavam realmente caçando monstros. Às vezes, era tentada a contar a ela, mas a vida dela era tão normal. Eu não queria lançar sombra sobre isso.

No andar de baixo, havia apenas um punhado de pessoas espalhadas pela sala de ginástica, todas no meio de um treino completo. Vi Charlie em um tapete azul no canto, brigando com um homem que reconheci de um dos

cubículos no andar de cima. Charlie olhou para mim e acenou. Ele disse algo para o parceiro e depois correu.

— Como você está? — Ele perguntou, limpando o suor da testa com uma toalha pequena.

— Bem. Eu não quis interromper. Eu só queria devolver isso para você. — Entreguei-lhe o notebook.

— Coloque lá. — Ele apontou para a parede próxima. — Podemos discutir isso mais tarde, mas primeiro quero saber se você já aprendeu a lutar.

— Tipo, dar um soco e chutar?

Ele sorriu e assentiu.

Engoli.

— Sem usar magia?

— Especialmente sem usar magia.

— Nem uma vez.

— Eu acho que é hora de você aprender. Em nossa linha de trabalho, é preciso aprimorar todas as suas habilidades. Nós poderíamos praticar antes do trabalho.

— Realmente? Gostaria disso. — Sempre quis aprender a lutar. Meu olhar desviou para as armas na parede, especificamente para a besta.

Charlie percebeu.

— Kelley me disse que você é muito boa com a besta.

— Samira me deu uma para treinar em Blutel.

— Isso foi inteligente da parte dela. — Charlie esticou as mãos e girou o torso. — Eu vou ficar dolorido amanhã. O que você diz que começamos a treinar quando eu voltar em uma semana?

— Você está entrando em férias?

— Eu gostaria. É relacionado ao trabalho. Descobrimos que o vampiro no bar estava fazendo um monte de telefonemas para alguém na Irlanda. Vou dar uma olhada com alguns outros. — Ele olhou por cima do meu ombro. — Aqui estão nossos líderes de equipe agora. Acho que você não os conheceu.

Eu me virei. Andando em nossa direção, estava um homem alto e bem constituído, com longos cabelos loiros, quase brancos e olhos castanhos. Ao lado dele, uma mulher afro-americana um pouco mais baixa, com testa alta e longos cabelos escuros. Ela era extremamente bonita, mas quanto mais eles caminhavam, mais eu percebia que algo estava errado. Eu dei um passo para trás e depois outro, meu batimento cardíaco acelerado. Esses dois não eram humanos comuns; eles eram vampiros.

Eu estava prestes a avisar Charlie quando tropecei para trás sobre um banco de peso.

Quando eu caí, os olhos dos vampiros se arregalaram e eles se entreolharam. Charlie e o vampiro macho chegaram

para me ajudar, mas eu aceitei apenas a mão de Charlie. A fêmea observou tudo com um pequeno sorriso, os braços cruzados contra o peito.

— Você está bem, Eve? — Charlie perguntou.

— Ela nos reconhece pelo que somos — disse o vampiro. — Não se preocupe, senhorita. Nós não vamos machucá-la.

Eu rapidamente me recuperei e levantei.

— Estou bem. Fiquei assustada, só isso.

— Eu acho que deveria ter avisado você primeiro — Charlie percebeu, rindo sem jeito. — Eve, esses são Michael e Alana, nossos líderes de equipe. Eles são nossos melhores agentes secretos. Alana e Michael, essa é Eva. Ela recentemente se juntou a nós, há cerca de um mês.

— Prazer em conhecê-la — disse Michael. — Não quisemos assustar você.

— Eu não estava com medo. Só surpresa ao ver vampiros em um lugar como este.

— Muito julgamento? — Alana perguntou, sua voz suave, mas condescendente.

— Seja gentil com Eve — disse Charlie. — Ela não teve boas experiências com vampiros no passado.

— E não tivemos boas experiências com bruxas. É isso que você é, certo? — Alana perguntou.

— Chega — disse Charlie. — Estamos todos aqui pelo mesmo motivo. Não vamos esquecer isso.

— Você está certo — Michael concordou. — Nós faremos nosso melhor.

Alana bufou alto.

— Isso foi divertido, mas precisamos sair em algumas horas.

— Certo — disse Charlie. — É melhor me arrumar. Eu tenho que cuidar de algumas coisas antes de partir.

— Espere — disse. — Eu preciso falar com você sobre o que encontrei.

Charlie começou a andar para trás em direção à porta.

— Traga o laptop. Vou ter um tempo daqui a uma hora.

Assim que Charlie desapareceu, Michael disse:

— Sinto muito por termos pisado no pé errado, mas você deve saber que não vamos machucar você ou alguém aqui.

— Como você conheceu o Deific? — Eu perguntei, ou melhor, mais como exigido.

— Henry me convidou e disse que sim.

— Por quê?

Ele olhou para mim.

— Eu era uma boa pessoa quando humano, graças a uma grande família que me ensinou uma moral forte e

respeito pela vida. Quando fui transformado em vampiro há mais de cem anos, me odiava. Eu não sabia como controlar a fome insaciável, mas também não queria machucar os humanos. Tornei-me um lunático delirante, gritando coisas nas ruas, comportando-me irracionalmente. Minha mente lutou contra meu corpo, e isso me fez enlouquecer. Felizmente, Henry me encontrou e me ajudou a passar por isso. Eu devo a ele minha vida.

— E você? — Perguntei a Alana.

— Estou aqui por ele. — Ela apontou a cabeça para Michael.

— Sua vez, Eve. Como você sabe sobre o Deific? — Perguntou.

— Charlie me encontrou e me ensinou sobre esse lugar.

— Mas por que você? — Alana perguntou.

Toquei meus cabelos claros, pensando em como eu provavelmente parecia diferente do meu antigo eu. Eles podiam não me conhecer, mas todo sobrenatural que eu já havia encontrado tinha pelo menos ouvido falar de meus pais.

Inspirei profundamente e, ao expirar, confessei algo que pensei em nunca mais dizer.

— Eu sou filha de Erik e Sable Segur.

Eles se entreolharam e pareciam se comunicar silenciosamente. Alana virou-se para mim.

— Ouvimos dizer que ela morreu.

Eu sorri, com os braços estendidos.

— De pé bem aqui.

— Isso explica muito — disse Michael. — Mas você é a última pessoa que pensei que viria aqui.

— Você andava com uma multidão áspera — disse Alana.

— Muita coisa mudou. Eu mudei.

— Então seja bem-vinda ao Deific — disse Michael. — Você será um aliado útil.

— Espero que você esteja pronta — disse Alana em tom de zombaria.

— Pronto para que?

— Pronto para combater o mal que você abraçou com tanto amor.

Michael virou-se abruptamente para Alana.

— Você esqueceu tão facilmente seu próprio passado sinistro?

Alana olhou furiosa.

— Está tudo bem — disse. — Ela está certa. Preciso estar pronta e estou trabalhando duro para garantir que meu passado permaneça onde pertence.

— Assim como o resto de nós, certo, Alana? — Ele perguntou.

Alana forçou um sorriso. — Claro.

***

Não fiquei por aqui para conversar com Alana e Michael. Seus motivos pareciam inocentes o suficiente, mas eu ainda não podia aceitar que os vampiros escolheriam uma vida dentro do Deific tentando impedir o mal. Ignorá-lo, talvez, mas tentar realmente impedi-lo? Aceitar Henry como um vampiro e o fundador do Deific já era difícil, mas...

Eu balancei a cabeça e me inclinei contra o elevador.

O que estava errado comigo? Lucien havia me impedido de usar minhas habilidades contra os outros, não uma, mas duas vezes. E tenho certeza que Samira não ficou atrás de uma mesa o dia todo, gerenciando sobrenaturais deprimidos. Ela parecia durona demais para isso. Claramente os vampiros podem ser ativamente bons.

Minha cabeça doía com todos esses novos pensamentos. Junto com o meu mundo, toda minha mentalidade estava mudando. As linhas não estavam mais claras, mas borradas. Como saberia em quem confiar?

Eu esperei no meu apartamento até que uma hora se passou. Quando voltei, Charlie estava em seu escritório por telefone. Ele me fez sinal para dentro e indicou que eu

deveria me sentar. Sentei-me na minha cadeira de sempre e coloquei a pasta preta no meu colo.

Charlie se despediu de quem estava falando e depois desligou o telefone.

— Então me conte sobre o que você encontrou.

Tirei a fotocópia de Lucien do bolso e a desdobrei.

— É ele — disse, entregando-o. — O vampiro que me salvou. Aquele que visito nos meus sonhos.

— Você disse que visita? — Charlie perguntou e tirou a foto minha.

— Algumas vezes agora. Eu vou dormir e acordo em Skystead. É onde ele está.

Ele estudou a foto e franziu a testa.

— Que estranho que seria ele fora de todos os outros.

— Por quê?

Ele olhou para cima.

— De todos os seres sobrenaturais em nosso mundo, ele permaneceu um mistério. Enviamos várias pessoas, até vampiros, para tentar encontrar algo sobre ele, mas ele se recusa a falar com alguém. Nós o observamos por um longo tempo para determinar se ele era uma ameaça, mas ele fez muito pouco. É como se ele estivesse preso em uma bolha privada, sem saber do resto do mundo.

— Então ele não é perigoso?

“Não no sentido que você quer dizer. Não temos registros dele prejudicando deliberadamente os outros, mas ele lutou contra todas as pessoas que enviamos. Uma ele quase matou. É como se ele não se deixasse libertar de qualquer tormento interior pelo qual estivesse se metendo.

Eu considerei isso.

— Você acha que é por isso que sou atraída por ele?

Charlie deu de ombros.

— Poderia ser. Talvez você tenha tido experiências de vida semelhantes.

— É mais do que isso. Eu me sinto em paz quando estou com ele. É quase como se... — Tentei encontrar as palavras. Ele era como o meu Éden. Sua presença era tão calmante e reconfortante quanto as praias quentes e as ondas suaves.

Quando não terminei a frase, Charlie perguntou:

— Você não disse que também sentia uma conexão com Boaz?

Eu me encolhi ao som do nome dele.

— Sim, mas foi o contrário. Essa conexão era violenta, obcecada apenas pelo poder. Com ele, eu estava em constante estado de ódio e raiva. Eu ansiava pelo poder como se fosse uma droga.

— Interessante. Tudo tem seu oposto, incluindo as pessoas. Talvez você tenha encontrado o oposto de Boaz.

— Charlie — comecei, nervoso por revelar o verdadeiro motivo por trás da minha visita. — Eu queria saber se você poderia usar seu dom, talvez descobrir algo sobre ele?

Ele balançou sua cabeça.

— Você não acha que tentei? Queremos saber sobre ele tanto quanto você. Muitos videntes tentaram lê-lo, mas de alguma forma ele nos bloqueou.

— Então, se você não pode ver nada sobre ele, e eu? Você poderia tentar ver o meu futuro? Ver o que aconteceria se eu o conhecesse?

Charlie parecia duvidoso.

— Uma pessoa não deve conhecer seu futuro. Só uso meu dom se for absolutamente necessário.

— Isso não é necessário? Você quer descobrir algo sobre ele, e eu sei que vou encontrá-lo eventualmente. Não quero conhecer todo o meu futuro, apenas um ano mais ou menos e apenas meu futuro com Lucien, se houver algum.

Os lábios de Charlie cerraram e ele desviou o olhar.

— Por favor, Charlie. Nós dois conseguiremos o que queremos.

Ele estreitou os olhos e suspirou.

— Muito bem. Me dê suas mãos.

Coloquei minhas mãos nas de Charlie. Ele as segurou e olhou nos meus olhos antes de fechar os seus com força. As rugas profundas em sua testa se reuniram em concentração, e logo seus olhos começaram a se mover para lados e para trás das pálpebras.

Vários minutos se passaram. Sua expressão mudou muitas vezes de raiva para tristeza e até um sorriso ocasional apareceu em seu rosto. Finalmente, ele largou minhas mãos e abriu os olhos, que brilhavam com lágrimas. Eu esperei pacientemente ele falar. Ele se recostou na cadeira.

Depois de um momento, ele falou.

— Há quatro anos me casei com a mulher mais incrível que já conheci.

— Moira — disse.

Ele assentiu.

— Ela era minha parceira em todos os aspectos, e eu nunca fui mais feliz do que quando estava com ela. Mas juntos experimentamos mais dor e tristeza do que qualquer casal deveria suportar. Muitas vidas foram arruinadas por causa da nossa união. Eu costumava me perguntar se valia a pena. — Ele olhou para mim. — Mas eu nunca me pergunto agora. Valeu a pena, e eu faria tudo de novo se tivesse a chance.

— Então você acha que eu deveria vê-lo? — Eu perguntei esperançosa.

— Não é isso que estou dizendo. A dor e a miséria que testemunhei eram dez vezes maiores do que qualquer coisa que eu tivesse que suportar. Se você conhecer Lucien, ele tentará matá-la e partirá seu coração. O caminho que essa escolha a colocará quase destruirá você e os que estão próximos. Vidas serão perdidas.

Meu coração afundou e abaixei o olhar.

— Mas — Charlie continuou pegando minhas mãos novamente — o amor entre vocês dois é notável. É puro, gentil e altruísta. Eu nunca vi nada parecido. Você experimentará a felicidade com ele, que o tornará extremamente poderoso. Juntos, vocês farão muito bem e também salvarão muitas vidas.

— Então, o que faço?

— Só você pode decidir isso.

Suspirei.

— Eu esperava que isso fosse fácil.

Charlie sorriu.

— Não é para ser fácil. A verdadeira felicidade e o amor puro e desinteressado são destinados apenas àqueles que estão dispostos a sacrificar tudo o que têm por isso. Você sentirá amargura antes de sentir alegria.

CAPÍTULO 39

Charlie ficou fora por sete dias. Eu estava ansiosa pelo seu retorno desde que ele me disse que me ensinaria a lutar. Era emocionante pensar que eu poderia usar algo diferente de mágica para me defender, e fiquei feliz quando o Dr. Skinner concordou.

— É importante que você saiba lutar — ele me disse há alguns dias. — A magia deve ser usada apenas como último recurso.

Gostava de me encontrar com o Dr. Skinner. Durante nossas últimas visitas, comecei a usar minhas habilidades novamente, começando com pequenas coisas como objetos em movimento. Ele me ensinou a usar minhas experiências na Academia para invocar minhas habilidades. Foi difícil escolher apenas uma, pois eu tinha tantas.

O processo de usar esse novo tipo de mágica funcionou exatamente como ele disse. Em vez de começar na ponta dos pés, no entanto, o poder foi sentido primeiro no meu peito, uma sensação de aquecimento que se espalhou para o resto do meu corpo. A sala ficou mais brilhante, imagens mais nítidas, cheiros mais doces - exatamente o oposto da magia negra. O que eu estava experimentando, explicou Skinner, era a mágica da beleza.

Mas o que mais amava nessa magia era que ela me lembrava Madelyn. Lembro que ela tentou me ensinar algo parecido, mas, olhando para trás, pude ver que ela lutava porque precisava constantemente contrariar os ensinamentos de meus pais. No final, acho que ela desistiu de tentar me ensinar tudo sobre o que chamava de magia branca, e apenas me ensinou como ser uma boa pessoa.

Foi durante o meu tempo com o Dr. Skinner que decidi contar a ele sobre Lucien e o que Charlie havia me dito sobre o meu futuro. Skinner estava preocupado, mas não tanto por mim. Sua preocupação era com Lucien.

— Eu não ligo para quem ou o que você é — disse ele. — Não se deve viver assim. Com base nos sentimentos que você tem quando está perto dele, eu diria que vocês foram feitos um para o outro.

Meu coração pulou inesperadamente.

— Mas isso não significa que vocês devam ficar juntos — acrescentou ele rapidamente. — Lucien só pode ser salvo se ele escolher. Só porque você sente uma conexão, não significa que ele também. Você deve prosseguir com cautela. Isso significa não mais visitá-lo em qualquer transe de sonho em que você esteja se metendo.

Comecei a protestar, mas o Dr. Skinner levantou a mão.

— Pelo menos até você tomar uma decisão. Você precisa escolher livremente, sem nenhuma distração.

Eu concordei, mas isso foi há três dias e agora, quando me sentei no sofá cinza do meu apartamento, zapeando canais de TV aleatórios, pensei em Lucien e me perguntei o que ele estava fazendo.

Voltei a vê-lo algumas vezes enquanto Charlie estava fora. Lucien nunca fez muito. Ele estava sempre olhando para longe, mas eu nunca tinha certeza o que. E durante todo esse tempo, ele havia se alimentado apenas duas vezes e, a cada vez, parecia conhecer sua vítima.

Na minha última visita, eu o segui enquanto ele arrastava um cadáver para um beco, onde ele abriu um bueiro enferrujado e jogou o corpo dentro. Depois, ele se encostou na parede de tijolo de um armazém dobrado de dor. Seu sofrimento tinha sido difícil de assistir.

Olhei para a hora no meu celular. Quase onze horas da manhã. Charlie estava voltando hoje, mas ele não voltaria ao Deific antes da uma. Eu tinha tempo suficiente para uma soneca rápida.

O sono veio com facilidade. Eu esperava me materializar em qualquer lugar em que Lucien dormisse durante o dia, mas em vez disso eu apareci em um bar escuro e degradado que cheirava a gordura e cerveja. Algumas pessoas

sentavam-se separadamente uma da outra, de cabeça baixa enquanto seguravam suas bebidas protetoramente. Ninguém falava, cada um deles também envolvido em seus próprios problemas para se preocupar com os outros.

Eu não conseguia ver Lucien em lugar algum, mas sabia que ele tinha que estar perto. Talvez um porão nas proximidades?

Quando a porta do bar se abriu, deixando entrar uma rajada de ar frio, entrei antes de fechar. A luz do sol da manhã estava começando a tocar o céu, afastando grande parte da escuridão da noite. Eu amava essa hora do dia. Era um lembrete de que, por mais sombrio que meu trabalho parecesse, o amanhecer sempre chegava.

Ignorando as pessoas ao meu redor, eu estava em uma calçada em frente a uma longa fila de edifícios que pareciam semelhantes. Eu li a placa na frente. *Hospital Infantil de São Marcos.* As estradas estavam começando a ficar lotadas de passageiros e ônibus matinais. Eu procurei por toda parte um lugar em que Lucien poderia tentar dormir, em algum lugar seguro e protegido do sol, quando eu congelei.

Não muito longe da entrada do hospital estava Lucien. À vista do sol. E ele não estava queimando em chamas.

Eu não sabia como entender isso. Era impossível! Ele era um vampiro, eu não tinha dúvidas, e ainda assim o sol

não o afetou. Eu cobri minha boca aberta, olhando para ele com admiração. Talvez a magia que ele continha, a magia que ele desconhecia, tornasse possível ficar de pé na luz do sol.

Eu me mudei para estar perto dele, a sensação de paz e serenidade crescendo a cada passo, mas fui momentaneamente distraída por uma mãe e um menino saindo do hospital.

O menino gritou e lutou contra sua mãe, que o segurava com força, mas suas palavras calmantes não fizeram nada para acalmá-lo. Ele deve ter chutado com força, porque de repente ela o largou e ele fugiu para a rua e na frente de um carro. Não tive tempo de avisá-lo ou tentar usar a magia para parar o que estava prestes a acontecer, mas um instante antes do carro colidir com o garoto, Lucien apareceu, empurrando-o para fora do caminho. Em vez disso, o carro colidiu com Lucien e ele capotou por cima do capô, seu corpo quebrando o para-brisa.

A mãe correu para o filho que estava chorando ainda mais alto agora, enquanto eu corria para Lucien. Eu contornei o carro para o lado do motorista, mas quando cheguei lá, Lucien se foi. O motorista abriu a porta e ele também olhou em volta para o homem que ele sabia que havia acertado.

Eu olhei para cima e para baixo nas ruas. Havia vários becos. Um em particular chamou minha atenção. Era cerca de um quarteirão e parcialmente escondido por um caminhão de transporte. Eu corri até ele.

Como suspeitava, encontrei Lucien sentado em uma caixa de madeira sem a jaqueta. A manga rasgada estava puxada ao redor do bíceps e, com muito cuidado, ele retirava cacos de vidro do braço ensanguentado e musculoso. Suas feridas sararam quase imediatamente.

Eu fiquei na frente dele, desejando que ele soubesse que eu estava lá e tivesse testemunhado o que ele havia feito.

Um último pedaço grande de vidro se projetou de seu antebraço. Ele se moveu para tirá-lo, mas sua mão parou e hesitou acima dela. Em vez de removê-lo, ele bateu o punho em cima, forçando-o mais profundamente em seu braço. Ele jogou a cabeça para trás com dor, mas não gritou. As sobrancelhas dele se contraíram e os músculos da mandíbula incharam.

Eu olhei horrorizada. Eu não tinha ideia de que seu autoflagelo ia tão longe quanto isso. Meu olhar baixou para o vidro embutido em seu braço, e me concentrei bastante. Usando meus sentimentos em relação a ele para invocar magia, imaginei o pedaço de vidro deslizando para fora de sua pele.

Lucien pulou quando sentiu que começou a se mover. Eu me concentrei mais. O copo se libertou de sua carne e eu o joguei mentalmente no chão.

Lucien olhou em volta, sua expressão uma mistura de raiva e surpresa. Eu estava contente. Eu queria que soubesse que alguém o vigiava. Esperava que isso o fizesse pensar duas vezes antes de decidir se machucar novamente.

Foi a minha vez de me surpreender quando Lucien, sua voz cheia de ódio, rosnou:

— Me. Deixe. Sozinho.

— Lucien? — Perguntei como se ele pudesse me ouvir.

— Deixe-me agora, ou juro que vou te encontrar e arrancar seu coração!

Assustada com sua repentina hostilidade, obedeci.

CAPÍTULO 40

— Como foi sua viagem? — Perguntei a Charlie, que parecia surpreso ao me ver esperando por ele em seu escritório.

Depois que acordei do sonho com Lucien, seu escritório era o único lugar que eu queria ir. Talvez fosse onde me sentisse mais segura.

Charlie largou a mala e tirou uma jaqueta de couro preta.

— Foi terrivelmente bem-sucedido.

— O que isso significa?

Ele caiu em sua cadeira e abriu as pernas como se estivesse exausto.

— Coisas ruins estão acontecendo, Eve.

— Isso está relacionado ao vampiro que você está procurando?

— Cheira a ele, mas ainda não tenho certeza. Isto é o mais frustrado que eu já estive. A única vez que eu realmente preciso do meu dom, e ele me falhou.

Delicadamente, como se minhas próximas palavras pudessem machucá-lo, eu insisti:

— O que esse vampiro fez?

Charlie afundou-se mais na cadeira, se isso fosse possível. Até a cor sumiu de seu rosto. Eu quase disse para ele esquecer, mas ele falou.

— Ele matou Moira no nosso segundo aniversário de casamento. Deixou-a como um presente em nosso quarto, meu presente de aniversário amarrado à sua mão sem vida. Veja bem, ele estava se vingando por uma invasão na casa dele. Matamos seis de seus vampiros novatos, mas somente depois que eles se recusaram a ouvir a razão.

Minha garganta parecia que estava no meu estômago.

— Sinto muito — eu consegui sussurrar.

— Eu também. — Ele respirou algumas vezes, o ar denso com sua tristeza. Por fim, ele disse: — Você estava me esperando. Você precisava de algo?

— Eu só queria ver como você estava. — As palavras pareciam vazias na sala pesada.

Ele riu miseravelmente.

— Bem, agora você sabe. — Ele fechou os olhos como se tivesse mordido a língua e os abriu. — Eu sinto muito. Eu não falo sobre a morte da minha esposa. *Nunca*. Mas penso nisso a cada segundo de cada dia. Eu ficarei de bom humor mais tarde. Deseja se encontrar mais tarde esta noite para começar seu treinamento?

— Só se você estiver disposto — eu disse.

— Eu vou estar.

Eu levantei e caminhei até a porta.

— Vejo você então... e Charlie, se você precisar de alguma coisa, por favor me avise.

Eu saí, meu coração doendo. Qual era o sentido de usar minhas habilidades para o bem se eu não podia ajudar as pessoas mais próximas a mim? De alguma forma, eu tinha que encontrar uma maneira de sentir exatamente o que as pessoas precisavam para fazê-las se sentirem felizes e em paz. Eu nunca tinha ouvido falar de tal feitiço, mas se a magia pudesse destruir lugares distantes, certamente poderia fazer isso? Jurei encontrar um caminho.

***

Não visitei Lucien novamente. Meu último encontro me fez perceber o quão difícil seria tentar libertá-lo de sua prisão feita por ele mesmo. Antes de voltar para ele, queria garantir que eu fosse mais forte mental e emocionalmente. Por causa disso, trabalhei mais do que nunca com o Dr. Skinner, forçando-me a fazer coisas que não achava possível. Até ele pareceu surpreso com o meu progresso.

— Você não precisa se esforçar tanto, Eve. Tudo isso chegará a tempo.

Mas eu não tinha tempo. Toda noite, um crescente desconforto roía e mastigava meu intestino, me deixando

fisicamente doente. Algo terrível iria acontecer com Lucien e, em sua condição atual, eu tinha medo que ele receberia de bom-grado.

Eu usei essa urgência para treinar mais com Charlie. Ele ficou chocado com a rapidez com que eu aprendi artes marciais, mas não tão surpreso quanto eu. Isso veio naturalmente para mim como se fosse o que minha mágica queria. Não demorou muito para que eu fosse capaz de prever os movimentos de Charlie e bloquear seus ataques com facilidade.

— Então, me diga novamente. Você nunca teve aulas? — Charlie perguntou depois de ser jogado por cima do meu ombro.

Eu o ajudei a levantar.

— Nada formal. Eu costumava imaginar que poderia lutar quando era mais jovem.

— E eu imaginava que era um dinossauro, mas você não vê isso acontecendo. Qual é o seu segredo?

Eu ri.

— Você já pensou que talvez eu não seja tão boa e você é simplesmente péssimo?

— Acredite, eu considerei isso.

No canto da sala, vi Derek. Eu passara a amar o adolescente que me seguia à distância. Eu sempre o pegava

me encarando com um olhar de espanto no rosto. Esse olhar sempre me fez sentir especial de alguma forma.

— Um segundo — eu disse a Charlie.

Charlie caiu no chão.

— Leve o tempo que precisar.

— Não fique muito confortável — gritei atrás de mim enquanto corria para Derek. Tomei cuidado para não o tocar quando me sentei no chão ao lado dele.

— Como está indo, D?

Derek balançou para frente e para trás. Normalmente eu o deixava em paz, dando-lhe o espaço que ele precisava, mas havia uma ansiedade em seus olhos que me preocupava.

— O que é foi, Derek? — Eu perguntei.

Em vez de falar, ele enfiou a mão dentro de uma mochila do outro lado e removeu uma caixa de sapatos. Um dos lados fora cortado e, por dentro, ele criara uma réplica em miniatura do escritório do Deific no andar de cima. Eu o reconheci imediatamente por causa das rosas em forma de papel vermelho amassado em todas as mesas.

No chão da caixa, pequenas figuras humanas feitas de papel alumínio estavam caídas. Um ponto vermelho marcou muitos deles na localização exata de seus corações. Dois homens estavam colados no alto da parede de papelão.

Sobre o rosto deles, Derek havia rabiscado um marcador preto. Diretamente abaixo deles, eu me vi. Eu era feita de estanho com longos fios amarelos para cabelos, e ao meu redor ele tinha colado tiras finas de fita amarela como raios de sol se espalhando.

— O que é isso? — Charlie perguntou atrás de mim.

Eu pulei.

— Não tenho certeza. Derek acabou de me entregar.

Charlie se agachou para ver melhor. Seu corpo ficou tenso.

— Algo está errado. Você sente isso?

— Eu senti alguma coisa, mas foi o projeto de arte que me perturbou ou algo mais?

Charlie levantou-se de repente.

— Eu tenho que ir. Vejo você lá em cima.

— Você quer alguma ajuda? — Gritei para ele.

Ele não respondeu, mas levantou a mão e acenou antes de sair correndo pela porta.

Eu me virei para Derek.

— Gostaria que você pudesse me dizer o que isso significa. É lindo. Eu posso até dizer quem eu sou. — Estendi a mão para tocar o topo de sua cabeça, mas parei, lembrando de sua aversão a toques. — Você quer subir?

Ele balançou a cabeça com veemência.

— Tudo certo. Você não precisa — falei, assustada com a reação dele.

Eu me endireitei e fui atrás de Charlie, esfregando meus braços. Algo parecia errado. Eu o encontrei em seu escritório falando urgentemente no telefone.

— Cheque de novo — ele gritou e bateu o receptor. Ele olhou para mim. — Precisamos tirar todo mundo daqui. Agora.

— O que está acontecendo?

— Eu não sei como isso vai acontecer, mas seremos atacados.

— Quando?

— Em breve. Não sei ao certo, mas sinto. Minha pele está arrepiada. É horrível. Precisamos tirar todo mundo agora.

— A segurança notou algo estranho?

— Eles disseram que está tudo bem — Charlie disse enquanto saía de seu escritório.

Eu segui.

— Você sabe quem vai nos atacar?

Ele parou e me encarou.

— Essa é a coisa estranha. Quem quer que sejam, eles parecem... — mordeu o lábio antes de continuar — errados.

Podem ser vampiros, bruxas, eu não sei. O sinal está todo bagunçado.

Não gostei da palavra *errada.*

— Eu vou ajudar a tirar todo mundo.

Ficamos de pé e nos mudamos para a sala principal. Batendo alto contra a parede com o punho, Charlie gritou:

— Exercício de incêndio! Todo mundo fora!

Suspiros irritados e gemidos encheram o ar.

— Mas são quase cinco horas! — Alguém disse.

— Posso tomar um café enquanto estivermos fora? — Perguntou Sarah.

— Claro, tanto faz. Vamos seguir em frente. Estou cronometrando você.

As pessoas estavam de pé, mas ninguém levou isso a sério.

Charlie correu para cima e para baixo pelos corredores tentando apressá-los.

— Mova-se! Vocês estão sendo cronometrados, pessoal.

Sem aviso, fomos mergulhados na escuridão. Como estava quase anoitecendo e o céu estava nublado com nuvens tempestuosas, apenas um pouco de luz apareceu nas cortinas. Não foi o suficiente para nos ajudar a manobrar sobre os muitos cubículos.

Eu senti meu caminho através do escritório, tentando seguir o som da voz de Charlie. Meu coração trovejou com o que eu senti vindo. Precisávamos nos mover mais rápido.

— Sarah! — Charlie gritou.

— Sim? — Disse, sua voz ainda casual.

— Ligue para a segurança.

Ouvi o telefone sendo atendido.

— Isso é estranho — disse Sarah. — O telefone está mudo.

— Eve! Charlie chamou, o pânico em sua voz inconfundível.

— Estou aqui — eu disse ao lado de Sarah.

— Coloque todos no meu escritório e tranque a porta atrás de você, entendeu?

Eu gritei:

— Quem ainda ficou aqui, siga os sons da minha voz, se você não puder me ver.

Várias pessoas, desconhecidas para mim na escuridão, encontraram o caminho. Eu disse para eles seguirem o comprimento da parede até chegarem ao escritório de Charlie. Enquanto isso, ouvi Charlie correndo pelo escritório abrindo todas as persianas, mas as luzes fracas e alaranjadas da rua mal chegaram a nós.

Eu bati no ombro de Sarah. Ela ainda tinha que sair de sua mesa enquanto estava no celular falando sobre a emoção atual com um amigo. A luz do telefone iluminou seu rosto emocionado.

— Desligue o telefone, Sarah — disse.

Ela levantou um dedo para sinalizar 'em um minuto'. Peguei o telefone da mão dela e joguei na parede. Assim que bateu, uma explosão alta sacudiu o chão.

— Que raio foi aquilo? — Sarah perguntou.

A silhueta do corpo de Charlie deslizou habilmente sobre uma mesa em minha direção.

— Abaixe-se! — Ele gritou e empurrou a mesa de Sarah de lado, puxando-a para o chão, ao meu lado.

Ele retirou dois revólveres de dentro da jaqueta. Algumas pessoas que ainda não haviam chegado ao escritório de Charlie começaram a correr. Sarah correu atrás deles.

— Vá com ela, Eve — disse Charlie.

— Eu não estou deixando você. Eu posso ajudar.

— É muito cedo. Você vai se matar.

— Eu não vou — insisti, desejando que eu já tivesse dito a ele sobre ser um imortal. — Eu sou...

Um grito estridente atravessou o ar atrás de nós de uma direção que não estávamos esperando. Eu me virei, meu

coração quase batendo no peito. A figura sombria de um homem agarrou uma mulher pelo pescoço com uma mão no ar, as pernas balançando debaixo dela.

— Deixe o assassinato começar — disse ele e jogou a mulher do outro lado da sala.

CAPÍTULO 41

Charlie disparou sua arma, perfurando uma bala após a outra no peito da figura imponente. O corpo do homem estremeceu, mas ele continuou avançando com uma determinação assustadora. Foi quando eu soube. Ele não era homem. Ele era um vampiro.

Um som estalou. Charlie girou a arma e atirou em outro vampiro. Mais uma vez, as balas não fizeram nada, mas desaceleraram. Charlie se levantou e correu através da sala, tentando atrair os intrusos para longe de Sarah e eu, mas apenas um deles mordeu a isca.

Eu cerrei os dentes. Dois tipos muito diferentes de magia dentro de mim lutavam pelo controle. Houve uma onda de raiva e medo, mas também algo novo: um desejo feroz de proteger aqueles com quem eu me importava. Eu tinha medo de deixar o novo sentimento tomar conta, preocupada que não fosse forte o suficiente, mas quando o vampiro mais próximo pegou Sarah pelos cabelos, eu não tinha dúvida de que mágica seria mais poderosa. O amor por minha amiga era muito superior.

Mentalmente, peguei uma cadeira e a empurrei em direção ao vampiro. Ele caiu e ele derrubou uma Sarah que ainda gritava. Corri até ela e a arrastei até o escritório de

Charlie com os outros. Alguns homens estavam prontos para atacar e ajudar na lutar, mas eu os empurrei de volta.

— Fique aqui e leve todos para a escada de incêndio. — Fechei a porta e me virei para me concentrar no agressor de Sarah, mas ele se fora.

Do outro lado da sala, Charlie estava tentando sair de baixo de outro vampiro. Eu levantei um peso de papel de uma mesa e, usando uma combinação de força e magia, joguei-o no vampiro de cabelos cumpridos. O peso do papel o atingiu diretamente na têmpora e ele caiu de Charlie, atordoado.

Charlie correu em minha direção. O sangue de um corte profundo acima do olho escorria pelo rosto.

Ele me pegou pelo braço e me puxou em direção ao seu escritório.

— Você está saindo daqui. *Agora.*

De cima, escondido em um canto, o vampiro que atacou Sarah caiu. Ele se lançou para mim, mas Charlie me empurrou para fora do caminho e chutou o vampiro, fazendo-o tropeçar para trás vários metros. Charlie rapidamente removeu dois punhais de madeira de cada uma de suas mangas.

— Você veio ao escritório errado — disse e golpeou o vampiro em um movimento circular. Ele errou, mas já estava

passando com a outra mão, então quando o vampiro se moveu, Charlie o pegou no ombro.

O vampiro rosnou, mostrando presas afiadas como navalhas, e disparou para Charlie antes que qualquer um de nós pudesse se mover. Ele bateu com tanta força que Charlie voou pelo ar e a parede na qual ele bateu cedeu sob a pressão.

Eu pulei de pé e pensei nos movimentos que Charlie havia me ensinado. Eu dei um soco forte na garganta do vampiro, fazendo com que ele caísse no chão, ofegando por ar, um hábito que ele não precisava. Eu me movi para ajudar Charlie, mas o vampiro já estava de pé e vindo para mim novamente.

Ele balançou o punho rápido e com força, conectando-o facilmente ao meu rosto. Caí para trás diretamente nos braços do outro vampiro que atingi com o peso de papel.

Ele passou os braços em volta de mim e sussurrou no meu ouvido:

— Você vai pagar por isso, linda.

Charlie lutou para se levantar.

— Eve — ele murmurou.

O outro vampiro o chutou com força no rosto, e Charlie caiu inconsciente.

Agarrei o braço do vampiro de cabelos compridos me segurando e me inclinei rapidamente, jogando-o no chão. Eu precisava de magia poderosa e rápida. Pensei nas crianças da Academia, em Charlie e Lucien. A magia correu para dentro de mim tão rapidamente que minhas veias ardiam quentes.

Com um simples golpe do meu dedo no ar, enviei os dois vampiros voando. Seus corpos se chocaram contra a parede onde permaneceram congelados, os braços estendidos. Minha cabeça explodiu em um milhão de cores de dor e eu me encolhi, mal mantendo a posição deles na parede.

— Diga x — disse o vampiro de cabelos compridos.

Eu olhei para cima quando um flash brilhante encheu a sala. Perto da janela, a silhueta escura de um homem ou vampiro, eu não podia ter certeza de tão longe, havia tirado uma foto minha. Antes que eu pudesse reagir, ele pulou pela janela, quebrando o vidro enquanto avançava. Ambos os vampiros riram.

Eu respondi levantando todos os lápis das mesas. Eles se reuniram e se lançaram para os dois vampiros, mas eu os parei centímetros diante de seus corações. Eles não estavam mais rindo.

— Acalme-se agora, senhorita. Estávamos apenas nos divertindo — disse o de cabelo comprido.

— Certo. Diversão inofensiva — disse o outro. — Então vamos nos despedir e sairemos daqui.

— Quem te enviou? — Eu perguntei. Movi minhas pernas embaixo de mim, tentando parecer forte e no controle.

Silêncio.

— Vou perguntar mais uma vez. Quem te enviou?

Eles se entreolharam, mas não disseram nada. Não hesitei. Mentalmente, enfiei um dos grupos flutuantes de lápis diretamente no coração do vampiro de cabelos compridos. Seu corpo murchava e desmoronava dentro de si até que não restava nada além de uma pilha de gordura e cartilagem polvilhadas com cinzas.

Seu amigo gritou de horror.

Caí de joelhos, a pressão na minha cabeça atingindo um nível totalmente novo. Por entre os dentes cerrados, eu disse:

— Diga-me quem te enviou ou você acabará como seu amigo.

— O Príncipe Negro — ele disse, seu lábio inferior tremendo como um filhote assustado.

O Príncipe Negro? Que raio de nome é esse? Coloquei os lápis mais perto do seu coração.

— Me dê um nome verdadeiro!

— Eu não sei!

Pressionei minha mão na minha cabeça dolorida e cerrei os dentes.

— Por que tirar uma foto minha?

— Para o príncipe das trevas. Ele nos disse para ficarmos de olho em uma bruxa poderosa.

A dor de cabeça se espalhou pelo meu corpo, e me perguntei o quanto mais eu poderia suportar. O vampiro escorregou alguns centímetros na parede.

— Está tendo algumas dificuldades? — Ele perguntou, sua voz baixa.

Abaixei até um joelho, meu interior tremendo. Minha visão ficou turva.

— Chega — disse uma voz gentil, embora eu não tivesse certeza se tinha ouvido as palavras ou se elas foram colocadas dentro da minha cabeça. Uma mão gentilmente tocou meu ombro.

Meu olhar virou para cima. Eu olhei para o rosto de outro vampiro, mas sabia que não havia nada a temer. Sua presença dominante personificava aquele que detestava as trevas e valorizava a verdade e a luz. Eu senti seu poder, maior do que qualquer coisa que eu já encontrei, mas não me assustava. Eu encontrei conforto nele.

Henry, o fundador do Deific.

Ele assentiu e sorriu como se tivesse lido minha mente. Talvez ele tivesse.

Soltei meu controle mental do vampiro, mas Henry, com o braço estendido, manteve o vampiro pressionado contra a parede. Um segundo depois, os lápis dispararam para frente, perfurando seu coração.

Eu olhei para ele, minha boca aberta. Outro vampiro que poderia usar magia? Minha cabeça doía muito para tentar entender o que aquilo significava. Ao contrário de Boaz, Henry não estava tirando isso de mim. Eu pude sentir isso.

Ignorando meu corpo dolorido, virei para atender Charlie, mas Henry me parou.

— Ele está bem e vai acordar em breve — insistiu Henry.

— Como você sabe?

— Eu sei.

— E quanto aos outros? — Minha respiração engatou. Tanta destruição ao meu redor. Mesas viradas, papéis espalhados, paredes amassadas.

— Eles chegaram em segurança lá fora. A polícia estará aqui a qualquer momento, e não quero que você responda a nenhuma pergunta em sua condição. — Henry foi até os

fundos do escritório. Eu me arrastei atrás dele, tocando meu estômago. Isso poderia ter sido muito pior.

Dentro da sala de descanso do escritório, ele abriu um armário e alcançou o topo. Ele deve ter apertado um botão, porque os armários gemeram e começaram a se abrir, revelando uma sala do tamanho de um armário. Uma vez lá dentro, percebi que era um elevador. Henry apertou o botão para cima.

Eu olhei para ele de lado. Seu cabelo castanho claro ondulado complementava seus olhos dourados, e sua pele bronzeada parecia emitir um brilho quente. Até os ângulos de seu rosto, o suave movimento de seu nariz, eram agradáveis. Nada nele gritava predador e, no entanto, o poder que sua presença emanava dominava meu corpo já enfraquecido. Eu me inclinei contra a parede em busca de apoio.

Ele usava um terno sob medida e um sobretudo escuro, como se tivesse acabado de sair da ópera. As pontas dos dedos em um par de luvas de couro espreitaram seus bolsos.

O elevador parou e as portas se abriram. A escuridão nos cumprimentou, mas Henry saiu e pressionou alguns botões contra a parede para iluminar parcialmente uma enorme biblioteca. Cheirava doce e almiscarado, como baunilha e café. Fileiras e fileiras de estantes curtas enchiam

o espaço arejado. Eu teria gostado de andar por aquelas fileiras, mas estava tomando toda a minha força apenas para permanecer em pé.

Henry caminhou até um abrigo contra a parede e retirou um cobertor e travesseiro. Ele os levou para um sofá de couro no meio da sala.

— Você terá que ficar aqui esta noite e provavelmente parte de amanhã. A polícia ficará ocupada por um tempo.

Eu gemi, desejando ter pensado em trazer meu telefone celular para que eu pudesse deixar Charlie saber que eu estava bem. Eu tropecei no sofá e caí no estômago longitudinalmente e de bruços. O couro frio estava bom contra a minha pele úmida.

— Como você soube?

— Apenas um sentimento. Eu teria chegado mais cedo, mas nossos outros escritórios foram atingidos com baixas muito mais pesadas. Ajudei-os primeiro porque sabia que você estava aqui.

— Mas nunca nos conhecemos — disse.

— Não oficialmente.

— O Príncipe Negro — disse, lembrando de repente. — Os vampiros chamavam quem estava encarregado desse ataque, 'O Príncipe Negro'.

— Eu sei. Eu interroguei um deles em nosso escritório em Londres.

— Há quanto tempo foi isso?

Ele olhou para o relógio de prata.

— Vinte minutos.

Ele estava usando magia para viajar, como pensava que Boaz tinha.

— Ah, e quem fugiu tirou uma foto minha — acrescentei.

Seu comportamento calmo rachou, e ele franziu a testa.

— Você conseguiu descobrir o porquê?

Eu balancei minha cabeça.

— Isso é perturbador. Vou arranjar alguém para investigar o mais rápido possível. Como você está se sentindo?

— Minha cabeça dói e não tenho energia. É como se alguém tivesse desligado minha bateria.

— É assim no começo.

— Não era assim quando usava magia antes. Foi o contrário. Se não deixasse o mal sair... — Parei, envergonhada. Eu não sabia o quanto ele sabia sobre mim.

— Reter o poder do mal pode ser muito doloroso — disse ele como se entendesse.

— Mas por que tenho dor? A mágica que estou usando é boa.

— Porque o bem é você, uma parte de você de qualquer maneira. Quando você o deixa ir, seu corpo responde fisicamente. Por outro lado, quando alguém é mau, o mal só quer escapar e se espalhar como um vírus. — Ele estreitou os olhos com preocupação. — Você precisa descansar um pouco.

— Espere! Eu quero te perguntar uma coisa. — Eu não tinha certeza de quanto tempo levaria até que eu tivesse a chance de falar com ele novamente.

— Então pergunte.

— Eu não entendo como...

— Um vampiro pode ser bom? Mesmo usando magia?

— Pode.

— Eu posso usar magia porque era como você antes de me transformar. Uma bruxa. E eu sou bom porque eu escolho ser, Eve. Existem certas verdades eternas sobre o nosso universo que nunca podem ser alteradas. Livre-arbítrio é uma delas. Toda criatura viva tem a capacidade de escolher o bem ou o mal, a vida ou a morte.

— Então por que os vampiros são maus? A maioria deles — corrigi.

— É o poder, a sede de sangue. É muito difícil de superar. Uma vez que um vampiro cruza uma certa linha, como tirar uma vida sem provocação, é quase impossível que eles se livrem do mal.

— Quantos bons vampiros existem?

— Mais do que você pensa, mas menos do que deveria haver. E aqueles que escolheram viver uma vida melhor frequentemente se juntam ao Ames de La Terra para estar perto de outros como eles.

— Samira — respirei. — Ela me disse para lhe dizer olá.

Ele sorriu e até riu.

— Agora essa é uma senhora com um passado interessante. Ela fez um trabalho notável para chegar onde está, apesar de muitos obstáculos. A história de sua vida prova que qualquer pessoa, não importa quanta escuridão abraça, pode se tornar boa.

Isso me fez pensar em Lucien e na tortura que manchava seus olhos.

— E Lucien? Você o conhece?

— Eu o conheço. — Henry olhou para mim. — Eu observei Lucien por um longo tempo, esperando. Mas ele parece estar preso.

— O que aconteceu com ele?

— Ele mudou a história.

— O que você quer dizer?

Seu olhar voltou ao meu.

— Não é minha história contar.

— Então você sabe por que eu sou atraído por ele?

— É o poder antigo dentro de vocês dois.

— Eu já senti isso antes com outra pessoa, mas era um sentimento ruim.

— Boaz — ele disse, me surpreendendo. — Todas as suas vidas estão conectadas, incluindo as de Lucien às de Boaz e até as minhas.

— Como isso é possível?

A mandíbula de Henry se apertou.

— Há uma longa história entre todas as nossas famílias. Gostaria de poder dizer mais, mas há muitas incógnitas no momento. Um dia, vou te contar tudo.

Essa revelação me surpreendeu. Eu rolei de costas e olhei para o teto todo branco.

— Acho interessante que o lado bom de você seja atraído por Lucien — disse ele. — Isso me dá esperança.

— Por quê?

— Se o bem em você é atraído por ele, então isso significa que ainda há bem nele também. O problema é que ele não sabe disso.

— Como posso fazê-lo ver? — Meu coração ansiava por ajudar esse estranho que me salvou e que me trouxe tanta paz apenas por estar perto dele.

— Eu não sei se você pode. — Ele parou e inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo algo distante. — Eu preciso ir. Você percorreu um longo caminho, Eve. Estou orgulhoso de você. — Ele apontou para uma geladeira atrás de mim. — Há comida lá, se você precisar.

Olhei para ela brevemente, mas quando voltei, Henry se foi.

CAPÍTULO 42

Foi uma noite longa. O que Henry disse sobre todas as nossas vidas estarem conectadas me manteve acordada, então me levantei cedo para procurar nos muitos livros nas prateleiras, tentando passar o tempo antes que eu pudesse descer as escadas. A maioria deles eram livros de história, todos dedicados às criaturas sombrias do mundo.

Abaixei o terceiro corredor das estantes e olhei os títulos. Parei quando reconheci um símbolo que havia sido queimado na coluna externa de um livro marrom. Era uma foto dos mesmos leões combatentes na casa do meu avô. Tirei-o da prateleira.

Era um livro de couro desbotado, pouco encadernado; várias páginas não estavam mais conectadas. Esculpido na frente estava o brasão da família Whitmore. Infelizmente, a maioria das palavras havia desaparecido, mas pelo que pude decifrar, o livro tinha sido um diário de Whitmore transmitido por gerações. Os Segurs foram mencionados muitas vezes, e as passagens que eu conseguia ler eram sempre negativas. O que Boaz me disse era verdade: os Whitmore odiavam os Segur.

Apenas dois outros nomes foram mencionados. Os Brady e os Arqueiros. Nenhum desses nomes era familiar e,

como não consegui ler o texto completo, não consegui determinar a conexão deles com a minha família.

O nome de Boaz foi mencionado apenas uma vez. Com tinta escura na última página do livro, um cabeçalho dizia "A Serviço de Boaz". Abaixo disso, vários nomes se seguiram, a maioria dos quais riscado. A inscrição final foi em 12 de janeiro de 1889. Esse deve ter sido o momento em que o Deific chegou à posse do livro. Fechei e coloquei de volta na prateleira.

Às cinco horas do dia seguinte, não podia esperar mais. Voltei ao elevador e, depois de ouvir atentamente através da parede, entrei na sala de descanso vazia. Enfiei a cabeça no escritório e olhei em volta.

As mesas haviam sido recolocadas em suas devidas posições, e as paredes do cubículo estavam eretas, faltando apenas algumas. O cheiro de rosas estava mais forte do que o normal, mas não forte o suficiente para cobrir o cheiro de fumaça da explosão. Uma brisa fria varreu o escritório, levantando vários papéis soltos. A parede pela qual os vampiros haviam atravessado deve estar mal coberta.

Apenas um punhado de pessoas permaneceu, digitando em um teclado de dentro de um cubículo. Sem dúvida, Charlie havia oferecido a todos o dia de folga. Os que estavam trabalhando eram sombrios e sem vida. Lembrei-

me de um homem, John, encostado na parede, olhando para o nada como se estivesse dormindo com os olhos abertos.

Entrei na sala e caminhei pelo labirinto de cubículos até a mesa de Sarah. Ela estava organizando um arquivo de costas para mim. De vez em quando, ela levantava uma lágrima com um lenço de papel.

— Sarah? — Eu perguntei.

Ela pulou, virou-se e ofegou. Seus braços voaram ao meu redor, quase me derrubando. — Você está aqui! Nós pensamos que eles te levaram!

Eu balancei minha cabeça e a soltei.

— Eu estou bem. Como estão todos os outros?

Sarah não teve chance de responder. Charlie apareceu diante de mim com um curativo acima do olho e um hematoma escuro na testa que se espalhou pela linha do cabelo. Pela expressão dele, eu não sabia dizer se ele estava bravo ou feliz. Seu rosto se contorceu em tantas emoções em tão pouco tempo que eu não pude deixar de lhe dar um sorriso fraco. Ele não disse uma palavra. Em vez disso, ele me agarrou pelo braço e me puxou para seu escritório.

— Onde você esteve? — Perguntou assim que a porta se fechou.

— Eu me escondi lá em cima em alguma biblioteca.

Ele parou, pensando.

— A última coisa que lembro é de um daqueles homens segurando você. Como você foi embora?

Eu sorri

— Magia. Apenas veio para mim, e você e o Dr. Skinner estavam certos. Isso não me assustou, não me mudou. Além de me deixar fraca e com uma dor de cabeça desagradável, foi incrível.

Charlie caiu em sua cadeira, um grande suspiro deixou seu peito.

— Eu estava tão preocupado.

— Eu sinto muito. Eu não tinha meu telefone comigo.

— Como você soube desse andar secreto?

— Henry apareceu e achou melhor se evitasse a polícia. Ele me levou para o andar de cima. Esconderijo legal, a propósito. — Parei. — Então, alguém tem alguma teoria sobre por que esses vampiros nos atacaram?

Charlie esfregou as têmporas.

— Nenhum palpite. Todos os escritórios do Deific foram invadidos, mas apenas um item foi retirado, e por acaso era do nosso escritório.

— O que?

— O notebook que você me devolveu ontem.

— O que eles querem com isso? — perguntei e comecei a andar de um lado para o outro. Realmente não lhes deu

nenhuma informação relevante com a qual eles deveriam se preocupar. Quase todo mundo no banco de dados compartilhava seus mesmos interesses e desejos.

Charlie abaixou as mãos.

— Parece que, se os bandidos estão tentando encontrar outros bandidos, eles estão tentando derrubar alguém ou querem reunir todos para uma convenção de bandidos. Acho que é o último.

— Eu acho que você está certo — concordei. — Há algo mais. Antes de Henry vir, eu tive a chance de questionar os vampiros. Um deles disse que 'O Príncipe Negro' estava por trás disso.

A cor sumiu do rosto de Charlie e sua boca se abriu.

— Você o conhece? — Ele não respondeu, e foi aí que eu soube. — Foi ele quem matou sua esposa, não foi?

— Eu deveria saber — ele sussurrou. — Tudo está levando a isso.

— Então o que fazemos?

Charlie se endireitou. — Nós lutamos.

CAPÍTULO 43

Nos dias seguintes, Charlie trabalhou horas extras. Muitas ligações foram feitas para os outros escritórios do Deific e vários agentes foram enviados disfarçados, incluindo Alana e Michael, que pareciam estar mais chateados do que ninguém.

Antes de partirem, Michael me puxou para o lado.

— Henry me disse que um deles tirou uma foto sua.

Eu assenti.

— Quando ele fez isso? Foi antes ou depois de você usar magia?

— Depois.

A testa dele enrugou.

— Alguém pensa que te encontrou. Tome cuidado, Eve.

Suas palavras enviaram um calafrio pela minha espinha. Havia apenas algumas pessoas que poderiam tentar me encontrar - Boaz, se ele de alguma forma sobreviveu, e algum parente. O pensamento de ficar cara a cara com qualquer um deles abalou meu corpo.

Depois que Michael saiu, fui procurar Charlie, que mal havia saído do escritório desde que fomos atacados. Como eu esperava, ele estava em seu escritório, a cabeça baixa em suas mãos. Havia papéis espalhados por toda a mesa; vários deles haviam caído no chão. Eu pensei que ele estava

dormindo até que de repente se levantou e me encarou como se nunca tivesse me visto antes. Círculos escuros pairavam sob seus olhos, e seus cabelos castanhos apontavam descontroladamente.

— Charlie! Isso está ficando ridículo. Vá para casa!

— Como posso fazer isso? O homem que assassinou Moira está lá fora, e agora ele voltou para buscar mais sangue. Eu tenho que detê-lo, mas — ele pegou vários papéis e os jogou da mesa — não consigo encontrá-lo! Que tipo de vidente sou eu?

— Talvez você esteja muito perto da situação. Faça uma pausa e depois volte e veja tudo com uma nova perspectiva. Quando foi a última vez que você comeu?

Seus ombros caíram para a frente.

— Talvez você esteja certa.

— Claro que estou certa. Vamos pegar algo para comer e depois você vai dormir. Se você não sair do Deific, pelo menos descanse na minha casa por algumas horas.

Ele suspirou e esfregou os olhos.

— Há um restaurante de parada de caminhões de 24 horas nos arredores da cidade. É particular e eles têm os melhores ovos, Benedict.

— Ovos então — eu disse. — Reabasteça e se recupere. É tudo o que quero que você faça.

***

Estava especialmente escuro lá fora, enquanto nos afastávamos da cidade e de seus milhões de luzes. Apenas o brilho da lua cheia brilhava, lançando uma qualidade misteriosa ao longo de uma fina camada de gelo que cobria o chão frio. A primavera chegaria mais cedo do que o esperado, graças a um inverno incomumente ameno.

Charlie não tinha falado muito, então eu o deixei sozinho para seus pensamentos. Era estranho tê-lo tão quieto, mas não tentei tirá-lo de seu humor sombrio. Hoje à noite, no entanto, talvez depois de comermos, eu iria contar a verdade sobre minha imortalidade.

Charlie ficou rígido e gemeu.

— Agora não.

— O que é isso?

Ele olhou pelo espelho retrovisor. Eu me virei para seguir seu olhar. Atrás de nós, os faróis de um carro brilhavam ao longe.

— Eu tenho o mesmo sentimento que tive quando o Deific foi atacado.

— Mas onde? Não vejo ninguém. — O carro atrás de nós tinha desviado, deixando-nos sozinhos na estrada.

Charlie olhou para a minha cintura.

— Coloque o cinto de segurança.

Sabendo que eu era imortal, um cinto de segurança nunca parecia importante, mas eu obedeci de qualquer maneira. Puxei a alça do ombro, mas minha mão escorregou.

Eu estiquei na minha frente.

— Hum, Charlie, seu cinto de segurança

A cinta cinza do cinto de segurança estava denteada em uma extremidade, como se estivesse rasgada.

As mãos de Charlie se apertaram ainda mais no volante.

— Entre na parte de trás.

Comecei a me arrastar para trás do veículo, mas parei.

— As costas também estão rasgadas.

Ignorando a estrada que se estendia à nossa frente, Charlie se virou para mim.

— É de você que eles estão atrás, não é?

Pareceu uma eternidade que eu olhei nos olhos dele, quando na realidade foram apenas uma fração de segundo antes que algo grande e duro se espatifasse no lado do carro de Charlie. Viera de uma rua lateral viajando a uma velocidade fantástica. Nosso veículo capotou várias vezes e eu rolei com ele até que finalmente fui jogado da janela do passageiro.

Meu corpo caiu no mato no acostamento da estrada, e algo frio perfurou meu peito no lado direito do meu esterno.

Eu gritei com a dor horrível, arranhando o que tinha me apunhalado.

O carro parou de rodar a vários metros de mim em uma pilha de metal e vidro quebrados. A noite quieta prendeu a respiração, e eu também. Eu não tinha certeza de quem poderia estar por perto e não queria revelar minha localização.

O chão estava molhado e encharcava meu suéter e minha pele. Mas o frio gelado era secundário à minha dor. Eu levantei a cabeça. Havia algum tipo de estaca de madeira saindo do meu peito.

O gemido de Charlie dentro do carro rompeu o silêncio. A noite arfou em mil sons diferentes: uma buzina ao longe, um cachorro latiu, gritos gorjearam e um motor alto acelerou. O caminhão que havia nos atingido lentamente avançou; um de seus faróis quebrados. A boa luz restante brilhava no carro de cabeça para baixo.

Charlie xingou enquanto lutava para sair do carro. Depois de chutar a porta aberta por dentro, ele se arrastou para fora. Suas roupas estavam rasgadas e a cabeça ensanguentada.

— Eve! — Chamou.

— Aqui — sussurrei alto, esperando que aqueles que estavam no carro não me ouvissem.

Charlie mancou em minha direção, arrastando um pé atrás do outro. O caminhão girou lentamente, seguindo seus movimentos. O único bom farol transformou Charlie em uma sombra escura.

Ele se ajoelhou perto de mim e sua expressão se transformou em horror quando viu minha condição. Eu só podia imaginar como devia parecer. Muitas das minhas feridas já estavam curadas, mas eu ainda podia sentir sangue pegajoso cobrindo meu corpo. Charlie inspecionou à estaca no meu peito, a única ferida que não cicatrizaria até que ele a removesse.

— O que é isso? — Perguntei, arranhando-o novamente.

— Acho que você foi esfaqueado por uma cruz memorial à beira da estrada — disse ele, com a voz embargada.

Seja pelo choque ou porque realmente era engraçado, comecei a rir.

— Como você pode estar rindo? — Charlie disse. — Você deveria estar morta!

Ele rasgou a parte de baixo da camisa e apertou-a com força contra o que ele pensava ser outra ferida na minha cabeça.

O caminhão atrás de nós avançou, lembrando-me de nossa situação perigosa.

— Charlie, você tem que me ouvir. Preciso que você arraste meu corpo para a floresta.

— De jeito nenhum! Eu não estou te movendo. Você pode sangrar até a morte!

— Mas eles estão nos observando. Puxe-me para a floresta. Agora!

Ele pulou como se lembrasse do caminhão que havia nos atingido. Ele se virou para ele, seus olhos se arregalando e se estreitando. Ele se levantou e gritou:

— O que você quer?

Seu motor acelerou.

— Me tire daqui — eu sussurrei novamente. Não queria que quem estivesse no caminhão me visse curar.

Dessa vez, Charlie não discutiu. Ele pegou meus braços e me puxou para a floresta, longe do caminhão ameaçador. Um barranco inesperado fez Charlie tropeçar, mas ele conseguiu me manter de costas, apesar de eu praticamente deslizar para o fundo. A luz do caminhão permaneceu acima de nós, espalhando-se pelas copas dos galhos das árvores.

— Tire essa coisa — rosnei quando estávamos em segurança na floresta. Eu me levantei, ignorando a dor cortante e usei minhas próprias mãos para tentar arrancar a cruz.

A boca de Charlie se abriu.

— Como você pode estar de pé?

— Ainda tenho pernas. Por favor, me ajude!

— Se eu tirar isso, você vai sangrar até a morte.

— Confie em mim, não vou. Temos que sair daqui antes que eles nos sigam a pé, e não quero correr com uma estaca no peito. — Continuei lutando com a madeira lascada.

— Isso é uma loucura! Você acabou de ser jogada de um carro e esfaqueada no peito, mas age como se tivesse apenas machucado o dedo do pé.

O som de uma porta de caminhão se abrindo fez meu coração bater forte. Peguei Charlie pelos ombros e, em uma voz urgente, disse:

— Se não sairmos daqui agora, nós dois estamos mortos. Você entendeu? Agora arranca essa coisa de mim!

Charlie pegou a cruz com as duas mãos e puxou enquanto eu me afastava dela. Finalmente se libertou. Sangue derramou da ferida aberta, e eu gritei e caí no chão.

— Eu disse que era uma má ideia — disse e me ajudou.

Duas figuras masculinas entraram no raio de luz. Uma voz profunda e rouca gritou:

— Deixe a garota e você poderá viver.

Charlie pressionou sua camisa rasgada no meu ferimento.

— Você deixa sua garota, e eu vou deixar a minha — ele gritou de volta.

As figuras se viraram uma para a outra. O mais baixo dos dois pulou o barranco a uma altura impossível.

A essa altura, meu ferimento estava sarado e eu não sentia mais dor.

— Vamos — disse, agarrando a mão de Charlie.

Quando me virei para correr, Charlie se abaixou e pegou a maldita cruz de madeira. Não chegamos longe antes que dois vampiros, os motoristas do caminhão, aparecessem diante de nós para impedir nossa fuga.

Charlie parou na minha frente antes que qualquer um dos vampiros pudesse falar, segurando a cruz como uma arma. Algo deve ter acontecido em seu ombro no acidente, porque ele se encolheu com o movimento.

— O que você quer conosco? — Ele perguntou. — Nós não queremos brigar...

A mão carnuda do vampiro mais curto apertou sua garganta, e ele levantou Charlie no ar.

Eu reagi rapidamente, arrancando a cruz da mão de Charlie e colocando-a no coração do vampiro. Sua expressão chocada durou apenas um momento antes de desmoronar sem vida no chão. Charlie ficou de pé ofegando.

O segundo vampiro se lançou para mim, mas eu estava pronta, meus poderes tendo crescido mesmo antes do carro rolar. Eu me afastei, me movendo tão rápido quanto ele, então voltei meu olhar para uma árvore próxima. Com um simples pensamento, um galho grosso disparou para frente e perfurou o vampiro através de seu estômago. O galho recuou com a mesma rapidez, levantando o vampiro lutando e gritando vários metros no ar.

— Vamos! — Charlie disse, pegando minha mão para correr.

Corremos pelo barranco, Charlie meio correndo, meio mancando, em direção ao caminhão parado. Pulei para trás do banco do motorista, apertei a embreagem e bati o câmbio de marcha à ré. O caminhão arranhou seu caminho na estrada antes de Charlie fechar a porta.

— Acho que estamos bem — disse Charlie depois de percorrermos alguns quilômetros. — Nós não estamos sendo seguidos.

Olhei para o espelho retrovisor. Apenas a escuridão refletia de volta.

— Você quer me dizer o que aconteceu lá atrás? — Charlie perguntou. — Como está agindo como se não tivesse sido atirado de um carro e estaqueado?

— Eu me curo rápido.

— Você pode ter sangue que coagula rápido, mas não tão rápido. Você está usando magia?

As luzes de um posto de gasolina apareceram sobre uma pequena subida na estrada. Eu estacionei no estacionamento e dirigi atrás dele. Quando parei o carro, virei-me para Charlie.

— Eu me curo rápido — repeti. — Veja. — Puxei a parte de cima da minha camisa encharcada de sangue logo abaixo da clavícula onde à estaca havia me perfurado. — Vê? Não há nada aqui.

Ele tocou levemente com os dedos, maravilhado.

— Como isso é possível?

— Não sei mais o que dizer para você. Não tem outra forma de dizer, então aqui vai. Eu sou imortal.

— Mas como?

Eu olhei para frente pela janela fosca.

— Boaz.

— Ele mordeu você? Mas isso não faria de você um vampiro?

— Eu não fui mordida. Ele me injetou o veneno dele, mas havia sido alterado. Recebi apenas a parte imortal, não o poder ou a sede de sangue dele.

— Por que Boaz faria isso?

— É uma longa história — disse, e coloquei meus braços perto do meu peito. Embora o aquecedor estivesse ligado no caminhão, eu não conseguia me aquecer.

— Acho que está na hora de ouvi-la — disse Charlie.

— Eu também. — Respirei fundo e comecei minha história no começo, falando primeiro de meus pais poderosos e abusivos, o pacto que eles fizeram com Boaz, do jeito que eu me apaixonei de maneira ingênua e tola por Boaz, como ele me transformou, e finalmente terminei o colar e como Lucien tinha me salvado.

Quando terminei, Charlie olhou para mim com a boca aberta.

— E pensei que minha vida era difícil.

— Me desculpe, não te contei antes. O momento nunca parecia certo.

— O tempo é tudo — ele concordou. — Mas isso ainda nos leva de volta ao motivo pelo qual os vampiros, e possivelmente o Príncipe Negro, estão atrás de você. Qual é a conexão?

Eu balancei minha cabeça, um pânico repentino aumentou no meu peito.

— Você não acha que Boaz está realmente vivo e se chama Príncipe das Trevas, não é?

Charlie riu.

— Eu conheci o vampiro que se chama esse nome ridículo. Não é Boaz.

— Então talvez alguém do meu passado esteja trabalhando com ele. Pode ser meu avô, minha tia ou... — Engoli em seco, ainda incapaz de suportar sua traição. — Minha ex-melhor amiga, Liane. Foi ela quem disse aos meus pais onde eu estava antes de me capturarem e me colocarem naquele caixão.

Charlie recostou-se na cadeira, parecendo refletir sobre minhas palavras.

— Vou mandar algumas pessoas olharem para todos eles. É importante encontrarmos essa conexão antes que algo de ruim aconteça.

Eu concordei, não gostando do mal-estar que se espalhava em meu intestino.

CAPÍTULO 44

No dia seguinte, Charlie saiu da cidade. Michael ligou e insistiu que Charlie fosse para a Irlanda o mais rápido possível. Charlie não me disse para que, mas pela expressão dele, eu sabia que era ruim. Ele não tinha certeza de quanto tempo ficaria fora, mas me garantiu que faria homens olharem para as pessoas do meu passado. Ele também designou dois guardas Deific para me seguir. Apenas no caso de necessidade.

Por causa dessa nova ameaça em relação a mim, empurrei minhas habilidades o máximo que pude, o que me ajudou a desenvolver um novo dom que nem o Dr. Skinner poderia explicar. Com certas pessoas com quem entrei em contato, eu só precisaria olhar para elas e instantaneamente saberia seus sentimentos, pensamentos e intenções. Eles sempre pareciam ser indivíduos que estavam passando por um momento difícil em suas vidas. Era como se suas almas gritassem por alívio, e de alguma forma eu fosse capaz de sintonizar seus gritos. Às vezes eu me perguntava se minha magia aumentava assim, porque era o que eu queria. Agora, talvez eu pudesse ser mais uma ajuda para Lucien e Charlie.

Essa nova habilidade me esgotou a princípio, mas com a ajuda do Dr. Skinner, aprendi a ampliá-la, dando-me a capacidade de invocá-la à vontade. Fiquei especialmente

empolgada ao usar esse dom para ajudar as crianças da Academia que não conseguiam se comunicar, mas, para minha surpresa, foi inútil. Eles não tinham tristezas mundanas ou cargas pesadas, apesar de suas óbvias aflições físicas.

Infelizmente, as pessoas fora da escola não eram como as crianças especiais. Eles estavam com dor no coração, e eu não conseguia encontrar horas suficientes durante o dia para ajudara todos. Passei o tempo que pude andando pelas ruas, procurando por quem eu pudesse ajudar, para desgosto dos meus dois guarda-costas que mantinham um leve interesse no que eu estava fazendo.

Foi nessa época que decidi voltar a Lucien. Sentir a dor e o fardo dos outros me pesou, e eu precisava desesperadamente da paz e conforto que sua presença me dava. Desta vez, porém, fiquei à distância, com medo de perturbá-lo novamente.

Lucien levava uma vida simples e previsível. A maioria dos dias passava na marina. Algo na água parecia acalmá-lo. Quando ele estava longe do mar, ele parecia mais tenso e agitado. Ele se alimentava muito pouco, mas quando o fazia, foi como se ele tivesse pesquisado suas vítimas primeiro e soubesse exatamente onde elas estariam.

Como passei apenas alguns momentos com ele, nunca fui capaz de descobrir como ele escolhia suas vítimas. A única coisa que todos tinham em comum era algum tipo de bolsa ou maleta que ele sempre descartava com o corpo.

Não havia alegria na vida de Lucien. Até a alimentação parecia lhe causar dor, mas ele não parava. Eu desejava remover o sofrimento dele, querendo desesperadamente ajudá-lo a sentir a mesma paz que ele me deu. Com o passar dos dias, achei cada vez mais difícil ficar longe. Foi apenas uma questão de tempo até que eu soubesse que teria que me mudar para Skystead. Eu me preocupei em como contar a Charlie quem havia se tornado meu amigo mais próximo.

Charlie tinha saído por dez dias inteiros. Ele ligou uma vez enquanto estava fora, me dizendo que seus homens não encontraram nada fora do comum com meu avô, que havia adoecido há quase um ano. Anne ainda morava com ele e, aparentemente, ela raramente saía de casa.

Quanto a Liane, ela desapareceu há nove meses. Tão completamente que era como se ela não existisse mais. Eu não tinha certeza se deveria estar preocupada com isso. Liane pode ter me denunciado aos meus pais, mas eu não acho que ela realmente me causaria danos físicos. Mas, novamente, a magia negra era extremamente atraente. Quem sabia do que ela era realmente capaz?

Uma batida na porta me assustou, especialmente desde que eram duas da manhã. Espiei o olho mágico e sorri.

— Você não dorme? — Charlie perguntou quando eu abri a porta. Sua bochecha direita estava arranhada, e tons de roxo e azul circundavam seus olhos.

Abri a porta para deixá-lo entrar.

— O que aconteceu com você?

Ele suspirou e se mudou para a sala para cair no meu sofá.

— Você não pode ir a lugar nenhum com Michael e não esperar uma luta. — Ele fez uma pausa. — Estou te incomodando?

Eu me juntei a ele no sofá.

— De modo nenhum. Você acabou de voltar?

— Uma hora atrás. Eu não ia incomodá-la, mas tive a sensação de que você estava acordada.

— Você quer algo para comer?

— Não. Eu não vou ficar muito tempo. Eu só queria te contar o que descobri.

Eu esperei calmamente por ele continuar.

— É como eu temia. O Príncipe Negro está recrutando vampiros em larga escala, mas não apenas recrutando. Ele está criando novos vampiros a um ritmo alarmante. Nós cuidamos de um de seus ninhos em Londres, mas havia pelo

menos outras três. — Ele parou para respirar. — Estamos pedindo a todos em todos os escritórios da Deific em todo o mundo que poupem os seus combatentes.

— Eu vou ajudar — eu disse sem hesitar. — O que você precisar.

— Se não estivéssemos tão desesperados, eu diria que não. Ainda é cedo para você.

Eu estava prestes a dizer mais quando houve outra batida na porta.

Charlie ficou de pé.

— Você está esperando alguém?

Meu pulso disparou.

— Não.

O rosto comprimido de Charlie relaxou e ele sorriu.

— É Henry.

Ele foi até a porta e a abriu. Henry estava parado na porta, sua expressão séria.

— Peço desculpas pela hora tardia — disse ele, olhando primeiro para Charlie, — mas eu sabia que você estava aqui conversando com Eve sobre o que descobriu na Irlanda, e gostaria de participar da conversa.

Charlie fez sinal para ele entrar.

— Eu não sei como você faz isso. Eu sou vidente, mas você sempre parece saber o que está acontecendo.

— Você com certeza levou uma surra — Henry disse a Charlie. — Se você tivesse esperado, eu poderia ter ajudado.

— Nós nos viramos muito bem — disse Charlie, fechando a porta atrás de Henry. — Além disso, eu sei que você está de mãos dadas com os outros escritórios do Deific.

— O que está acontecendo com eles? — Eu perguntei, mudando minha posição para ficar mais ereta no sofá. Era estranho ter Henry em minha casa. Não de uma maneira ruim, mas a presença dele era tão poderosa e imponente que senti que minha casa deveria ser mais limpa ou mais formal. *Alguma coisa.*

— Você pode relaxar, Eve — disse Henry. Ele se sentou em uma cadeira à minha frente, então estávamos no nível dos olhos. Isso ajudou. Um pouco.

— Alguns dos escritórios do Deific que foram atacados muitas altas baixas — continuou ele. — O moral deles é baixo e tem sido difícil não apenas encontrar substitutos, mas fazer com que os atuais fiquem. De todos os escritórios do Deific que foram atacados, o seu teve o menor número de baixas. Também foi feito o backup rapidamente e está funcionando sem problemas.

Olhei para Charlie imaginando para onde Henry estava indo com tudo isso.

— A verdadeira razão pela qual vim é — disse Henry, olhando para Charlie. — Quero que faça o que fez aqui, mas em nosso escritório em Skystead.

Minha cabeça apontou para Henry. Essa era a minha oportunidade. Eu podia sentir isso. Henry olhou para mim como se sentisse minha excitação, mas ele não disse nada.

— Eu quero que você cure esse escritório, Charlie. Eles precisam de você.

Charlie balançou a cabeça.

— Eu não posso sair. Agora não. Há muita coisa acontecendo. Eu preciso estar em campo.

— Não se preocupe com isso — disse Henry. — Eu cuidarei disso.

— Mas eu não sou curandeiro. Eu mal posso me controlar.

— Você faz um bom trabalho, e eu não quero dizer um curador no sentido literal. Sua energia e liderança darão vida a quem ainda está trabalhando.

Charlie estreitou os olhos.

— Você poderia ter perguntado isso por telefone e não no meio da noite. Por que você está realmente aqui?

Henry recostou-se na cadeira, parecendo pensativo. Seu olhar se voltou lentamente para mim.

— Eu quero que Eve vá também.

Inalei uma rápida inspiração.

— Não só ela será capaz de usar sua nova habilidade para ajudar aqueles que sofrem, mas também poderá encontrar alguém que ela está procurando.

Charlie bufou.

— O vampiro Lucien? Parece uma perda de tempo quando deveríamos realmente ajudar Alana e Michael.

— Lucien é importante. Ele é mais valioso do que se sabe, e o Deific precisa dele. Isso apenas explica por que eu preciso de vocês dois em Skystead. Eve é a única pessoa que pode trazê-lo, mas eu preciso de você, Charlie, para garantir que ela esteja segura. Está chegando uma guerra, e sem Lucien, não temos chance.

CAPÍTULO 45

A mudança para Skystead foi mais difícil do que eu pensava. Principalmente porque tive que me despedir de Sarah e das crianças da Academia. Prometi vir visitar, e Sarah prometeu vir me visitar. Era apenas temporário, ela disse. Eu não tinha tanta certeza.

Charlie e eu tínhamos pouco a mexer, então a transição foi rápida. O que levou um tempo, no entanto, foi encontrar um lar para mim. Charlie tentou me convencer a ficar no mesmo prédio que ele, mas senti fortemente que precisava ficar sozinha. Por fim, encontrei uma casa de dois andares em um bairro agradável a menos de três quilômetros do escritório do Deific.

O escritório em si era uma réplica em miniatura da de Wildemoor. Com três andares de altura, estava entre dois prédios muito mais altos. Não havia nada de agradável em termos arquitetônicos. Era um edifício quadrado e tão simples que se podia caminhar facilmente sem perceber.

Os funcionários estavam como Henry descreveu - desolados e cheios de desespero em nome de seus amigos e colegas de trabalho cujas vidas haviam sido perdidas. Charlie era maravilhoso com eles. Seu humor e natureza gentil fizeram o que Henry esperava. Em duas semanas, o clima melhorou drasticamente.

Encontrar Lucien se mostrou mais difícil do que eu imaginava. Reconheci alguns marcos dos meus sonhos, mas sempre que os visitava, ele nunca estava lá. Eu estava ansiosa para encontrá-lo, pois as palavras de Henry me assustaram e não queria perder mais tempo. Charlie não tinha sido de muita ajuda. Ele estava tão concentrado em ajudar as pessoas no escritório que não havia mencionado o nome de Lucien, mas eu não podia mais fazer isso sozinha.

— Charlie — disse em seu escritório depois de uma reunião de equipe, — preciso de ajuda.

Ele olhou para cima de uma pasta aberta em suas mãos.

— Esta é a primeira vez. Como posso ser útil?

— Está na hora de encontrarmos Lucien. Tentei encontrá-lo usando marcos dos meus sonhos, mas não ajudou. Fiquei imaginando se você usaria sua capacidade.

Charlie afastou a pasta e suspirou.

— Eu sei que parece que esqueci a tarefa que Henry nos deu, mas não esqueci. Lucien tem estado muito em minha mente.

— Então por que você não disse nada?

Ele desviou os olhos.

— Acho que ainda não está na hora. Eu tenho um mau pressentimento sobre Lucien. Ele não está nem perto de estar pronto, não quero que você arrisque sua vida.

— Mas você ouviu o que Henry disse! O Deific precisa dele. Você sabe que a cada segundo que perdemos, o Príncipe Negro fica mais forte. Eu pensei que você queria acabar com ele!

Charlie levantou-se e apontou o dedo para mim.

— Você acha que eu gosto de estar aqui, principalmente sabendo que meus amigos estão por aí brigando? Eu deveria estar lá fora com eles, destruindo o bastardo que matou minha esposa! Em vez disso, fui enviado aqui para encontrar um vampiro que poderia te matar. Perdoe-me se estou um pouco hesitante!

Fiquei atordoado demais para responder imediatamente. Eu nunca tinha considerado o quão difícil isso poderia ser para ele.

— Eu não sei o que dizer. Eu sinto muito.

Charlie caiu de volta na cadeira e exalou um suspiro pesado.

— Não, me desculpe. Há tanta coisa acontecendo aqui - ele bateu a cabeça - que às vezes estalo. Eu não deveria falar com você assim. E você está certa. Precisamos

encontrar Lucien, mas devemos proceder com cautela. Você entende?

Eu assenti.

— Você ainda tem essa foto dele?

Enfiei a mão no bolso de trás e tirei o pedaço de papel dobrado. Charlie pegou e alisou.

— Venha me ver depois do trabalho. Eu devo ter algo então. Ah, e você se encontraria com alguns funcionários? Não sei como ajudá-los.

— Claro — disse. — E Charlie? — Seu olhar encontrou o meu. — Obrigado.

Durante as próximas duas horas, conversei com duas mulheres. Eles eram amigas íntimas de alguns dos falecidos e não conseguiam entender por que seus amigos tinham que morrer. Eles acreditavam no Deific e no que ele representava, mas pensavam que deveria ter sido melhor protegido ou pelo menos ter recebido um aviso sobre o ataque. Meus sentidos me disseram que essas mulheres não estavam necessariamente procurando por mudanças. Eles simplesmente precisavam conversar sobre o que aconteceu.

— Que tal começar um grupo de apoio? — Ofereci. — Poderíamos nos encontrar todas as quartas-feiras à noite para discutir o que aconteceu, como podemos evitá-lo no futuro e, mais importante, falar sobre os que sentimos falta.

— Essa é uma ideia maravilhosa! — Susanne, a mulher mais velha, disse. — Vou postar um anúncio hoje.

Algumas horas depois, voltei para Charlie. Ele parecia agitado e balançou a cabeça para mim antes que tivesse a chance de falar.

Ele se levantou e vestiu o casaco.

— Sinto muito, mas é muito cedo. Lucien é muito perigoso.

— O que você quer dizer?

— Quanto mais eu olhava para a foto dele, mais eu sentia como ele é perigoso. Ele fez algo horrível, e não quero que você tenha nada a ver com ele. Ainda não.

— Eu não ligo para o que ele fez no passado — eu disse.

— Você deve.

Com uma voz mais suave, eu disse:

— Charlie, o vi fazer coisas boas. Há esperança para ele. Além disso, você viu o nosso futuro. Você sabe do que ele é capaz!

— Isso está no futuro. Ele precisa de mais tempo.

Eu reforcei minha voz e olhei Charlie diretamente nos olhos.

— Preciso saber onde ele está agora, mas prometo manter distância até saber que é seguro.

Charlie bufou e apertou os lábios.

— Bem. Venha comigo. Acho que sei onde ele está, ou pelo menos a vizinhança geral.

Trinta minutos depois, Charlie estacionou na mesma marina onde eu tinha visto Lucien antes.

— Deixe-me tentar sentir alguma coisa. Eu volto já. — Ele saiu do carro e enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de couro. Um vento forte torceu seus cabelos encaracolados. Ele tentou arrumá-lo de volta, mas foi inútil. Ele se virou e me deu um sorriso forçado.

Eu o observei se afastar do carro, agradecida por nossa amizade. Em outra vida, eu poderia até gostar mais dele do que de um amigo. Ele era forte, leal, gentil.

Meu olhar persistente parou quando encontrei o cais onde vi Lucien pela primeira vez. Meu coração parou de bater. *Lucien.* Meu desejo de estar com ele fez meu coração doer e meu corpo ficar dormente. Mas senti algo mais puxar meus sentidos, um novo sentimento. Era uma urgência de algum tipo. Algo estava errado.

A porta do carro se abriu e Charlie pulou, trazendo com ele uma forte rajada de vento.

— Esse vento atravessa você com mais força do que meu tio Jack mastiga um peru de Ação de Graças.

— Você sentiu alguma coisa?

Ele se virou para mim.

— Você sabia que meu tio afia as dentaduras antes do Dia de Ação de Graças?

— Charlie, por favor.

Ele soltou um suspiro longo e prolongado.

— Ele não está aqui.

— Eu poderia ter dito isso — disse.

— Não foi um desperdício completo. Sinto que o Valium Vampire estará aqui em algumas horas.

— Quem?

— Esqueça. Vamos comer alguma coisa e depois voltaremos. Ele ligou o carro e partiu do estacionamento.

— Você sente mais alguma coisa? — perguntei.

Ele franziu a testa.

— Como o quê?

— Como se algo estivesse prestes a acontecer. E isso envolve Lucien.

— Eu não. O que você está pegando?

Dei de ombros e olhei pela janela.

— Talvez não seja nada.

Mas não parecia nada. O medo se acumulou no meu estômago, me deixando enjoada.

A alguns quarteirões de distância, Charlie e eu nos sentamos em um pequeno café ao lado de uma janela larga. A luz do sol se derramava e refletia sobre uma mesa limpa.

Charlie falou a maior parte do tempo, falando dos funcionários da Deific. Tentei acompanhar, mas não conseguia tirar Lucien da cabeça.

— Eve?

Eu olhei para ele.

— Hmm?

— Eu estava perguntando o que você acha que devemos fazer por Don.

Don era o zelador da noite no Deific. Ele recentemente se divorciou.

— Vou falar com ele e ver se consigo descobrir o que seria melhor — prometi.

De repente, Charlie ficou tenso e agarrou minha mão na mesa.

— Valium!

— O que?

— Em alguns segundos, Valium, quero dizer, Lucien, passará por esta janela.

Parei de respirar e olhei para fora. Embora eu ainda pudesse ouvir os sons agitados do restaurante, o tempo diminuiu como se também estivesse prendendo a respiração tanto quanto eu.

Na calçada na minha frente, Lucien apareceu. Eu não tinha certeza de que era ele a princípio, porque ele estava

vestido de maneira diferente. Um paletó preto cobria seu peito musculoso. Estava desabotoado e, por baixo, ele usava um colete preto por cima de uma camisa vermelha. Seus olhos azuis encapuzados pareciam zangados enquanto ele olhava para frente, sem perceber nada ao seu redor. Ele andava com um propósito e com uma confiança que eu raramente via em alguém. Eu gostaria que o tempo parasse para que eu pudesse capturar sua imagem, mas mesmo assim, passou por ele.

Vá atrás dele! Meu corpo entrou em ação e foi em direção à porta. Do lado de fora na calçada, eu segui cada movimento seu - se afastando de mim.

Um forte golpe no meu ombro acelerou o tempo. Dois homens passaram, um dos quais se chocou contra mim de propósito. Quando ele estava a alguns metros de distância, o homem que me cutucou se virou e olhou. Não eram seus cabelos espetados vermelhos ou suas muitas tatuagens de ossos cruzados por todo o corpo que me assustavam, era seu sorriso. Ele se espalhou por seu rosto como o petróleo reveste o mar.

— Vampiros — ouvi Charlie assobiar atrás de mim. Ele me puxou de volta para o restaurante. — Você não me disse que ele tinha amigos.

— Ele não tem. Eles o estão seguindo. Teremos que avisá-lo quando o virmos na marina. Vamos lá.

Dez minutos depois, estávamos de volta ao mesmo local de estacionamento com vista para a marina. Eu chequei meu relógio a cada poucos segundos, meu pulso acelerado. Charlie bateu no volante para ouvir uma música sem som.

— Algo parece diferente — disse ele.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Eu não acho que ele vai aparecer.

— Por quê? Você disse anteriormente que ele estaria aqui.

— Bem, isso foi antes de eu ver os outros vampiros. Isso muda as coisas.

— Qual é o sentido de ser vidente se tudo pode mudar? — Não gostei do som da minha voz, mas a cada segundo que passava, minha ansiedade aumentava.

— Olha, nunca disse que o dom era perfeito.

Eu ignorei sua tentativa de brincadeira e saí do carro. Olhei para o meu relógio novamente. Ele deveria estar aqui agora. Charlie saiu do veículo do outro lado.

— Vou dar uma volta, ver se consigo pegar alguma coisa — disse ele.

Virei para o outro lado e desci o píer.

Quando nos encontramos novamente alguns minutos depois, Charlie disse:

— Não tenho nada. É como se ele tivesse desaparecido ou algo assim.

Suspirei. Só havia uma maneira de encontrá-lo agora.

— Você poderia me levar para casa?

— Poderíamos procurar um pouco mais, se você quiser, dirigir por aí, ver se sinto alguma coisa.

Eu balancei minha cabeça.

— Tudo bem. Vou tentar localizá-lo nos meus sonhos.

— Você não me disse que ainda estava fazendo isso. Não tenho certeza do quanto isso é seguro.

— Agradeço a preocupação, mas ficarei bem. Você se importaria de me deixar? E por favor, fique perto do seu telefone. Eu posso precisar de você no meio da noite.

— Eu recebo muito isso.

Eu sorri.

— Eu não duvido.

Ele corou.

— Oh vamos lá. Faz anos desde que uma mulher me olha assim. Tive muita sorte em encontrar minha esposa. Alguns podem até chamar de mágica. — Ele piscou.

Eu ri. Foi bom ver Charlie mais relaxado. Talvez Henry enviar Charlie aqui não fosse realmente para as outras

pessoas, mas mais para si mesmo. Eu gostei muito desse lado dele.

Muitas horas depois, quando voltei para casa, finalmente o sono chegou e fui transportada para Lucien. A visão dele me deixou doente. Ele estava sozinho dentro de uma sala estreita com piso de concreto; acima dele, uma luz fluorescente tremeluzia esporadicamente. O vidro havia sido quebrado no chão junto com pedaços de madeira de uma mesa quebrada nas proximidades. Houve uma luta, e Lucien obviamente havia perdido. Seu corpo estava pendurado na posição vertical no centro da sala, inconsciente, com as mãos amarradas, pendendo alto acima da cabeça.

À primeira vista, pensei que ele ainda estava vestindo a camisa vermelha, mas quando me aproximei, vi que seus braços tinham sido cortados dos pulsos aos ombros, banhando seu corpo com sangue.

CAPÍTULO 46

Procurei freneticamente uma maneira de ajudar Lucien, minhas pernas estavam fracas, mesmo nesse estado de sonho. Deitada no canto estava sua jaqueta amassada. Incapaz de tocar fisicamente em qualquer coisa, usei mentalmente a magia para fazer a jaqueta subir no ar. Eu a rasguei em duas e depois envolvi as metades ao redor de cada braço para diminuir o sangramento. Eu então me concentrei nas cordas amarradas em torno de seus pulsos, mas eles estavam amarrados com muita força.

Eu preciso estar fisicamente aqui. Cerrei os dentes e gemi de frustração. *Onde estou?*

A única porta da sala estava fechada e, quando tentei abrir com a mente, descobri que estava trancada. E eu não era mentalmente forte o suficiente para forçá-la a abrir. Examinando a sala, achei que era algum tipo de galpão envolto em concreto. Atravessei a sala até a mesa quebrada em cima de papéis espalhados e procurei por qualquer coisa que pudesse ajudar.

Foi quando eu o encontrei - papel timbrado que dizia Oakridge Storage Units. Desejei voltar para casa e acordei. Enquanto me vestia, telefonei para Charlie.

Ele atendeu após o sétimo toque.

— Eu o encontrei, Charlie.

Ele bocejou.

— Encontrou quem?

— Lucien, e ele está machucado.

— Mas ele está vivo, certo?

— Mal. — joguei meus sapatos.

— Ele é um vampiro, então, se esperarmos até a manhã seguinte, ele terá se curado. Você pode me ligar de volta em algumas horas?

— Não! Há algo errado com a maneira como ele foi ferido. Ele não está curando.

Vários segundos silenciosos se passaram.

— Ok. Eu vou buscá-la em dez minutos.

Desliguei o telefone e corri para fora para esperar por ele.

***

Seguindo as instruções no meu celular, guiei Charlie para as unidades de armazenamento. Depois que ele estacionou, pulei do carro e subi no portão que bloqueava a entrada das unidades.

— Em qual ele está? — Charlie perguntou depois que ele removeu uma maleta médica de trás do banco do motorista. Ele habilmente escalou a cerca e caiu ao meu lado do outro lado, a alça da bolsa sobre o peito.

— Não tenho certeza. Você pode descobrir?

Eu o segui enquanto ele subia e descia rapidamente as longas calçadas de cascalho entre as unidades de armazenamento de blocos de concreto. Quando ele chegou ao final do segundo corredor, ele parou.

— Aqui!

Ele fez uma tentativa de jogar o ombro na porta pesada, mas eu o parei.

— Permita-me.

Eu foquei meu olhar na fechadura embutida na porta volumosa. Demorou pouco esforço para eu abri-lo.

— Meu poder empalidece comparado ao seu — Charlie murmurou.

Corri para dentro e trabalhei rapidamente para desatar as mãos de Lucien. Tentei pegá-lo quando ele caiu, mas seu peso provou demais para mim, e ele caiu no chão de concreto.

— Boa captura — disse Charlie.

Eu fiz uma careta.

— Talvez você deva me ajudar.

Charlie se abaixou e inspecionou as feridas de Lucien.

— Esses são alguns cortes desagradáveis. Ele deve ter sido cortado por uma faca Saranton.

— O que é isso?

Charlie cutucou os olhos de Lucien como se estivesse vendo se ele realmente estava inconsciente.

— É uma faca mágica criada com o único objetivo de paralisar um vampiro. Não o matará, mas se essas feridas não cicatrizarem, ele nunca acordará.

— Como posso consertar isso?

— Lute magia com magia — disse ele.

— O que isso significa?

— Use o poder dentro de você. É preciso muita concentração. Pense em tudo de bom em sua vida e em seus sentimentos por aqueles que são importantes para você. Se você tiver o suficiente, poderá curá-lo.

— E se eu não puder?

— Então ele morre. — Charlie deve ter notado minha expressão chocada porque ele acrescentou rapidamente, depois de pigarrear: — Não sei ao certo. Olha, eu tenho total fé em você. Você consegue fazer isso.

Ajoelhei-me ao lado de Lucien e aninhei sua cabeça no meu colo. Imaginei nosso primeiro encontro juntos de maneira muito diferente.

Depois que tirei a jaqueta rasgada e encharcada de sangue de Lucien, olhei para as feridas, tentando descobrir o que fazer a seguir. Muito do sangramento parou, mas os

cortes profundos continuaram abertos. Toquei o início do corte em seu pulso e esfreguei meu polegar sobre a pele crua.

Era diferente estar tão perto de Lucien fisicamente. Nos meus sonhos, sua presença era calmante, mas tocá-lo fisicamente fez todos os nervos do meu corpo ganharem vida. Eu podia ouvir um zumbido suave no ar, muito parecido com o som que ouvi quando senti a beleza da rosa.

Meu olhar percorreu seu rosto. Eu resisti ao desejo de acariciá-lo, pois estava profundamente consciente de que Charlie estava debruçado sobre mim, respirando alto.

— Nada está acontecendo — falou.

— Me dê um minuto.

Olhei para a ferida e imaginei a pele se regenerando.

— Vamos Lucien — sussurrei.

Eu me concentrei mais e ainda nada. Então me lembrei das instruções de Charlie. Pensei nos últimos meses no Deific. Fazia tanto tempo? Durante esse período, o mundo finalmente se tornou um lugar bonito. Eu tinha feito uma melhor amiga em Sarah e adorava estar perto das crianças. Eles, mais do que qualquer outra pessoa, me ensinaram a amar e ser feliz com a vida. Pensei em Charlie e no Deific, em todo o grande trabalho que estavam fazendo e nas muitas vidas que haviam salvado. E, finalmente, pensei em Lucien. Eu queria que ele visse e sentisse beleza como eu.

Eu queria que ele largasse o que quer que fosse que lhe causasse dor. Mas acima de tudo, eu queria que ele me visse.

Minhas emoções incharam, e meu corpo inteiro formigou, começando no meu coração. A sensação se espalhou por meus membros e, finalmente, até o meu polegar que tocou sua ferida. Sua pele começou a curar.

Charlie ofegou.

— Incrível!

Todo o processo levou menos de dez minutos. Eu gostaria que tivesse passado mais tempo para poder passar mais tempo com ele.

— Quando você acha que ele vai acordar? — Charlie perguntou.

— Pode ser a qualquer momento. Não devemos deixá-lo aqui, caso esses vampiros voltem. Vamos levá-lo para fora.

Charlie se inclinou e levantou Lucien por cima do ombro.

— Podemos levá-lo para minha casa.

Eu andei atrás das unidades de armazenamento com Charlie atrás de mim.

— Absolutamente não! Ele provavelmente vai te matar.

Charlie parou de se mover.

— Então, por que estou tentando salvá-lo?

— Vamos colocá-lo aqui. — Apontei para uma pilha de madeira.

— De bom grado. — Charlie o jogou no chão com força.

— Cuidado — eu chorei. Posicionei Lucien em uma posição mais confortável.

— Eu não entendo por que estamos fazendo isso. Até você admite que ele é perigoso.

— Ele não será. Nós só precisamos dar a ele algum tempo. — Levantei e olhei para ele. — Eu gostaria que tivéssemos uma bolsa de sangue ou algo assim. Ele vai precisar disso quando acordar.

— Eu tenho algumas — disse Charlie.

Eu me virei para ele.

— Por que você tem sangue?

— Você sempre deve ter sangue com você ao trabalhar com vampiros. Para fins de negociação.

— Negociar para quê?

— Minha vida, para começar. — Ele girou a maleta médica por cima do ombro e alcançou dentro.

Quando ele me entregou dois sacos de sangue, eu os coloquei no colo de Lucien.

— Ele vai ficar bem — disse Charlie. Ele puxou meu braço. — Vamos lá. Ainda posso dormir se formos agora.

Relutantemente, eu o segui até o carro.

No caminho de volta, Charlie mudou de posição. E, novamente, bufando ao fazê-lo.

— O que está errado? — perguntei.

Ele olhou para mim de lado.

— É Lucien. Tenho uma sensação horrível de que isso está acontecendo muito cedo.

— Ele pode ser perigoso, mas isso é apenas porque ele não conhece outra maneira.

— E como você planeja mostrar-lhe outra maneira, se ele não deixa ninguém chegar perto dele? — Perguntou.

— Eu estou trabalhando nisso.

Para minha consternação, o sono me escapou o resto da noite. Eu não conseguia tirar Lucien da cabeça, então assim que amanheceu, peguei um táxi de volta para as unidades de armazenamento. Eu andei atrás deles apenas para descobrir que Lucien se fora. As bolsas de sangue foram jogadas contra a lateral de um prédio e, com o dedo, ele traçou as palavras: *Fique longe.* Meu coração afundou.

Como eu iria chegar até ele?

Cheguei ao escritório antes de mais ninguém. Surpreendentemente, Henry estava me esperando no meu escritório, sentado em uma cadeira no canto.

— Eu entendo que você conheceu Lucien?

Eu sorri e coloquei os donuts e guardanapos que eu trouxe para a equipe.

— Eu não sei como você faz isso, mas é um pouco assustador como você sabe as coisas antes de ser informado. Sim, eu conheci Lucien. Ele foi atacado por dois homens e deixado morto em um armazém, mas Charlie e eu o salvamos a tempo.

— Ele estava ciente do que você fez?

Sentei-me atrás da minha mesa e peguei um dos guardanapos, meus dedos mexendo no papel branco.

— Não até depois que ele acordou. Deixamos algumas bolsas de sangue para ele, mas ele as destruiu. Não sei o que fazer, Henry. Acho que ele não deixará ninguém entrar em seu mundo.

— Então você precisa perturbar esse mundo — afirmou ele, seus olhos perfurando os meus.

Rasguei o guardanapo em dois.

— Como posso fazer isso se nem consigo me aproximar dele?

— Eve, você o observa há muito tempo. O que você aprendeu?

Eu fiz uma careta, tentando pensar. Ninguém nunca se aproximou de Lucien, mas quando ele encontrava alguém,

era sempre deliberado e sempre terminava mal para a outra pessoa.

— Ele escolhe ficar sozinho.

— Você está certo. Então, se você não pode ir até ele, faça-o vir até você. — Sua voz, sempre calma, continha uma nota divertida.

Eu não tinha certeza de como poderia fazer isso, mas fazia sentido.

Henry se inclinou e parou minhas mãos de continuar a rasgar o guardanapo.

— Você precisa querer isso com todas as fibras do seu ser. Vai ser difícil e assustador no começo, mas se você realmente se comprometer, conseguirá falar com ele.

Joguei o guardanapo fora e suspirei.

— Você está certo. Eu tenho medo, mas eu quero isso. Eu sei que há algo bom nele. — Assenti. — Eu vou fazer isso. Vou encontrar uma maneira de fazê-lo vir até mim.

***

No momento em que me comprometi com Lucien, senti algo novo crescer dentro de mim como um pintinho determinado, ansioso por sair de seu ovo apertado. Eu deixei tudo ir incluindo minhas dúvidas e medos para o futuro. Minhas experiências até esse momento, boas ou ruins, me tornaram quem eu era hoje. Se eu pudesse, eu mudaria

alguma coisa? Um mês, ou até uma semana atrás, eu teria dito que sim. Eu sempre pensei que se pudesse voltar ao meu eu mais jovem, diria a ela para fugir, porque ela não era forte o suficiente para a tempestade que se formava em seu futuro. Mas agora eu sabia que a tempestade havia sido crucial para o meu desenvolvimento. Eu precisava desses momentos tanto quanto uma lagarta precisa de um casulo.

Estou pronta.

Não há mais dúvidas.

Sem mais medos.

Eu sabia quem eu era e merecia ser feliz. Finalmente, eu acreditei nisso.

Saí do trabalho mais cedo para me preparar para o que estava por vir. Eu prometi me tornar algo bonito na vida de Lucien, não importa o custo. Sua alma era tão valiosa quanto a minha. Quando o relógio virou meia-noite, eu só tinha que pensar em Lucien estar perto dele. Minha habilidade não exigia mais que eu dormisse.

Eu o encontrei em pé entre dois armazéns perto da marina. Ele olhou para o céu tempestuoso da noite; o ocasional relâmpago refletia em seus olhos azuis. Eu não conseguia ler sua expressão de pedra, mas pelo menos ele parecia bem, o que significava que ele havia se alimentado.

Lucien não sentiu minha abordagem. Eu o circulei até ficarmos cara a cara.

— Lucien — eu sussurrei.

Seus olhos se fecharam como se sentisse uma brisa suave.

Inclinei-me para a frente na ponta dos dedos dos pés e gentilmente escovei meus lábios nos dele.

— Estou indo atrás de você.

***

Continua